UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

LIVIA RAPONI

Escritas da margem: Ermanno Stradelli na Amazônia
Scritture del margine: Ermanno Stradelli in Amazzonia

Versão Corrigida

São Paulo
2018

LIVIA RAPONI

Escritas da margem: Ermanno Stradelli na Amazônia

Scritture del margine: Ermanno Stradelli in Amazzonia

Versão Corrigida

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cecilia Casini

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R219e Raponi, Livia
Escritas da margem: Ermanno Stradelli na Amazônia
/ Livia Raponi ; orientadora Maria Cecília Casini. -
São Paulo, 2018.
236 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. Ermanno Stradelli. 2. Amazônia. 3. exploradores
italianos. 4. literatura de viagem. 5. mediação
cultural (Itália; Brasil). I. Casini, Maria Cecília,
orient. II. Título.

Termo de Ciência e Concordância da orientadora

Nome da aluna: Livia Raponi

Data da defesa: 25/10/2018

Nome da orientadora: Maria Cecilia Casini

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 18 de dezembro de 2018

Maria Cecilia Casini

RAPONI, Livia. Escritas da margem: Ermanno Stradelli na Amazônia (Scritture del margine: Ermanno Stradelli in Amazzonia). 2018. 236 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Aprovada em: 25/10/2018

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Maria Cecilia Casini – Orientadora
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

Prof^a. Dr^a. Adriana Iozzi Klein
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman
Instituto de Estudos de Linguagem – Unicamp

Prof. Dr. Carlos da Silva Sobral
Faculdade de Letras – UFRJ

SINTESI

Obiettivo principale di questa tesi è quello di ricostruire, a partire dall'insieme dell'opera e dei documenti disponibili, la traiettoria biografica, la personalità e la poetica di Ermanno Stradelli, viaggiatore, autore ed emigrante italiano del secolo XIX. Si intende mostrare come la sua relazione con l'Amazzonia e l'incontro con le società tradizionali amerindie siano generatori di una trasformazione, sia nell'ambito della produzione, che ne viene marcata da un intenso poligrafismo, sia in quello esistenziale. Il lavoro si avvale di nuovi dati storiografici, emersi da una ricerca condotta sul campo e dall'esame approfondito delle fonti esistenti.

Verrà evidenziata l'originalità dell'interpretazione dell'universo amazzonico di Ermanno Stradelli, in particolare con riferimento alle espressioni culturali dei popoli indigeni. A questa corrisponde una narrazione altrettanto originale, per contenuti e forme, che attraversa vari ambiti - cartografico, fotografico, geografico, diaristico, letterario, linguistico - tra loro in costante dialogo, acquistandone spessore e completezza.

Nel seguire i passi di Ermanno Stradelli in Amazzonia, l'elemento del margine ritorna continuamente, come meta individuale, come oggetto di ricerca geografica, linguistica ed etnografica, come preoccupazione ricorrente, come tonica esistenziale. Una tensione verso ciò che è eccentrico e periferico, che nella resistenza all'omologazione e nel suo fare da contrappunto alle dinamiche del centro acquista interesse e incanto. Un elogio del margine - testimoniato dal complesso della produzione e dell'attività di Ermanno Stradelli - che assume i toni, sul finire della sua vita, dell'elegia.

Parole-chiave: Ermanno Stradelli, Amazzonia, esploratori italiani, letteratura di viaggio, mediazione culturale (Italia; Brasile).

RESUMO

O principal objetivo desta tese é reconstruir, a partir do conjunto da obra e dos documentos disponíveis, a trajetória biográfica, a personalidade e a poética de Ermanno Stradelli, viajante, autor e emigrante italiano do século XIX. Pretende-se mostrar como a sua relação com a Amazônia e o encontro com as sociedades tradicionais ameríndias sejam geradoras de transformações, tanto no âmbito de sua produção, marcada por um intenso poligrafismo, quanto no âmbito existencial. O trabalho se vale de novos dados historiográficos, emersos a partir de uma pesquisa de campo, e do exame aprofundado das fontes já existentes.

Será evidenciada a originalidade da interpretação do universo amazônico de Ermanno Stradelli, especialmente no que se refere às expressões culturais dos povos indígenas. A isto corresponde uma narração igualmente original, no conteúdo e na forma, que atravessa vários âmbitos – cartográfico, fotográfico, geográfico, diarístico, literário, linguístico – em constante diálogo entre eles, adquirindo consistência e completude.

Seguindo os passos de Ermanno Stradelli na Amazônia, o elemento da margem retorna continuamente, como meta individual, como objeto de pesquisa geográfica, linguística e etnográfica, como preocupação recorrente, como tônica existencial. Uma tensão em direção ao que é excêntrico e periférico, que na resistência à homologação e no seu contrapor-se às dinâmicas do centro, adquire interesse e encanto. Um elogio da margem – testemunhado pelo conjunto da produção e da atividade de Ermanno Stradelli – que, ao final de sua vida, assume o tom da elegia.

Palavras-chave: Ermanno Stradelli, Amazônia, exploradores italianos, literatura de viagem, mediação cultural (Itália; Brasil).

ABSTRACT

The main objective of this thesis is to retrace, starting from his whole work and the available documents, the biographical trajectory, personality and poetics of Ermanno Stradelli, the nineteenth century traveler, writer and Italian emigrant. We intend to show how his relationship with the Amazon and his interaction with traditional Amerindian societies were seminal elements of a transformation, both in his existential and intellectual dimensions, which is marked by an intense polygraphism. The work makes use of new historiographic data, emerging from research conducted in the field and from an in-depth examination of previously available sources.

The originality of the interpretation of the Amazonian universe by Ermanno Stradelli will be highlighted in particular with reference to the cultural expressions of the indigenous peoples. In counterpoint one can identify an equally original narration, content and form, that crosses various areas - cartographic, photographic, geographical, diaristic, literary, linguistic - in constant dialogue with each other, gaining depth and completeness.

In following the steps of Ermanno Stradelli in the Amazon, the idea of a “margin” continually returns, as an individual goal, as an object of geographical, linguistic and ethnographic research, as a recurring concern, as an existential tonic. A steady tendency towards what is *eccentric* and peripheral, the resistance to homologation of the center, those are essential sources of interest and charm. Stradelli gives body to an eulogy of the margin - witnessed by the cluster formed by his works and activity – eulogy which assumes the highs, at the end of his life, of an elegy.

Key-words: Ermanno Stradelli, Amazonia, Italian explorers, travel literature, cultural mediation (Italy; Brazil).

INDICE

INTRODUZIONE.....	13
1. Una carta dell'Amazzonia e uno sguardo anticipatore sul mondo indigeno.....	13
2. Grandi opere e un progetto, tra Italia e Brasile	16
3. L'unica vita possibile.....	19
4. Poligrafie al margine.....	21
PARTE PRIMA.....	23
CAPITOLO I – LA TRAIETTORIA BIOGRAFICA	24
1. La giovinezza: dal “tempo sciupato” alla libertà del viaggio	28
2. L'arrivo in Amazzonia e le prime spedizioni fluviali	32
3. Viaggi al seguito delle missioni ufficiali, rientro in Italia e nuove esplorazioni.....	38
4. Orinoco, Purus, Uaupés.....	46
5. A Belém e Rio de Janeiro per le esposizioni etnografiche	52
6. Con i deportati del Cucuí	59
7. Cittadino brasiliano e promotore di giustizia	63
8. Vita a Tefé.....	71
9. Memorie degli indigeni	87
PARTE SECONDA	91
CAPITOLO II – POESIA E MITO	92
1. I poemi giovanili	93
2. L'incanto fatale dell'Eiara.....	96
3. Romanticismo e traduzione	102
4. Il passato degli amerindi: Ajuricaba e Pitiápo	104
5. Leggende in prosa.....	110
6. La Leggenda del Jurupari	112
CAPITOLO III – SCRIVERE IL VIAGGIO	120
1. Alla scoperta delle sorgenti dell'Orinoco: cronaca di una spedizione	124
2. Etnografie dell'Uaupés	134
3. Jauaperi: la Pacificazione dei crichanás.....	156
4. Lettere e fotografie dal Purus.....	182

CAPITOLO IV – I SENTIERI DELLA <i>LÍNGUA BOA</i>	200
1. I Vocabolari della <i>língua geral</i> come atlante esperenziale.....	202
2. Alcune note sul Dizionario italiano-nheengatu e dheengatu-italiano	212
CONCLUSIONI.....	223
RIFERIMENTI BIBLIOGRAFICI	228
INDICE DELLE FIGURE	238

RINGRAZIAMENTI

Molte persone, in vari luoghi, hanno contribuito, in forme e modi diversi, agli itinerari seguiti ed ai punti di vista adottati nel presente lavoro, al suo svolgimento ed ai suoi esiti. Lavoro che è il frutto di un percorso iniziato a Roma ed in altre città italiane, proseguito a San Paolo, Manaus e Tefé, e terminato a Rio de Janeiro.

Desidero in primo luogo ringraziare vivamente la mia relatrice, la professoressa Maria Cecilia Casini, dell'Area di Lingua e Letteratura Italiana dell'Università di San Paolo, per l'entusiasmo con cui ha accolto e promosso il progetto di ricerca, per il sostegno continuo e per la guida intelligente e sensibile, attraverso paesaggi letterari e linguistici italiani e brasiliani, che ha saputo offrirmi in questi cinque anni.

Altri docenti della USP, di cui ho frequentato i corsi e con i quali si è instaurato un fruttuoso dialogo, hanno avuto un ruolo importante nel cammino. In particolare, sono intensamente grata al professor Roberto Zular per i momenti d'ispirazione che mi hanno regalato le sue lezioni sulla poetica e la politica della voce, per il dialogo profondo instaurato in ambiti di estrema rilevanza per la mia ricerca, per le idee e gli interessi condivisi.

Alle professoresse Yudith Rosenbaum e Belinda Maundelbaum, ed al loro suggestivo corso su letteratura e psicanalisi, devo un punto di vista più ampio e articolato sulle multiple, intime relazioni tra itinerari esistenziali e produzione scritta dell'autore oggetto del presente lavoro. Molto proficui sono stati inoltre i suggerimenti di carattere teorico e metodologico ricevuti, nel corso dell'esame di qualificazione, dai professori Maurício Santana Dias e Marcos Flaminio Lopes, ai quali porgo un sentito ringraziamento.

Per la prosecuzione "sul campo" della ricerca, di grandissima importanza è stato l'incontro con Gilton Mendes dos Santos, professore di antropologia dell'Università Federale dell'Amazonas, al quale sono riconoscente per avermi schiuso le porte di un mondo altrimenti di non facile accesso, quello degli indigeni tucano del Tiquié e della loro tradizione orale, della cui ricchezza ho avuto la percezione ascoltando i racconti del signor Ovidio Barreto, *yaí (pajé)*, nella traduzione del figlio João Paulo Barreto, antropologo.

A Tefé, ho avuto il privilegio di essere accolta affettuosamente da Padre Antonio Gruyters, - missionario di stanza nel nord del Brasile da molti anni, tornato di recente alla sua terra natia, l'Olanda - che, rendendosi complice delle mie investigazioni, mi ha

condotto all'archivio storico della Congregazione del Santo Spirito e permesso una ricerca senza orari né restrizioni, nel corso della quale ho potuto individuare un importantissimo registro sulla presenza di Ermanno Stradelli nella cittadina. A Padre Antonio, che ha voluto mostrarmi personalmente luoghi ed istituzioni, come il Seminario e la Missione, frequentati da Stradelli, va tutta la mia gratitudine.

Devo un sincero ringraziamento anche ai tefensi Antonio Rocha, professore di storia, Protasio Lopes Pessoa, scrittore e Claudemir Bezerra, avvocato, per la cordialità con cui mi hanno ricevuto e per le stimolanti conversazioni sulla Tefé dei primi decenni del '900, epoca in cui Stradelli vi risiedette.

A Manaus, sono stati anfitrioni premurosi Antônio José Souto Loureiro e Joaquim Rodrigues de Melo. Il primo, già presidente dell'Istituto Geografico e Storico dell'Amazonas, autore di svariati studi storici sullo stato amazzonico, è stato un costante punto di riferimento durante i miei soggiorni nella capitale e a Tefé. Il secondo, dottore in storia e collezionista di libri rari, è stato prodigo di informazioni e di materiali preziosi per la ricerca, della quale è stato sostenitore entusiasta. A entrambi va un sentito ringraziamento.

Sono grata altresì al dottor Jeordane de Oliveira de Andrade, per il suo generoso aiuto nelle investigazioni sui giornali brasiliani dell'epoca e alla professoressa Raimunda Gil Schaecken, tefense residente a Manaus, per la gentilezza con cui ha risposto ad alcuni miei quesiti e offerto utili contatti ed informazioni, in particolare sul ruolo dei missionari nella storia della città.

Una parte importante della ricerca si è svolta in Italia, soprattutto a Roma, presso la biblioteca e gli archivi della Società Geografica, dove ho potuto in ogni momento contare sulla competenza e la disponibilità delle dottoresse Patrizia Pampana e Marina Scionti, alle quali va un caloroso ringraziamento che si estende a tutti i collaboratori, passati e presenti, dell'istituzione. Non posso non menzionare il sostegno e la collaborazione offerti dai presidenti Franco Salvatori e Filippo Bencardino, nonché dalla vice-presidente Margherita Azzari e dal professor Alfonso Giordano, a proposito di iniziative di varia natura dedicate a divulgare la figura Stradelli, da me promosse, che hanno accompagnato e arricchito la mia ricerca accademica. Alla professoressa Nadia Fusco, instancabile ricercatrice ed esperta di storia delle esplorazioni italiane, con cui ho avuto il piacere di

condividere momenti importanti del percorso, devo un affettuoso, vivo ringraziamento, con lo sguardo rivolto ai progetti futuri.

Un pensiero riconoscente va a Silvano Peloso, professore dell'Università di Roma "La Sapienza", il primo ad incentivare il mio desiderio di approfondire lo studio della vita e dell'opera di Ermanno Stradelli e ad offrirmi, con le sue bellissime lezioni sulla letteratura di viaggio e le scoperte geografiche, un quadro storico da cui prendere le mosse.

A Ettore Finazzi Agrò, professore dello stesso ateneo, che ho avuto il piacere di conoscere più da vicino a San Paolo, va un sentito ringraziamento, per l'interessamento mostrato nei confronti del mio lavoro.

Una speciale, intensa gratitudine desidero esprimere a Jézio Hernani Bomfim Guitierre, professore dell'UNESP ed editore, ammiratore di Ermanno Stradelli e di altri esploratori illustri, sostenitore brioso delle mie investigazioni e progetti, sempre pronto ad offrire saggi consigli e brillanti suggerimenti.

Nella capitale paulista, stimolanti sono stati gli incontri con due professori rispettivamente della USP e dell'Università di Campinas: l'antropologa Marta Amoroso ed il critico letterario Francisco Foot Hardman, che ringrazio per la condivisione di esperienze e di alcuni aspetti significativi della ricerca.

A Rio de Janeiro, fonte di rinnovato entusiasmo è stata la conversazione avuta con Paulo Knauss, professore dell'Università Federale Fluminense e direttore del Museo Storico Nazionale, cui sono grata per l'amichevole incitamento nell'ultima fase della scrittura della tesi.

A tutti gli autori che hanno partecipato al libro *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, che molto, con i loro interessanti contributi, hanno apportato alla mia comprensione della vita e dell'opera del personaggio, va la mia riconoscenza.

Ai funzionari del Dipartimento di Lettere Moderne dell'Università di San Paolo, per l'assistenza cordiale fornita negli anni del dottorato, porgo un sincero ringraziamento, come pure ai collaboratori di tutte le biblioteche, italiane e brasiliane, frequentate nel corso di questi anni, per la gentilezza e la disponibilità.

A Thais Helena Cavalcanti va il mio più vivo grazie per l'aiuto prestatomi nell'impaginazione del lavoro e in altri aspetti redazionali.

Sono grata infine a mio padre, per il proficuo confronto intellettuale mantenuto anche a distanza e a mio fratello, per l'affettuoso sostegno.

INTRODUZIONE

1. Una carta dell'Amazzonia e uno sguardo anticipatore sul mondo indigeno

Il mio incontro con Ermanno Stradelli è avvenuto nel 2004, attraverso le immagini - i suoi ritratti dei paesaggi e degli uomini dell'Amazzonia - e le parole - quelle dei suoi resoconti di viaggio, pubblicati sul Bollettino della Società Geografica Italiana tra il 1887 e il 1900. Negli archivi della Società, che ha sede nel parco della Villa Celimontana, nel cuore di Roma, avevo avuto la possibilità di vedere le 83 fotografie (albumine su carta e aristotipi) scattate e sviluppate nella foresta amazzonica e d'immergermi nella lettura delle sue relazioni.

Nel 1901, nel palazzo del Collegio Romano, allora sede del sodalizio, Ermanno Stradelli aveva tenuto una conferenza sull'Amazzonia brasiliana, mostrando al pubblico la carta geografica da lui curata, in una versione ampliata, di ben 6 metri per 4, che dava il giusto risalto all'immenso territorio, percorso in lungo e in largo nei numerosi viaggi d'esplorazione che vi aveva condotto, nelle sue principali caratteristiche. Tale carta, che faceva da sfondo ai molti temi trattati dal relatore, di grande interesse per l'uditorio, può essere vista come compendio di una vita di studio, lavoro e ricerca condotta in Amazzonia e dedicata all'Amazzonia. È possibile individuare, sulla sua superficie, le località ritratte nelle fotografie, i fiumi ed i villaggi descritti nei resoconti, gli itinerari raccontati nelle lettere, in un'apprensione multipla del viaggio di Ermanno Stradelli a partire da differenti supporti. Lo Stato dell'Amazonas l'aveva acquistata nel 1901 e l'aveva distribuita tra gli ufficiali dell'esercito e presso le scuole pubbliche. L'esemplare custodito nell'Archivio Storico della Società Geografica non è la gigantografia di cui sopra, ma la versione originaria della mappa, di circa un metro per un metro.

Sul *Bollettino*, la rivista del sodalizio, dell'esploratore constavano vari resoconti di viaggio e due leggende, apparsi in un arco temporale di 13 anni. Scorrendo i primi, mi avevano colpito il tono sereno e misurato, il ritmo musicale della scrittura, l'assenza di iperboli e di drammaticità nel narrare anche di imprese ardue e rischiose, la sottile ironia e il non darsi troppa importanza dell'autore. Via via, approfondendo la lettura, notavo altri aspetti, come l'accuratezza scientifica nelle descrizioni del territorio e l'interesse autentico che emergeva dalle annotazioni sugli usi, i costumi, i rituali delle comunità indigene. S'intuiva uno sguardo libero dagli schemi teorici evoluzionistici ed eurocentrici

allora predominanti nell'approssimazione alle società tradizionali. Ma ad avvincermi, devo confessarlo, era soprattutto il piacere trovato nella lettura.

Figura 1 - E. STRADELLI, *Mapa do Estado do Amazonas*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Rispetto ai tanti viaggiatori europei che, lungo tutto l'Ottocento, erano partiti per l'Amazzonia animati da interessi, geografici, naturalistici ed etnologici - si pensi a Martius, Spix, Humboldt, Wallace, Chandless, Coudreau - Ermanno Stradelli presenta vari elementi di differenziazione. Uno di essi è la traiettoria biografica, che avremo modo di percorrere in dettaglio nel primo capitolo, unita alla circostanza di viaggiare, il più delle volte, a titolo individuale ed in modo autonomo, laddove la maggior parte degli esploratori dell'epoca erano vincolati ad istituzioni scientifiche o a governi che ne pianificavano e finanziavano

le spedizioni. Se ciò fu estremamente impegnativo da un punto di vista organizzativo, gli permise una maggiore libertà nel determinare gli oggetti della propria ricerca.

A caratterizzare infatti gli itinerari di Stradelli in Amazzonia fu l'interesse per le espressioni culturali autentiche delle civiltà indigene amazzoniche, osservate, registrate e studiate non come curiosità esotiche ma come manifestazioni di modalità alternative di convivenza - tra gli uomini e tra questi ed il mondo naturale - per molti aspetti superiori a quelle fatte proprie dalle nazioni 'progredite'. Ebbe la lungimiranza di considerare i loro idiomi e la loro tradizione orale come un patrimonio immateriale dell'umanità, che andava salvato dall'erosione del tempo e divulgato. Per tutta la vita inseguì e raccolse parole, frasi, modi di dire, leggende, miti delle più diverse etnie, da vero precursore dello studio delle società amerindie secondo una prospettiva antropologico-culturale. Troviamo costantemente, nei suoi scritti, i segni di una profonda disponibilità all'accoglienza dell'alterità, linguistica e culturale; sono inoltre assenti, nel suo lavoro, quegli obiettivi di assimilazione e normalizzazione dell'elemento indigeno presenti in molti religiosi e laici - si pensi al generale Couto de Magalhães, autore del manuale *O selvagem* - che si erano dedicati allo studio delle lingue e della narrativa dei popoli autoctoni. Ricordiamo che all'epoca di Stradelli, e anche in seguito, eminenti intellettuali che lavoravano in ambiti di intermediazione tra amministrazione pubblica, federale o statale, e società tradizionali - tra questi il naturalista João Barbosa Rodrigues, che aveva guidato la celebre spedizione di pacificazione dei Chrichanás - erano convinti della necessità di dover, sia pur con le buone maniere, mitigare gli aspetti più peculiari del modo di vita delle comunità indigene, per poterle meglio incorporare alla nazione brasiliana.

Ermanno Stradelli non utilizzò, nella sua ermeneutica di una cultura che riconosceva essere diversa e irriducibile, la lente eurocentrica tipica dei suoi contemporanei. Critico dell'operato di alcuni missionari e degli agenti governativi, era consapevole, avendolo constatato con i propri occhi, dell'impatto distruttivo e degradante dei valori e delle pratiche imposte dai primi e dai secondi (i 'civilizzati') sulla coesione, l'identità e la stessa sopravvivenza delle società tradizionali. Queste, ai suoi occhi, erano portatrici di cosmo-visioni, valori e saperi diversi da quelli occidentali - in nessun modo inferiori o meno evoluti - dai quali si potevano senz'altro trarre insegnamenti.

2. Grandi opere e un progetto, tra Italia e Brasile

A dirci del peculiare approccio di Stradelli e dell'intensità del suo coinvolgimento nel mondo amazzonico sono, oltre agli elementi biografici, le sue opere più importanti: *La Leggenda del Jurupari*, i *Vocabulários nheengatu-portugues e portugues-nheengatu* ed il *Dizionario italiano-nheengatu e nheengatu-italiano* (inedito).

Esse mostrano molto bene il carattere totalmente disinteressato della sua ricerca, se ci si ferma a considerare che da tali lavori, rivolti ad un piccolo e selezionato pubblico, non ci si poteva aspettare grande riscontro editoriale né ampia divulgazione. I Vocabolari e il Dizionario possono essere considerate le grandi opere della sua vita, il frutto di un impegno approfondito e costante, volto ad inventariare e divulgare un idioma e una cultura che, ai suoi occhi e non solo, correavano il rischio di estinguersi.

Il *Dizionario nheengatu-italiano* va oltre, come vedremo nella seconda parte di questo lavoro, la semplice trasposizione in italiano delle parti in portoghese dei *Vocabulários nheengatu-português*, essendo evidenti tra i due lavori varie differenze. Il primo è posteriore al secondo, potendo essere visto come il compendio finale delle conoscenze amazzoniche dell'autore; inoltre, nel suo essere destinato ad un pubblico largamente ignaro del mondo amerindio, presenta un carattere maggiormente divulgativo. Nel suo progetto di interessare il lettore italiano ad una lingua indigena della remota Amazzonia brasiliana - per giunta ritenuta prossima alla scomparsa -, lo stesso Stradelli assume per certi versi i tratti di un personaggio letterario, idealista e sognatore, richiamando alla memoria la figura di Policarpo Quaresma, funzionario pubblico, di cui si ricorderà la donchisciottesca petizione volta a richiedere al Congresso Nazionale l'utilizzo della lingua tupi-guarani in tutti gli atti ufficiali dello Stato, come unica vera lingua nazionale del popolo brasiliano (LIMA BARRETO, 2011 [1915], p. 122).

Il lavoro condotto, a partire dalla tradizione orale, sul mito di Jurupari, è un eccellente esempio dell'attitudine antropologica di Ermanno Stradelli: resosi conto della mistificazione operata dai missionari, che avevano identificato Jurupari con il diavolo dei cristiani, desiderava ricondurne la figura alla natura originaria, condivisa dai popoli dell'Alto Rio Negro, di eroe legislatore e civilizzatore. Riuscirà nell'impresa, ottenendo, da un informatore indigeno, una versione integrale e non manipolata del ciclo mitologico, che, tradotta in italiano ed inviata alla Società Geografica Italiana, verrà pubblicata nel 1890 sul *Bollettino* con il titolo *La Leggenda del Jurupari*.

Sulle pagine del *Bollettino*, la *Leggenda* emergeva e si distaccava dal resto delle comunicazioni come testo denso e complesso, dalle multiple valenze, antropologiche, cosmogoniche, letterarie, religiose. Allora studentessa di mediazione linguistico-culturale, decisi di farne oggetto della mia dissertazione finale. L'operazione compiuta da Stradelli poteva infatti essere letta nei termini di una mediazione che avveniva a diversi livelli: tra l'Amazzonia e l'Italia; tra narrativa indigena e pubblico colto europeo e americano; tra letteratura brasiliana e letteratura italiana (la *Leggenda* costituisce un testo letterario amazzonico e dunque brasiliano); tra civiltà agrafe amerindie e civiltà fondate sulla scrittura.

L'elaborazione della monografia fu motivo di una ricerca condotta in diversi luoghi e istituzioni in Italia: a Roma, negli archivi della già menzionata Società Geografica, nella biblioteca del Centro Studi dell'Ambasciata del Brasile ed alla Biblioteca Nazionale; a Borgotaro e a Parma, nelle cui biblioteche si trovano le opere giovanili di Stradelli; a Rivalta, nel castello amministrato dal pronipote di Stradelli Orazio Zanardi Landi e nell'annesso museo, che custodisce una parte della collezione etnografica raccolta in Amazzonia dall'esploratore; all'Università di Pisa, dove aveva difeso la sua tesi di laurea in giurisprudenza. Questa ricognizione mi permise raccogliere la quasi totalità delle opere e dei documenti relativi a Ermanno Stradelli reperibili in Italia.

In seguito al mio trasferimento in Brasile per motivi professionali, come Addetto Culturale dell'Istituto Italiano di Cultura di San Paolo, ho sentito il desiderio e l'esigenza di proseguire la ricerca intrapresa. Proprio quell'Istituto, nel 1964, aveva interamente dedicato il suo *Caderno*, pubblicazione periodica promossa dal direttore Edoardo Bizzarri, all'opera di Ermanno Stradelli. Il biologo Ettore Biocca, all'epoca professore all'Università di San Paolo, introduceva il lettore brasiliano alla *Leggenda del Jurupari*, che per la prima volta era edita in Brasile, in lingua italiana, assieme a *Leggende dei Taria* e al poema *Pitiápo*, quest'ultimo in portoghese.

Potei rapidamente constatare come il nome di Stradelli fosse in Brasile più noto al mondo accademico, in particolare agli esperti di antropologia e lingue indigene, che non in Italia, e come la sua opera fosse stata oggetto di monografie ed articoli, con maggiore intensità a partire dalla fine degli anni '90. Nel libro *Makunaima e Jurupari* (2002), curato da Sergio Medeiros, la *Leggenda* di Stradelli, di cui si pubblicava una versione in portoghese, era oggetto di uno studio attento da parte di illustri specialisti, che la consacravano come una delle opere fondamentali della letteratura amerindia; nel 2009,

tutti i resoconti di viaggio e due leggende in prosa erano resi disponibili al lettore lusofono nella traduzione di Aurora Fornoni Bernardini, grazie al volume *Lendas e notas de viagem. A Amazônia de Ermanno Stradelli*.

Il dialogo intessuto con gli studiosi brasiliani invitati a partecipare ad un simposio su Ermanno Stradelli organizzato dall'Istituto Italiano di Cultura di San Paolo nel 2013 presso il Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL)¹, confermava l'importanza, per gli esponenti di varie discipline, della figura e dell'opera del conte italiano. Esso inoltre rafforzava la mia convinzione circa l'opportunità di un lavoro di ricerca da compiere sul campo, nelle città amazzoniche dove Ermanno Stradelli aveva vissuto. Gli obiettivi del soggiorno a Manaus e Tefé, che ho potuto realizzare nel marzo del 2015, nell'ambito del progetto di ricerca approvato dall'Università di San Paolo², erano per me abbastanza chiari. Avendo già raccolto in Italia le opere dell'autore ed i pochi articoli apparsi su di lui su riviste e giornali italiani, il mio auspicio, nel recarmi nello Stato dell'Amazonas, era quello di rinvenire ulteriori tracce del passaggio di Ermanno Stradelli, tanto sotto forma di documenti, come di racconti e testimonianze consegnati alla memoria collettiva.

Apparivano troppo scarse le informazioni relative alla sfera privata del viaggiatore, ed al riguardo grande importanza avrebbe avuto il rinvenimento di documenti epistolari, di diari intimi, di fotografie non destinate alla pubblicazione; prezioso sarebbe stato inoltre rintracciarne il materiale di lavoro, i quaderni in cui venivano registrate le annotazioni geografiche, etnografiche e linguistiche (più volte menzionati nei resoconti), gli album contenenti i disegni e le illustrazioni, le fotografie scattate durante i viaggi e in altre circostanze, le testimonianze, anche indirette, di persone con cui fosse venuto in contatto nella sua veste di esploratore e fotografo. Vi era inoltre un terzo ambito di ricerca, relativo alla sua carriera più che ventennale d'avvocato e di *promotor público*. La funzione esercitata nella seconda fase della sua vita al servizio del governo amazzonense lasciava presagire che sarebbe stato possibile rinvenire, negli

¹ Il simposio fu organizzato l'11 aprile 2013 in occasione dell'inaugurazione della mostra fotografica e documentaria, da noi curata, "Ermanno Stradelli na Amazônia. Rios, povos e lendas sob o olhar de um explorador italiano", allestita presso il Pavilhão da Criatividade del Memorial da América Latina.

² Con l'ammissione, nel febbraio del 2013, al Programma di post-laurea dell'Area di Lingua e Letteratura italiana dell'Università di San Paolo, veniva riconosciuto l'interesse dell'ateneo per il progetto di ricerca su Ermanno Stradelli. Assieme alla relatrice, professoressa Maria Cecilia Casini, ho potuto impostare tanto la parte formativa, relativa alle discipline da frequentare all'università, come pure il lavoro più strettamente finalizzato all'elaborazione della tesi.

archivi della *Secretaria de Justiça do Estado* e dei municipi presso cui, nel periodo 1895-1923, aveva operato, un certo numero di atti e documenti d'ufficio, relativi alla sua attività professionale. È con questo obiettivo che, dopo una ricognizione del *Diário Oficial do Amazonas*, che riportava alcuni trasferimenti di servizio di Ermanno Stradelli, mi ero recata, nel marzo del 2015, a Manaus e a Tefé.

La capitale amazzonense era stata, oltretutto il punto di partenza di quasi tutti i suoi viaggi d'esplorazione, anche il luogo dove aveva fissato domicilio come fotografo (BRAGA, 2016); inoltre era la prima città in cui, ottenuta la cittadinanza brasiliana, aveva esercitato come avvocato e poi prestato servizio come *promotor público*. Sarà tuttavia Tefé, cittadina dell'interno sulle sponde dell'omonimo lago, la dimora più duratura dell'italiano, che vi risiederà stabilmente per più di vent'anni (1903-1925).

Gli esiti di tale ricerca sul campo, seppur inferiori rispetto alle aspettative iniziali, sono stati significativi. Essi hanno contribuito in modo rilevante alla ricostruzione della traiettoria biografica di Ermanno Stradelli (oggetto del primo capitolo di questo lavoro), nella quale si è seguito prevalentemente un criterio cronologico e al contempo spaziale: le varie fasi della vita del personaggio sono infatti associate a luoghi diversi, oltre ad essere caratterizzate da una produzione letteraria differenziata. In tale esposizione confluiscono sia i nuovi dati storiografici acquisiti nel corso della ricerca sul campo, sia quelli provenienti da un esame accurato della corrispondenza autografa e della stampa brasiliana dell'epoca. Si è inoltre cercato di attingere il più possibile, in questa ricomposizione, agli elementi ed agli indizi di tipo biografico disseminati nell'opera di Stradelli: nei resoconti di viaggio, ma anche nei vocabolari e nelle opere propriamente letterarie.

3. L'unica vita possibile

L'idea di una riflessione da più punti di vista sull'apporto di Ermanno Stradelli alla conoscenza ed alla divulgazione dell'universo amazzonico, attraverso i contributi di studiosi provenienti da varie aree disciplinari, è stata alla base dell'opera collettanea dal titolo *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli in Amazônia* (2016) che ho avuto la soddisfazione di curare. Esito in parte del simposio svoltosi a San Paolo nel 2013, il volume raccoglie gli articoli inediti di nove autori, brasiliani ed italiani, di ambiti accademici differenti, che si sono avvicinati a Stradelli seguendo strade diverse, e

ripropone un testo del 1964 di Ettore Biocca. Al libro soggiace il tentativo di dar conto della complessità del personaggio, mostrando circostanze ed aspetti meno noti della sua esistenza in Amazzonia ed evidenziando la ricchezza e varietà della sua opera. Ne emerge un ritratto polifonico, che crediamo abbia restituito in parte la fisionomia eclettica e multiforme del protagonista.

Contribuiscono ad illuminarne la traiettoria biografica l'interpretazione di Ettore Finazzi Agrò, che lega il viaggio di Stradelli alla tradizione, consacrata da Alexander Von Humboldt, del "viaggiatore-naturalista"; la ricostruzione del suo rapporto con la Società Geografica italiana, nelle sue tappe principali e nelle dinamiche che lo attraversarono, sulla base delle lettere ritrovate da Nadia Fusco negli archivi del sodalizio; il panorama delle sue diversificate attività professionali in Amazzonia e delle sue relazioni con l'élite manauara, offerto da Roberio Braga; alcune vicende della sua collezione etnografica proveniente dal fiume Uaupés, ripercorse da Loredana Nelli Dias.

Ma soprattutto, ad illuminare il personaggio, è la tradizione orale registrata da João Paulo Barreto, antropologo tucano, il quale, accogliendo il nostro invito, ha raccolto e trasposto in forma scritta i racconti del padre Ovidio Barreto. Ho avuto il privilegio di ascoltare a Manaus, nel 2013, dal signor Ovidio, originario di un villaggio del fiume Tiquié, interessanti vicende che vedono come protagonista il *doutor conde*, modo rispettoso con cui i tucano sono soliti riferirsi a Stradelli. È suo nonno Manoel ad averglielo raccontato: egli avrebbe accompagnato Stradelli in una delle sue escursioni lungo quel fiume. Ciò è molto plausibile, dato che l'italiano aveva frequentato le *malocas* dei tucano del Tiquié a più riprese, circa 140 anni fa, e si era affidato a guide indigene nei suoi viaggi fluviali e terrestri. João Paulo ha conversato a lungo con il padre con l'intento di raccogliere la tradizione orale su Stradelli nel modo più completo possibile e di divulgarla (BARRETO, 2016).

Quanto alle opere di Ermanno Stradelli, della rilevanza e attualità dei suoi vocabolari nheengatu-portoghese ci dicono gli specialisti di lingue indigene Eduardo Navarro, Marcel Ávila e Antônio Neto; nell'ambito della sua produzione più specificamente letteraria, Sergio Medeiros propone una nuova lettura della *Leggenda di Jurupari*, che ne rivela aspetti esoterici e significati reconditi; Aurora Bernardini offre un'analisi raffinata e lucida del poema *Pitiápo*, ancora poco conosciuto sia in Brasile che in Italia.

4. Poligrafie al margine

Al carattere eclettico del personaggio corrisponde una produzione ampia, diversificata ed eterogenea. Pochi viaggiatori hanno attraversato tanti generi letterari: diari e resoconti di viaggio, poesia lirica, leggende storiche e mitologiche in prosa ed in verso, studi etnografici, dizionari e vocabolari di lingue indigene, monografie di argomento giuridico. Non solo: Stradelli si è servito della fotografia, della cartografia, dell'illustrazione per documentare e raccontare i propri itinerari.

Ciascuna di queste forme espressive, che passino o meno per l'ambito verbale, è in dialogo con le altre e con determinati aspetti della personalità dell'autore. Alcune di esse, come i diari e i resoconti di viaggio, la fotografia, l'illustrazione, la cartografia, sono maggiormente legate alla dimensione della *visione*: scaturiscono dall'atto di osservare lo spazio e i suoi protagonisti, del discriminare e del distinguere, del percepire il dettaglio.

Altre, come la poesia, le leggende, le opere linguistiche, si riconducono essenzialmente alla dimensione dell'*ascolto*, del cogliere il senso nel suo complesso e dell'accogliere in sé altre lingue e culture. Entrambe queste facoltà ci paiono intensificate in Stradelli, nel tentativo di dar conto e di comprendere in profondità la diversità ambientale ed umana incontrata in Amazzonia.

Una riflessione su alcuni aspetti della sua variegata produzione è oggetto della seconda parte del presente lavoro, nella quale si cercherà di evidenziare tratti peculiari del suo scrivere, nei diversi formati che di volta in volta lo sollecitano. Si vedrà come, nel complesso, il suo personale modo di transitare attraverso i generi, le strategie testuali utilizzate, la combinazione dell'ambito verbale con quello iconografico, configuri una narrazione dell'Amazzonia di grande originalità.

Proprio quest'ultima combinazione è approfondita, nel terzo capitolo, relativamente alla missione di 'Pacificazione dei Chrichanás' (1884) ed al viaggio d'esplorazione nel fiume Purus ed affluenti (1888-1889). Verrà proposto un itinerario composito, di parole ed immagini, accompagnando Stradelli nelle due spedizioni. La documentazione fotografica realizzata durante i due viaggi possiede una forte valenza narrativa e può essere letta congiuntamente al resoconto scritto, nel primo caso, e ad alcune comunicazioni epistolari, nel secondo.

Originale è anche la cartografia: le carte disegnate da Stradelli mostrano, al di là dell'articolazione dello spazio nei suoi dati geografici e topografici, il nascere dei *luoghi*,

come altrettanti *dove* in cui abita una memoria e si dispiega la dimensione emozionale ed affettiva. Tra tutte, ci colpisce la carta manoscritta dell'Uaupés (Figg. 20 e 21), fiume amato e ripetutamente navigato, nella quale sono tracciati, con sottili tratti d'inchiostro colorato, itinerari, talvolta percorsi dall'autore, in cui mito e storia si sovrappongono.

Luoghi desiderati, intrisi di valore umano, sentiti come propri e *difesi*. Ciò anche in senso letterale, come avverrà in occasione del suo coinvolgimento nella 'questione del Pirara', relativa alle confliggenti rivendicazioni territoriali del Brasile e dell'Inghilterra su un'ampia porzione del territorio dell'Amazzonia nord-occidentale, oggi suddivisa tra lo stato del Roraima e la Guyana inglese.

L'elemento del margine ci appare fondamentale, come strumento ermeneutico, nel tentare di dar conto della storia di vita e delle opere di Ermanno Stradelli. Esso ritorna continuamente, come meta individuale, come oggetto di ricerca geografica, linguistica ed etnografica, come preoccupazione ricorrente, come tonica esistenziale. Non possiamo non avvertire, nel personalissimo viaggiare - concreto e metaforico - di Stradelli *in Amazzonia, verso l'Amazzonia, e tra l'Amazzonia e l'Europa*, una sorta di tensione verso ciò che è *eccentrico* e periferico e che, nella resistenza all'omologazione culturale e nel porsi come contrappunto alle dinamiche del centro, acquista interesse e incanto. Un elogio del margine - testimoniato dall'intera traiettoria biografica e dall'opera nel suo insieme - che assume, sul finire della sua vita, i toni dell'elegia.

PARTE PRIMA

CAPITOLO I – LA TRAIETTORIA BIOGRAFICA

In questo capitolo si percorrerà l'itinerario biografico di Ermanno Stradelli attraversando i diversi contesti geografici, sociali e culturali che lo hanno visto all'opera, facendo riferimento, ogni qualvolta ciò sia possibile, agli elementi autobiografici presenti nei suoi scritti, tanto quelli destinati alla pubblicazione quanto quelli epistolari. Dal Ducato di Parma e Piacenza in cui si era svolta la sua infanzia, all'Italia di recente unificata della sua fanciullezza e adolescenza, alle città di Pisa e Siena della sua giovinezza, per approdare al Brasile amazzonico, con le grandi differenze che contraddistinguevano la sua capitale, Manaus, dalle vaste e diversificate aree dell'interno.

Conte, primogenito di una famiglia di notai di Borgotaro (comune appartenente oggi alla provincia di Parma) umanista colto e raffinato, Ermanno Stradelli scelse l'Amazzonia in un momento in cui gli esploratori italiani si volgevano all'Africa, teatro delle imprese colonizzatrici del neonato Regno d'Italia. Giunto a Manaus nel 1879, farà dell'Amazzonia brasiliana la sua patria d'elezione, dapprima attraverso un'identificazione morale, culturale e psicologica, ed in seguito anche sotto il profilo giuridico. Dopo una fase dedicata ai viaggi d'esplorazione (1880-1892), acquisì nel 1893 la cittadinanza brasiliana e, approfittando della sua formazione giuridica, entrò nel novero dei *promotores públicos*, funzionari ausiliari del potere giudiziario al servizio del Governo dello Stato dell'Amazonas. Fino al 1923 esercitò tale professione, oltre a quella di avvocato, accettando vari incarichi in piccoli municipi dell'interno; si stabilì, attorno al 1903, nella cittadina di Tefé, sul fiume Solimões, dove risiedette sino al 1925. È a Manaus, nel lebbrosario improvvisato di Umirizal, che si spense nel 1926.

In virtù di queste circostanze biografiche, appare chiaro il fatto che, da un punto di vista sociologico, più che alla categoria dei viaggiatori, Ermanno Stradelli appartiene a quella degli emigranti. I primi infatti, nella maggior parte dei casi, al termine dei loro viaggi, delle loro spedizioni ed investigazioni facevano ritorno nei paesi d'origine; qui spesso riprendevano o iniziavano una carriera accademica, scrivevano memorie dell'impresche che avevano compiuto, divulgavano i frutti del loro lavoro ottenendone spesso fama e riconoscimenti. Stradelli invece non solamente non farà rientro in patria in modo definitivo, ma non sembra neanche prendere mai in considerazione l'idea di un

ritorno, se non in vecchiaia, già devastato dal morbo di Hansen e con la consapevolezza di una fine prossima.

Ci riferiamo tuttavia, nel suo caso, ad un tipo peculiare di emigrazione, che è quella intellettuale ed artistica, la quale, nelle sue variegate motivazioni individuali (politiche ed ideologiche, sociali, economiche, culturali, psicologiche) mal si presta a generalizzazioni.

Come mostrato da alcuni studiosi (CAPPELLI, 2010; EMMI, 2008) verso le città di Belém e Manaus, in rapida crescita e modernizzazione all'epoca del ciclo del lattice (1870-1910), si diressero, oltreché maestranze ed artigiani specializzati - in gran parte provenienti dalle regioni meridionali - attirati dalle opportunità d'impiego offerte dall'edificazione di centri urbani di standard europeo nel cuore della foresta amazzonica, anche numerosi musicisti, cantanti, direttori d'orchestra, attori e danzatori, che avrebbero dato corpo alle stagioni operistiche e di danza nei teatri di recente o prossima inaugurazione. Anche se questo tipo di emigrazione ebbe un'incidenza numerica esigua rispetto ai cospicui flussi di contadini diretti verso le *fazendas* degli stati del centro-sud e del sud del Brasile, essa produrrà un impatto significativo sulla fisionomia e sulla vita sociale e culturale delle due città amazzoniche.

Va detto però che il percorso di Stradelli è molto diverso, se non opposto, rispetto a quello degli uomini e le donne di spettacolo che emigravano in Brasile alla ricerca di opportunità di lavoro e di una realizzazione professionale o artistica. Nel suo caso infatti, non sono certamente ragioni di ordine finanziario a motivare il viaggio, e forse neppure la ricerca di fama e riconoscimenti: di famiglia agiata, studente di giurisprudenza all'Università di Pisa, sapeva di poter contare, oltreché sul patrimonio familiare, anche su una futura carriera nelle professioni forensi. Piuttosto si tratterà, come avremo modo di vedere, di motivazioni di ordine psicologico, intellettuale e creativo. È nei suoi testi lirici giovanili che troviamo tracce di un'insoddisfazione che lo induceva a guardare verso mondi lontani e sconosciuti, mosso anche dalla ricerca di nuove fonti d'ispirazione per la propria poesia (Cap. II.1).

La vita adulta di Stradelli si presta ad essere raccontata in cinque principali fasi : la giovinezza, svoltasi nella provincia toscana ed emiliana, caratterizzata da inquietudini precoci e talento letterario, mancato appagamento nel quotidiano e ricerca di una vita autentica, interruzione degli studi universitari e preparazione al viaggio; il viaggio reale, dapprima transoceanico, verso il Brasile, poi da Belém a Manaus, lungo il *rio-mar*, e da Manaus verso la periferia, addentrandosi sempre più all'interno nei suoi itinerari; il

ritorno in Italia, la conclusione degli studi giuridici e la decisione di tornare in Amazzonia impegnandosi in un'ambiziosa impresa geografica; la trasformazione da viaggiatore in emigrante, cittadino brasiliano e funzionario pubblico, i cui spostamenti sono legati alla professione di *promotor* ed avvocato; la vita sedentaria e raccolta - nella cittadina di Tefé - dedicata all'organizzazione dei vocabolari nheengatu-portoghese e nheengatu-italiano ed alla stesura di articoli giuridici.

In questo capitolo, in cui ci si sofferma sulle tappe più importanti dell'esistenza di Stradelli, si farà ampio ricorso alle sue opere e alle sue lettere, che contengono numerose informazioni ed elementi d'interesse per la ricostruzione del personaggio e delle sue vicende biografiche. Per il resto, si darà qui conto solo schematicamente della sua produzione letteraria, nell'intento di mostrare come, alle varie fasi della sua vita, corrispondano uno o più tipi di produzione testuale. Questi saranno trattati, in modo più ampio, nella seconda parte della tesi.

È inevitabile prendere le mosse, in uno studio di carattere biografico, dal libro *Em memória de Stradelli*, pubblicato nel 1936, a dieci anni dalla morte, da Luís da Câmara Cascudo. Si tratta di un lavoro ammirevole, frutto della sensibilità e dell'interesse dell'etnografo brasiliano per la figura singolare del conte italiano che aveva dedicato la vita all'Amazzonia. Câmara Cascudo riteneva doveroso prestare omaggio, riconoscendone i meriti, all'autore della *Leggenda dell'Jurupari* e dei *Vocabulários*, che, dopo la tragica morte nel lebbrosario di Umirizal, a Manaus, pareva essere stato dimenticato da tutti. L'opera, per la quale lo studioso brasiliano ricevette una decorazione dall'Italia, consegnatagli dall'allora Console italiano a Recife³, ha il pregio di restituire brillantemente alcuni tratti e caratteristiche del personaggio, di valorizzarne l'opera e di salvare entrambi da un probabile oblio. La passione disinteressata di Stradelli per l'Amazzonia, le sue lingue e le sue culture, evidente nelle opere citate, è giustamente sottolineata dall'autore. Tuttavia, come messo in evidenza dallo storico amazzonense Mario Ypiranga Monteiro (YPIRANGA MONTEIRO, 2004), si tratta di un quadro per molti versi lacunoso, anche e soprattutto per il fatto di essere frutto di una ricerca svoltasi a distanza - dalla città di Natal, dove Câmara Cascudo risiedeva - e basata su testimonianze quasi tutte affidate al supporto epistolare e relative a fatti e circostanze verificatesi anche quarant'anni prima.

³ La stessa venne restituita da Câmara Cascudo al Governo italiano a seguito di un episodio, avvenuto in Italia durante la seconda guerra mondiale, che causò la perdita di soldati brasiliani.

Vivendo lontano dal luogo in cui il conte Ermanno Stradelli passò più della metà della sua esistenza, l'illustre scrittore brasiliano Luís da Câmara Cascudo non poteva conoscere in dettaglio la dura esperienza per cui passò quell'italiano emigrato. Il suo libro *Em memória do Conde Stradelli (1852-1926)*, [...] rappresenta proprio per questa ragione quello che un eccelso avrebbe potuto concepire e scrivere senza l'appoggio della ricerca sul campo [...]

Monteiro si riferisce alla necessità di un'intervista a tu per tu con coloro i quali, a Tefé e a Manaus, godettero dell'amicizia di Stradelli:

Di tali persone mi viene alla memoria solo il nome del notaio e musicista di Tefé, Sr. Francisco de Lima, [...] e del comandante Praia, genitore del dr. Aldévio Praia. Senza questo tipo di appoggio per una bio-bibliografia non molto dilatata, Câmara Cascudo si servì delle informazioni (poche), richieste al governatore Álvaro Maia, delle tradizioni che circondavano la persona del poeta e ammazzone italiano e della sua stessa opera incompleta.

Gli studiosi, brasiliani ed italiani, che in seguito si sono avvicinati a Stradelli, studiandone l'opera, si sono sempre rifatti al libro *Em memória de Stradelli*, per quanto attiene alla traiettoria biografica, non ponendo mai in discussione i dati in esso contenuti. Alcune affermazioni presenti nel libro tuttavia, si sono rilevate, alla luce di ulteriori investigazioni storiografiche, incomplete e talora erronee. Mancano inoltre, nell'opera di Câmara Cascudo, riferimenti a fatti e circostanze importanti nella vita di Stradelli, come ad esempio la sua eccelsa attività di collezionista di artefatti indigeni (coronata dalle esposizioni della sua collezione, proveniente dall'Uaupés, a Belém e Rio de Janeiro, e successivamente all'Esposizione Internazionale di Saint Louis) ed il suo fondamentale ruolo in un episodio significativo della storia repubblicana del Brasile, quello dei 'deportati del Cucui'. A queste due circostanze abbiamo voluto dedicare appositi approfondimenti.

La ricognizione che ho potuto effettuare sulla stampa brasiliana dell'epoca (1880-1926), in particolare sui principali quotidiani degli Stati dell'Amazonas, del Parà e di Rio de Janeiro ⁴; i documenti rinvenuti nell'Archivio di Stato di Manaus, tra gli atti ufficiali della *Secretaria de Justiça do Estado do Amazonas* relativi ai primi decenni del XX secolo;

⁴ Questo tipo di analisi è senza dubbio oggi facilitato dagli strumenti di ricerca messi a disposizione dalle biblioteche. Si è fatto largo uso, per la ricerca condotta sui giornali d'epoca, degli archivi dell'Hemeroteca digital della Biblioteca Nacional (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>).

alcune carte trovate a Labrea, relative ad un'azione di successione, che attestano l'attività di Stradelli come avvocato ; preziosi riferimenti alla presenza di Stradelli che ho potuto riscontrare a Tefé, nel diario-giornale della Congregazione del Santo Spirito tenuto da un frate francesce (*Journal du frère Tite*); le informazioni e i punti di vista offerti, con i loro contributi inediti, dagli studiosi brasiliani ed italiani che hanno preso parte all'opera collettanea *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*: tutti questi fattori hanno contribuito ad apportare nuovi elementi e dati storiografici che integrano, e in più punti modificano, il quadro delineato da Câmara Cascudo.

Tali nuove acquisizioni permettono di ridisegnare in vari punti il tracciato biografico, ponendo in evidenza momenti di svolta e scelte consapevoli che chiariscono alcuni aspetti della personalità di Stradelli e ne rendono ancor più interessante l'itinerario esistenziale.

A tratteggiare un ritratto vivido del conte italiano contribuisce, in modo poetico, la voce dei narratori indigeni, che reca una memoria e una tradizione tuttora esistenti e arriva a illuminare, in modo per certi versi misterioso, il suo singolare profilo.

1. La giovinezza: dal “tempo sciupato” alla libertà del viaggio

Ermanno Stradelli nasce a Borgotaro (allora appartenente al comune di Piacenza, oggi in provincia di Parma) l'8 dicembre del 1852 da Francesco Stradelli e dalla nobildonna di origine scozzese Marianna Douglas Scotti di Vigoleno. È il primogenito di sette tra fratelli (Ermanno, Angelo, Alfonso) e sorelle (Bianca, Antonietta, Luisa, Gliceria). La presenza della famiglia Stradelli nella Val di Taro risale almeno al XII secolo. A partire dal 1600 è registrato, nell'albo notarile dell'Archivio di Stato di Parma, l'esercizio della professione di notaio da parte di vari membri della famiglia Stradelli. Il nonno Angelo è, nel 1820, podestà di Borgotaro. Il padre Francesco, che ricopre l'incarico di Ciambelano di Corte, nonché brigadiere delle Regie Guardie del Corpo (TRUFELLI, 2016), riceve nel 1845, da Maria Luisa D'Austria, il titolo di conte, concesso anche ai suoi figli e discendenti in linea maschile.

Ermanno studia a Pisa, presso il Collegio dell'Istituto cattolico Santa Caterina, che accoglieva anche un seminario; si iscrive nel 1872 alla facoltà di giurisprudenza

dell'Università di Siena, passando, due anni dopo, all'Università di Pisa⁵. Una memoria biografica sul fratello maggiore, scritta da Angelo Stradelli nel 1935 (di seguito citata come *Memoria*), registra come egli fosse «di vivace ingegno, poeta innato e spirito irrequieto»⁶. Adolescente, certamente si era immerso nella lettura di *Robinson Crusoe*, forse identificandosi con il protagonista, e di altri libri d'avventura e aveva sfogliato alcune delle riviste, apparse attorno al 1868-70, che avevano il viaggio come tema. Da universitario, più che per gli studi giuridici, provava attrazione per la letteratura, che aveva sempre coltivato, e per la vita avventurosa in mondi remoti e sconosciuti, tema per eccellenza delle opere di romanzieri come Herman Melville e Jules Verne, che aveva potuto leggere, se non in italiano, in francese.

Il desiderio di viaggiare e scoprire mondi nuovi, alimentato sia dalle imprese finzionali raccontate dai letterati, sia da quelle autentiche registrate nei resoconti degli esploratori, è, lungo tutto l'Ottocento, un tratto comune a molti giovani nobili e borghesi europei.

Le prime pubblicazioni di Stradelli, pur non essendo degne di particolare nota dal punto di vista letterario, rivestono grande interesse per ricostruirne l'itinerario affettivo ed esistenziale, ancor più per la scarsità di notizie su questo periodo della sua vita. A 24 anni dà alle stampe, per l'editore Marchesotti di Piacenza, il poemetto in versi *Una gita alla Rocca d'Olgisio* (1876). L'anno successivo, pubblica una raccolta di liriche in varie metriche, *Tempo sciupato* (1877). In entrambe le opere, che tratteremo più estesamente nella seconda parte, sono presenti tracce della sua inquietudine e delle sue aspirazioni più profonde, di un'insoddisfazione per il quotidiano alla quale fa da contrappunto lo slancio dell'immaginazione e dell'ispirazione creativa.

Nello stesso anno della pubblicazione del primo poema interrompe gli studi all'Università di Pisa. Dalla memoria del fratello Angelo sappiamo che, tornato a Borgotaro, aveva comunicato alla famiglia la sua decisione di seguire le orme degli esploratori italiani in Africa. La madre, rimasta vedova nel 1870, aveva manifestato la più viva contrarietà alle intenzioni annunciate dal primogenito, contrarietà che immaginiamo possa essersi intensificata quando la scelta finale del giovane cadde su una destinazione ancor più remota e meno conosciuta, in Italia, dell'Africa: l'Amazzonia. Già da tempo gli

⁵ Tali informazioni sono registrate nella cartella n. 2478, intestata ad Ermanno Stradelli, della Regia Università di Pisa, Facoltà di Giurisprudenza.

⁶ Si tratta di una nota dattiloscritta inviata dal conte Angelo Stradelli, il 29 agosto del 1935, all'Archivio Comunale di Piacenza.

esploratori italiani frequentavano il continente africano, oggetto delle mire espansionistiche del Regno; delle loro imprese in Africa avevano scritto, tra gli altri, Orazio Antinori, Pellegrino Matteucci e Carlo Piaggia, e molto probabilmente Stradelli aveva avuto contatto con le loro relazioni.

Dell'Amazzonia invece pochi italiani avevano raccontato, e, per restare all'Ottocento e al periodo che precedeva la partenza di Stradelli, si potevano menzionare Agostino Codazzi (1793-1859), che aveva studiato accuratamente la geografia della Colombia e del Venezuela, e Gaetano Osculati (1808-1894), che, nella sua discesa dal Pacifico all'Atlantico lungo il fiume Napo e il Rio delle Amazzoni, aveva attraversato i territori brasiliani. Nonostante fossero note le ricchezze naturali e le potenzialità economiche della regione amazzonica, l'Italia non riusciva ad assicurare una propria presenza nell'area, e, sul primo numero del *Bollettino della Società Geografica*, il Presidente Negri aveva lamentato l'assenza di una nave italiana alla cerimonia di apertura del Rio delle Amazzoni alla navigazione internazionale (1866). Può darsi che il giovane Stradelli avesse accompagnato questo dibattito, presente sulla stampa dell'epoca, e che facesse propria l'idea dell'opportunità di imprese italiane d'esplorazione in quell'area geografica. Certamente una qualche influenza sulla sua scelta dovevano averla esercitata anche le notizie che giungevano, nella sua città, dai missionari piacentini di stanza nell'Amazzonia brasiliana. Con essi, come vedremo, egli intratterrà relazioni amichevoli e di collaborazione.

Va poi ricordato che ci troviamo tuttora nell'epoca del viaggio naturalistico, animato dal desiderio di un'espansione della conoscenza scientifica ed etnografica, e che la foresta amazzonica, percorsa da Alexandre Von Humboldt tra il 1799 e il 1804⁷, a leggere le magnifiche pagine che questi ne aveva tratto, poteva sembrare una destinazione interessante tanto quanto l'Africa. Humboldt tuttavia non era neppure entrato in Brasile; Osculati si era limitato a percorrerne il fiume maggiore, attraversando il continente sudamericano da ovest a est. Vi era dunque forse l'aspettativa, da parte di Stradelli, di poter essere uno dei primi della sua epoca a narrare di paesaggi, fiumi e foreste altrettanto maestosi e meravigliosi di quelli descritti dal naturalista tedesco.

Come il caso di Humboldt ben mostrava, le competenze e le conoscenze che un esploratore doveva possedere erano ampie e molteplici: vi erano, al di là delle qualità

⁷ Humboldt aveva esplorato l'Alto Rio Negro, ma non era entrato nel territorio brasiliano.

dell'uomo di scienza, quelle del letterato, dell'artista, del filosofo. Il giovane Stradelli, consapevole di tali esigenze ed abbastanza sicuro dei suoi talenti letterari, sa che deve mettersi in pari per quanto riguarda le discipline scientifiche. Il biennio 1876-1878 è dunque interamente dedicato alla preparazione al viaggio, da autodidatta, attraverso lo studio intensivo dei saperi indispensabili: corografia e idrografia amazzonica, cartografia, geologia, entomologia, botanica, farmacia - con una netta predilezione per l'omeopatia - tecniche della fotografia. Studia inoltre lo spagnolo e il portoghese. Se non era raro all'epoca il fai-da-te nella preparazione alla 'carriera' di viaggiatore-naturalista, la formazione di Ermanno sembra però avvenuta in modo decisamente solitario, se comparata a quella di suoi contemporanei che, alla vigilia di un viaggio, entravano innanzitutto in contatto con gli esponenti della comunità scientifica nazionale, responsabili di musei ed altre istituzioni culturali, per riceverne indicazioni ed orientamento⁸. Forse tale impressione è semplicemente dovuta al fatto che non vi è traccia di contatti di Ermanno con istituzioni scientifiche e accademie, né con esploratori e viaggiatori più esperti che avrebbero potuto guidarlo e sostenerlo in questa fase.

Interessante è, sul motivo della scelta, l'opinione di Câmara Cascudo, secondo il quale furono le storie, le leggende e gli incanti associati, fin dal tempo della conquista, al Rio delle Amazzoni, a decidere il giovane per la destinazione brasiliana⁹. Il Brasile era inoltre uno dei primi approdi di Robinson Crusoe, che, dopo varie peripezie, si ritirava per lunghi anni in una delle isole del delta dell'Orinoco, altra meta futura dei viaggi di Stradelli.

In effetti, considerato il suo profilo, più artistico che scientifico, più intuitivo che sistematico, è abbastanza probabile che motivazioni aliene al campo dell'utile e del razionale, legate alla sua indole profonda e al suo immaginario, avessero un ruolo decisivo nel determinare i suoi itinerari.

⁸ Si veda ad esempio il caso di Elio Modigliani (...), futuro esploratore di Sumatra e di altre isole del sud-est asiatico.

⁹ CÂMARA CASCUDO, Luís, "O rio Amazonas, povoado de lendas, de histórias, de encantamentos, é a suprema atração". *Em memória ... cit*, p. 22.

Figura 2 - *Ermanno Stradelli, s.d.*

Archivio di Filippo Bassi. Cortesia G. Bartolini

2. L'arrivo in Amazzonia e le prime spedizioni fluviali

I viaggi del primo periodo (1879-1884) sono brevemente ripercorsi dallo stesso Ermanno Stradelli alla vigilia della sua partenza per la spedizione alle sorgenti dell'Orinoco, in una lettera inviata a Giuseppe dalla Vedova, segretario generale della Società Geografica Italiana. Dalla Vedova aveva chiesto al neo-esploratore di riassumere, per i lettori del Bollettino, le sue precedenti esperienze in Amazzonia. Per l'importanza del documento, si ritiene utile riportarne integralmente il testo ¹⁰, di cui alcuni brani verranno ripresi, per maggiore facilità nella lettura, nei successivi paragrafi.

¹⁰ Nelle trascrizioni di lettere di Ermanno Stradelli, lungo tutta la tesi, si è riportato il testo originario, senza correzioni né per quanto attiene all'ortografia, né per quanto attiene ai nomi delle località brasiliane, scritti in una maniera non più attuale. Tra le parentesi quadre si sono talora inserite, in corsivo, informazioni che completano il senso della frase. In altri casi, laddove le parole manoscritte siano illeggibili, come purtroppo si è spesso verificato, si sono inserite parentesi quadre con punti di sospensione; laddove siano di dubbia interpretazione, nelle stesse parentesi figura una delle letture possibili.

24/1/87 Piacenza

Prof. Gentilissimo,

Ho ricevuta sua gentilissima a Genova al momento di venire a Piacenza a salutare i miei, ecco perchè non ho risposto subito. Il timbro [*della Spedizione alle sorgenti dell'Orenoco*] è già arrivato e caso mai lo riporto insieme colla pelle non mancherò di consegnarlo a lei che spero vorrà fargli fare una piccola campana di vetro ad hoc perché si conservi ai posteri ammiratori. E adesso vuole un rapido schizzo dei miei viaggi? "E perché no".

Il 3 aprile 1879 partivo da Bordeaux diretto a [Rio] terminatomi un mese circa seguendo diretto alle Amazzoni e arrivavo al Parà il 22 giugno se non mi inganno e alla metà di luglio ero a Manaus e colla metà del mese d'agosto filavo per il Purus in compagnia di frati missionari, volevo vedere come ci si doveva prendere per trattare a vivere cogli indigeni. Feci quindi il Mamorià Miry e l'Ituxy e da questo ritornai nell'ottobre dopo aver naufragato perso tutti gli strumenti roba a [dolarsi] molto con larga e gentile ospitalità del colonnello Labre stabilito al Purus e occupato ad estrarre la gomma elastica.

Ritornai a Manaus e di lì nell'Yipua presso il sig. Francesco Ventilari, un nostro viareggino, dove aspettai che d'Italia mi venissero danari e strumenti. Arrivati nel maggio 80 era nel luglio a Fonteboa da dove mi spostavo fino a Loreto, quindi rimontavo il Juruà dove mi fermavo qualche mese dal Conte Alessandro Sabbatini per conoscere sul posto l'estrazione della gomma elastica. Ritornavo sulla fine dell'anno a Manaus e quindi nel Juruà con l'intenzione di rimontarlo ma preso dalle febbri nell'aprile dell'81 riero a Manaus da dove appena rimesso rimontavo il Rio Negro entravo nel Wapès rimontavo il Tikiè e ritornava a Manaus verso la fine dello stesso anno deciso a tornare in Europa, ma incontrata la Commissione pei confini tra Venezuela e Brasile che si rimetteva al lavoro invitato ad unirmi a loro, certamente en amateur, feci il Padauiry, il Marary e la settimana di passione dell'82 eravamo sul monte Guai colla catena di Paracaima affamati in [...] nell'orizzonte formando angolo colla serra Parima l'una al N.N.O e l'altra all'est come un verde mare in burrasca fermato istantaneamente un [...] estensione di terreno [...] rotto qua e là da strisce luminose riflettendo il sole di tra le folte foreste il castagno il Giurupary e forse l'Orenoco le cui fonti venendo dall'Est a [...] i monti di Tamaquarè, a destra subito alle nostre spalle [Taparepecò] e poi [Caratana] con catene di monti isolati nella pianura [...]

Qualche cosa di splendido, di straordinario in forma, è lassù che mi è venuta la prima volta l'idea della esplorazione che ora sto per intraprendere abbenché il mio primo ingresso nella valle dell'Orenoco sia stato contrassegnato colla fame. Il giorno prima di Pasqua avevamo in tutto una latta di sardine da dividere in quattro e fu servita con un po' di farina di mandioca per pranzo e colazione, un po troppo leggera però. Alla fine di maggio eravamo ancora a Thomar ma prima di giugno a Carvoeiro e verso la metà dello stesso mese nel Rio Branco, qui inutilizzato e stanco lasciai la Comissione posi al [...] delle prime cascate ritornando a Manaus e di là di nuovo sul Wapès rimontando questa volta il Japò e l'Apapury ritornando verso la prima metà dell'83 preso da febbre e dissenteria mi fermai a Manaus da dove ancora malato disperando quasi di guarire mi portai a Itaquatiara e di là nelle foci del Madeira nell'Autazes. Rimesso completamente e tornato a Manaus fui con direttore del Museo Botanico della stessa città nel Jauapery a far la pace coi Chiriscianà che da circa vent'anni ne impedivano il libero accesso ai civilizzati (?) e obbligavano il [...] a tenervi una piccola stazione navale per impedir loro le scorrerie che da qualche anno spargevano il panico nel Rio Negro da Carvoeiro ad Airão. Finita felicemente questa missione senza che nessuno ci avesse lasciata la

pelle ad onta dei tristi pronostici fatti alla nostra partenza mi preparava ad intraprendere una esplorazione per terra da Manaos al Rio Branco onde poterne utilizzare per le città le ricche praterie dove oggi si sono moltiplicati in libertà o quasi le vacche postevi dai pastografi ma allo ultimo momento fallitomi il disegno e i mezzi su cui contavo mi servirebbero a tornare in Italia dove arrivavo alla fine dello stesso anno 84.

È contento così? I dati sono sufficienti? I Bollettini me li spedite qui a Piacenza che mia madre me li consegnerà. Arriverò [...] da Genova.

Una stretta di mano e sono Suo sempre,
Ermanno Stradelli

Il viaggio transoceanico realizzato nell'aprile del 1879, a 27 anni, aveva come tappe intermedie, tra le altre, Rio de Janeiro, capitale dell'Impero del Brasile, e Belém. Quest'ultima, raggiunta nel giugno del 1879, era il più importante ed evoluto centro urbano del nord del paese. Al contrario Manaus, dove Stradelli giungeva nel mese di luglio, era ancora poco più di un paese e contava circa diecimila abitanti. Solo nel 1850 la Provincia dell'Amazonas era stata resa indipendente dalla Capitanía del Gran Pará e Manaus, capitale del nuovo Stato, era ancora in fase di edificazione: le strade iniziavano a ricevere la pavimentazione, l'illuminazione a cherosene ad essere sostituita da quella più moderna che utilizzava il sistema glass-glob; il palazzo della Camera, l'ospizio e la *Capela dos Remédios* erano in via di costruzione. Vi erano inoltre gravi problemi sociali, come l'analfabetismo e la scolarizzazione precaria, la crescente immigrazione dal nord-est a causa della siccità, le ricorrenti epidemie di vaiolo, la condizione degli schiavi, le incursioni di alcune etnie indigene (BRAGA, 2016).

Da Manaus, il viaggiatore partì quasi subito per il Rio Purus, in compagnia di frati francescani italiani. È estremamente interessante la motivazione di questa escursione, espressa chiaramente nella lettera: «volevo vedere come ci si doveva prendere per trattare a vivere cogli indigeni». La connotazione antropologica del suo viaggiare ne è già, embrionalmente, delineata. Lungo l'affluente Ituxy, in un naufragio, perde tutti gli effetti personali e la costosa attrezzatura fotografica e geodetica. Riceve assistenza ed ospitalità dal Colonnello Labre, *seringalista* e fondatore della città di Lábrea, ed è durante la sosta obbligata che ha modo di leggere l'opera indianista *A Confederação dos Tamoyos*, di Domingos Gonçalves de Magalhães. Restandone favorevolmente colpito, concepisce l'idea di tradurla in italiano.

L'esperienza del naufragio, avvenuta nel suo primo viaggio d'esplorazione, ci fa pensare ad una sorta di iniziazione, ad un rituale necessario per poter far ingresso nel

mondo misterioso della foresta equatoriale. Da Manaus, dove è costretto a tornare, si reca nel Juruá, ospite di Francesco Ventilari, in attesa di ricevere dall'Italia le risorse economiche e gli strumenti necessari per poter continuare le sue esplorazioni. Possiamo dedurre, da una sua lettera posteriore alla Società Geografica (22/10/88), quali essi probabilmente fossero: il sestante, l'orizzonte artificiale a specchio, livelli a bolla d'aria, l'ipsometro, il barometro, la bussola tascabile.

Dal maggio al luglio dell'80 risale il Solimões, passando per Tefé, Coari, ed arrivando a Fonte Boa; si spinge sino alla cittadina colombiana di Loreto. Rimonta poi il Juruá, affluente del Solimões, dove si ferma a lungo presso la residenza del conte Alessandro Sabbatini per studiare il processo d'estrazione del lattice, allora in forte espansione, in tutte le sue fasi produttive. Questa permanenza sarà significativa anche per un'altra ragione: è Sabbatini ad instillargli la passione per lo *nheengatu*, *língua geral* parlata dagli indios della regione amazzonica, conosciuta anche come tupi del nord, che lo accompagnerà per tutta la vita. Rientrato a Manaus alla fine del 1880, si dirige di nuovo al Juruá (inizio del 1881) con il progetto di risalirne il corso, ma le febbri malariche lo costringono ad abbandonare l'impresa. È nel corso di questo secondo viaggio che compone, in italiano, il poema *Eiara*, ispirato alla leggenda amazzonica della *Iara*, conosciuta anche come "madre delle acque" (Cap. II.2).

Nello stesso anno, intraprende la sua prima spedizione al fiume Uaupés, affluente del Rio Negro, percorrendo in piccole imbarcazioni (*ubás*), accompagnato da rematori indigeni, gli affluenti Tiquié e Japô. Di tale viaggio, che tanta importanza ebbe per lui, racconterà solo dieci anni più tardi nell'articolo *L'Uaupés e gli Uaupés* (Cap. III.2) destinato ad accompagnare, a mo' di introduzione, la sua *Leggenda di Jurupari*. È interessante qui riportare un passo di tale articolo: «L'Japô è un piccolo affluente di destra, quasi insignificante; non lo rimontai che per la curiosità di conoscere il maggior paié [*pajé*] dell'Uaupés, il Cristo Vicente».

L'autore ci segnala così che, nella scelta degli itinerari, non si propone solo obiettivi geografici o naturalistici, ma anche antropologici, come in questo caso in cui a guidarlo è l'interesse per un luogo sacro, la *Payé-tendaua* (terra del *pajé*), presso la quale i viandanti, che si recano in pellegrinaggio, lasciano al *pajé* le loro offerte.

Si conferma così quella curiosità etnografica di cui si è detto, che va oltre gli interessi prevalenti nell'allora nascente scienza antropologica italiana. Questa, il cui massimo esponente era il medico Paolo Mantegazza (1831-1910), fondatore del Museo di

Antropologia ed Etnologia di Firenze, s'incentrava sullo studio delle differenze morfologiche degli esponenti di popolazioni indigene, da studiare come ultimi esemplari di un'umanità primitiva e in via d'estinzione, secondo una lettura darwinista della storia.

Per Stradelli, sono soprattutto i dati culturali ad importare, gli usi, i costumi e le cosmogonie degli autoctoni, nelle loro espressioni materiali ed immateriali. Il fatto di viaggiare in modo indipendente, assumendosi integralmente oneri, costi, responsabilità, successi ed insuccessi delle proprie imprese, fa sì che possa scegliere le sue mete in base ai propri interessi ed alla propria curiosità intellettuale, potendosi soffermare sugli aspetti linguistici, letterari e antropologici, che maggiormente lo attraggono. Da un lato i miti, la tradizione orale, la cosmologia; dall'altro gli artefatti, le armi, gli ornamenti, gli strumenti musicali, che proprio nel corso delle sue escursioni nell'Uaupés inizia a raccogliere e che comporranno un'interessantissima collezione etnografica (Cap. I. 5). In occasione della prima "Esposizione Antropologica" organizzata dal Museo Nazionale di Rio de Janeiro nel 1882, Stradelli donerà all'istituzione alcuni ornamenti degli indigeni tucano (*Gazeta das Notícias*, 13/05/1882). Ha inoltre modo di notare, sin dal primo viaggio, sulle rocce che costeggiano il fiume, grandi iscrizioni (*itacoatiaras*) che lo incuriosiscono moltissimo e che riproduce in dettaglio sui suoi album.

L'area dell'Alto Rio Negro e dell'Uaupés, per il fatto di essere contraddistinta da un intenso plurilinguismo e da una ricca tradizione orale, era oggetto delle ricerche di altri studiosi, tra i quali i brasiliani João Barbosa Rodrigues, Antonio Brandão de Amorim e Maximiano José Roberto (indigeno d'origine tariana), che Stradelli conobbe e con i quali intrattenne relazioni di collaborazione più o meno intensa, attorno agli interessi comuni. Con Maximiano (cui si riferisce come "Max"), la cui cultura e levatura intellettuale stimava sinceramente, stabilì una profonda amicizia, che culminò nelle vicende legate al manoscritto all'origine della *Leggenda del Jurupari* (Cap. IV.1).

Di questi primi viaggi (1879-1881), che, al tempo del loro accadere, si svolgono ancora in una dimensione individuale, svincolata da relazioni istituzionali, sappiamo, dal fratello Angelo (*Memoria*, cit.) e dalla sorella Gliceria Stradelli in Santoro, che inviava dettagliate descrizioni alla madre, accompagnate da fotografie e disegni. Sfortunatamente, tale prezioso epistolario non è stato conservato.

Alcune rare fotografie di paesaggi dell'Uaupés e di indigeni tariana realizzate negli anni 1880-1881 sono inserite nell'album di famiglia tenuto da Gliceria, che si è potuto

osservare in riproduzione (Figg. 3 e 4) e che il discendente Filippo Bassi custodiva in originale¹¹.

Apprendiamo, da una lettera di Ermanno, di poco precedente la sua partenza per il Venezuela, che aveva realizzato due “libretti”, probabilmente da divulgare tra i suoi conoscenti, uno sull’Uaupés ed uno sull’Apapury, e che li avrebbe spediti appena possibile, assieme ad alcune fotografie, alla Società Geografica. Tuttavia, negli archivi di quest’ultima non constano né i primi né le seconde.

Figura 3 - E. STRADELLI, *Beju-Apapury* (1881)

Archivio di Filippo Bassi. Cortesia G. Bartolini

¹¹ Al momento di questa ricerca, essendo deceduto Filippo Bassi, si è contattata la figlia, Giovanna Bassi, residente a Firenze. La signora Bassi ha lamentato il fatto che i documenti custoditi dal padre Filippo e relativi al prozio Ermanno Stradelli, gentilmente messi a disposizione in occasione di una esposizione in Colombia, non fossero più stati restituiti.

Figura 4 - E. STRADELLI, *Indios tariano*

Archivio di Filippo Bassi. Cortesia G. Bartolini

3. Viaggi al seguito delle missioni ufficiali, rientro in Italia e nuove esplorazioni

Nel 1882, su invito dell'ingegnere e militare Dionisio de Castro Cerqueira, accompagna, come *attaché en amateur*, la Commissione Brasiliana per i Limiti con il Venezuela, iniziando a familiarizzarsi con il tema dei confini tra il Brasile e gli altri stati dell'America meridionale, che lo accompagnerà a lungo. Si tratta della prima spedizione ufficiale cui prende parte; altre seguiranno e, in virtù di ciò, acquisterà una certa notorietà, a Manaus e Belém, come esploratore. La Commissione si disloca tanto via terra, studiando regioni di frontiera ancora inesplorate, quanto lungo le vie fluviali, navigando il Padauri e Marari. Attraverso il fiume Castanho, raggiunge il Cerro Guai. È nel corso di questa

escursione, e precisamente nell'atto di ammirare, dalla vetta di quel monte, «uno dei più splendidi panorama che io m'abbia mai visto» comprendente la catena di Paracaima, la Serra Parima, i fiumi Castanho, Giurupary e Orenoco, che Stradelli concepisce la futura esplorazione alla ricerca delle fonti dell'Orinoco: «Qualche cosa di splendido, di straordinario in forma, è lassù che mi è venuta la prima volta l'idea della esplorazione che ora sto per intraprendere abbenché il mio primo ingresso nella valle dell'Orenoco sia stato contrassegnato colla fame» (Lettera del 24/01/87, *cit.*)

Dionisio Cerqueira, con il quale instaura una duratura amicizia, avrebbe rappresentato per l'italiano, secondo Câmara Cascudo, un esempio da seguire: forte, coraggioso, colto, fautore dell'abolizione della schiavitù, sa relazionarsi amichevolmente con gli indigeni, ne conosce gli usi, i costumi e la tradizione orale, domina perfettamente lo *nheengatu*. È inoltre esperto di idrografia e Stradelli gli riconosce il merito di aver scoperto una via di comunicazione tra l'Orinoco ed il Rio Negro, attraverso il Cassiquiare. Dopo una sosta a Thomar e Carvoeiro, che il nostro giudica probabilmente troppo lunga («alla fine di maggio eravamo ancora a Thomar»), le strade si dividono: la Commissione continua per il Rio Branco mentre Stradelli, sentendosi «inutilizzato e stanco» rientra a Manaus per prepararsi ad una nuova spedizione all'Uaupés. Quest volta, rimonta il fiume sino a Jauareté-*cachoeira*; percorre l'affluente Apapuri sino a Piraquara, e torna a visitare il Tiquié - lungo il quale si trovano vari insediamenti di indigeni tucano - assieme al missionario Venanzio Zilochi, suo conterraneo. Sfortunatamente, le febbri e la dissenteria lo costringono a tornare a Manaus, da dove, senza ancora essersi rimesso, parte per Itacoatiara (1883), città dal clima più salubre, e Autazes, alla foce del fiume Madeira, principale affluente di destra del Rio delle Amazzoni.

Nuovamente a Manaus, e nutrendo il progetto di rientrare in Italia per terminare gli studi di giurisprudenza, ne viene distolto dall'invito rivoltogli dal Presidente della Provincia dell'Amazonas, José Lustosa da Cunha Paranaguá, a prendere parte ad una missione di pacificazione degli indigeni waimiri del fiume Jauaperi, guidata dal naturalista João Barbosa Rodrigues. Quest'ultimo si trovava a Manaus come direttore del neo-istituito Museo Botânico do Amazonas, che tardava ad avviare le proprie attività per mancanza di risorse finanziarie. In questa situazione d'attesa e di scarsa operatività nelle sue nuove funzioni, aveva offerto al governo la sua disponibilità a coordinare una spedizione di pacificazione degli indigeni waimiri atroari del Jauaperi, da lui denominati «crichanás» (*infra*, Cap. III.3).

Stradelli ritiene l'occasione imperdibile e si unisce, come fotografo amatore, alla missione. La breve spedizione (29 marzo-17 aprile 1884) sarà d'importanza fondamentale per l'italiano, offrendogli l'occasione di un'esperienza sul campo completamente differente dalle precedenti: avrebbe infatti avuto luogo infatti un incontro memorabile, tra indigeni ancora allo stato nomade, profondamente segnati dai tragici contatti avuti sino ad allora con i bianchi, ed un indigenista ante-litteram come Barbosa Rodrigues. Quest'ultimo, pur aderendo alle finalità proprie del governo della Provincia, che erano quelle della catechizzazione e dell'assimilazione degli indigeni, mostrava di possedere la competenza, intuizione e sensibilità, necessarie al delicato processo di avvicinamento e alle prime, fondamentali interazioni su base non violenta. La missione, conclusasi positivamente con la nuova amicizia instaurata dai membri della missione con i crichanás, dimostrava la brutalità, l'inefficacia e la stupidità dei metodi utilizzati sino ad allora dai bianchi, come sottolinea Câmara Cascudo:

[...] avevano cercato di "addomesticare" i Crichanás, incendiandogli le capanne, violentando le donne, rapendo i bambini e trucidando gli uomini. Dallo scontro tra il fucile e la freccia venne l'antico odio che Barbosa Rodrigues riuscì ad attenuare con doni, gesti affettuosi ed un avvicinamento amorevole. (CÂMARA CASCUDO, 1936, p. 26, *trad. nostra*).

Molto succintamente Stradelli rammenta tale esperienza, nella sua sintesi del 1887, per il Segretario della Società Geografica:

Rimesso completamente e tornato a Manaus fui con il direttore del Museo Botanico (sic) della stessa città nel Jauapery a far la pace coi Chiriscianà che da circa vent'anni ne impedivano il libero accesso ai civilizzati (?) e obbligavano il [...] a tenervi una piccola stazione navale per impedir loro le scorrerie che da qualche anno spargevano il panico nel Rio Negro da Carvoeiro ad Airão. Finita felicemente questa missione senza che nessuno ci avesse lasciata la pelle ad onta dei tristi pronostici fatti alla nostra partenza mi preparava ad intraprendere una esplorazione per terra da Manaus al Rio Branco [...]. (Lettera del 24/01/87, cit.).

È interessante, in queste poche righe, il modo come l'autore sottolinea le misure decise dagli indigeni del Jauapery nei confronti dei bianchi, ovvero il fatto chiudere loro l'accesso al fiume, ed il punto interrogativo con cui accompagna il participio 'civilizzati', con ciò insinuando un dubbio circa l'appropriatezza dell'uso di tale termine.

Di questa spedizione Stradelli dirà estesamente solo cinque anni più tardi, nell'articolo *Rio Branco* (1889); tuttavia farà di essa uno straordinario resoconto

iconografico con le fotografie, realizzate sul campo ed in tempo reale, che documentano i momenti principali dell'incontro degli indigeni con i 'pacificatori' (Cap. III.3). Si tratta d'immagini di un'eccezionale rilevanza storica, che diedero però ben poca notorietà al loro autore: egli non veniva infatti neppure menzionato, come autore dei negativi originali, nel volume *Le pays des Amazones*, del Barone di Sant'Anna Nery (1885), nel quale figuravano varie illustrazioni della spedizione, eseguite a partire dagli scatti realizzati dal conte italiano. Le fotografie della 'pacificazione' furono esposte, da Barbosa Rodrigues, presso il Museo Botanico di Manaus, inaugurato nel febbraio del 1884.

Nel mese di agosto Ermanno Stradelli torna per la prima volta in Italia. Vi resterà due anni e mezzo: il tempo di concludere gli studi giuridici e di progettare il suo ritorno in Amazzonia. È molto visibile il filo che lo mantiene legato, durante questo soggiorno, alla sua esperienza in Brasile: nel 1885 pubblica, per l'editore Vincenzo Porta di Piacenza, *La confederazione dei Tamoi. Poema epico*, versione italiana dell'opera indianista di Domingo Gonçalves de Magalhães, e il poema *Eiara: leggenda Tupi-Guarani*.

Anche la sua tesi di laurea, intitolata «*Se le nazioni civili abbiano o no il diritto di appropriarsi territori occupati da popoli barbari*», ci riporta all'esperienza avuta oltre oceano. Difesa il 17 dicembre del 1885, con il giurista Carlo Francesco Gabba¹² come relatore, consiste in un interessante studio di natura teorica che, alimentato dall'esperienza personale del suo autore, s'inserisce nel dibattito dottrinario internazionale. Pur non avvalendosi di esempi concreti, la monografia reca gli echi della realtà conosciuta da Stradelli nel corso dei suoi viaggi d'esplorazione. In particolare, gli avvenimenti ai quali prende parte nel corso della spedizione di Pacificazione dei Chrichanás, l'opportunità di constatare con i propri occhi l'effetto disastroso della violenza esercitata dai 'civilizzati', il contatto umano con gli indigeni che, ritenuti feroci, si rivelano disposti ad convivenza pacifica, e addirittura amichevole, con i bianchi, le probabili conversazioni con Barbosa Rodrigues sulle strategie da utilizzare nel contatto e sulle finalità dell'approssimazione avevano certamente influito sulla scelta del tema della tesi. Stradelli si dedica, nella monografia, ad esaminare i concetti di occupazione e possesso della terra, in modo dialettico rispetto a quello, proprio della tradizione giuridica occidentale, di proprietà. L'enfasi posta sul possesso effettivo del territorio, fonte per gli

¹² Gabba era all'epoca professore di Filosofia del diritto. Alcuni concetti sviluppati da Carlo Francesco Gabba, come quello di diritti acquisiti e della retroattività delle leggi, hanno avuto influenza sul Codice civile brasiliano del 1916.

indigeni del proprio sostentamento, e l'allusione ad una via alternativa al concetto occidentale di proprietà, anticipano una discussione che diverrà centrale nel secolo successivo, tanto in ambito filosofico quanto in ambito giuridico e politico.

Nello stesso anno partecipa al VI Congresso Internazionale degli Americanisti, a Torino, con un contributo sui petroglifi amazzonici: alle incisioni su pietra riscontrate durante i suoi viaggi nell'Uaupés attribuisce il significato di una vera e propria scrittura convenzionale, ovvero di un sistema di comunicazione tra tribù indigene (Cap. III.2). La maggior parte degli studiosi riteneva invece che si trattasse di semplici forme primitive d'arte o diversione; secondo il racconto dello stesso Stradelli, le sue interpretazioni non conformi all'opinione prevalente furono accolte con una certa contrarietà dal qualificato uditorio del Congresso. Si tratta ad ogni modo, per quanto ci è dato sapere, della sua prima apparizione pubblica come cultore di questioni americane e ci segnala un cambiamento nel suo atteggiamento nei confronti delle proprie ricerche in Amazzonia.

A Genova, dove fa pratica d'avvocatura presso lo studio Orsini, stringe amicizia con Augusto Serra dei Duchi di Cardinale, marchese e militare, con il quale condivide la passione per le esplorazioni, tanto da coinvolgerlo nel suo nuovo progetto di viaggio. Pensa ad un'impresa ambiziosa e di natura eminentemente geografica: la scoperta delle sorgenti dell'Orinoco, che molti avevano tentato senza successo. Imponente corso d'acqua che attraversa l'intero territorio del Venezuela, l'Orinoco era stato meta, sin dal periodo della conquista, di numerose spedizioni, tra cui quella dello spagnolo Francisco de Orellana nel 1535, motivate anche dalla ricerca della leggendaria Manoa, la città dell'oro.

Nel mese di maggio del 1885, i due entrano in contatto con la Società Geografica Italiana, richiedendone il patrocinio all'impresa:

Genova, 11 maggio 1885

Preg. sig. Presidente della Società Geografica Italiana, abbiamo deciso d'intraprendere un viaggio d'esplorazione di cui l'itinerario sarebbe il seguente. Risalire l'Orinoco fino alle sue sorgenti e determinarne esattamente la posizione geografica. Traversare ed esplorare la Sierra di Parima, dove probabilmente le dette sorgenti si trovano, discendere per il Rio Branco, Rio Negro, e finire alle Amazzoni. Il viaggio sarà fatto totalmente a nostre spese, e siccome nei paesi in cui andremo l'unica probabilità di riuscita è l'essere in pochissimi, noi abbiamo deciso di essere noi due solamente e nessun altro, in quanto poi alla scorta di formazione all'ultimo momento pigliando esclusivamente degli indiani.

Ci siamo rivolti per informazioni alla Reale Società Geografica Inglese, come quella che ha già fatto intraprendere viaggi nelle regioni circonvicine, ma nello stesso tempo sentiamo vivamente il bisogno di avere anche i consigli di cotesta illustre Società. Sarebbe stata una mancanza da parte nostra se per un viaggio a cui ogni invito e incoraggiamento è poco non ci fossimo rivolti a quella società che potrebbe per diritto offendersi se non l'avessimo fatto. Nella speranza di avere il vaglioso aiuto della Società che ella tanto degnamente presiede e pregandola per ragioni che Ella facilmente potrà capire a non volere, per il momento, rendere di pubblica ragione il nostro progetto, ci diciamo con tutto l'ossequio e la stima della S.V. i devoti servi

Augusto Serra di Cardinale, Ermanno Stradelli

Figura 5 - Lettera di Stradelli e Serra al Presidente della SGI

369 Genova 10 Maggio 1885
 Preg. sig. Presidente della Società
 Geografica Italiana, abbiamo deciso di
 intraprendere un viaggio d'esplorazione,
 di cui l'itinerario sarebbe il seguen-
 te.
 Visitare l'Arcipelago fino alle sue estremità,
 e determinarne esattamente la po-
 sizione geografica. Traversare ed e-
 splorare la Terra di Paraima, do-
 ve probabilmente le dette sorgenti
 si trovano, discendere per il
 Rio Branco, Rio Negro, e finire alla
 Amazzoni.
 Il viaggio sarà fatto totalmente a
 nostra spese, e siccome nei paesi
 in cui andremo l'unica probabilità
 di riuscita è l'essere in pochi giorni

Figura 6 - Lettera di Stradelli e Serra al Presidente della SGI - continuazione

così abbiamo avuto di vedere noi due per diritto appartenere a non la-
 sciammo e veduto altro; in qua vedemmo fatto
 to poi alla sorta di formidabile Nella speranza di avere il re-
 all'ultimo momento pigliando e gl'ho visto dei consigli della
 esclusivamente degli Italiani. Società che alla Santa Regina
 Le siamo rivolti per informazione presiede, e pregandola,
 siamo alla Reale Società Geografica per ragioni che ella facilmente
 l'inglese, come quella che ha già potuto capire, a non voler, per
 fatto incomprensibile viaggi nella il momento, render di pubblica
 ragioni incourriere; ma nella tua ragione il nostro progetto, e
 tempo abbiamo veramente il b. Divano con tutti i obbligo e
 siamo di avere anche i consigli la ella
 di intesa illustre Società. Sa-
 rebbe stata una manovra in
 parte nostra, se per un viag-
 gio a cui ogni sorta di incog-
 giamento e poco, non si fattimo
 rivolti a quella Società che poteva

Della S. D. T. Arcid. Serri
 Augusto Serra di Cardinale
 Emilio Stradelli
 Per l'indirizzo
 Augusto Serra di Cardinale
 Emulo Serri Cavallieri - Genova

Archivio Sociale © Società Geografica Italiana

Diversamente da quanto affermato nella *Memoria* del 1935 da Angelo Stradelli, ripreso da Câmara Cascudo e dato per buono da tutti gli studiosi che si sono occupati del viaggiatore, si tratta del suo primo approccio in assoluto al sodalizio geografico, come mostrato da Nadia Fusco dopo un attento spoglio delle lettere e dei documenti relativi a Stradelli disponibili negli archivi della Società (FUSCO, 2016). Nel 1879 dunque, Stradelli era partito senza il patrocinio della Società o di altre istituzioni scientifiche, a titolo puramente individuale e privato. Più tardi, quando entrerà a far parte di quest'ultima e verrà ufficialmente presentato sulle pagine del Bollettino come viaggiatore esperto e conoscitore dell'Amazzonia, quindi persona adatta a compiere l'impresa che la Società poneva sotto i propri auspici, non mancherà una nota critica dell'editore sul disinteresse dimostrato sino a quel momento dal neo-socio verso la divulgazione delle precedenti esplorazioni:

Il conte Stradelli è preparato di lunga mano ai viaggi in quei territori. Egli vi soggiornò già parecchi anni e vi compì una serie di escursioni, specialmente nella regione brasiliana, alle quali, per essere geograficamente importanti, mancò solo la pubblicità, di cui lo Stradelli si curò, a dir vero, troppo poco finora. Ad assicurar loro questo pregio basterebbero le sole indicazioni da lui fornite verbalmente circa molti particolari che sono o sbagliati o mancanti anche nelle migliori carte attuali (BSGI, 1887, pp. 354-356)

È in effetti significativo il fatto che, rientrato in Italia dopo le prime esplorazioni in Amazzonia, Stradelli si fosse dedicato prevalentemente a perfezionare e pubblicare le opere letterarie concepite e iniziate durante i suoi viaggi, tralasciando di divulgare, sotto forma di articoli o di monografie scientifiche, gli esiti delle spedizioni condotte in regioni del Brasile ancora in parte inesplorate e di sicuro interesse per il pubblico italiano.

4. Orinoco, Purus, Uaupés

Rispetto all'isolamento che aveva caratterizzato la fase preparatoria al suo primo viaggio in Amazzonia, e alla scarsa divulgazione che aveva dato alle sue spedizioni nell'entroterra, riscontriamo, a partire dalla ripresa dei suoi studi in Italia, un'accresciuta consapevolezza rispetto ai suoi interessi ed alle sue imprese di viaggiatore, unita ad una maggiore concretezza, che lo spinge a cercare il riconoscimento ed il supporto dell'istituzione italiana di riferimento per le imprese geografiche e le esplorazioni. Interessante al riguardo la sua lettera al Segretario Generale della Società Geografica, Giuseppe Dalla Vedova¹³:

S.D. [*presumibilmente gennaio 1887*]

Prof. Gentilissimo,

la partenza è sempre fissata per il 4 del prossimo mese [febbraio] e vanno quindi tantissimi ringraziamenti a lei se volesse affrettare la spedizione delle raccomandazioni del Ministro degli Esteri perchè potessero precedermi di qualche giorno, partendo il 22 del presente. Io sono impegnatissimo per finire i bagagli quindi mi scusi se non le mando molto

¹³ Giuseppe dalla Vedova (1834-1919), professore di Geografia all'Università di Roma, fu Segretario generale della Società geografica italiana dal 1877 al 1896, Segretario onorario della stessa tra il 1896 e il 1900, ed infine Presidente, dal 1900 al 1906.

pel momento, visto che i libretti del Wapés e dell'Apapury non mi sono ancora venuti sotto mano, ma glieli spedirò insieme ad alcune fotografie prima di partire indubitabilmente. Le inoltro la lettera firmata da me e da Serra, che spero vorrà avere la bontà di passare lei in Direzione. Io non ho tempo per scrivergli. Una stretta di mano e sono Suo [...] Ermanno Stradelli

L'adesione di Serra, che avrebbe condiviso i costi dell'impresa, rendeva inoltre la stessa maggiormente realizzabile. Nel gennaio del 1887, la spedizione è posta sotto gli auspici della Società Geografica italiana; Serra e Stradelli sono ammessi come soci. Il 4 febbraio quest'ultimo parte da Marsiglia, con il vapore Lesseps, diretto al Venezuela.

Questo secondo movimento dall'Italia all'Amazzonia rende evidente il forte richiamo esercitato su Stradelli dalla vita del viaggiatore, «l'unica vita possibile» nelle sue stesse parole (Lettera a Dalla Vedova del 30/08/88). Nonostante la conclusione degli studi, l'avvio alla professione d'avvocato, le attrattive di una città stimolante e culturalmente ricca come Genova, le aspettative dei suoi per una permanenza in Italia, la scelta cade nuovamente sulla vita avventurosa e imprevedibile, sul fascino dei fiumi immensi, delle foreste misteriose, delle popolazioni amerindie.

Sbarcato nel porto di La Guaira, convinto che Serra lo raggiungerà poco dopo portando con sé gli strumenti necessari, nel mese di marzo è a Caracas. Qui viene ricevuto dal Presidente della Repubblica Gusman Blanco, che si rende disponibile a facilitare la spedizione con le autorizzazioni e le lettere di raccomandazione necessarie. Da Trinidad raggiunge Puerto d'Espanã, poi si ferma a Ciudad Bolívar in attesa del compagno. In questo frangente riceve la notizia che l'esploratore Jean Chaffanjon avrebbe appena rinvenuto le sorgenti dell'Orinoco; non ritiene tuttavia veritiere le affermazioni del francese, e si predispone a partire da solo, occupandosi di tutti gli aspetti pratici del viaggio (Cap. III.1).

Si era preparato all'esplorazione leggendo avidamente i resoconti di tutte spedizioni avvenute lungo l'Orinoco, sin dai tempi della conquista, oltre alle relazioni dei lavori per la delimitazione dei confini tra le colonie portoghesi e spagnole in America Latina. Senza il compagno e con un equipaggio indigeno insoddisfacente per quanto riguarda la gestione dell'imbarcazione a vela, affronterà un itinerario fluviale accidentato e difficile, per i molti vortici e le rapide: quello che da Porto Samuro, passando per Maipures e per il Vichada, conduce a São Fernando de Atabapo. In questa località, essendo

ormai certo che Serra non lo raggiungerà, abbandona, per mancanza di mezzi, l'impresa, con l'intenzione di ritentarla in seguito a partire dal Rio Branco.

Decide di tornare a Manaus scendendo il Rio Negro, viaggio che per le condizioni del fiume nel periodo estivo e la difficoltà della navigazione si rivelerà più lungo del previsto. Raggiunge, il giorno di Natale, Yavita; il giorno di Capodanno del 1888 varca la frontiera tra il Venezuela e il Brasile e si ferma un mese a Cucuí, posto militare di confine, nella casa del tenente A.J. Barbosa, suo conoscente, in attesa di mezzi di trasporto. All'inizio di febbraio inizia la discesa del Rio Negro, nel corso della quale fotografa villaggi abbandonati e semi deserti, pur essendo stati, non molto tempo prima, sedi di missioni abbastanza floride e popolate. Sosta a Vista Alegre, poi a fine febbraio è finalmente a Manaus. Di questo lungo viaggio, oltre alle immagini fotografiche custodite negli archivi della Società Geografica, possediamo i dettagliati resoconti che inviò a Dalla Vedova e che furono pubblicati nel Bollettino¹⁴: *Dall'Isola Trinidad ad Atures; Da Atures a Maypures; Da Maypures a Cucuhy; Da Cucuhy a Manaos* nel triennio 1887-1889. C'è da ritenere che questa lunga e faticosa spedizione, oltre ad essere fonte di delusione per Stradelli dal punto di vista delle sue ambizioni geografiche, ne avesse anche prosciugato le risorse finanziarie, come possiamo desumere da quanto da lui stesso raccontato al Segretario Generale della Società in una lettera dell'agosto del 1888, sotto riportata.

Subito dopo il suo rientro a Manaus, riceve l'invito del maggiore Jacques Ourique a prendere parte ad una spedizione al Rio Branco, con l'obiettivo di valutare l'opportunità di fondarvi colonie militari¹⁵. Il gruppo parte il 10 maggio da Manaus e arriva il 5 giugno a Boavista (Roraima); in seguito visita le *fazendas nacionais* di São Marco, São Bento e São José, nella regione chiamata Campos, che si estende sulla riva destra del Rio Branco sino al fiume Urariquera. È solo dopo la conclusione di questo viaggio, rientrato a Manaus, che Stradelli organizzerà il resoconto completo della spedizione geografica iniziata a La Guaira, per inviarlo alla Società Geografica.

La lettera del 30 agosto 1888 con cui Stradelli accompagna l'invio alla Società della sua relazione sul viaggio al Rio Branco è di fondamentale importanza per comprendere le condizioni – tanto economiche, come psicologiche - in cui versava il viaggiatore. Per i numerosi elementi significativi che contiene si ritiene utile trascriverla integralmente:

¹⁴ Si vedano *Nell'alto Orenoco*, Società Geografica Italiana Editore, Roma, 1888 e *Dal Cucuhy a Manaos*, Società Geografica Italiana Editore, Roma, 1889, pubblicati *in separata*.

¹⁵ Il viaggio è raccontato in *Rio Branco*, Società Geografica Italiana Editore, Roma, 1889.

Manaus, 30/08/88

Prof. Gentilissimo,

eccole come le avevo promesso nella ultima mia il Rio Branco. Alla prossima occasione le rimetterò il Uaupés che non aspetta che di essere [...] e pulito. Ho ricevuto il fascicolo di giugno del Bollettino di cui la ringrazio come pure dei bollettini trascorsi.

Una lettera del Marchese Doria mi è arrivata in un momento in cui [...] finanziarie mi facevano temere di dover abbandonare questa vita, l'unica che per me sia possibile e mi ha fatto nascere un'idea che voglio sottoporle acciò me ne sappia dire qualche cosa. Doria mi chiede pipistrelli, per me una piccola cosa [...] gli rimetterò ciò che chiede annotando solo il rimborso delle spese di trasporto e di vaglia. Ma se queste domande fossero molte e potessi esser certo di piazzare le cose raccolte e collezionate (*sic*) nei vari musei nostri o europei credo che potrei seguitare a viaggiare fino che volessi senza lottare colle noiosissime questioni finanziarie. Che ne dice? Trovando buona l'idea la pregherei di volermi mandare una lista delle persone a cui mi dovrei dirigere, se non volesse e ciò mi sarebbe di molto maggior vantaggio, incaricarsi lei stesso di avvertirli perché si dirigessero a me per queste forniture. Desidererei mi facessero nel medesimo tempo le condizioni e le indicazioni necessarie. Lei ci pensi e me ne dica qualche cosa. In ogni modo le assicuro che non mi darò battuto tanto presto e malgrado tutto ho da seguitare a viaggiare. Scusi della seccatura, mi voglia bene e mi creda

Suo affettuosamente,

E. Stradelli

Figura 7 - Lettera di Ermanno Stradelli al Segretario della SGI - particolare

Archivio Sociale © Società Geografica Italiana

In questa lettera, scritta su carta intestata con il timbro confezionato dalla Società per la spedizione alla ricerca delle fonti dell'Orinoco, e indirizzata al Segretario generale traspaiono, come in nessun'altra comunicazione epistolare, aspetti intimistici del vissuto del viaggiatore. Certamente era nata tra quest'ultimo e Dalla Vedova una relazione amichevole, che consentiva il tono informale della comunicazione ed un certo abbandono confidenziale. Oltre a rivelare le proprie angustie finanziarie, e soprattutto la preoccupazione di non poter proseguire quella vita che per lui era «l'unica possibile», Stradelli vuole condividere, con l'amico che certamente avrebbe potuto consigliarlo per il meglio, un'idea pratica, ovvero quella di iniziare a raccogliere esemplari naturalistici su commissione dei musei, ricavandone un guadagno.

Sappiamo, da varie menzioni contenute nei suoi resoconti, che sin dai primi viaggi aveva imbalsamato uccelli e raccolto vari animali tropicali, tra cui piccoli caimani che riponeva in contenitori di vetro sotto alcool. Probabilmente però lo aveva fatto senza uno

scopo preciso e senza intenti commerciali. Anche se non è stato possibile individuare copia della risposta di Dalla Vedova alla missiva, si ritiene che quest'ultimo avesse incoraggiato Stradelli ad intraprendere quell'attività, per la circostanza che, in una lettera successiva, quest'ultimo ringrazia il Segretario di avergli inviato delle «schede», da utilizzarsi, presumibilmente, per accompagnare gli esemplari raccolti.

L'elemento tuttavia che ci pare di maggior interesse nella comunicazione risiede nel fatto di definire la sua vita di viaggiatore come «l'unica possibile»: in tale affermazione ci pare di sentire non il volontarismo di una scelta, ma piuttosto una constatazione e per certi versi un destino ineluttabile. Conclude la lettera dicendo «malgrado tutto ho da seguire a viaggiare». In questo «malgrado tutto» possiamo leggere le difficoltà, gli ostacoli, le frustrazioni, le delusioni, a cui quella vita lo esponeva. Nell'espressione seguente, è ribadito il carattere *necessario*, inevitabile del suo peregrinare. Qualche mese dopo, il 20 ottobre del 1888, raccontava i suoi progetti di viaggio a Dalla Vedova, dal quale attendeva strumenti importanti per le sue esplorazioni: «Colla fine dell'anno faccio conto, appena abbia ricevuto gli strumenti, di ritornare al Rio Branco e andarmi a mettere o tra i Macuxy o tra i Porocotò e colà studiare il mezzo di percorrere la Parima e discendere l'Orenoco fino al Cassiquiare e di là ritornare a Manaus [...]».

Non aveva quindi messo da parte il suo sogno di raggiungere le sorgenti dell'Orenoco a partire dalla Serra Parima e sapeva che solo gli indigeni della regione, unici veri conoscitori della geografia di quelle terre, avrebbero potuto indirizzarlo in modo da poter compiere l'impresa. Aggiungeva una nota sulle sue condizioni economiche: «Io sono a corto è vero ma in un modo o nell'altro me la cavo un po' fotografo, un po' imbalsamatore, un po' negoziante trovo sempre il mezzo di andare avanti che la salute non manca e poi niente paura».

Due mesi dopo, nel dicembre del 1888, è effettivamente in viaggio, ma non alla volta della Serra Parima: ha preferito, forse per il mancato arrivo degli strumenti e per questioni finanziarie, il Purus, che navigherà per lunghe estensioni spingendosi anche lungo il fiume Acre. Nel mese di marzo del 1889 esplora gli affluenti Sepatini e Azimá Igarapé, visitando alcuni villaggi di indios Apurinã. Di questo viaggio, che durerà circa dieci mesi, lascia un bellissimo reportage fotografico, ma non un resoconto (Cap. III.4).

Nel 1890 e 1891 ritorna a viaggiare per la terza volta nell'Uaupés, in compagnia dello studioso tariano Max José Roberto. La predilezione per questa meta poteva attribuirsi, tra le altre cose, al fatto che la regione dell'Alto Uaupés pareva essere poco

investita dalle conseguenze della modernizzazione, anche per ragioni oggettive, come la difficoltà della navigazione dell'alto corso del fiume; i suoi abitanti conservavano gli usi e i costumi dei propri ascendenti e ciò rappresentava, per i ricercatori interessati all'antropologia, un elemento di grande attrazione.

Nel corso di quella spedizione, anche grazie all'amico indigeno, Stradelli vedrà rivelata la chiave dei simboli grafici individuati nei petroglifi che aveva studiato e riprodotto dettagliatamente nelle sue precedenti esplorazioni. Avrà così modo di confermare la sua interpretazione delle *itacoatiara* come un sistema di comunicazione scritta utilizzato dagli indigeni nelle loro peregrinazioni. Tale scoperta è narrata nell'articolo *Iscrizioni Indigene nel Rio Uaupés* (1900). Inoltre in questo viaggio termina il riconoscimento del fiume alla bussola, percorrendolo per più di 700 Km.

Lo scritto *L'Uaupés e gli Uaupés* (1890), ricco di vivaci descrizioni della natura, degli uomini e dei loro costumi, è frutto in gran parte di osservazioni e circostanze relative ai suoi viaggi anteriori nella regione (1881 e 1882); esso, a detta dell'autore, ha soprattutto il fine di accompagnare un testo per lui molto importante, la *Leggenda del Jurupari* la cui prima parte è pubblicata nello stesso volume del Bollettino. Era stato Max José Roberto, in un gesto di grande amicizia e fiducia, a fargli dono di un prezioso manoscritto in nheengatu, contenente il ciclo completo del mito di Jurupari da lui raccolto presso varie comunità indigene tariano. Stradelli, che da tempo ne ricercava una versione autentica, non contaminata da interpretazioni strumentali, ne era stato entusiasta ed aveva deciso di tradurlo in italiano (Cap. II.6).

5. A Belém e Rio de Janeiro per le esposizioni etnografiche

È possibile inoltre che, nel corso del suo terzo viaggio all'Uaupés, Stradelli avesse acquisito ulteriori artefatti ed incrementato la propria raccolta etnografica. Nel mese di novembre del 1891 infatti espone a Belém, nella sede del *Diario Oficial*, la sua collezione proveniente dall'Uaupés. Con l'occasione viene stampato il *Catalogo da Collecção Etnographica proveniente do Rio Uaupés e Affluentes*, nel quale sono elencate e descritte in dettaglio le 189 classi di artefatti indigeni che costituiscono la raccolta. Accompagna il catalogo una prefazione di Bertino da Miranda Lima, allora direttore della Biblioteca pubblica del Pará, il quale si riferisce al proprietario della collezione come «illustre amico» e «intrepido viaggiatore».

Nel dare notizia dell'arrivo a Belém di Stradelli, il giornale *A provincia do Pará* (24/10/1891) lo definisce «uno dei più notevoli ed apprezzati esploratori dell'Alto Amazonas». All'evento la stampa locale dedica ampi articoli, menzionando anche una proposta di vendita della collezione, per 12:000\$000 (dodici milioni di reis), fatta da Stradelli al Governo del Pará.

Viene messa in risalto dai giornalisti l'unicità della raccolta (*O Democrata*, 15/11/1891), in particolare per quanto riguarda alcuni artefatti di particolare rilevanza antropologica: gli ornamenti e gli strumenti musicali legati ai grandi *dabucury* e alle feste in onore di Jurupari; il flauto ricavato dalle ossa del nemico, trofeo di guerra sul quale sono incise linee trasversali in numero equivalente agli avversari uccisi; gli scudi ricoperti di pelle di tapiro e giaguaro; gli oggetti utilizzati nelle cerimonie funerarie e nella preparazione della bevanda rituale alla quale erano unite le ossa dei defunti polverizzate. La maschera sacra di Jurupari, collocata al centro dell'esposizione, veniva ritenuta «l'oggetto di maggior pregio della collezione, non solo per l'alto valore morale ad essa inerente, come pure per la sua rarità e difficoltà di acquisizione» (*ibidem*).

Alla luce di quanto esposto in precedenza, possiamo ritenere che il tentativo di mantenersi con la rimessa di esemplari naturalistici ai musei italiani ed europei non avesse avuto successo e che il viaggiatore si trovasse nella condizione di dover cedere una raccolta preziosa, che per lui doveva possedere anche un altissimo valore simbolico e affettivo. L'eco dell'esposizione arrivò a Rio de Janeiro, come apprendiamo dal *Diário do Comércio* del 2 dicembre del 1891, nel quale compare una breve nota relativa al Pará: «il conte Ermanno Stradelli inaugurò nella capitale un'esposizione di splendida varietà di oggetti indigeni che collezionò nella regione amazzonica dell'Uaupés. L'esposizione fu visitata dal Governatore dello stato e da molte persone invitate dal sig. Stradelli».

L'aver realizzato tale esposizione a Belém e non a Manaus, la visita del Governatore dello stato all'inaugurazione, la stessa proposta di vendita della collezione, ci fanno pensare a relazioni con il mondo politico e culturale paraense più strette e frequenti di quanto non appaia dai dati biografici conosciuti e dalle fonti documentali disponibili.

Figura 8 - E. Stradelli, *Catalogo da Collecção Ethnográfica*

Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional

Direttamente dal Pará, con il vapore S. Salvador, Stradelli, portando con sé l'intera collezione etnografica, approda il 21 dicembre del 1891 a Rio de Janeiro, per preparare l'esposizione della medesima raccolta al Museu Nacional. L'inaugurazione, di cui dá notizia il *Diario do Comércio* (18/01/1892), si tiene in un annesso del museo, una casa ubicata al numero 50 della Rua do Visconde do Rio Branco, messa a disposizione dal suo direttore, João Baptista Lacerda, e appositamente preparata per l'esposizione.

La mostra è definita «importantissima» dal giornalista, che ne dà una descrizione sintetica: si tratta di circa 200 specimen, molto variati ed in grande parte sconosciuti al pubblico brasiliano, di oggetti di uso religioso e domestico appartenenti ad indigeni di regioni sino ad allora pressoché inesplorate. Vi è anche un'osservazione di ambito museologico: «tutta la mostra è ben disposta in una vasta sala e può essere ben apprezzata dai visitatori, avendo come ha, un catalogo ben organizzato, nel quale tutti gli oggetti sono dovutamente descritti e spiegati, il loro uso e nome». Si rileva qui un aspetto distintivo dell'iniziativa: l'esposizione mostra al pubblico usi, costumi, artigianato e produzione artistica indigena non trascurando, attraverso il catalogo, di illustrarli e spiegarli in

dettaglio. Nella pubblicazione vengono inoltre introdotte diverse lingue indigene, dato che è spesso fornita la denominazione di uno stesso oggetto presso vari popoli e in vari idiomi.

È rilevante la circostanza per la quale, al fine di ottenere l'autorizzazione all'uso dello spazio, il direttore del Museu Nacional aveva dovuto inoltrare una richiesta formale al ministro degli interni - riportata nell'articolo citato - nella quale sottolineava il pregio della collezione ed il proprio desiderio, come studioso e come responsabile dell'istituzione, di favorire l'iniziativa:

Sr. Ministro – trovandosi in questa capitale il conte Stradelli, con una notevole collezione etnologica, formata in alcuni anni di permanenza tra gli indigeni del Uaupés, che abitano all'estremo settentrione del Brasile, in regioni in cui quasi nessun uomo civilizzato aveva prima di lui neanche posato la vista, e desiderando quell'esploratore presentare al nostro pubblico quelle curiosità, di cui tanto si occupa il Museo, e per il cui studio m'interesso in modo particolare, ho ritenuto di non dovermi sottrarre a questo desiderio dell'audace esploratore, cedendogli per questo una delle sale ultimamente annesse al Museo : e tanto più ansiosamente l'ho fatto nella speranza che il patriottismo filantropico di chi lo possa impiegare in favore degli studi dei nostri indigeni, venga in ausilio degli sforzi che non cesso di compiere per il progresso di tali discipline, nella convinzione che è urgente prenderle a cuore, se non vogliamo che scompaiano le ultime vestigia di una razza che si estingue [...]

L'esposizione a Rio de Janeiro e l'interesse con cui fu accolta dal responsabile della principale istituzione museale del paese e dalla stampa ci pare un dato molto significativo, che dimostra, oltre al pregio della collezione in sé, l'unicità del lavoro di Stradelli volto allo studio, alla raccolta e alla divulgazione tanto degli oggetti della cultura materiale degli indigeni, quanto del patrimonio immateriale – leggende, rituali, miti – ad essi legato. È il conte italiano a rivelare al Brasile una parte fondamentale delle proprie radici, quella inerente alle proprie ricchissime e variegate culture amerindie.

In seguito, nel 1904, la sua collezione etnografica proveniente dall'area dell'Uaupés sarà acquistata dal Governo dell'Amazonas, come risulta dalle scritture contabili dello Stato, probabilmente per il valore richiesto nel 1891, ovvero 12 milioni di reis (12 *contos de reis*), equivalenti a 525 libbre oro. Risulta infatti, nel *Relatório da divida do Estado do Amazonas*, il pagamento ad Ermanno Stradelli, nel marzo del 1905, di una somma a saldo per la vendita di una collezione etnografica pari a 6 milioni di reis (Fig. 9).

La raccolta non sarebbe stata acquisita per un gesto di generosità verso il collezionista in difficoltà economiche, ma per un'esigenza precisa, quella di poterla utilizzare in occasione della grande esposizione internazionale che si sarebbe tenuta a Saint Louis, negli Stati Uniti ed in altre manifestazioni dello stesso tenore. Nell'ambito della *Louisiana Purchase Exposition*, la collezione rappresentò la principale attrattiva delle sale antropologiche del padiglione brasiliano (Fig. 10), come risulta dalla documentazione dell'evento¹⁶.

Figura 9 - *Relatorio da dívida do Estado do Amazonas, 1905.*

CREDORES	Origem do credito	Auctorisação	IMPORTANCIA		Total de cada exercício
			Parcial	Total	
<i>Transporte.....</i>				684:681\$107	2.649:949\$638
Estevam L. Fortes Castello Branco,	Primeiro estabelecimento...	17-- 4-905		700\$000	
Juiz de Direito.....	Idem idem.....	24-- 4-905		300\$000	
Elviro Dantas Cavalcante, Promotor	Venda de uma collecção eth-			6:000\$000	
Ermanno Stradelli (saldo).....	nographica.....	31-- 3-905			
Edgard Pereira Saldanha.....	Requisição para a Directoria	22-- 2-905		500\$000	
	de Estatística.....				
Estevam de Sá Cavalcante de Albu-	Indemnisação de obras.....	2-- 5-905	4:000\$000		
querque (saldo).....	Porcentagem na execução da				
O mesmo.....	Companhia do Amazonas.....	11-- 4-905	11:175\$519	15:175\$519	
Emygdio José Ló Ferreira (saldo)...	Boeiro na rua Wilkens Mattos	10-- 5-905		11:794\$210	
Empreza do «Amazonas».....	Publicações.....	3-- 4-905		2:000\$000	
Feliciano de Souza Lima.....	Requisição.....	9-- 3-905		1:000\$000	
Francisco José dos Santos.....	Reparos na Recbedoria em				
	Janeiro e Fevereiro.....	3-- 3-905		2:201\$000	
Francisco Manoel de Oliveira.....	Concertos em carros de Pa-				
	lacio em Janeiro.....	6-- 4-905	1:231\$000		
O mesmo.....	Idem idem idem em Fever.º	6-- 4-905	1:966\$000	3:197\$000	
Francisco Coelho.....	Obras no reservat.º do Mocó	13-- 2-905		1:725\$300	
F. N. Santos.....	Fornecimento á lancha «Pen-				
	sador» em Janeiro.....	11-- 4-905	148\$500		
O mesmo.....	Idem idem idem em Fever.º	19-- 4-905	24\$200	172\$700	
F. R. de Queiroz.....	Idem ao Saneamento, Janei.º	15-- 3-905		111\$000	
Francisco Mentor de Vasconcellos.	Subvenção da linha do Cam-	24-- 4-905	10:000\$000		
	nocim, Março.....		10:000\$000	729:557\$836	2.649:949\$638

Fonte: Hemeroteca Digital Biblioteca Nacional

Anche in assenza di qualsiasi menzione ad Ermanno Stradelli come creatore della collezione, che viene attribuita esclusivamente al Governo dell'Amazonas, non vi sono dubbi circa l'origine di questa, in base alla descrizione contenuta nella pubblicazione *Brazil at the St. Louis exposition*:

State Government. Amazonas - Collection of Indian Articles of the tribes of the Uaupes River and its Tributaries.

¹⁶ Si veda il catalogo relativo al padiglione brasiliano all'esposizione, disponibile on line: <https://ia801409.us.archive.org/16/items/brazilatlouisian00loui/brazilatlouisian00loui.pdf> consultato in data 10/03/2018.

This collection contains 189 different varieties of articles in ceramics, household goods, ornaments, furniture, arms for sport and war, hunting and fishing, fishing traps, hammocks, Shields, tools, funeral urns, canoe, wooden vessels for the fermentation of beverages, poison, rosins, tobacco, fibres stone articles, musical instruments, fishing nets, utensils, and some photographs showing the manner of living and type of some of the Indians of the State¹⁷. (SOUZA AGUIAR, p. 154).

La collezione di Stradelli si componeva esattamente dello stesso numero di classi di oggetti, appartenenti agli ambiti indicati nella descrizione. Nella fotografia della sala del padiglione brasiliano dedicata all'antropologia (Fig. 10), è dunque immortalata tale raccolta. Sono chiaramente visibili, sul lato sinistro dell'immagine, varie maschere sacre, alcune delle quali appartenenti al rituale del Jurupari. La scelta del Governo amazzonense di acquistare tale collezione e di presentarla in un'occasione internazionale di rilievo come l'esposizione in Louisiana, conferma il pregio e l'unicità di tale insieme di artefatti.

Figura 10 - Sezione antropologica dell'esposizione dello Stato dell'Amazonas

Brazil at the Louisiana Purchase Exposition © University of California Libraries

¹⁷ Governo dello Stato dell'Amazzonia – Collezione di articoli indiani delle tribù del fiume Uaupés e affluenti. Questa collezione contiene 189 diverse varietà di articoli in ceramica, oggetti domestici, ornamenti, mobiliario, armi per lo sport e la guerra, la caccia e la pesca, trappole per la pesca, reti, scudi, strumenti, urne funerarie, canoe, vasi di legno per la fermentazione delle bevande, veleni, resine, tabacco, articoli in fibra di pietra, strumenti musicali, reti da pesca, utensili, ed alcune fotografie che mostrano il modo di vivere ed alcuni tipi di indiani dello stato [*trad. nostra*].

Alla luce di questa circostanza - ovvero l'identico numero di specimen elencati nel catalogo del 1891 e presentati nella coeva esposizione a Belém da un lato, e costanti nella pubblicazione relativa alla mostra antropologica dello stato dell'Amazonas nella fiera internazionale a Saint Louis dall'altro - riteniamo improbabile che, come di recente sostenuto da Loredana Nelli Dias (2016), parte della collezione (70 pezzi), dopo le esposizioni a Belém e a Rio de Janeiro, fosse spedita in Italia per essere inclusa nell'Esposizione delle Missioni Cattoliche Americane realizzata a Genova nel 1892. Ci sembra più plausibile l'ipotesi che la collezione proveniente dall'Uaupés - del cui valore, anche economico, Stradelli era consapevole - non venisse smembrata e che oltreoceano fosse inviato un insieme di oggetti più ristretto e presumibilmente meno pregiato, in considerazione dei rischi dovuti al viaggio e del fatto che il prestatore non sarebbe stato presente nella fase dell'allestimento né all'inaugurazione della mostra. Pensiamo che l'attuale raccolta custodita oggi presso il Castello di Rivalta dal pronipote Orazio Zanardi Landi, di circa 60 oggetti, parte dei quali ancora recante le etichette originali dell'Esposizione, composta in gran parte di ornamenti - diademi e copricapi plumari, adorni per il collo e per le braccia, *tangas*, collane, tra cui una *itá-tuxáua*, ovvero la pietra cilindrica portata dai capi dell'Uaupés - , strumenti musicali a fiato e percussione, fosse stata messa insieme per l'occasione da Stradelli, riunendo articoli che possedeva in buon numero. Non figurano d'altra parte, nel gruppo di artefatti esposti al pubblico nel museo del Castello di Rivalta, oggetti legati direttamente ed esclusivamente alle feste rituali in onore di Jurupari, come le maschere di peli di scimmia (*macacaráua*) e i grandi flauti ottenuti dalla palma *paxiúba*, più rari e di maggior valore. Tale ipotesi può spiegare inoltre il fatto che gli oggetti spediti per l'Esposizione di Genova, dopo la conclusione di questa, non venissero richiesti indietro dal prestatore e fossero rimasti in Italia. Ancora alle soglie del '900, secondo la viaggiatrice e scrittrice Gemma Ferruggia, Stradelli, alloggiato presso il nuovissimo Hotel Cassina, nel centro di Manaus, avrebbe stipato la propria stanza e finanche il sottoscala, dei pezzi etnografici raccolti durante i suoi viaggi.

6. Con i deportati del Cucuí

Nello stesso anno, Stradelli riveste un ruolo fondamentale nell'episodio dei «deportati del Cucuí» (*desterrados do Cucuí*) accompagnando lungo il Rio Negro un gruppo di oppositori politici di Floriano Peixoto, condannati da questi al confino al Cucuí e in altre località in Amazzonia. Peixoto, vice-presidente nel governo guidato dal maresciallo Deodoro da Fonseca, assunse il potere nel 1891, a seguito delle dimissioni di quest'ultimo, instaurando, in violazione della Costituzione, un regime dittatoriale intollerante nei confronti di qualsiasi opposizione. Del gruppo destinato al Cucuí, facevano parte, tra gli altri il giurista José Joaquim Seabra, animatore della rivolta contro il vice-presidente, il Conte di Leopoldina, José do Patrocínio, Manoel Lavrador ed il Colonnello Alfredo Ernesto Jacques Ourique, già compagno di viaggio di Stradelli.

Quest'ultimo, su sollecitazione del governatore dell'Amazonas Eduardo Ribeiro (BRAGA, 2016) accompagnerà i deportati sino a Santa Isabel (Rio Negro), e contribuirà, grazie alle sue relazioni con gli abitanti della regione, in particolare con gli indigeni, ad evitarne il difficile viaggio di risalita dell'Alto Rio Negro, di per sé rischioso, verso la destinazione finale del Cucuí, luogo del confino (definito dalla stampa «anticamera dell'inferno») dove i deportati avrebbero patito stenti gravissimi e forse trovato la morte. La brillante narrazione di tale vicenda offerta da Jacques Ourique, nel febbraio del 1905, sul *Correio da manhã* di Rio de Janeiro, ci offre elementi preziosi sul ruolo e la persona di Stradelli, e riteniamo utile riportarne ampi stralci.

Nel porto di Manaus, a bordo della gabbia che li doveva portare Santa Isabel, ultimo punto della navigazione fluviale a vapore, attendeva taciturna l'ora della partenza la turba dei deportati del Cucuí, quando videro - sorpresi perché erano loro interdette le comunicazioni con l'esterno - dirigersi verso la nave ed attraccare una lancia che portava il conte Stradelli. Stradelli, illustre e distinto cavaliere italiano, allora corrispondente della *Sociedade de Geographia de Roma* ed esperto esploratore delle regioni amazzoniche, conoscitore dei vari dialetti indigeni e molto ben voluto in tutto lo stato, era mio amico sin dalla commissione nella quale fui mandato all'Alto Rio Branco da uno degli ultimi governi della monarchia, nella quale volontariamente e gratuitamente mi accompagnò. Dopo l'effusione dei primi abbracci, lo allontanai da me con entrambe le mani sulle sue spalle e, parlandogli più con lo sguardo che con la parola, per il fatto di trovarci sotto la pressione di occhi indagatori, gli chiesi:

- Vuoi accompagnarmi in questa nuova commissione al Cucuí? - Sì.

- È la verità – Fà in modo che il vapore ritardi la partenza di un'ora, e sarò qui, pronto a partire. – E la licenza? – Sono certo di ottenerla dal Governatore. [...]

Un'ora dopo, tornava Stradelli con la necessaria autorizzazione, e immediatamente, eretta l'ancora, dirigemmo la prua amonte. Ritirati, io e il conte, nella mia cabina, gli esposi in poche parole il mio piano, che lui già aveva previsto. [...] Dal nostro viaggio all'Alto Rio Branco era sorta, tra noi, un'intima amicizia ed una reciproca consonanza di sentimenti (*Correio da manhã*, 6/02/1905, p. 1)¹⁸.

Tale intima amicizia, affinità di intenti e complicità, sarà essenziale alla riuscita del piano, ovvero all'evitamento del confino dei deportati nel posto militare di Cucuí, che Stradelli conosceva bene per avervi sostato lungamente all'inizio del 1888, di ritorno dalla sua spedizione lungo l'Orinoco.

Gli dissi, allora: che non potevamo andare al Cucuhy, che lui poteva constatare che vi erano compagni, nel gruppo dei deportati, come il vecchio Barreto, Patrocinio, Seabra, Campos da Paz e Leopoldina, per i quali il viaggio e la permanenza in quel luogo sarebbero stati la morte certa; che era necessario evitare ciò a tutti i costi e solamente lui poteva farlo, precedendo il comandante della scorta, non appena apportassimo a Santa Isabel, e facendo sì che questo ufficiale non incontrasse la necessaria conduzione. Che ciò gli sarebbe stato facile, ancor più perché, utilizzando i dialetti indigeni, poteva, anche a vista del comandante della scorta, preparare le cose.

Stradelli, come era naturale, accettò immediatamente la generosa incombenza, esigendo, tuttavia, che tutti i deportati fossero ascoltati al riguardo. Ci riunimmo, senza destare sospetti (già allora eravamo controllati solo da soldati dell'esercito) e il nostro piano fu accettato, restando Patrocinio ed io incaricati, di fronte alle difficoltà che sarebbero nate a Santa Isabel, di cercare di convincere il comandante del fatto che dovesse comunicare al Governo le difficoltà della sua situazione e chiedere provvidenze. Guadagnare tempo sarebbe stata la salvezza.

Tessuta la cospirazione attendemmo, naturalmente ansiosi, la sua esecuzione. In qualsiasi punto ci fermassimo, per le necessità della navigazione, Stradelli era il primo a dirigersi agli índios, che, in canoa, si accostavano alla nave e con loro conversava in língua, al fine di preparare il terreno per la scena finale della tragi-commedia nella quale, infelicamente, rappresentavamo il ruolo di vittime. Alla fine venne il giorno in cui ancorammo a Santa Isabel (*ibidem*).

A Santa Isabel, cittadina del medio Rio Negro, il compito di Stradelli era dunque quello di evitare che il comandante trovasse i mezzi e gli uomini per continuare la risalita del fiume. Il vapore non poteva infatti proseguire oltre e si sarebbe dovuto ricorrere a

¹⁸ Traduzione nostra, come per le citazioni successive.

canoe remate da indigeni. Tuttavia, per il fatto che il comandante sbarcò assieme a Stradelli, i deportati temettero il peggio:

Il conte ed il comandante sbarcarono l'uno dopo l'altro. È facile immaginare l'ansietà e l'angoscia nella quale restammo. A quel punto nessuno nutrì più illusioni sul viaggio al Cucuhy e sulla nostra permanenza in quel luogo, saggiamente e lungimirantemente scelto per falciare vite e alleviare il governo dall'importuna opposizione [...]

Il percorso lungo, estenuante, pericoloso del tratto pieno di cascate del Rio Negro, che avremmo dovuto attraversare in canoa, per più di un mese; la vita selvaggia trascorsa nel piccolo spazio di queste imbarcazioni, dove la mancanza di comodità, la cattiva alimentazione, le cattive dormite, lo sconforto inevitabile, irritano, tanto che il minor e più banale pretesto è motivo per discussioni aspre e accuse violente; tutto ciò, ed in più la certezza che l'allontanamento materiale implicava un ritardo della corrispondenza, di notizie da parte della famiglia, di nuove sulla direzione degli affari pubblici; tutto ciò ci rendeva apprensivi e taciturni (*ibidem*).

Cionostante, grazie alla sua familiarità con gli abitanti del luogo e alla sua padronanza dello nheengatu, il conte italiano ebbe la meglio e riuscì ad evitare la continuazione del viaggio:

Circa un'ora dopo torno il comandante della scorta. Mi diressi a lui. Seppi, allora, che il degno ufficiale lottava con le maggiori difficoltà per lo svolgimento della propria missione. Non vi erano mezzi di trasporto. Né imbarcazioni, né gente per remare. Lo stesso sotto-delegato del luogo glielo aveva dichiarato perentoriamente [...] (*ibidem*).

La presenza e l'esperienza di Stradelli furono importantissime anche su un altro piano, ovvero quello quotidiano della ricerca di rifugi dove i deportati potessero accamparsi e dell'approvvigionamento di vettovaglie:

Già di ritorno, Stradelli continuò a terra con il comandante al fine di preparare un piccolo accampamento che si trovava di fronte al porto nel quale stavamo ancorati, appartenente ad un suo amico, perché lì potessimo aspettare la decisione del *supremo gobierno do paiz*. L'accampamento fu ottenuto. Lì fummo trasferiti (*ibidem*).

Fu in questa boscaglia meravigliosa di brutale grandezza che, io e il conte Stradelli, rompemmo, lavorando durante molti giorni, un lungo sentiero di più di 8 chilometri, in direzione al cuore della foresta, per ammassare il tempo e procurare caccia per il rifornimento dei deportati (*Correio da manhã*, 4 agosto 1905, p.1).

Ourique conclude il suo racconto con una nota amara, mettendo in risalto l'ingratitude di J.J. Seabra, assunto in seguito al rango di Ministro della Giustizia e degli Interni (1902-1906), nei confronti di Stradelli che, con spirito di sacrificio, gli aveva salvato la vita in quella tragica situazione:

Ecco, in rapidi e semplici tratti, spiegata la ragione per la quale non fummo al Cucuhy, perché non fu al Cucuhy, da dove certamente non sarebbe tornato per risanare e rendere felici questi Brasile, l'illustre e potente dr. José Joaquim Seabra.

L'anno passato fu nella capitale il conte Stradelli, il quale, cercando il ministro Seabra per questione di piccola importanza, mi consta aver incontrato la più fredda e cortesemente secca accoglienza, che neppure il conte d'Aquila dispensò mai ad importuno vassallo (*Correio da manhã*, 6 agosto 1905, p. 1).

Possiamo ipotizzare che, trattandosi del 1904, Stradelli si fosse rivolto a Seabra, allora Ministro della Giustizia, per ragioni attinenti alla sua professione di *promotor público* (come ad esempio una facilitazione per il riconoscimento del suo titolo di studio italiano, di spettanza del governo federale, che gli avrebbe permesso di concorrere a funzioni e incarichi più prestigiosi).

Un ruolo importante sarà svolto dal conte italiano sempre nel 1892, relativamente ad un'altra delicata questione: l'annosa vicenda dell'edificazione del Teatro Amazonas (cfr. BRAGA, 2016, pp. 135-136). In qualità di rappresentante della ditta italiana Rossi&Irmãos, Stradelli condusse un prezioso lavoro di mediazione con il Governo amazzonense, nei confronti del quale la ditta, appaltatrice dell'opera, avanzava varie pretese per inadempienze contrattuali. Fu grazie alla sua collaborazione che si addivenne ad un accordo, siglato l'11 novembre 1892, che prevedeva la corresponsione di un indennizzo alla ditta e la rinuncia di questa ad ogni pretesa verso l'amministrazione pubblica, permettendo così che i lavori di costruzione del teatro potessero essere finalmente ripresi e portati a termine (1893-1896). Come suggerito da Braga (*cit.*), questo episodio poteva aver favorito un'approssimazione tra Stradelli ed il Governatore Eduardo Ribeiro ed aver influito sulla sua futura nomina a *promotor público* della capitale, nel 1895. Rileviamo tuttavia che una tale approssimazione possa essere avvenuta anteriormente a tale episodio, considerato il difficile e importante compito svolto da Stradelli nella questione dei deportati al Cucuy, probabilmente su impulso di Ribeiro e certamente con la sua approvazione tacita.

7. Cittadino brasiliano e promotore di giustizia

Con l'ottenimento, nel 1893, della cittadinanza brasiliana - in virtù di una disposizione della Costituzione del 1891 -, inizia una nuova fase nella vita di Ermanno Stradelli, che assume lo status di emigrante. La cittadinanza gli permette di costruirsi una vita professionale in Amazzonia, mettendo a frutto la formazione giuridica conseguita in Italia. Nel 1893 ottiene, in esito ad un esame presso il Superior Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas, l'abilitazione ad esercitare l'avvocatura come *advogado provisionado* e, in questa veste, si reca in vari municipi dello stato (tra cui Antimary, nel Purus, come si apprende dal *Diario Oficial* del 9 maggio 1904). Il praticante che esercitava la professione di avvocato, ma non possedeva formazione accademica in diritto era chiamato colloquialmente *rábula*; tale figura era comune, soprattutto nelle città dell'interno, per compensare la scarsità di avvocati in possesso di laurea in legge (BRAGA, 2016). Nel caso di Stradelli, brillantemente laureato in Italia, il permanere in tale posizione si doveva al mancato riconoscimento, in Brasile, del titolo di studio conseguito all'Università di Pisa.

Nel luglio del 1895 è nominato *promotor público* del secondo distretto a Manaus. La figura del *promotor público*, che non trova una corrispondenza esatta nell'ordinamento italiano, accorpava, oltre a quella d'iniziatore dell'azione penale, varie altre funzioni, tra cui quella di giudice tutelare, giudice dei minori ed incapaci e difensore degli interessi della collettività. Nel mese di settembre viene trasferito a Lábrea, città del Purus che aveva conosciuto durante i suoi viaggi d'esplorazione. La sua presenza vi è documentata sino al 1899, constandone l'attività di avvocato come pure gli incarichi di *promotor*¹⁹, che lo portano a frequenti spostamenti in città vicine (Maués, Canutama).

In questo periodo compie alcuni viaggi in Italia, resi più agevoli dall'istituzione, da parte della Società Ligure-Brasiliana, di una linea di navigazione tra Genova, Manaus e Belém²⁰. Nel 1897 si reca a Milano allo scopo di proporre all'industriale Giovan Battista Pirelli la creazione di un consorzio italo-brasiliano per lo sfruttamento della gomma

¹⁹ Una ricerca coordinata dall'antropologo Gilton Mendes presso l'archivio pubblico della città di Labrea, nel 2015, ha permesso di rinvenire documenti relativi ad una successione, alcuni dei quali firmati da Ermanno Stradelli, dai quali si evince che lo stesso agiva, nello stesso caso, come avvocato di una delle parti e come promotore pubblico. Una nota del giudice metteva in rilievo tale incompatibilità.

²⁰ I piroscafi della compagnia, partiti da Genova, facevano scalo a Marsiglia, Barcellona, Tangeri, Madeira, per poi dirigersi a Belém, capitale del Pará. Da Belém risalivano il fiume fino a raggiungere Óbidos, Santarém ed infine Manaus.

elastica amazzonica, che potesse contrastare il monopolio inglese sia nell'estrazione sia nella commercializzazione del lattice. Oltre a ragioni patriottiche, possiamo intuire in questo progetto anche motivazioni personali, come l'aspirazione ad un lavoro manageriale condotto tra i due paesi, che lo riavvicinasse alle cose italiane e, allo stesso tempo gli consentisse di «seguire a viaggiare». Il viaggio tuttavia non raggiunse l'obiettivo sperato, perché Pirelli rifiutò la proposta; possiamo supporre che tale circostanza fu, per Stradelli, che aveva studiato il piano commerciale in dettaglio, basandosi su una conoscenza approfondita dei punti di forza e debolezza dell'economia della gomma in Amazzonia, fonte di una pungente delusione. Nel 1899 è nuovamente in Italia, ed in tale occasione la rivista *L'Amazzonia* (15/08/1899) pubblica una sua fotografia²¹.

In questi anni non abbandona l'interesse per la letteratura e i miti amazzonici: nel 1896, a Canutama, cittadina del Purus dove presta servizio come *promotor público*, conclude la composizione del poema *Pitiàpo*. Nello stesso anno, nella collana Memorie della Società Geografica Italiana, ed anche *in separata*, vengono pubblicate le sue *Leggende del Taria*. Nel 1898, il poema epico *Ajuricaba*, ispirato alle vicende del capo degli indios Manaus, è pubblicato, a puntate, sul *Correio do Purus*, principale giornale dalla regione.

Nel 1900 è di nuovo a Manaus, dove mantiene uno studio legale nella Rua Independência, come si evince da un annuncio da lui stesso pubblicato più volte, come procuratore della signora Felicidade Coelho Vianna e relativamente alla successione del marito, nel *Diario Oficial* (3 e marzo del 1900). In questo periodo, Stradelli vanta ottime relazioni con personalità del mondo politico ed intellettuale di Manaus, ed in particolare con il governatore Silverio José Nery e la sua famiglia.

²¹ La rivista *L'Amazzonia. Organo degli interessi dell'Amazzonia*, stampata a Genova, iniziò le sue pubblicazioni il 15 luglio 1898, su impulso di Gustavo Gavotti, promotore della Società Anonima di Navigazione Ligure-Brasiliana. La pubblicazione aveva come fine quello di promuovere l'emigrazione italiana negli stati del nord del Brasile e l'intensificazione degli scambi commerciali tra l'Amazzonia e l'Italia.

Figura 11 - E. STRADELLI, *Praça da Imperatriz - Manaus*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

È significativo al riguardo il fatto che il suo nome figurasse (*Diario Official*, 1/8/1900) tra i possibili rappresentanti del Governo dell'Amazonas al Congresso degli Americanisti di Parigi, il che dimostra, oltre la sua notorietà e l'apprezzamento di cui era oggetto come persona, la considerazione in cui era tenuto come studioso e conoscitore del paese. La notizia genera commenti positivi anche fuori dalla capitale: sul *Correio do Purus* (15/08/1900) appare una nota in cui il redattore si rallegra della scelta, fatta dal governatore, di Ermanno Stradelli come possibile rappresentante al Congresso e ne traccia un breve, sincero ritratto:

Il conte Stradelli abitò per molti anni in questa città [Lábrea], e possiamo dare testimonianza della sua intelligenza ed onestà, considerando lodevole l'iniziativa del sr. Governatore, che dimostra di saper approfittare di uno dei rari stranieri che non ci frequentano per semplice

spirito di profitto.

Dagli atti del Congresso si evince tuttavia che nessun rappresentante dello stato dell'Amazonas prese parte all'evento.

Nel 1901 la carta geografica dell'Amazonas (*Mapa Geográfico do Estado do Amazonas*) curata da Ermanno Stradelli è acquistata dal governo amazzonense. Distribuita alle scuole pubbliche e agli ufficiali dell'esercito, sarà veementemente criticata, per inesattezze geografiche, dal giornalista Bento Terneiro Aranha (BRAGA, 2016).

Nella seconda metà di quell'anno si reca in Italia e, il 10 novembre, tiene una conferenza sull'Amazzonia presso il Collegio Romano, sede della Società Geografica Italiana, presentando, in una versione ampliata, la carta summenzionata. Su tale conferenza, apparve sul Bollettino solo una breve nota redazionale:

Innanzi a numeroso e distinto pubblico di soci e di invitati il conte Ermanno Stradelli, membro corrispondente della Società, il quale da oltre un ventennio risiede nel Brasile, parlò nell'Aula Magna del Collegio Romano sullo Stato dell'Amazzonia. Dietro il tavolo del conferenziere, sulla parete della sala era esposta una grande carta murale di 6.5 m di larghezza per 4.5 di altezza, rappresentante alla scala di 1: 555,000 le regioni che il conte Stradelli doveva descrivere.

L'oratore, presentato dal Presidente della Società, prof. G. Dalla Vedova, il quale fece rilevare i meriti acquistati dal conte Stradelli nelle scienze geografiche coi suoi molteplici studi, esplorazioni e rilievi di fiumi ancora imperfettamente noti, dopo aver discusso in generale della grande valle del Rio delle Amazzoni, entrò nell'argomento della conferenza, illustrando con la competenza che gli deriva dalla lunga e profonda conoscenza del paese, lo Stato dell'Amazzonia, del quale descrisse via via i confini e le questioni sorte a questo proposito con gli Stati finitimi e specialmente con la Gujana britannica, la cui risoluzione è affidata oggi all'arbitrato di S.M. il Re d'Italia, la conformazione del suolo a N. e a S. del grande fiume, la intricata idrografia, la varietà del clima e delle malattie predominanti, i prodotti principali e gli scambi con l'estero, la navigazione interna ecc. (BSGI, 1901, dicembre, pp. 962-3).

Tuttavia, in una sua lettera al Segretario della Società di poco posteriore all'evento (Lettera del 17 novembre 1901 a Giovanni Roncagli) Stradelli aveva riportato interi stralci del suo intervento, rivisti in funzione di quella che appariva come l'imminente pubblicazione del testo della conferenza.

Quello del 1901 è l'ultimo suo viaggio in Italia ad essere documentato. Nei primi anni del secolo, Stradelli intrattiene relazioni con personalità di spicco del mondo della

cultura e della politica brasiliana. Nel 1903 verrà chiamato a far parte della commissione di specialisti costituita dal diplomatico Joaquim Nabuco con l'obiettivo di preparare la documentazione che doveva servire per difendere le tesi del governo brasiliano nella controversia con l'Inghilterra – conosciuta in Brasile come '*questão do Pirara*' – relativa ad un ampio territorio disputato dai due paesi, suddiviso oggi tra lo stato di Roraima e la Guiana inglese. Più volte i giornali brasiliani avevano citato il parere di Ermanno Stradelli in relazione a questioni di frontiera. In relazione alla disputa del Pirara, l'italiano è autore di una carta geografica (*Carte de l'itineraire du Commissaire Ermanno Stradelli, 1903. Donnée pour montrer les interets brésiliens dans le contesté et dans la region voisine du Tacutú et du Cotingo*) che viene unita alla memoria brasiliana, nella quale sono evidenziati, nell'area contesa, gli insediamenti degli indigeni wapixana e macuxi. Il tentativo era quello di dimostrare l'appartenenza del territorio al Brasile sulla base del radicamento in esso di popoli autoctoni incontestabilmente brasiliani.

La questione fu sottoposta all'arbitrato internazionale del re d'Italia, che, nella sua decisione del 1904, favorì l'Inghilterra. Oltre a vedersi riconosciuta la quota maggiore della superficie contesa, quest'ultima poté avere accesso al Rio delle Amazzoni attraverso i fiumi Tacutú e Ireng. Colpisce il fatto che, negli anni 1902-1904, in cui era all'opera un'apposita commissione di esperti italiani - costituita su indicazione della Società Geografica Italiana, di cui il Re era Presidente onorario - per formare l'istruttoria del caso, non risulti uno scambio epistolare tra Stradelli e la stessa Società. Il conte italiano, come socio corrispondente dall'Amazzonia e profondo conoscitore, sia in termini geografici che etnografici, dell'area disputata, sarebbe stato l'interlocutore per eccellenza in tale situazione.

Il fatto che tali contatti non siano stati ripresi neppure in seguito, fa pensare a dei gravi dissapori, presumibilmente reciproci, intercorsi tra Stradelli e i vertici della Società nella fase dell'elaborazione della decisione arbitrale. Nel 1900 il professor Giuseppe Dalla Vedova, per molti anni Segretario generale del sodalizio, ne era divenuto Presidente. Stradelli, come si è visto, era solito rivolgersi a lui con toni amichevoli e confidenziali nelle sue missive; pur non essendovi copia, nell'archivio della Società, delle risposte di Dalla Vedova, riteniamo che l'amicizia fosse corrisposta. Qualcosa di importante deve dunque averla incrinata, poco dopo il momento felice della conferenza.

Va tuttavia sottolineato che in essa Stradelli toccava l'argomento dei confini tra il Brasile e la Guyana inglese; anche se non disponiamo del testo per intero, possiamo

desumere, da un'osservazione sull'argomento contenuta al principio della sua lettera al Segretario generale Roncagli, a proposito della revisione del testo per la pubblicazione, che avesse espresso posizioni nettamente filo-brasiliane.

Marsiglia, 17 novembre 1901²²

Segretario Gentilissimo,
se prima di darla al pubblico potessi lasciare un allegato sulla mia conferenza stampata gliene sarei gratissimo. Scritta in fretta e in furia come fu scritta chi sa cosa mi è scappato! Se non si può la pregherei però di fare da sé [...] le rettificazioni e aggiunte urgenti, a lei metterla a posto e smussarla sui confini tra la Guiana e il B [cancellato nel testo] inglese. E forse per il Brasile v'è un'altra ragione a sostenere i propri confini quella cioè di non lasciare una frontiera naturale per una artificiale a non correre il pericolo di vedersi un bel giorno, basata l'Inghilterra sulla navigabilità del Rio Branco, obbligato a concedere la navigazione del Rio Negro e Bianco alle navi inglesi.

L'area della Guiana brasiliana era, per Stradelli, particolarmente importante anche sotto un altro punto di vista, quello dell'emigrazione italiana ed europea verso l'Amazzonia:

Io poi sono personalmente convinto che se una migrazione di coloni europei non troverebbe favorevoli condizioni per progredire e svilupparsi nelle regioni basse dove cresce e si estrae la gomma elastica lo stesso non si potrebbe ma si dovrebbe dire quando si tratti di stabilirla nelle terre alte della Guiana brasiliana, propriamente detta, in quella parte, cioè, che dal Rio Negro al [...] si estende fino alla cordigliera della Guiana. Ma a questo il Governo fino adesso non pensò e [...] occorrerebbe un precedente lavoro di preparazione e questo non consiste in preparare stabilimenti per ricevere emigranti, in creare commissioni etc etc ma nel preparare precedentemente il terreno la località, nello studio ragionato delle colture da consigliarsi ai nuovi arrivati, dal formarsi direi persino nella località prescelta per la colonizzazione interiormente centri di popolazioni indigene [...] a cui si dovrebbero aggregare posteriormente i nuovi giunti.

Su un argomento molto dibattuto in Italia, ovvero quello dell'opportunità di favorire o meno l'immigrazione europea nelle regioni settentrionali del Brasile, con

²² La lettera è protocollata in arrivo con data 29/11/1901, Foglio 1 dell'Archivio Sociale.

particolare riguardo agli aspetti climatici, si pronunciava in modo moderatamente favorevole:

Il clima non è dei migliori ma non è dei peggiori e tanto non è dei peggiori che migliaia e migliaia di stranieri, vi si acclimatano, vivono e prosperano. Certo i nuovi arrivati corrono il rischio se non si sanno regolarsi e non seguono un regime igienico e ragionato di prendersi qualche volta la febbre gialla (che poi non è che una forma di tifo, e questo lo si ha anche in Italia) e qualche forma di infezione palustre, ma trovano in compenso tutte le risorse dei paesi nuovi, dove tutte le capacità sono approfittate e tutte le attività trovano campo nella propria estrinsecazione quando questa si svolge come produttrice di utilità e soprattutto nel campo delle piccole professioni. Se siete uomini di buona volontà andate nelle Amazzoni vi è posto per tutti. Guardatevi però dal farvi troppe illusioni. Anche là bisogna lavorare, anche là bisogna essere pronti a soffrire le privazioni dei primi tempi, anche là bisogna essere persistenti, bisogna essere onesti.

La circostanza per cui non constano, nell'Archivio Sociale della Società Geografica Italiana, lettere successive a quella sopra riportata, conferma l'ipotesi avanzata sulla possibile causa dell'interruzione dei rapporti tra Stradelli e i vertici dell'istituzione.

Nell'aprile del 1904 Ermanno Stradelli è a Rio, presso la Sociedade Brasileira de Geografia, della quale è socio corrispondente (*Gazeta das Notícias*, 18/04/1904). Nel mese di maggio dello stesso anno, prende parte ad un'escursione nel Rio Branco promossa dal governatore Costantino Nery ed organizzata dall'ingegnere Ernesto Jaques Ourique, con il quale Stradelli aveva già viaggiato lungo lo stesso fiume nel 1888 ed aveva condiviso l'esperienza dei deportati al Cucuí. Nel gruppo degli escursionisti, vi erano, tra gli altri, lo scrittore Alberto Rangel, futuro autore di *Inferno verde*, ed il fotografo tedesco George Huebner. Quest'ultimo realizzerà la documentazione fotografica del viaggio, pubblicata nell'album *O Valle do Rio Branco* (1906), curato da Ourique, stampato a Dresda ed edito dal Governo dell'Amazonas. Al volume è allegata una carta geografica del bacino del Rio Branco curata da Stradelli. La pubblicazione verrà presentata solo nel 1908, in occasione dell'Esposizione Nazionale di Rio de Janeiro, nell'ambito della quale riceverà un premio. In essa troviamo vari ritratti di gruppo degli escursionisti, in alcuni dei quali s'individua facilmente la figura di Stradelli. Nell'immagine qui riprodotta (Fig. 12), è in prima fila, con berretto da marinaio e sigaro tra le dita, alla sinistra di Rangel.

Figura 12 - G. HUEBNER, *Ritratto di gruppo*

O Valle do Rio Branco. Ed. Oficial do Estado do Amazonas

Continua a frequentare Rio de Janeiro, essendo documentato dalla stampa il suo arrivo via nave il 13 febbraio del 1905, in corrispondenza dunque del Carnevale. Nel mese di giugno, partecipa al *Terceiro Congresso Científico Latino Americano* con un contributo sulle lingue indigene di famiglia tucano, incluso negli atti del Congresso e stampato anche in edizione separata, nel 1910, con il titolo *Pequenos vocabulários, grupos de língua tocanas: contribuição para o estudo das línguas indígenas*.

8. Vita a Tefé

È legittimo domandarsi perché Ermanno Stradelli avesse deciso di stabilirsi a Tefé, dove risulta documentato il suo insediamento a partire dalla fine del 1902. Sviluppatisi a partire dal villaggio fondato sul finire del XVII secolo dal missionario gesuita spagnolo Samuel Fritz, la *vila* di Ega era nota ai naturalisti europei per essere stata scelta dall'inglese Henri Walter Bates (1825-1892), durante il suo viaggio in Amazzonia, come quartiere generale per le sue ricerche entomologiche. L'area del medio Solimões era una miniera inesauribile per chi avesse interessi naturalistici: vi soggiornarono, tra gli altri, il britannico Henri Lister Maw e lo svizzero Louis Agassiz. Bates vi era giunto nel 1850 e, notata la grandissima diversità ambientale e biologica, scelse di installarsi nel 1858. Vi riscontrò ben 550 nuove specie di farfalle. Riteniamo che tale circostanza, unita al fatto che gli abitanti della regione ancora parlassero lo *nheengatu*, avesse potuto contribuire alla scelta di Stradelli. Probabilmente, nelle sue precedenti escursioni lungo il fiume Solimões, aveva apprezzato la posizione felice della cittadina, in dolce declivio sulle sponde dell'omonimo lago. Elevata nel 1855 al rango di *cidade* con il nome di Tefé²³, fu inoltre il secondo municipio amazzonense, dopo Manaus, ad essere sede di un tribunale cittadino; in questa circostanza possiamo vedere un elemento importante nella decisione di Stradelli, attivo nell'ambito della giustizia, come avvocato e *promotor público*, da circa 10 anni.

Ad ogni modo, se si considerano le opportunità - professionali, sociali, culturali - offerte dalla Manaus della Belle Époque, nella quale l'italiano aveva acquistato una certa notorietà e relazioni con esponenti di spicco del mondo della politica, il fatto di eleggere un municipio dell'interno come propria residenza testimonia della predilezione per una vita tranquilla ed anonima in periferia. Se l'Amazzonia poteva essere considerata periferica rispetto a Rio de Janeiro, Tefé lo era certamente rispetto a Manaus. Secondo lo storico Mario Ypiranga Monteiro (2004), si trattò tuttavia di una fuga, motivata dalla consapevolezza dell'incurabilità della propria malattia, il morbo di Hansen, che lo induceva a voler ritirarsi e ad occultarsi in un luogo più remoto.

²³ La città di Tefé arrivò a coprire un'area di 500.000 Km². A partire dalla metà del XIX secolo sorsero, in seguito a smembramenti del suo territorio, i municipi di São Paulo de Olivença, Coari, Fonte Boa, São Felipe, Xibauá, Japurá e Marãa.

1897, con il compito di prestare opera di evangelizzazione ed educazione, in particolare nei confronti dei fanciulli indigeni. Le autorità donarono alla Congregazione un terreno alla foce del fiume Tefé, sul quale sarebbe stata eretta la Missione “Bocca de Tefé”.

Figura 14 - Journal des Communautés – Novembre 1902

Archivio della Congregazione del Santo Spirito - Tefé

Oltre a mantenere diligentemente tale diario, frate Tito avrebbe seguito personalmente le opere edilizie ed i lavori di manutenzione degli immobili appartenenti alla Congregazione, impegnandovisi attivamente. Fu proprio Tito a lavorare, con alcuni giovani aiutanti, alla casa di Stradelli alla Campina. Si legge nel *Journal*, il 25 novembre 1902: «Oggi ho iniziato il lavoro della costruzione del sig. Conte, che si è stabilito sul nostro terreno. A partire da oggi, parto [per Tefé] tutte le mattine con tre ragazzi [...]» (Fig. 14).

Le vicende abitative di Stradelli si legano strettamente alla figura del frate, perché sarà sempre quest'ultimo a predisporre la sua nuova casa nel centro della città, dove si trasferirà alla fine del 1923. E sarà ancora Tito a porre in essere nel 1925, su disposizioni del Servizio di profilassi rurale, la disinfestazione di quest'ultima dimora, dopo la partenza dell'italiano per Manaus.

Figura 15 - Frontespizio del Libro-giornale, 1901

Archivio della Congregazione del Santo Spirito - Tefé

È dunque evidente che il motivo del trasferimento di Stradelli a Tefé non fu, come il quadro biografico tracciato da Câmara Cascudo potrebbe lasciar credere, l'aver ricevuto un incarico come *promotor público*, giacché questo si diede solo parecchi anni dopo il suo insediamento, ovvero il 18 novembre 1912, per giunta in forma temporanea, come *promotor público interino* della circoscrizione. Alcuni mesi dopo, il 20 febbraio del 1913, Stradelli assunse le funzioni in modo definitivo.

Quanto alla sua attività professionale nel periodo 1908-1912, l'unico riscontro trovato è una menzione - con errori nell'ortografia del nome e del cognome - nell'elenco

degli avvocati operanti a Tefé, sull'Almanacco Amministrativo, Mercantile e Industriale di Rio de Janeiro del 1910.

Figura 15 - Almanacco Amministrativo, Mercantile e Industriale di Rio de Janeiro, 1910

ESTADO DO AMAZONAS	
Tefé	
Município pertencente à comarca de Silimões, situado sobre a extensa planície à margem direita da bahia do Tefé, alguns kilometros abaixo da foz do rio do mesmo nome. Compreende vinte districtos judiciais e em cada uma circumscripção um juiz adjunto, tendo sua sede n'esta cidade. Possui um excellente clima. Exporta em grande escala gomma elastica, castanhas, cacau; piracú salgado e outros em pequena escala como sejam oleo de copa-hyba, andiroba, salsa, tabaco, farinha, etc. A sua receita orça em 150:000\$000 proveniente de impostos de exportação. População do município 14:000 almas com 850 eleitores (1909).	
Administração municipal: Superintendente: Germano Bentes Guerreiro. Intendentes: Eutichio Laborda Izél Rodrigues. Francisco Damasio do Nascimento. Joaquim José dos Reis. José Francisco de Oliveira Egas. Manoel M. F. Praiz. Manoel José Mendonça.	Administração policial: Delegado: Affonso Alves Galvão, alf. Supplente: 1.º Elysio Romão Sousa da Gama. Escrivão: Julio Cesar Batalha. Carcereiro: João Frederico da Costa. Instrução publica e particular: Professores estaduais: Antonio Monteiro da Silva. D. Bellarmina de Carvalho Avila. D. Maria Eunicia. Professor municipal: Raymundo da T. Maia e Sousa. Professora particular: D. Severiana Frazão Cauper. Collegio: Dr. Agésilau Augusto de Araujo Jorge. Collectorias: Collector federal: José Joaquim dos Santos. Collector estadual: Leopoldo M. da Silva Neves. Escrivão estadual: Alfredo Gonçalves dos Santos. Correio: Agente: Dyllo Bentes Guerreiro. Religião: Parochia de Santa Thereza de Jesus. Vigario: Affonso Donnandien, frade. Sacristães:
	Profissões Advogados: Conegundes Ferreira de S. Machado, provisionado. Ezequiel Alves de Araujo Primo, provisionado. Dr. Hermano Estradelli. Dr. José Coelho Pereira Leite. José Maria de Mesquita Braga, provisionado. Alfaiates: Camillo de Mello Sousa Junior. Estevão Machado David. Gaspar da Cruz Rodrigues. Manoel da Paixão e Sousa. Salustiano M. S. Batalha. Barbeiro: Francisco Lopes Filho. Carpinteiros: Antonio Innocencio Amorim. Domingos Cardoso de Sant'Anna. Francisco Brito. Seraphim Correia de Sant'Anna. Engenheiro: Daniel S. Junior. Ferreiros: Manoel Rolim. Primo Antonio Marques. Pedreiros: Adrião Accacio Julio. Francisco Manoel Padilha. Gabriel Ribeiro da Silva. João Damasceno Bolheiro. Manoel Antonio Miôca.

Hemeroteca Digital Brasileira - Biblioteca Nacional

Sappiamo che, tra il 1916 e il 1924, Stradelli fu un collaboratore costante della prestigiosa *Revista de Direito Civil, Commercial e Criminal* di Antônio Bento de Faria, stampata a Rio de Janeiro e distribuita in tutto il Brasile. I suoi contributi - più di 60 articoli - vertevano su istituti di diritto commerciale di grande rilevanza all'epoca, tra cui la lettera di cambio ed un particolare tipo di contratto di trasporto fluviale o marittimo (*contrato de fretamento*²⁵).

Continuò inoltre a coltivare il suo interesse per lo *nheengatu* e la cultura amazzonica, e fu proprio durante la permanenza a Tefé che presero la loro forma definitiva non solo i *Vocabulários português-nheengatu e dheengatu-portugues*, terminati nel 1920, ma anche il Dizionario *nheengatu-italiano* e *italiano-nheengatu*, ultimato nel 1923. Secondo Câmara Cascudo, Stradelli fece vari tentativi per trovare un editore

²⁵ Il contratto in oggetto si distingueva da quello comune di trasporto per il fatto che oggetto del contratto è una determinata imbarcazione, da utilizzarsi per uno o più trasporti di merci o persone, e non le mercanzie. Su questo istituto Stradelli scrisse ben 42 articoli.

disposto a pubblicare i *Vocabulários*, anche a proprie spese, ma senza successo; nel 1922 il professor Júlio Nogueira consegnò personalmente il manoscritto dell'opera all'Istituto Histórico Geográfico Brasileiro, a Rio de Janeiro, ma solo nel 1929 il lavoro verrà pubblicato nella rivista dell'istituzione. Il Dizionario italiano-nheengatu e dheengatu italiano è invece inedito, e l'unico esemplare conosciuto, dattiloscritto, si trova presso la Società Geografica Italiana.

Quanto alla sua vita nel lungo periodo trascorso a Tefé, se essa fu raccolta e morigerata, va forse rivista l'immagine d'isolamento, con tratti di misantropia²⁶, originata, tra l'altro, dalle testimonianze riportate da Câmara Cascudo, in particolare quella di padre Tastevin. Anche secondo Manuel Anísio Jobim (1879-1971), storico e magistrato che lavorò a Tefé per molti anni e conobbe Stradelli, egli «viveva isolato, solitario come un eremita, in cima alla Campina, nei dintorni della vistosa città del Solimões» (cit. in BRAGA, 2016, pp. 121-152). Probabilmente lo stile di vita dell'italiano, celibe, amante della solitudine e dello studio, privo di collaboratori domestici, non era facilmente comprensibile dalla società tefense e veniva visto come sintomo di un'eccessiva stranezza. Tuttavia, che Stradelli ricercasse il piacere di una buona conversazione e della condivisione dei propri interessi, ci è confermato dallo stesso Ypiranga Monteiro, che fa riferimento all'amicizia ed ai progetti artistici comuni che legavano Stradelli al notaio di Tefé, nonché musicista, Francisco Lima.

D'altra parte emergono chiaramente, dalla lettura del libro-giornale tenuto da frate Tito, le relazioni amichevoli del conte italiano con i padri spiritani, che frequentava attivamente, tanto a Tefé come alla Missione 'Bocca de Tefé', presso la quale, in particolare nel 1907, si recò con frequenza, trattenendovisi, a partire dal 23 agosto, per due settimane. Nella Tefé dell'epoca, i religiosi erano le persone più colte, poliglote ed informate e ci pare del tutto naturale che Stradelli ricercasse la loro compagnia.

Vi sono indizi di un legame d'intima amicizia tra l'italiano e padre Manuel de Alencar, ex-alunno della Missione e primo direttore del Seminario di Tefé - istituito nel 1920 da Monsignor Barrat con l'obiettivo di accogliere fanciulli dell'Alto Juruá e Tefé -, musicista e poeta²⁷.

²⁶ Manoel Lyra, nel suo discorso di insediamento nel seggio intitolato a Stradelli nell'Academia Amazonense das Letras (1985) lo dipinge come "un isolato a modo suo, tra libri, disegni, mappe e schizzi" (cit. in BRAGA, in RAPONI, 2016).

²⁷ Lo scambio, in forma poetica, tra Padre Manuel e Stradelli esibito dalla signora Macrina Amorim, se non costituisce, per la forma in cui è reso - un foglio scritto al computer dalla stessa Macrina, sulla base di un originale che non esibisce - un documento attendibile, testimonia di una possibile amicizia tra i due.

Figura 16 - Sede della Missione "Bocca de Tefé"

Archivio personale di Raimunda Gil Schaeken - Manaus

La Missione, eretta dai padri spiritani francesi in una località suggestiva, su un terreno elevato alla foce del fiume Tefé, a circa sette chilometri dal centro della città, comprendeva una scuola e varie officine professionali, destinate alla formazione dei minori che vi erano ospitati, in buona parte indigeni. Stradelli vi si recò più volte, per brevi soggiorni (uno in occasione del suo compleanno, nel dicembre del 1908) dai quali si evincono i suoi buoni rapporti con i religiosi ed in particolare con padre Afonso Donnadieu, primo vicario della Congregazione, che frequentava anche Tefé. Alla Missione doveva aver conosciuto, tra gli altri, padre Constant Tastevin, che vi era giunto nel dicembre del 1905; studioso dai vasti interessi, naturalistici ed antropologici, Tastevin era spesso in viaggio nella regione per le sue ricerche etnografiche e per le missioni dette di *desobriga*, volte a raggiungere i convertiti nelle aree di difficile accesso, per recitare la messa e somministrare i sacramenti.

Certamente, nonostante i numerosi interessi comuni, non ne nacque una simpatia, e, leggendo la testimonianza di Tastevin raccolta da Câmara Cascudo, possiamo comprenderne il motivo. Il francese non manca, nelle proprie note, di mettere in risalto il proprio lavoro cartografico screditando quello di Stradelli; per giunta, cerca di sminuirne la fama di studioso di nheengatu. L'affermazione secondo la quale Stradelli non si sarebbe

dedicato, a Tefé, allo studio della *lingua boa*, si rivela grandemente falsa, in virtù di quanto reso evidente dagli stessi *Vocabulários da língua geral português-nheengatu e dheengatu-português* e dal Dizionario italiano-nheengatu e dheengatu-italiano, organizzate e finalizzate dall'italiano proprio negli anni tefensi. Di contro, non vi è negli scritti di Stradelli alcuna nota critica a proposito delle ricerche condotte e delle opere realizzate dal francese, che viene anzi citato in più di un'occasione come un autore di riferimento. Per tali elementi, siamo inclini a ritenere che i sentimenti di rivalità e sospetto, menzionati da Tastevin, fossero propri di quest'ultimo, più che reciproci.

D'altro canto, non possiamo non mettere in relazione una progressiva tendenza di Stradelli all'isolamento, con il progredire dei segni visibili di una malattia fortemente stigmatizzata, ritenuta incurabile e contagiosa: la lebbra. Come sottolineato da Braga (2016), l'accompagnamento e l'orientamento dei pazienti erano all'epoca insufficienti e il trattamento inefficace. Il dottor Alfredo da Matta, specialista nella patologia, nell'appoggiare la misura dell'isolamento degli hanseniani come principale strumento di profilassi, constatava che «la lebbra è, forse, tra quelle malattie che obbligano chi ne è affetto all'isolamento volontario» e, per il fatto di non esservi un trattamento risolutivo, «l'individuo non alimenta speranza di cura, gli orrori del suo stato pesano sul suo spirito, trasformandolo in un melanconico» (cit. in BRAGA, *trad. nostra*).

A partire dagli anni venti, le manifestazioni esterne del morbo di Hansen dovevano farsi evidenti in Stradelli e le sue condizioni erano note ai suoi conoscenti ed al governo amazzonense. L'italiano poteva aver contratto la malattia all'epoca del suo soggiorno a Lábrea (1895-1899), città che aveva registrato alti tassi d'incidenza, o nei suoi viaggi lungo il Solimões e il Purus, fiumi che, ricevendo un grande numero di migranti in funzione dell'industria della gomma, avevano registrato un cospicuo numero di malati (BRAGA, *cit.*). Una statistica realizzata nel 1923 attestava l'esistenza di più di 1.000 hanseniani nello stato dell'Amazonas, di cui 460 a Manaus; vi era inoltre una significativa incidenza della malattia tra gli emigrati italiani residenti nello stato: 15 malati nel 1922, di cui 9 a Manaus. (LOUREIRO, 2015)

Nel luglio del 1923 Ermanno Stradelli viene esonerato dall'incarico di *promotor público* - con la motivazione ufficiale di "abbandono del servizio" -, per la sua condizione di lebbroso, su pressione dei cittadini di Tefé presso le autorità (BRAGA, LOUREIRO, *cit.*). Non esistevano all'epoca leggi che tutelassero i diritti delle vittime del morbo di Hansen e Stradelli non poté godere neppure di una pensione.

È importante segnalare che proprio negli anni '20, in Brasile ed in Europa, si era istituzionalizzata la prassi dell'isolamento obbligatorio degli hanseniani come principale strategia di contenimento della malattia, per la quale non era disponibile alcuna terapia efficace. Stradelli, come altri malati di quell'epoca, fece dunque le spese di tale impostazione - rivelatasi in seguito errata - tanto da un punto di vista professionale ed economico, vedendosi privato del suo impiego e sostentamento, quanto umano, con la segregazione.

A partire dal 1919, il libro-giornale tenuto da Padre Manuel Dias, insegnante presso il Seminario di Tefé, registra gli avvenimenti principali della cittadina. Dal suo resoconto giornaliero veniamo a sapere che, nel mese di dicembre del 1923, giungeva a Tefé il dottor Aquino, per assumere la funzione di giudice ad interim (nel periodo della malattia del titolare Castelo Branco) ed in seguito di *promotor público*. Apprendiamo inoltre che, proprio allora, s'inaugurava nella cittadina un ambulatorio del 'Servizio di profilassi rurale'²⁸.

In quel frangente, Stradelli si trasferisce in un'altra abitazione, approntata da frate Tito su una proprietà della Congregazione adiacente alla piazza centrale di Tefé, permutandola con la sua residenza alla Campina, probabilmente per il disagio che gli comportava, in età ormai avanzata (71 anni) e con gravi problemi di salute, la posizione elevata ed isolata della sua dimora²⁹.

²⁸ Il *Serviço de Saneamento e Profilaxia rural* era un'emanazione del *Departamento Nacional de Saúde Pública*, istituito nel 1920, che riorganizzava i servizi pubblici in area sanitaria.

²⁹ Secondo la signora Macrina Amorim, Stradelli, vecchio e stanco, propose a Mons. Miguel Barrat di costruirgli una dimora nel centro della città, in cambio della casa e del terreno nella Campina. Mons. Barrat accettò e fece costruire una grande casa nella piazza centrale, che più tardi divenne la residenza del Prof. Isidoro Gonçalves de Souza, padre di Macrina. Sul terreno della vecchia dimora di Stradelli Barrat fece costruire una piccola chiesa, a cui diede il nome di Hermida São Miguel.

Figura 17 - La Cattedrale di Tefé

Archivio personale dell'autrice

Per l'assenza di documenti epistolari, non sappiamo come Stradelli visse i suoi ultimi anni a Tefé (luglio 1923 - maggio 1925), se godesse della vicinanza di qualcuno tra i padri spiritani francesi³⁰ e se trovasse qualche sollievo alle sue sofferenze fisiche e morali grazie ad interventi di sostegno da parte del personale del servizio di profilassi (un farmacista ed un aiutante, secondo Padre Dias).

Di certo le sue attività intellettuali proseguivano, continuando, sino al 1924, ad inviare contributi alla *Revista di Direito* ed avendo ricostituito, nella nuova residenza, la propria biblioteca ed il proprio studio. Proprio la sua lucidità mentale poteva però rendere più tormentato e doloroso l'aggravarsi delle sue condizioni di salute e la progressiva decadenza e malformazione fisica cui conduceva la malattia. Molti anni prima, nel corso del viaggio dal Cucuí a Manaus, incontrando, unico abitante del villaggio di Sant'Anna, un giovane malato di beri-beri aveva scritto:

³⁰ Nel gennaio del 1923, Padre Manuel d'Alencar si era recato in Europa per ragioni di salute; nell'aprile del 1924 giungeva notizia della sua morte. Nell'ottobre del 1924, aveva assunto la direzione della parrocchia di Tefé Mons. Alfredo Barrat.

Una sola casa è abitata: vi è un povero infermo ancora nel fiore degli anni, i cui giorni sono contati: è gonfio e più non si muove, vittima di una delle più terribili malattie, che mi conosca, il *beri-beri* [...] Ciò che vi è d'orribile in questa malattia, è che le facoltà mentali restano intatte fino all'ultimo momento. (STRADELLI, 1889a, p. 13)

Riteniamo si fossero diradati nel frattempo i contatti con la sua famiglia in Italia, probabilmente tenuta a lungo all'oscuro della vera natura del suo male. La *Memoria* di Angelo Stradelli (*cit.*) denota una significativa povertà di notizie sul fratello maggiore, per il periodo posteriore al viaggio del 1897:

Senza aver combinato il trust [*in riferimento alla proposta fatta a Pirelli*], ritornò là dove aveva vissuto tanti anni e da Manaos si portò a Teffé ove risiedette quasi fino alla morte. Poiché il fratello P. Alfonso, sapendolo acciaccato dai dolori uricemici voleva farlo rientrare in Italia dove voleva finisse i suoi giorni, Ermanno aveva accettato la proposta di rimpatriare e da Teffé si portò a Manaus, e fu là, alla visita alla quale tutti devono sottostare per avere il nulla osta per il rimpatrio, che venne trattenuto ed internato al Lebbrosario di Manaos dove morì nel 1926.

Sappiamo tuttavia che Stradelli si recò in Italia almeno altre due volte dopo il 1897, ovvero nell'agosto del 1899 e nel novembre del 1901. Un suo disegno a lapis raffigurante uccelli, unito nel 1910 all'album tenuto dalla sorella Gliceria, è accompagnato dal seguente messaggio: «Disegno fatto da mio fratello Conte Ermanno Stradelli in America. Figliuoli miei, non dimenticate mai vostro zio, che mia madre tanto amava».

Una maggiore prossimità fu mantenuta da Ermanno con il minore dei fratelli, Alfonso, padre gesuita, che acquistò per lui il biglietto del viaggio in nave che doveva ricondurlo in Italia nella primavera del 1925. Vi fu inoltre tra i due anche un'affinità intellettuale, come ci suggerisce il fatto che ad Angelo fu inviato - non sappiamo se per mano di Stradelli o di altri - un esemplare dattiloscritto del Dizionario nheengatu-italiano e italiano-nheengatu (Cap. IV.2), presumibilmente in vista di una revisione e di una possibile pubblicazione dell'opera in Italia.

Il Giornale di frate Tito registra, il 26 marzo del 1925, la presenza del Conte Stradelli a bordo del vapore 'Aripuranã', diretto a Manaus: «*descend aussi le comte de Stradelli de Teffé, avec l'intention de retourner dans son pays l'Italie*». L'italiano lasciava definitivamente Tefé con l'intenzione di tornare in Italia.

Giunto a Manaus, per le manifestazioni ormai evidenti - edema diffuso, *facies leonina* - della malattia, non superava la visita medica alla quale dovevano sottoporsi coloro che rimpatriavano; non gli veniva pertanto consentito l'imbarco. Per la stessa ragione non poté trovare accoglienza presso gli alberghi della città, dov'era certamente noto per avervi soggiornato varie volte in passato. Ypiranga Monteiro (2004) definisce come «un'odissea penosa» il suo internamento all'Umirisal.

L'ospedale d'isolamento di Umirisal, nella località di São Raimundo Nonato, suburbio della capitale che si raggiungeva in canoa, era il luogo di raccolta dei lebbrosi e dei vaiolosi di Manaus. Ciò faceva sì che, durante le epidemie di vaiolo, i primi venissero a contatto con tale virosi, che spesso risultava loro fatale (LOUREIRO, 2015).

Figura 18 - Disegno di Ermanno Stradelli, 1910

Archivio di Filippo Bassi, Firenze. Cortesia G. Bartolini

L'ospedale non meritava questo nome, non disponendo di strutture adeguate, né di un corpo stabile di medici ed infermieri; si trattava in realtà di poco più di un lazzaretto, composto da baracche di fango coperte di paglia. Iniziò ad essere dotato di case in muratura solo quando parenti di membri della classe dirigente della città, colpiti dal

morbo di Hansen, vi furono ricoverati (BRAGA, 2016). Câmara Cascudo afferma che il governatore Alfredo Sá avrebbe fatto costruire, per Ermanno Stradelli, un piccolo bungalow. Che si trattasse di una casina in muratura, o di una capanna, quello che è certo è che il conte italiano vi passò poco meno di un anno: dalla fine di marzo del 1925 al giorno della sua morte, il 21 marzo del 1926.

Nel frattempo a Tefé, nel mese di maggio del 1925, l'ultima dimora di Stradelli veniva sottoposta a disinfestazione, da frate Tito, padre Manuel e i loro giovani aiutanti, per disposizioni del responsabile del servizio di profilassi, Samuel Motta, con utilizzo abbondante di zolfo. L'informazione, oltretutto nel giornale tenuto da Tito, è registrata anche in quello di Manuel:

Verso le 9 e ½ si ebbe la disinfezione della casa in cui, durante alcuni mesi, abitò il Conte Stradelli [sic], prima di lasciare Tefé. Già si consumò quasi un chilo di zolfo in pietra, ma siamo lontani dall'aver ottenuto la pulizia desiderata e l'ordine richiesto e determinato. Non so proprio per dove cominciare. A questa disinfezione partecipò il sr. Samuel [Motta], incaricato della profilassi. (15/05/1925) [trad. nostra]

Al mattino e al pomeriggio non si fece lezione a causa di una pulizia indispensabile nella casa in cui abitò il conte "Stradelli". Per completarla fu necessario impiegare una giornata. Ma alla fine raggiungemmo l'obiettivo desiderato, ma non senza pena³¹. (17/05/1925) [trad. nostra]

Dieci giorni dopo, padre Manuel annota: «La casa "conte" sta finendo di essere imbiancata, sarà nuovamente dipinta»³². Se con ogni probabilità gli oggetti strettamente personali (abiti, biancheria) furono immediatamente distrutti, si può presumere che i libri, i manoscritti e le carte presenti nell'abitazione venissero raccolti e portati nei locali del Seminario, sede della Congregazione³³.

Il 21 marzo del 1926, prima domenica di Passione, Ermanno Stradelli si spegneva all'Umirisal. Il periodo della Pasqua per lui era stato spesso foriero di esperienze

³¹ «De manhã e de tarde, não houve aula em razão de uma limpeza tão necessária na casa em que habitou o conde "Stradelli". Para consegui-la foi mister empregar um dia. Mas enfim conseguimos o trabalho desejado, mas não sem pena».

³² «A casa "Conde" acabando de ser caiada, vai ser novamente pintada».

³³ In tal senso va anche la testimonianza di Macrina Amorim, da me raccolta a Manaus nel 2015. Figlia del prof. Isidoro Gonçalves de Souza, docente a partire dagli anni '20 presso il Seminario di Tefé, poteva aver avuto accesso diretto a tale informazione. Su una tale destinazione dello spoglio, concorda anche Ypiranga Monteiro (*infra*, p. 64).

memorabili, come l'escursione al Cerro Guaf e la spedizione al fiume Jauaperi per pacificare i Chrichanás.

È assente, nel Bollettino della Società Geografica Italiana, qualsiasi nota di cordoglio per la sua scomparsa. Anche considerato il raffreddamento dei rapporti intercorso dopo il 1901, tale silenzio pare ingiustificato. Se non tempestivamente, la Società fu senz'altro informata del decesso dai familiari di Stradelli.

Figura 19 - Cerimonia funebre in onore di Ermanno Stradelli, s.d.

Archivio personale di Antônio Loureiro, Manaus

Nella fotografia (Fig. 19) è ritratta una cerimonia funebre in onore di Ermanno Stradelli, nell'antico cimitero di São Raimundo³⁴, adiacente all'isolamento dell'Umirisal. Il suo nome appare sulla croce in primo piano. Si tratta di una sorta di 'secondo funerale', posteriore all'epoca della morte, che, sulla base dell'età dei presenti, personaggi noti a Manaus, possiamo datare agli anni 1936-1940. Secondo Antonio Loureiro, la croce fu posta in quell'occasione, mancando la sepoltura di qualsiasi ornamento. Da sinistra a

³⁴ Tra il 1872 e il 1873, Manaus aveva registrato un'epidemia di vaiolo che uccise 160 persone, facendo sì che il principale cimitero della città, il São José, restasse senza spazio per nuove sepolture. Per questo il governo provinciale fece costruire, nel 1879, nella località di São Raimundo, un cimitero con questo nome, destinato alle vittime delle epidemie che funestavano la città.

destra, figurano lo storico Mario Ypiranga Monteiro, Tabira Fortes, l'avvocato Geraldo Pinheiro, il missionario Antonio Giaccone, l'antropologo Nunes Pereira e il professor Vicente Schettini.

È ragionevole ritenere che l'evento avesse avuto luogo poco dopo la pubblicazione e la divulgazione del libro di Câmara Cascudo, che aveva giustamente l'obiettivo di attirare l'attenzione degli ambienti intellettuali e politici di Manaus sull'abbandono e la dimenticanza dei quali, nell'ultima parte della sua vita e dopo la morte, era stato vittima Ermanno Stradelli. La cerimonia avrebbe avuto quindi altresì il significato di un gesto di riparazione, gesto che ci pare significativo e ci riporta alla mente il commento che, nel visitare la piccola chiesa del villaggio venezuelano di Yavita, nel corso del suo viaggio da Maypures a Cucuí, Stradelli, aveva fatto a proposito del viaggiatore F. Michelena y Rojas:

Essa [*la chiesa*] racchiude i resti mortali di un uomo, che molto amò e protesse gli indigeni; i resti mortali del *viajero al rededor del mundo*, come amava chiamarsi; di F. Michelena y Rojas, ucciso dalla caduta di un albero, mentre traversava la selva di Yavita, per recarsi a San Carlos a prendere possesso per la seconda volta del Governo di quel territorio. In questo luogo, nulla ricorda il punto preciso dove riposa la sua salma, ed io non potetti fare a meno di riflettere, se realmente valeva la pena di aver consumata l'intera sua vita in viaggi ed in servizio della patria, amandola tanto da essere spesso ingiusto, per venire a dormire l'ultimo sonno in quest'angolo ignorato della terra, senza che una croce, una iscrizione, nulla, se non la pietosa tradizione dell'indigeno, che dice: Qui giace. (STRADELLI, 1888a, p. 44)

L'isolamento di Umirisl fu disattivato nel 1950; sul terreno del cimitero di São Raimundo sorge oggi la Escola Estadual Marquês de Santa Cruz. Non risulta che i resti mortali di Stradelli siano stati oggetto, in questa occasione, di alcuna misura speciale, volta ad onorarne la memoria ed a renderne riconoscibile la sepoltura nella città.

Una sorte non troppo diversa ha caratterizzato il suo archivio personale. Sulla destinazione finale di questo spoglio, composto presumibilmente da libri, quaderni manoscritti, carte geografiche, disegni, esistono diverse versioni. Secondo Mario Ypiranga Monteiro ed altri, fu il rogo:

L'esistenza del conte Stradelli non fu tormentata solo in vita, perché dopo morto i suoi lavori non ancora conclusi o musicati dal notaio Francisco Lima, dovettero subire l'impertinente persecuzione (*ipocrisia perinde ac cadáver*) di un certo Monsignor Alfredo Miguel Barrat, che si sarebbe dato al delitto di far bruciare tutti gli originali delle opere dell'italiano, incluso il dramma *A revolução de Lamalonga*, che, come detto sopra, sarebbe stato

o fu messo in musica dal suo amico notaio Lima, che me lo confessò personalmente in una delle nostre conferenze nel caffè “Leão de Ouro” (YPIRANGA MONTEIRO, 2004; *trad. nostra*).

Secondo la tefense Macrina Amorim (v. nota 25), a far bruciare le carte di Stradelli non sarebbe stato Alfredo Barrat, ma il suo successore, il padre olandese Joaquim de Lange³⁵, al solo scopo di recuperare una stanza del Seminario di Tefé. Tale ultima eventualità è stata fermamente esclusa dal missionario olandese Antônio Gruyters, conoscitore della storia della Congregazione del Santo Spirito a Tefé, al quale, nel 2015, ho personalmente posto il quesito. Riteniamo che, col passare del tempo, e soprattutto dopo la pubblicazione della biografia di Câmara Cascudo, un tale gesto fosse alquanto improbabile.

Se non si può escludere che alcuni originali delle opere di Stradelli potessero andare distrutti o perduti, è certo che altri si salvarono: lo stesso Ypiranga Monteiro afferma che l'antropologo Nunes Pereira fece avere alla direzione dell'Istituto di Sociologia e Antropologia (IESA) - da lui fondato nel 1944 e presieduto dal sociologo André Araújo - «l'originale del *Dicionário Nheengatu-Português*, un'opera buona, purtroppo incompleta». Non sappiamo se si alluda qui all'originale dei *Vocabulários português-nheengatu e nheengatu-português*, che tuttavia erano stati ultimati nel 1920 e pubblicati nel 1929, o ad una nuova versione di questo; ci pare più plausibile che il riferimento, errato nel titolo attribuito all'opera, possa essere al Dizionario nheengatu-italiano e nheengatu-italiano, al quale Stradelli lavorò probabilmente sino alla morte. Monteiro aggiunge al riguardo una nota tragica ma rilevante:

Naturalmente le persone che manipolavano il plico non lo facevano senza una certa ripugnanza, e qualcuno propose che lo stesso fosse consegnato al socio Dr. Manuel Bastos Lira per poter essere disinfettato. Non posso dire se l'operazione andò a buon fine, perché non si parlò mai della questione e ignoro completamente chi fosse rimasto con l'opera in custodia, perché l'Istituto fallì (YPIRANGA MONTEIRO, 2004).

Secondo Selda Vale da Costa, lo IESA aveva intenzione di pubblicare varie opere, tra cui alcuni inediti di Stradelli e Koch-Grünberg; André Araújo, durante la sua presidenza, avrebbe ottenuto che il governo amazzonense donasse all'Istituto lo spoglio

³⁵ Monsignor Barrat rinunciò nel luglio del 1946, per le sue condizioni di salute, alla carica di Vicario Apostolico di Tefé.

di Ermanno Stradelli, composto da diversi manoscritti e studi sullo nheengatu conservati nel *Cartório de Órfãos e Ausentes* della capitale³⁶. Al riguardo, possiamo ipotizzare che Stradelli, nel suo ultimo viaggio verso Manaus (con la prospettiva di rientrare definitivamente in Italia), avesse portato con sé parte del suo archivio personale che, alla sua morte, sarebbe stato trasferito presso l'ufficio citato. Di tali materiali inediti, non pubblicati dallo IESA che ebbe vita breve, si sono perse le tracce. Tuttavia, se l'ipotesi di una coincidenza del *Dicionário* menzionato da Ypiranga Monteiro con il Dizionario italiano-nheengatu e nheengatu-italiano è corretta, l'opera – o un ulteriore esemplare della stessa – è oggi custodita, e può essere consultata, presso gli archivi della Società Geografica Italiana.

9. Memorie degli indigeni

A questo lungo excursus composto riunendo fatti, testimonianze, documenti, articoli di stampa, atti pubblici, diari, giornali parrocchiali, resoconti, vogliamo unire alcuni brevi cenni ad un'altra possibile strada per ricreare un'immagine viva ed autentica di Ermanno Stradelli. Una strada che non impone necessariamente di passare per la parola scritta, per il supporto cartaceo, ma che attraversa i profondi e sinuosi territori della voce e dell'ascolto, ancorandosi strettamente al rapporto presenziale interumano.

I tariano dell'Uaupés, di cui Ermanno Stradelli aveva raccolto e raccontato le narrative su migrazioni, guerre ed insediamenti, ricordano ancora oggi Stradelli come «una specie di antropologo», che, munito di taccuino, poneva molte domande: sulle feste, sui canti, sulle danze caratteristiche di ogni *maloca* (BARBOSA&GARCIA, 2000).

Per i tucano del Tiquié, Stradelli è una creatura fuori dell'ordinario, intermediaria tra gli umani e le divinità della natura, un *wai-mashu* dotato di poteri speciali (BARRETO, 2016). Il *doutor conde*, dicono, sapeva sempre in quale luogo andare perché lo guidava, nelle sue perlustrazioni del territorio brasiliano, una '*pedra de cristal*'. Con queste comunità lo studioso italiano era entrato in contatto 140 anni fa, equivalenti a quattro generazioni. E João Paulo Barreto, antropologo tucano, è figlio di Ovidio, il cui nonno, il *pajé* Manoel, aveva accompagnato Stradelli lungo il Tiquié: i conti tornano.

³⁶ Comunicazione personale in data 2/5/2014.

La memoria degli indigeni, a differenza di quella dei bianchi «più o meno civilizzati», non si ferma a vaghe, frammentarie reminiscenze, via via più sbiadite col passare del tempo, di fatti ed incontri accaduti nel passato. Essa non si esaurisce nel ricordo, perché è un atto creativo, contemporaneo e partecipativo, che continuamente si rinnova. Attraverso questo esercizio, affabulatorio e sentimentale, il conte che parlava *nheengatu* e studiava i miti, i rituali, i canti e le danze di ogni villaggio che visitava - e che, a noi bianchi, ha rivelato il culto dell'eroe Jurupari - è divenuto personaggio, leggendario e letterario, della narrativa indigena.

Crediamo che ciò rappresenti una compensazione ideale alle poche soddisfazioni avute in vita da Stradelli e agli scarsi riconoscimenti postumi tributatigli dagli esponenti dell'élite politica e intellettuale italiana e brasiliana, che pure aveva avuto modo apprezzare il suo lavoro.

Alcuni dei racconti dei tariano su Stradelli hanno assunto forma scritta nel libro *Upiperi Kalisi. Histórias de Antigamente* (cit.), a cura di autori indigeni; altri sono tuttora affidati alla tradizione orale. Lo stesso si può dire per le narrative dei tucano: oltre a quelle raccontate dal signor Ovidio Barreto e confluite, attraverso la trasposizione del figlio João Paulo, nell'opera *A única vida possível. Itinerários de Stradelli na Amazônia* (cit.) ve ne sono delle altre, che speriamo vengano raccolte e registrate.

Questo tipo di materiale, essenzialmente eterogeneo rispetto ai documenti su cui tradizionalmente si basano le ricostruzioni storiografiche, e intrinsecamente letterario, ci appare altrettanto prezioso al fine di tratteggiare la storia di vita di Ermanno Stradelli. Il suo personaggio si inserisce in un campo simbolico complesso, ricco di elementi d'interesse antropologico, e al tempo stesso intriso di contenuti affettivi (cfr. RAPONI, 2016). La biografia di Stradelli può e deve avvalersi anche di queste fonti: per questo, a nostro parere, prende forma in un luogo ibrido, in parte misterioso, alla confluenza di elementi storiografia e mito.

PARTE SECONDA

CAPITOLO II – POESIA E MITO

Ci addentreremo, in questo capitolo, nel mondo poetico di Ermanno Stradelli, le cui forme, contenuti ed atmosfere accompagnano i suoi itinerari esistenziali e vi entrano in dialogo. I diversi generi letterari che l'autore attraversa - le liriche, i poemi epici in verso, le leggende mitologiche in prosa -, avvicinati congiuntamente e visti anche in relazione alle vicende biografiche, ci rivelano moltissimo del suo universo creativo, dei suoi tratti più intimi e del suo approccio all'alterità.

«Poeta innato», come lo definì il fratello Angelo, Stradelli intenderà immediatamente la natura poetica e letteraria dei miti e delle leggende della tradizione orale indigena e se ne lascerà ispirare, sedurre e trasportare, viaggiando con la sua penna stilografica in mondi altri, percepiti come alternativi e differenti, più che meramente esotici. Nel suo avvicinamento alla produzione simbolica dei popoli incontrati, sarà ricorrente la spinta verso traduzione, nel suo senso più ampio e nella sua valenza etica (RICOEUR, 2000; 2007). Il desiderio di accogliere la lingua e la cultura dell'altro nella propria lingua, ampliandone gli orizzonti e l'esigenza di divulgare, nella loro autenticità, i contenuti, le narrative e le immagini che quell'alterità esprime, sono sentiti in modo intenso dallo studioso italiano.

Come vedremo, l'attitudine di Stradelli rispetto alla storia ed al patrimonio mitico degli amerindi può ben dirsi romantica. In un'epoca dominata dall'evoluzionismo positivista, anziché vedere le società indigene come esempi di un'umanità primitiva - condannati, presto o tardi, ad uniformarsi agli imperativi del progresso e della 'civilizzazione' - da studiare con metodo scientifico, egli ne scruta attentamente il passato, vuole sapere delle vicende dei loro antenati, delle loro migrazioni, di come raccontano l'origine del mondo. È consapevole della complessità delle civiltà americane autoctone e della ricchezza della loro storia; al tempo stesso teme che, per l'avanzata della modernità, propugnata dal capitalismo industriale in espansione, le loro lingue, i loro costumi, le loro narrazioni cosmologiche, potranno andare perdute. Anche per questo è ansioso di conoscerle, di inventariarle, di consegnarle ad un supporto scritto, di divulgarle.

Come già suggerito nella prima parte, le motivazioni profonde del viaggiare di Stradelli sono di ordine psicologico e intrise delle sue passioni artistiche - la letteratura, la fotografia - più che rispondere ad interessi scientifici o utilitaristici. L'Amazzonia, con

l'imponenza dei suoi scenari naturali e la diversità delle sue culture, sarà l'oggetto-meta verso cui convergeranno i suoi desideri e le sue aspirazioni più recondite.

1. I poemi giovanili

Nel momento in cui decide di interrompere gli studi di giurisprudenza, a 24 anni, Ermanno Stradelli pubblica a proprie spese, con il libraio-editore Marchesotti di Piacenza, le prime opere poetiche: il poemetto in versi *Una gita alla Rocca d'Olgisio* (1876) e, l'anno successivo, una raccolta di poesie in varie metriche, *Tempo sciupato* (1877). Nel primo componimento, in ottave, l'autore racconta di una escursione alla Rocca d'Olgisio, antica fortezza del piacentino, cui ha preso parte, e della giornata trascorsa nella tenuta dell'amico conte Camillo Marazzani. Mostrando di sapersi muovere agilmente tra gli endecasillabi, egli ironizza, con fare divertito, sul classicismo di maniera e i suoi clichés:

Era il mattino...e qui vi potrei fare
Una lunga eloquente tiritera
e parlar d'or, di porpora e le rare
candide strisce di qualche leggera
nube paragonar a belle e care
sembianze di fanciulla lusinghiera:
ma invece io vi dirò: voi ci eravate
era d'ottobre e vi pareva d'estate
(STRADELLI, 1876, p. 8)

Nel contesto letterario italiano dell'epoca, il bersaglio polemico dell'autore in questi versi poteva essere un certo manierismo scolastico dei poeti nostrani maggiormente legati al classicismo. Tra questi, il più riconosciuto era Giosuè Carducci (1835-1907), già studente all'Università di Pisa, poi professore all'ateneo di Bologna. Nel 1877 venivano pubblicate le sue *Odi Barbare*, intrise di aulica classicità, come nel caso del componimento *All'aurora* :

Tu sali e baci, o dea, co 'l roseo fiato le nubi,
baci de' marmorei templi le fosche cime.
Ti sente e con gelido fremito destasi il bosco,
spiccasì il falco a volo su con rapace gioia;
mentre ne l'umida foglia pispigliano garruli i nidi,

e grigio urla il gabbiano su 'l violaceo mare.
 Primi ne 'l pian faticoso di te s'allegnano i fiumi
 tremuli luccicando tra 'l mormorar de' pioppi:
 corre da i paschi baldo vèr' l'alte fluenti il poledro
 sauro, dritto il chiomante capo, nitrendo a' venti
 [...]

La scena letteraria italiana della prima parte dell'Ottocento era stata caratterizzata dal confronto polemico tra romantici e classicisti, al quale avevano partecipato personalità di spicco come Giacomo Leopardi ed Alessandro Manzoni. Ai classicisti si rimproverava, in particolare, un uso puramente retorico dei temi della mitologia classica, che, non corrispondendo più alle istanze della vita reale, venivano semplicemente imitati e perpetuati in una forma ormai priva di senso. Così facendo, questi poeti erano considerati dai romantici «pedanti ammiratori de copisti dell'antichità» (VISCANTI, E., 1818). Al contrario la poesia, per i seguaci del romanticismo, lungi dall'essere sterile esercizio letterario, doveva alimentarsi di fonti originali, vitali, legate allo svolgersi concreto della realtà presente. Se il classicismo degli antichi era stato originale e spontaneo, perché espressione di un'epoca e delle civiltà cui gli autori appartenevano, non lo era quello dei moderni, scolastico e irrigidito in formule stilistiche predefinite. La poesia doveva inoltre possedere una dimensione etica, nel suo tendere a fini di edificazione e miglioramento dell'umanità, e nell'essere espressione autentica dell'individuo che ne era l'autore. Anche se il Romanticismo come movimento si suole circoscrivere, in Italia, agli anni 1815-1840, certamente l'atteggiamento e la visione romantica si protraggono ben oltre e sono evidenti sia in aspetti psicologici di Stradelli che nella sua poesia.

La stessa insofferenza per le figure poetiche tradizionali, il giovane Stradelli sembra avvertirla per il familiare paesaggio della pianura padana, tanto prevedibile da mettere in fuga la sua musa:

[...]Quando Dio volle ci ponemmo in via
 La pianura è monotona, né alletta
 Colle bellezze sue la fantasia:
 e campi e piante e siepi in linea retta
 e qua e là per fugar la poesia
 casoni grandi, riquadrati e bianchi
 così che a rimirar presto ti stanchi
 (STRADELLI, 1876, p. 10)

La metafora del volo, utilizzata per descrivere un verso poetico libero da costrizioni, pare preludere al desiderio di nuovi spazi da percorrere e all'aspirazione ad una vita più intensa ed autentica:

il vol libero brama
 spiegare il verso mio, troppo legato
 l'han fatto tai pedanti.
 (STRADELLI, 1876, p. 8)

Nelle liriche di *Tempo sciupato*, non del tutto esenti da quei vizi stilistici che l'autore aveva criticato poco prima, è ricorrente il tema della perdita delle illusioni giovanili e dell'ispirazione poetica (spesso conseguenza di una delusione amorosa):

Ma ad una ad una fuggon le speranze
 Ritornano nel nulla,
 Come vane sembianze,
 Come larva, o fanciulla [...]
 (STRADELLI, 1877, p. 58)

Io poeta non sono e se talora
 La bellezza cantai,
 I sogni, le speranze che colora
 Gioventù de' suoi rai:
 È morto, è morto, come è morto il cor,
 In me l'estro dei carmi ed il cantor
 (*ibidem*, p. 51)

Tra le pagine del libro, è possibile trovare momenti felici in cui emergono la personalità e le aspirazioni più profonde dell'autore, tra desiderio e disillusione:

E l'anima assetata, che sospira
 Ignote brezze, arcane
 Felicità e le mira
 In regioni lontane
 Involarsi da lei pria della sera
 Le perdute illusion piange e dispera
 (*ibidem*, p. 58)

La felicità è misteriosa e, se esiste, abita regioni lontane, sfuggendo continuamente alla portata dell'*anima assetata* (il poeta, l'amante non corrisposto). Ma, al tempo stesso, l'amore è reale, spinge al movimento e a voler esprimere qualcosa d'infinito, come il mare:

Amor che non è muta melodia
Non strano sogno o vana fantasia
Ma moto, e il dire il mar che coll'azzurro
Flutto bacia le sponde
Vita col suo sussurro
Il vento fra le fronde [...]
(*ibidem*, p. 59)

Risalire alla stessa fonte della vita, udirne «il sussurro», sentire «il vento tra le fronde»: immagini che ci parlano di una ricerca esistenziale oltreché estetica, che è sul punto di assumere forme concrete, nella vita dell'autore, attraverso la dimensione del viaggio. L'attrazione è per la vita autentica, nella sua imprevedibilità e nelle emozioni che naturalmente la pervadono. Su tutte l'amore, che «non è muto», ma istiga, oltre che al movimento, anche alla parola, al racconto del flusso infinito e mutevole di cui il poeta è parte: «dire il mare».

2. L'incanto fatale dell'Eiara

Sogno o realtà che sii, vaga illusion,
O vana larva, il core
Tu m'hai rapito, hai vinta la ragion
M'hai ferito d'amore.
L'aquila altera che sfidava il vento
Fé schiava un sol tuo sguardo, un solo accento
(*ibidem*, p. 77)

Tali versi, contenuti in *Tempo sciupato*, ci trasportano nell'universo leggendario della Iara, creatura soprannaturale, femminile ed acquatica al tempo stesso, che è il tema del poema *Eiara*. La sua composizione, ultimata a Samauma, località sul fiume Juruá, durante il viaggio compiuto nel 1881, è il primo frutto del suo incontro con il fabulario amazzonico. Nella prefazione, egli tiene a sottolineare l'origine autentica dell'opera, essendo il racconto da cui è tratta parte della tradizione orale degli autoctoni. Quanto al

suo intervento sulla narrazione che ha avuto modo di ascoltare, lo descrive come quello di un traduttore del racconto orale:

La leggenda che oggi ti presento è stata a me udita e raccolta sul posto nella mia non breve dimora nelle Amazzoni, 5 anni e mezzo circa, dalla bocca stessa degli indigeni, anzi, non so se convenisse meglio chiamarla versione, come infatti è, se non dalla scrittura, dalla parola viva. (STRADELLI, 1885a, p.5)

Se l'affermazione per cui il componimento sarebbe una «versione dalla parola viva» indica una certa consapevolezza dell'autore circa la peculiarità del materiale narrativo indigeno, e la delicatezza del rapporto tra oralità e scrittura, tuttavia va evidenziata la grande libertà con cui l'autore traspone il tema appreso dalla tradizione in forme, ma anche contenuti, appartenenti al proprio universo letterario. Tale ampia operazione d'adattamento fa sì che non siano quasi percepibili, nel poema, ritmi, atmosfere, andamento e polifonia del racconto orale. Va poi sottolineato che la leggenda della Iara, presente in varie versioni nel folclore brasiliano, è di chiara origine europea, riproducendo le caratteristiche della sirena mediterranea o dell'ondina nord-europea; essa inoltre appare maggiormente popolare tra i *caboclos* che non tra gli indigeni. Stradelli dice nella prefazione di averla raccolta nei pressi di Óbidos, città del Parà dalla ricca storia e dalla fisionomia portoghese, in un'area – il *Baixo Amazonas* - in cui l'elemento indigeno, dopo secoli di contatti, si era ampiamente fuso con quello europeo. La descrive come «uno dei principali miti della limitata teogonia Tupi-guarani», tratteggiando poi uno schematico quanto irrealistico pantheon che comprenderebbe *Tupana*, dio del bene, *Iurupari*, dio del male, ed altre figure. Lui stesso tuttavia, in seguito, evidenzierà ben altri significati per *Iurupari*, oggetto di future, approfondite ricerche (cfr. STRADELLI, 1929, p.497), e per *Tupana*, ritenuto dagli indigeni, agli antipodi della concezione cristiana monoteista, la «madre del tuono» («*mãe do trovão*», *ibid.*, p. 684).

Se l'*Eiara* tratteggiata nel poema ricorda molto da vicino la sirena omerica, più prossima all'accezione degli indigeni ci appare la *Y-iara* che lo stesso Stradelli, più tardi, descriverà nel *Dizionario nheengatu-italiano*:

Y-iara – Signora delle acque, madre delle acque. Il serpente grande, oppure il delfino roseo secondo luoghi e tradizioni. Tanto questo come quello si possono sempre a volontà cangiare in uomo o donna di incanti irresistibili, ciò dipende appena dal sesso della persona che deve ser l'oggetto della seduzione. Il potere di seduzione della Madre delle acque

è tanto che nessuno sfugge. Uomo o donna che l'abbia vista una volta, abenché abbia potuto sfugirgli in quel momento, è in breve tempo obbligato a tornare nel luogo dove la vide la prima volta e a lanciarsi nelle braccia che lo aspettano, gettandosi in acqua e afogandosi [...]

Se è vero che la leggenda europea può essere penetrata nella tradizione orale amerindia assumendo forme peculiari e la sua protagonista può essersi sovrapposta in parte al profilo della *mãe das águas*, leggendo il poema di Stradelli, tuttavia, ci si sente lontani dall'universo simbolico indigeno. Appare infatti evidente, dal modo come la narrazione si sviluppa e da altri tratti che vedremo, che l'Eiara, bionda regina delle acque, e gli altri personaggi del racconto in versi, inscenano una nuova versione del tema classico della sirena incantatrice e mortifera, nei modi di un lirismo convenzionale: ci troviamo così più vicini all'ambito del romanticismo indianista che non a quello della narrativa indigena. I protagonisti Belgiuchira, giovane *tuxáua* (capo-tribù), la madre Sachena e la stessa Eiara, appaiono come nuove incarnazioni di personaggi classici della mitologia greca: l'eroe sfortunato, la donna dedita e amorevole che ne attende il ritorno, la sirena fatale che lo strappa ai suoi cari e ne decreta la fine.

Così Stradelli descrive lo stato d'animo Belgiuchira mentre sul finir del giorno con la sua canoa risale il fiume, tornando a casa:

Di questa vaga terra il figlio
 Anch'ei la melanconica potenza
 Subisce, anch'ei talor l'arcano incanto
 Dell'ampie solitudini silenti
 Anch'ei si sente insetto in seno a un mondo
 Che colla sua grandezza lo soggioga
 (STRADELLI, 1885a, p. 11)

Certamente i sentimenti descritti attingono, da un lato al repertorio romantico, dall'altro forse alle impressioni registrate dai cronisti europei al loro incontro con le terre vergini del Nuovo Mondo; mal si conciliano invece con i sentimenti di un «figlio della terra», che in essa è nato e con la quale vive in un'armoniosa simbiosi difficilmente comprensibile per un occidentale. Nel modellare la sensibilità del *tapuio* su quella dell'europeo nel suo struggimento romantico, e nel dipingerne l'esistenza come arcaica e bucolica, l'autore aderisce a quell'idealizzazione del mondo indigeno tipica del primo romanticismo brasiliano, riflesso di una visione eurocentrica e uniformante.

Così è descritta l'Eiara, «non atteso sovrumano incanto»:

Pari a bianca magnolia appena schiusa
 Che arrossì il sol morente, azzurri gli occhi,
 d'oro le trecce sovra il seno e gli omeri
 in onde fluttuanti sparse, avvolta
 in veli azzurri e verdi alghe novelle,
 bella come una dea fanciulla scorse
 seduta sotto la cascata come
 sotto una nicchia di puro cristallo
 statua di marmo. Estatico la fisse
 ascoltandone il canto, che soave
 voce pareva di *sabià* piangente
 e la sua volontà perdetta.
 (*ibid.*, p. 16-17)

L'avvicinare la creatura ad una «bianca magnolia», una «dea fanciulla», una «statua di marmo», nell'ampio ricorso a scenari e stilemi della mitologia greco-romana, ci riporta ai consueti ambiti del classicismo nostrano. In una strofa tanto permeata d'immagini ed accenti estranei all'orizzonte indigeno, il riferimento al canto del *sabià* resta un elemento avulso, eterogeneo ed insufficiente a colmare l'assenza di un più vivo legame con il mondo che si vorrebbe raccontare.

D'altra parte, giunto a Manaus nel 1879, l'autore non aveva probabilmente avuto tempo sufficiente né forse occasioni propizie per potersi avvicinare in modo non filtrato allo stile di vita e alla mentalità indigena. *Eiara* è il frutto del primissimo periodo in Amazzonia e ciò è evidente anche in altri aspetti, che denotano una scarsa conoscenza del mondo spirituale amerindio. Si veda la preghiera di Sachena rivolta Tupana:

Silenziosa
 Chiusa nel suo dolore, mal celando
 Le lagrime, che al ciglio le correano,
 ella il vide sdegnare i parchi cibi,
 poscia raccorsi all'amaca sospesa,
 senza che pio le fosse di uno sguardo. – Restò sola
 né più trattenne il duolo, e pianse, pianse
 la poveretta e pregò il suo tupana lungamente. Era madre!
 (*ibid.*, p. 20)

Anche la relazione tra madre e figlio è tutta calcata sul modello occidentale dell'abnegazione e dell'amore materno, rivale, in un certo senso, dell'amore romantico:

Tu mi celi un segreto. Che poteva
 Il mio diletto Belgiuchira, il figlio
 dell'amor mio attristar? Se te cotanto
 non sapessi d'amor schivo a' suoi vezzi
 preso direi
(ibid., p. 23)

E ancora:

La dimentica tu s'unqua m'avesti
 Amore, s'appo te unqua trovaro
 Grazia le cure mie. Dalla tua mente
 Fin la memoria cacciane, è minaccia
 Di morte il suo ricordo.
(ibid., p. 25)

Il giovane Belgiuchira, come molti altri prima di lui, non può resistere alla seduzione dell'Eiara, e, in un fatale abbraccio, viene trascinato sul fondo del fiume. Il tema della perdita di sé che segue all'innamoramento, presente in *Tempo sciupato*, diviene qui centrale e senza argini: non ci si può opporre con le armi della ragione, come Ulisse era riuscito a fare, al richiamo di una creatura soprannaturale; siamo in altre acque, estensioni misteriose del *rio-mar*, lontani dal Mediterraneo, culla del *logos*, e presi nell'intrico di una natura polimorfa, selvaggia e indomabile.

Nella costellazione poetica dell'autore, alla figura dionisiaca dell'Eiara si può contrapporre quella apollinea del Jurupari. La prima, incarnazione delle forze oscure del femminile, incanta, seduce, porta ad una perdita della razionalità e infine tradisce, con false promesse di felicità, gli uomini che le giurano amore eterno; il secondo è il difensore della legge e delle istanze morali, identificate col potere maschile, che viene legittimato da Jurupari, sancendo l'esclusione permanente delle donne dai segreti della comunità. Queste ultime, portatrici di istanze irrazionali e potenzialmente disgreganti, sono percepite come un pericolo per la coesione della collettività, basata su un ordine cosmologico custodito dagli uomini iniziati e dagli anziani. Agli antipodi di Belgiuchira, vittima dell'incanto dell'Eiara, Jurupari, dopo aver constatato che non vi è sulla terra una donna perfetta, in cui valga la pena riporre la sua fiducia, rinuncia all'amore della compagna Carumá, pietrificandola.

Nella leggenda dell'Eiara, Stradelli ritrova dunque un tema, quello della forza dirompente della passione amorosa, che gli è familiare e che ha contraddistinto la sua

poesia lirica giovanile. Tale tema è, in *Eiara*, svolto in forma epica, accompagnando le vicende dei protagonisti.

L'opera, composta in lingua italiana e pensata avendo in mente il lettore italiano, contiene, nelle note in appendice, la spiegazione dei termini in lingua tupi utilizzati nel testo, riconducibili all'universo quotidiano degli indios. Troviamo infatti nomi di alimenti (mandioca, assaí), di animali (tracagιά, tapiro, arara, tambaqui), di imbarcazioni (igara, ubá), di piante (iugá, siringa), tutti trascritti in funzione della pronuncia in italiano. Alcuni di questi termini, come siringa e mandioca, sono seguiti da una spiegazione molto dettagliata, modalità che ritroveremo più tardi, in modo quasi generalizzato, nei Vocabolari nheengatu-portoghese. Inserendo i termini in lingua tupi nel testo, e spiegandoli nelle note finali, l'autore intende anche garantire la veridicità di quanto narrato: egli può scrivere di quel mondo perché lo ha visto con i propri occhi e sperimentato (si veda la descrizione del *mochéen*), ne ha appreso le leggende ed anche la lingua. Una prova, dunque, dell'autenticità etnografica del testo.

Come si è già mostrato, tali inserzioni lessicali, con riferimento ad oggetti di uso quotidiano, elementi della flora e della fauna, creature soprannaturali dell'universo indigeno, se certamente aggiungono colore ed esotismo allo scenario, non arrivano a fondersi armoniosamente con gli altri elementi, frequentissimi nel poema e di ben altra provenienza, che paiono, invece, completamente estranei a quel mondo.

Al di là dei limiti su esposti, è degno di nota il fatto che Stradelli ritenesse utile divulgare, presso i suoi connazionali, il fabulario amazzonico e che aprisse la sua poesia a temi, parole, paesaggi e costumi provenienti dal mondo amerindio. Inoltre, il fatto di aver composto l'opera nel corso di una delle prime escursioni, in un momento in cui molte altre cose dovevano distrarlo - dall'imponenza della natura alle sfide concrete poste dalla navigazione fluviale -, rafforza l'ipotesi di una forte componente letteraria ed artistica nel suo viaggiare e della scelta dell'Amazzonia in quanto terra suscitatrice d'immagini poetiche. È inoltre significativo il fatto che proprio a partire dal poema di Ermanno Stradelli, il compositore paraense Gama Malcher scrisse il libretto di *Yara*, opera rappresentata il 20 marzo del 1895 al Teatro da Paz di Belém, per la direzione dello stesso Malcher.

3. Romanticismo e traduzione

Ritroviamo, tanto nella traiettoria esistenziale come nelle opere di Stradelli, istanze e temi propri del romanticismo: la tensione verso l'infinito e l'ignoto, che trova espressione nel misurarsi all'immensità della foresta amazzonica; l'attrazione per la diversità culturale e l'alterità; l'interesse per la storia e le lingue delle popolazioni autoctone, nel suo caso rivolto agli amerindi; la passione per il folclore, la tradizione orale ed il mito; la vocazione alla traduzione, come mezzo per ampliare i propri orizzonti e quelli della propria lingua e cultura³⁷.

È significativa, a tal riguardo, la scelta di tradurre in italiano la *Confederação dos Tamoyos*, poema indianista di Domingos Gonçalves de Magalhães. Stradelli vi vede una delle prime opere della letteratura brasiliana, espressione autentica della giovane nazione, in opposizione a quelle prodotte nel periodo coloniale. Molto interessante, per capire la sua concezione letteraria e le motivazioni che lo avevano spinto alla traduzione, è la sua prefazione all'opera, intitolata *La confederazione dei Tamoi. Poema epico di D.J.G. de Magalhães* (1885).

In essa riporta un dialogo fittizio avuto in Italia con un conoscente che, nell'apprendere della sua ultima impresa letteraria, si mostra caustico rispetto alle possibilità di successo del libro, e ritiene inspiegabile il fatto che il viaggiatore si sia dedicato a tradurre un'opera poetica, tanto lontana dagli interessi del pubblico italiano:

Ma cosa ti salta in capo di tradurre e pubblicare un poema? Sei matto? Un poema a questi lumi di luna è un non senso, un anacronismo. Chi vuoi lo legga? Un romanzo, una novella, un bozzetto, un'ode, un centinaio di versi magari barbari peuh! Va là; ma leggere un poema? Non ce ne è il tempo (STRADELLI, 1885b, p. X).

A queste osservazioni, l'autore risponde che i suoi timori sono altri, ovvero quello «di non aver saputo far cosa che equivalga l'originale». Aggiunge più avanti che, nel peggiore dei casi, ci avrà rimesso le spese. Prende poi a raccontare la genesi del progetto,

³⁷ A segnare l'inizio del romanticismo in Italia è uno scritto di Madame de Staël, pubblicato nel 1816 sulla rivista *Biblioteca Italiana*, dal titolo *Sulla maniera e la utilità delle traduzioni* in cui l'autrice sostiene che "trasportare da una ad altra favella le opere eccellenti dell'umano ingegno è il maggior beneficio che far si possa alle lettere". In particolare, la scrittrice rivolge ai letterati italiani l'invito a tradurre opere straniere (in particolare tedesche e francesi), come mezzo per vivificare e rinnovare la letteratura italiana, presa in una sterile perpetuazione di temi e modelli classici.

quasi casuale, essendosi trovato per caso tra le mani, durante una sosta forzata nel suo primo viaggio al Purus, il libro di Gonçalves de Magalhães, e, apprezzandolo ed iniziando a tradurne alcuni brani, aveva poi finito col tradurlo tutto. Attribuisce all'opera le qualità della «vera e sana poesia», spiegando al suo interlocutore il perché della parola 'sana': «L'unica che si convenga a questa poesia ispirata alla splendida maestà della natura tropicale, al più puro amor di patria, alla più stretta morale, così che tu puoi senza pericolo dare questo libro in mano a qualunque giovinetta» (*ibidem*, p. XIV).

Ritroviamo in questa definizione alcune delle caratteristiche della poetica romantica; inoltre nella prefazione è espressa l'idea, sostenuta, tra gli altri, da Germaine de Staël, di un'universalità delle grandi opere letterarie: «La Confederazione dei Tamoi appartiene a quelle opere, che marcando un periodo nella storia letteraria di un popolo, è patrimonio universale» (*ibidem*, p. XV). Nella storia recente del Brasile, Stradelli vede un esempio da seguire:

Il Brasile rotti i ceppi che lo avvincevano politicamente alla madrepatria e conquistata la propria indipendenza, scosse con una schiera di brillanti scrittori le catene del convenzionalismo, chiedendo le proprie ispirazioni alla natura, allo splendido cielo dei tropici (*ibidem*).

È difficile non leggere questo passaggio anche in riferimento alla traiettoria umana ed artistica dell'autore, che, separatosi dalla famiglia e dal paese d'origine, si libererà anche, gradualmente, dal convenzionalismo della propria formazione e cultura di appartenenza, lasciandosi trasportare poeticamente dalla natura, dai suoni, dai colori e dal ritmo della vita in Amazzonia, arrivando a trovare, in questa nuova dimensione, una propria voce e una scrittura dal carattere personale ed originale.

Il paradigma della traduzione resterà per lui una costante: presentando le sue leggende in prosa ed in versi, le descriverà sempre come frutto di una versione dalla parola viva degli indigeni, in maniera diretta o indiretta, figurando tuttavia, nelle opere poetiche, come unico autore. Nel caso della *Leggenda del Jurupari*, la questione, come vedremo, è più articolata. Si può ad ogni modo affermare che nessuna delle opere letterarie di Stradelli, fatta eccezione forse per la *Confederazione del Tamoi*, è una traduzione in senso stretto. Che siano frutto di una libera trasposizione scritta del racconto orale indigeno, come nel caso di *Eiara* e *Ajuricaba*, o versione in italiano di un manoscritto in lingua indigena, peraltro mai ritrovato, come nel caso della *Leggenda*

dell'*Jurupari*, l'impalpabilità del testo di partenza porta in primissimo piano la dimensione dell'autorialità del 'traduttore'.

4. Il passato degli amerindi: Ajuricaba e Pitiápo

Tema di *Pitiápo*, composta a Canutama nel 1896, e di *Ajuricaba*, pubblicata a puntate sul giornale *Correio do Purus* nel 1898, sono alcuni avvenimenti della storia brasiliana ed i loro protagonisti che, nella memoria collettiva degli indigeni, hanno assunto tratti leggendari.

Pubblicati in forma di libro in Italia, nel 1900, con il titolo *Duas lendas amazônicas* (dall'editore Vincenzo Porta) i due poemi si ispirano a vicende, datate tra la fine del XVII e l'inizio del XVIII secolo, che hanno interessato gli indios tariano e manaos.

Il dato significativo della stampa in Italia di un'opera in lingua portoghese, conferma quanto suggerito nella prima parte ed invita ad alcune riflessioni. Nel 1893 Stradelli aveva acquisito la cittadinanza brasiliana, passando dalla condizione di 'viaggiatore' a quella di 'emigrante', interessato ad un inserimento stabile, professionale, sociale ed economico, nella patria d'adozione. Poco dopo era entrato nei ranghi dei funzionari del Governo dell'Amazonas. Se, da un lato, era salito di livello nella scala sociale, dall'altro si affievoliva o quasi scompariva quell'idea di un ritorno futuro alla terra d'origine, che fa parte del bagaglio di ogni viaggiatore.

Ci troviamo dunque, a cavallo tra il XIX e il XX secolo, dinanzi ad uno scenario completamente differente. Il conte italiano, viaggiatore disinteressato e cultore di lingue e narrative indigena, è adesso assorbito anche da altre occupazioni, necessarie al suo sostentamento. Dal 1895 al 1899 vive prevalentemente nella città di Lábrea, sul fiume Purus, dove, accanto alle incombenze di avvocato e promotore pubblico, coltiva i suoi interessi di sempre. Il suo poema *Ajuricaba* viene pubblicato *em folhetim* (a puntate) sul principale giornale della regione, fatto che attesta la partecipazione di Stradelli alla vita culturale cittadina; sulla stessa testata, nel 1900, appare una nota in cui si loda la decisione del Governo statale di includere l'italiano tra i possibili rappresentanti dell'Amazonas al prossimo Congresso degli Americanisti.

In merito alla stampa del libro, predisposta molto probabilmente in occasione del suo viaggio in Italia nel 1899, si può pensare che, all'epoca, il pubblico che l'autore

immagina per i suoi scritti non è più tanto quello dei suoi connazionali, lettori della rivista della Società Geografica Italiana e più in generale interessati alle culture amerindie, quanto quello degli intellettuali e della borghesia brasiliana. Nei quindici anni che lo separavano dalla composizione di *Eiara*, Stradelli aveva acquisito padronanza nel portoghese scritto, tanto da poter con facilità comporre versi in questo idioma. Non solo, aveva anche approfondito la conoscenza del mondo indigeno e condotto ricerche sul passato di alcune comunità dell'Alto Rio Negro, giungendo ad eleggere, come tema della sua poesia, vicende storiche dei popoli che più lo interessavano.

In *Pitiápo* è infatti narrato un episodio della conquista del Caiary (Uaupés), affluente del Rio Negro, ad opera del *tuxáua* Boopé - dal cui nome proprio si sarebbe originata la denominazione attuale del fiume - alla testa di una migrazione di indigeni tariano provenienti dal fiume Içana. L'autore afferma che questa leggenda fu raccolta, in occasione della sua terza spedizione al fiume Uaupés (1890), dal suo compagno di viaggio Maximiano José Roberto, che, come discendente dello stesso Boopé, poté ascoltare dagli anziani della propria tribù il racconto delle gesta degli antenati (STRADELLI, 1900, p. 8).

Per stabilirsi nell'Uaupés, ci spiega l'autore nella prefazione, i tariano dovettero lottare con alcune tribù tucano, che a loro volta avevano strappato quel territorio agli indios macu, abitanti originari. I tariano si scontrarono dapprima con i pira-tapua, che poi divennero loro alleati; in seguito con gli arara e infine con gli arara e gli uanano federati. L'origine leggendaria di questa ultima guerra costituisce l'argomento del poema.

Per Stradelli, il fatto che il racconto fatto dagli uanano - gli sconfitti - coincida con quello dei tariano - i vincitori - dimostra che l'episodio è realmente avvenuto, e che, tra queste popolazioni, non si è ancora sviluppata l'arte della verità storica, un prodotto proprio delle civiltà sviluppate: «Per loro, la storia non è altro che un semplice racconto, affidato alla tradizione orale, senza la preoccupazione di difendere istituzioni, di sostenere tesi, di riabilitare la fama di qualcuno» ³⁸ (*ibidem*).

La narrazione comincia con la descrizione dei preparativi del *dabucuri* offerto dagli arara ai uanano, in occasione delle imminenti nozze di Uáturampua, figlio del loro *tuxáua*, con Pitiápo, figlia del *tuxáua* dei uanano, Yáiro. Ma l'arrivo di un giovane sconosciuto, da solo con la sua *ubá*, provocherà un diverso svolgimento degli eventi. Con fierezza egli rivelerà agli uanano, riuniti in consiglio per le deliberazioni da prendere in vista del

³⁸ «Para eles a história ainda não passou do conto singelo, confiado a tradição oral, sem preocupações de defender instituições, sustentar theses, nem reabilitar a fama de alguém».

matrimonio, la sua identità: il suo nome è Pacudáua, figlio di Boopé, inviato dal padre in ricognizione del territorio da lui occupato, senza sapere che in questo già vivono gli uanano, che si considerano i legittimi signori della terra. Pacudáua intima a Yáiro di recarsi da Boopé, prima del compiersi di una luna, con tutta la sua gente. Ne segue uno scambio estremamente interessante, per gli elementi contenuti nei pronunciamenti di entrambi:

Yáiro risponde:

«Moço, eu não conheço

Teu pae, quem seja ignoro e aonde mora»

«Tu Boopé não conheces?» – admirado

Exclama o moço forte – «Boopé, o dono

Deste rio, desta terra e deste céu,

Tu Boopé não conheces! é possível?

É o *tuicháua* dos Tarias, destes Tarias

Que filhos são do sangue do trovão, implacáveis, temidos como a morte; nunca vencido foi. Nossas *malocas*

circundadas de fossos e estaccadas,

levantam-se seguras bem de baixo sicure da ben più in basso

do umbigo deste nosso ceo de anil

na cachoeira de Yauareté,

che dos Pira-tapyas conquistamos».

«Já sei, e que nos quer?»

«Quer que nos mesmos

De paz e de amizade ouvir promessas»³⁹

(*ibid*, p. 78-79)

In questa strofa è riportato il mito originario della genesi dei tariano, secondo il quale essi erano «figli del tuono» («filhos do Trovão») o «figli del sangue del cielo» («filhos do Sangue do Céu»): la stessa parola *tária*, deriverebbe da *trovão*, tuono, elemento mitico primordiale di questa tribù⁴⁰. Così risponde Yáiro, capo degli uanano:

³⁹ Yáiro risponde: «Giovane, non conosco/Tuo padre, chi sia ignoro e dove abiti»/ «Tu Boopé non conosci?» – stupefatto / Esclama il giovane vigoroso – «Boopé, il signore/Di questo fiume, di questa terra e di questo cielo/Tu Boopé non conosci! È possibile?/È il *tuicháua* dei Tarias, di questi Tarias/Che sono figli del sangue del tuono, implacabili, temuti come la morte;/mai fu vinto. Le nostre *malocas*/circondate da fossi e palizzate/ si levano sicure da ben più in basso /dell'ombelico di questo nostro cielo d'azzurro/nella cascata di Yauareté/che conquistammo dai Pira-tapyas»/ «Già lo so e che cosa chiede a noi?»/ «Vuole da voi stessi /Udire promesse di pace e di amicizia». [La traduzione in italiano di tale strofa e della seguente è ripresa da TRUFELLI, cit., pp. 365-366]

⁴⁰ In un tempo molto antico, Trovão (il tuono) tuonò tanto forte che il cielo si strappò e cominciò a gocciare sangue. Il sangue cadde in cima di Trovão (inteso come un ente personificato) e si seccò sul suo corpo. Dopo un po' di tempo Trovão tuonò un'altra volta e il sangue che stava sul suo corpo diventò carne. In seguito,

«E elle, se tal queria, porque não veio,
e quer que vamos nos?» [...]
 «Pois, vê eu
Ignorava, que esta minha terra
tivesse um outro dono á quem nós outros
obediência devemos: mas o dizes,
já o sei. Podes voltar á este Boopé,
á este senhor de tudo, que eu também
desejo, e muito, conhecer, e á elle
que eu, Yáiro, *tuicháua* dos fortes
Uananas, filhos das celestes lagrimas,
que das estrellas sobre as mesmas pedras,
em que pizamos, pingaram do ceo,
aonde nascemos, antes que, minguando
finde-se a outra lua, estarei aonde
surgem os taca curraes destes teus filhos
do sangue do trovão. Não quero e posso
agora. Minha filha vai casar-se,
e o que falta da lua é para as bodas»⁴¹. [...]
(*ibid.*, p. 79)

Analogamente, Yáiro fa riferimento al mito ancestrale degli uanano, che li vuole «figli delle lacrime delle stelle», così come i tariano sono figli del tuono. Entrambi, per legittimare la propria storia e la propria presenza sul territorio, fanno riferimento ai miti fondanti della propria comunità. Il matrimonio tuttavia non avverrà, per la passione accesi sin dal primo sguardo tra la promessa sposa, Pitiápo, e Pacudáua. Quest'ultimo, al superare indenne la terribile cascata del Caruru, dimostrerà di essere più valente di Uaturámpua - che soccombe all'impresa - acquisendo così titolo per sposare, secondo le stesse leggi degli uanano, la bella Pitiápo⁴².

In *Ajuricaba*, ambientato nei primi decenni del '700, Stradelli racconta di come l'omonimo condottiero, *tuxáua* dei manaos, spinto dagli olandesi della Guainía, fosse

un nuovo tuono fece sì che la carne si staccasse dal suo corpo e cadesse sulla terra. Al toccare il suolo, la carne si ruppe in mille pezzi, e questi pezzi si trasformarono in gente, uomini e donne.

⁴¹ «E lui, se questo vuole, perché non venne/e chiede a noi di andare?» [...] / «Perché, vedi, io/ignoravo che questa terra/avesse un altro signore al quale noi/ obbedienza dovessimo: ma lo dici/e già lo so. Puoi tornare da questo Boopé,/a questo signore di tutto, che anch'io /desidero, e molto, conoscere, e a lui/ dire che io, Yáiro, *tuicháua* dei forti/Uananas, figli delle lacrime celesti/che dalle stelle sopra le stesse pietre/su cui camminiamo, caddero dal cielo/onde nascemmo, prima che, declinando/ si compia un'altra luna, sarò dove sorgono gli accampamenti di questo tuo figlio /del sangue del tuono. Non voglio e non posso /ora. Mia figlia sta per sposarsi/e quanto manca al compiersi della luna è per le nozze».

⁴² Per un'analisi di altri, interessanti aspetti del poema, si rimanda alla recente analisi di Aurora Bernardini (BERNARDINI, 2016, p. 168 e segg.).

entrato in guerra con i portoghesi. Ajuricaba, alla testa dei suoi uomini, soleva aggredire le missioni stabilite da questi nel Rio Negro, ritirandosi poi per il Rio Branco, allora rientrando nei possedimenti olandesi. Riusciva così a tenere in scacco tutta la regione. Teneva issata sulla sua flotta, composta da una ventina di canoe, la bandiera del Regno d'Olanda. Il governatore portoghese decise di inviare vari capitani in difesa dei villaggi; nel 1727, infine, Ajuricaba fu vinto e imprigionato, i manaos si dispersero ed i portoghesi poterono consolidare il proprio dominio sul basso Rio Negro⁴³.

La leggenda racconta che, non potendo accettare di divenire schiavo dei nemici, Ajuricaba si gettò nel fiume. Gli indigeni, tuttavia, non credettero mai alla sua morte. Alla vigilia della battaglia che sarà decisiva per la sua sorte, così Ajuricaba parla ai manaos:

Espairecer podemos. À floresta
ande quem queira e traga fructa e caça
Sempre foi dia da festa p'r'o guerriero
a vespra da batalha. Enche e transborde
o cachiry a ubás, forte receda
o mokem, convidando ao longe as sombras
dos avô que cahiram na peleja
Para o dabucury de guerra, a dança
que a nossos pães Yurupary ensinara
nos dançaremos. Em conselho fico
eu com os velhos.⁴⁴
(*ibid.*, p. 115)

La grande festa in onore di Jurupari, che inizia subito dopo il tramonto, è descritta con dovizia di particolari:

(...) e quando a natureza entristecia
e o roxo em cor de viola desmaiava
o sol todo sumido, a um tempo roncam
as sagradas passiubas os guerreiros
sonoras para dança convidando.
Os tocadores ao centro da praça
onde de troncos resinos surge

⁴³ Stradelli giunge a voler legare, su un piano storico, i fatti narrati dalle due leggende, avanzando l'ipotesi che i tariano, che risalivano il Rio Negro ed erano poi passati, attraverso l'Içana, nel Uaupés, fossero in realtà resti di tribù manaos, o di tribù alleate di questi ultimi e sconfitte. (*ibid.*, p. 23)

⁴⁴ [...] Possiamo riposare. Nella foresta/Vada chi vuole e porti frutta e caccia/Sempre fu giorno di festa per il guerriero/La vigilia della battaglia il *cachiry* riempia e trasbordi/ dalle *ubás* / Forte sia il *mokem*, invitando le ombre lontane / Degli antenati che caddero nella battaglia/ Per il *dabucury* di guerra, la danza/ Che ai nostri padre *Yurupari* insegnò / danzeremo. In consiglio resto io con gli anziani. [*trad. nostra, come per le due strofe successive*].

uma alta fogueira em grupo estão
e a um tempo nos sagrados instrumentos
cuja vista as mulheres, pena a morte
a lei severa veda, assopram. Todos
de toda parte acodem pressurosos.⁴⁵
(*ibid.*, p. 132-133)

Sono qui esposti alcuni aspetti caratteristici delle cerimonie rituali in onore del Jurupari: la musica prodotta con i sacri flauti ricavati dalla palma *paxiuba*, la danza degli uomini, il divieto alle donne di vedere gli strumenti, sanzionato dalla pena di morte. Dopo aver descritto il fatidico giorno della battaglia, l'arrivo minaccioso dei nemici e le loro ripetute offensive, l'autore narra di come Ajuricaba, sconfitto e fatto prigioniero, si lanciò nelle acque del Rio Negro:

Ajuricaba ao reino azul desceu
da Mãe das Aguas, à Serpente Grande
a quem foi sempre caro o forte chefe
dos valentes Manaos, que antes ser morto
quiz, que viver escravo e eterno exemplo
deixou de amor de patria e liberdade.
Mas não morreu. Não morrem os valentes
Que voluntários traga o rio, os amantes
Que em um leito de algas e de areia
Ao tresloucante beijo, ao sempiterno
Algente amplexo da Magari correm.⁴⁶
(*ibid.*, p. 132-133)

È innegabile che Stradelli abbia raggiunto, in rapporto alle prime prove poetiche, caratterizzate dall'uso della rima e da un certo classicismo, ed anche rispetto ad *Eiara*, una maggiore libertà formale e fluidità narrativa, che gli permette di passare agilmente dalle rappresentazioni della natura, alle descrizioni, molto precise, dei costumi e delle tradizioni dei protagonisti, agli stati d'animo e a tutte le sfumature dei sentimenti umani,

⁴⁵ E quando la natura rattristava/e il rosso smoriva in viola/il sole tutto scomparso, insieme suonano/ le paxiubas sacre i guerrieri/sonore invitando alla danza/ i suonatori al centro della piazza/dove da tronchi resinosi sorge/ un alto fuoco in gruppo stanno/ e tutti assieme nei sacri strumenti/ la cui vista alle donne, pena la morte/ la legge severa vieta, soffiano. Tutti / da ogni parte accorrono impazienti.

⁴⁶ Ajuricaba al regno azzurro discese/ della Madre delle Acque, al Serpente Grande /Al quale fu sempre caro il forte capo/ dei valenti Manaos, che piuttosto essere morto/ volle che vivere schiavo e eterno esempio/ lasciò di amor di patria e libertà/ Ma non morì, non muoiono i valorosi/che volontari porti il fiume, gli amanti/ che in un letto di alghe e di sabbia/ al bacio folle, al sempiterno/ gelido amplesso di Magari corrono.

tutto tratteggiando in modo musicale, con semplicità ed efficacia. Non si tratta tuttavia solo di una raggiunta maturità stilistica: possiamo rintracciare, sia in *Ajuricaba* che in *Pitiápo*, una maggiore coesione e robustezza del testo, che poggia su una conoscenza più approfondita, da parte dell'autore, dell'universo indigeno e dei temi storici e leggendari oggetto della propria poesia.

L'argomento delle ribellioni indigene contro i dominatori portoghesi, presente in *Ajuricaba*, sarebbe stato ripreso da Stradelli in un'opera, mai ritrovata, ispirata alla rivolta di Lamalonga, del 1757. Tale ribellione, diretta in particolare contro i missionari carmelitani, di cui vennero distrutte le chiese, fu guidata dai capi indigeni di Lamalonga, nel medio Rio Negro. L'opera era destinata ad essere musicata dal notaio di Tefé, Francisco Lima, amico intimo di Stradelli. A darne notizia è lo storico amazzonense Mario Ypiranga Monteiro (YPIRANGA MONTEIRO, 2004).

5. Leggende in prosa

In questo ambito dell'opera letteraria di Stradelli, la preoccupazione per una riproduzione il più possibile fedele delle narrazioni indigene è più accentuata che non per le leggende rese in forma poetica. Se, da un lato, si attenua la preoccupazione con gli aspetti estetici del testo d'arrivo, dall'altro ne è privilegiato lo stretto legame, anche formale, con la fonte originaria e dunque il valore etnografico. Nella lettera del 10 maggio 1895 al Segretario della Società Geografica, Stradelli comunica: «Le rimetto la leggenda delle guerre Tariana contate da loro stessi a cui faranno brevemente seguito le leggende dei vinti sulle stesse guerre».

È vero che anche nelle sue leggende in versi l'autore tiene a sottolineare l'origine autentica delle storie narrate, che provengono «dalla bocca dell'indigeno». Percepriamo tuttavia chiaramente la differenza d'intenti tra un'opera come *Eiara*, in cui la relazione con la fonte è più che altro d'ispirazione per lo svolgimento del tema con notevole libertà e ampio spazio per la soggettività dell'autore, entro i canoni letterari dell'indianismo romantico, e le leggende in prosa. In *La Leggenda del Jurupari* e *Leggende del Taria* tale relazione è invece molto più serrata: al di sotto di una scrittura elegante, in cui si rintracciano alcuni sporadici echi classicheggianti dovuti alla formazione dell'autore, è possibile percepire l'intenzione, l'andamento, la prosodia e il plurilinguismo del racconto orale. In entrambi i testi, appaiono personaggi umani, altri apparentemente 'non umani'

e altri ancora soprannaturali, in rapporto dialettico, circostanza che rivela la conoscenza e la comprensione, da parte di Stradelli, di aspetti complessi della cosmologia amerindia.

Nelle *Leggende del Taria*, pubblicate nel 1896 nella collana Memorie della Società Geografica Italiana, accanto agli indigeni tariano, uanana e arara, troviamo le ante-tapiro, vittime della violenza dei primi. Si veda l'episodio in cui il *tuxáua* tariano Bopé decide di vendicare la morte del figlio Pacudáua, ucciso da tribù nemiche:

E Bopé mandò a preparare in quantità frecce, *curaby*, scudi, fionde e *cuidaru*, per essere in grado, colla nuova luna, d'andare ad attaccare i suoi nemici. Quelli che dovevano fare gli scudi cominciarono tosto a uccidere molti tapiri per tirarne la pelle. In poco tempo avevano ucciso tanti tapiri che il *tuyxaua* di questi riunì intorno a sé i sopravvivenuti, e disse loro: "Amici, in poco tempo ci sterminano se continuiamo così. Trovo buono che facciamo ai Taria un *dabucury* di *omary*, per vedere se otteniamo che smettano di ucciderci". E così fecero. Il giorno dopo i Taria udirono i suoni del *monabo* che si avvicinavano per il sentiero grande. Tosto dissero tra loro i Taria: chi può venire ad offrirci *dabucury*?. Poco dopo apparve una quantità di gente portando ciascun uomo un paniere di *omary*. Era bella gente e tramandava un buon odore di *omary*. Quando consegnarono gli *omary*, il loro *tuyxaua* parlò: "Amici, noi siamo buona gente e vi portiamo *omary*, per berne insieme il succo. Così potremo fare tutti gli anni, se voi non finirete con l'ucciderci tutti sotto i nostri alberi". I Taria meravigliati domandarono: "ma chi siete voi altri?" "Noi siamo di quelli che da due lune voi ammazate senza pietà sotto i nostri *omary*: siamo tapiri". Soltanto allora i Taria seppero chi erano, e dissero: "adesso, poichè sappiamo che voi siete persone come noi, non vi uccideremo più". Prima dell'alba i nuovi venuti uscirono tutti sul piazzale e lì, uno per uno, vennero cangiandosi in tapiri ed entrarono nella foresta (STRADELLI, 1896a, p.146).

La dialettica tra i Taria e i tapiri, che si rivelano nella loro vera natura di persone, racconta in modo efficace un aspetto importante della cosmovisione degli indigeni, che Stradelli coglie e riporta fedelmente.

Il testo conserva il ritmo, il linguaggio piano - articolato in frasi brevi e andamento paratattico - e gli estesi dialoghi tipici del racconto orale, essendo reso al tempo stesso in uno stile comprensibile per il pubblico italiano. È peraltro spiegabile il fatto che, soprattutto da parte degli antropologi maggiormente influenzati dallo strutturalismo di Claude Lévi-Strauss, le versioni estese e letterariamente ricche di Stradelli venissero criticate come poco fedeli alla tradizione orale, in virtù dell'eccessivo intervento del traduttore. Se pensiamo alla forma in cui i miti sono riportati nelle opere dell'antropologo francese, il contrasto è stridente. D'altra parte, nello scenario attuale, in cui nessuno nutre

più alcun dubbio circa la natura pienamente letteraria della tradizione orale indigena, l'approccio di Stradelli appare valido e stimolante proprio nel suo fondere il dato etnografico con l'intenzione letteraria.

6. La Leggenda del Jurupari

La *Leggenda del Jurupari* di Ermanno Stradelli, narrativa di alto valore antropologico, dovrebbe figurare a pieno titolo, secondo autorevoli studiosi (ORJUELA, 1983; MEDEIROS, 2002; SÁ, 2002), tra le opere fondamentali della letteratura amerindia. Essa costituisce, ancora oggi, una delle principali fonti a partire dalle quali viene studiata l'epopea dell'eroe mitico Jurupari.

Elemento determinante nella storia che legò il nome di Stradelli a quello del Jurupari, fu l'incontro con Maximiano José Roberto, studioso indigeno divenuto suo inseparabile amico e compagno di viaggi, che gli offrì una chiave d'accesso privilegiata al mondo mitico degli abitanti della regione dell'Uaupés. Fu Maximiano, e Stradelli lo ribadisce in ogni possibile occasione, a raccogliere, trascrivere ed organizzare una versione completa di questo fondamentale complesso mitico amerindio:

Egli cominciò raccogliendo la leggenda dall'uno e dall'altro, confrontando, ordinando le diverse narrazioni e sottoponendole alla critica dei diversi indigeni riuniti, cosicché oggi egli può assicurare di presentare la fedele espressione della leggenda indigena, di cui ha conservato quanto più ha potuto, perfino il colore della dizione; cosa del resto che non gli era difficile, non essendogli ignoti né il dialetto tucana, né il tariano, e conoscendo a fondo la *língua geral*, o *nheengatu* che si voglia chiamare; ed anzi spero che prima o poi pubblicherà come ha promesso il testo originale colla traduzione (STRADELLI, 1890a, p. 452).

La figura di Maximiano, guida e informatore di gran parte dei ricercatori attivi nell'Alto Rio Negro sul finire del XIX secolo, ci giunge attraverso le brevi note di questi ultimi, che ne riconobbero il fondamentale merito di aver raccolto e trascritto numerose leggende e tradizioni indigene. Antônio Brandão de Amorim, per il suo *Lendas em dheengatú e em portuguez*, si avvale grandemente del materiale raccolto da Maximiano. Questi era discendente in linea paterna dai manao, ed in linea materna dai tariano; suo zio materno, Mandù, fu *tuxáua* di Iauareté. Tra tutte le tribù dell'Uaupés, quella dei tariano occupava una posizione di spicco, anche in funzione di una tradizione culturale e guerriera

superiore a quella delle altre etnie dell'Alto Rio Negro, tanto da venir chiamata «la tribù dei capi». Proprio dai tariano dell'Içana (Alto Uaupés), che si erano imposti nella regione facendo guerra agli altri popoli, pareva essersi irradiato, attraverso il Rio Negro, il culto del Jurupari.

A Stradelli, cui era legato da sentimenti di amicizia e stima, e non ad altri, Maximiano volle offrire il frutto del suo lavoro, un manoscritto in *nheengatu* contenente un'estesa e articolata versione del mito. Dagli anziani di diverse comunità lo studioso aveva pazientemente raccolto le narrazioni, espresse in idiomi differenti, relative al Jurupari, poi organizzate in un lungo ed articolato racconto.

Dal canto suo, l'italiano era restato incuriosito dalla figura del Jurupari fin dal primo viaggio nella regione dell'Uaupés (1881), ed aveva cercato di ottenere dagli indigeni quante più informazioni possibili, incontrando alcune resistenze dovute al carattere sacro del culto. Dagli elementi che aveva potuto raccogliere, si era convinto che l'identificazione con il diavolo cristiano, che i missionari andavano, strumentalmente, avvalorando da tre secoli, era completamente arbitraria (cfr. RAPONI, 2013).

La vicenda di cui fu protagonista il missionario francescano Illuminato Coppi nella missione di Ipanorè lo colpì profondamente e lo spinse a proseguire nelle sue ricerche. La reazione violenta degli indigeni alla profanazione della maschera del Jurupari operata dai frati dinanzi agli indigeni riuniti, con la gravissima violazione del divieto di mostrarla alle donne, condusse ad una violenta rivolta ed alla fine della missione: ciò rendeva palese l'importanza fondamentale del complesso mitico e rituale del Jurupari nella vita della comunità.

Nel corso dei suoi successivi viaggi nella regione, Stradelli poté constatare che il culto era praticato, nell'Alto Rio Negro, da popoli delle più varie provenienze, che rispettavano le norme e le pratiche sociali legate al Jurupari; nei Vocabolari, compilati nei primi decenni del '900, evidenzia come questi usi e costumi ancora sussistevano, in un'area molto ampia, parallelamente a regole ed abitudini introdotte dal cristianesimo e dalla civiltà europea (STRADELLI, 1929, p. 498).

Fu grazie al manoscritto di Maximiano che Stradelli poté far luce su molti aspetti del mito e consegnare al lettore italiano una versione completa delle avventure di Jurupari. In conclusione al suo resoconto *L'Uaupés e gli Uaupés*, egli ci rivela il suo rapporto con il testo: «in principio volevo farne un riassunto, ma poi mutai pensiero, e lo tradussi; ed è questa traduzione che aggiungo, in seguito a queste note, senza maggiori

commenti» (STRADELLI, 1890a, p. 452). Dichiarò inoltre, ribadendo il grande pregio del manoscritto, di essersi limitato a tradurlo «il più semplicemente possibile».

A fronte di tale ampio e pubblico riconoscimento all'autore del testo originario, si deve ritenere che la scelta di far figurare solo il nome di Ermanno Stradelli, e non anche quello di Maximiano José Roberto, come autore dell'opera pubblicata sul Bollettino e anche *in separata*, debba essere attribuita agli editori della Società Geografica Italiana. Nelle note sull'Uaupés che accompagnavano la *Leggenda*, Stradelli aveva infatti voluto presentare ai lettori l'autore del manoscritto da lui tradotto: ne aveva messo in risalto i meriti, ovvero il grande lavoro compiuto raccogliendo varie versioni del mito – appartenenti alla tradizione di diversi popoli ed espresse nelle rispettive lingue – confrontandole ed organizzandole. Non vi sono dubbi sul fatto che l'italiano, così facendo, ne attestasse pubblicamente il ruolo di autore, rivendicando per sé quello di traduttore. Vi erano dunque sufficienti elementi perché comparisse, sul frontespizio dell'opera, anche il nome di Maximiano José Roberto.

La stima dell'italiano per il lavoro dello studioso indigeno era tanto profonda che, in una sua lettera del 10 maggio del 1895 alla Società Geografica, manifestò il suo desiderio di proporle l'ammissione al sodalizio in qualità di socio onorario.

D'altra parte, la circostanza che il riferito manoscritto non venne mai alla luce pose alcune questioni e fece sì che, attorno all'effettivo intervento del traduttore sul documento di partenza, nascesse una polemica tra gli addetti ai lavori. Subito dopo la pubblicazione, João Barbosa Rodrigues - l'illustre naturalista con cui Stradelli aveva condiviso, come fotografo, la pionieristica spedizione di 'Pacificazione dei Crichanás'- criticò l'autenticità etnografica della *Leggenda*, sostenendo che non si sarebbe trattato di una fedele traduzione, ma del frutto dell'estro letterario dell'autore. Va ricordato che anche il brasiliano ambiva al manoscritto di Maximiano, della cui esistenza era a conoscenza, e che più volte, a suo stesso dire, lo aveva richiesto allo studioso indigeno. Altri, come Luís da Câmara Cascudo, ritennero che Stradelli non si fosse limitato a tradurre, ma che avesse operato vari interventi strutturali per ottenere quell'unità narrativa di cui il manoscritto sarebbe stato privo, non compromettendo tuttavia, con quest'opera di sistemazione letteraria, la valenza della *Leggenda* come documento etnografico.

Appare tuttavia più ragionevole ritenere, secondo ciò che lo stesso Stradelli illustra nel passo citato, che lo studioso tariano, dedito alla recupero e alla preservazione della tradizione orale indigena, non si fosse limitato a trascrivere in nheengatu una serie

di narrazioni, espresse in idiomi differenti, appartenenti al ciclo di Jurupari, ma avesse dato loro anche un certo ordine, unità e coerenza, fino a tracciare una vera e propria epopea dell'eroe mitico (SÁ, in MEDEIROS, 2002, p.350 e ss.). Stradelli, alle prese con la traduzione del testo, da destinare al pubblico italiano, si sarebbe dunque già trovato di fronte ad un insieme narrativo strutturato e coeso, rispetto al quale lo sforzo sarebbe stato semmai quello di conservare il colore e il ritmo originari. Il fatto che il lavoro contemporaneo dello stesso Barbosa Rodrigues (RODRIGUES, 1890) offra una versione molto simile del mito, anche in alcuni dettagli, conferma quest'ultima interpretazione ed il valore del testo come documento antropologico.

D'altra parte, secondo gli attuali orientamenti della narratologia, dopo l'espletamento di una prima fase di registrazione e trascrizione il più possibile letterale del racconto, inteso come *performance* o evento enunciatario, è la *traduzione creativa* il processo che, utilizzando il diverso linguaggio della scrittura, meglio permette di rendere gli elementi tipici della narrazione orale - ritmo, musicalità, timbro, intonazione, pause - , che concorrono alla costruzione del significato e sono parte integrante del testo mitico (MINDLIN, 2007, p.15). Tali elementi performativi vanno persi tanto nella forma schematica del riassunto, tradizionalmente utilizzato dagli antropologi, quanto nella trascrizione letterale, parola per parola. Nelle parole di Claudio Magris, un testo letterario, e tale dev'essere considerata una narrazione mitica, «vive essenzialmente il suo ritmo ed è soprattutto questo ritmo che una traduzione deve essere in grado di rendere» (MAGRIS, 2007, p. 54).

Sul ruolo di Stradelli nella *Leggenda*, possiamo dire, con Magris, che egli è «complice e co-autore del testo». Il carattere polifonico e pluriautoriale della *Leggenda* pubblicata da Stradelli costituisce d'altra parte uno dei suoi aspetti di maggior interesse: in essa si percepisce una tessitura complessa, determinata dai diversi contributi che si giustappongono e si intersecano. Incontriamo infatti almeno tre livelli: quello della tradizione orale, per sua natura plurale, composta dalle diverse versioni del mito tramandate dalle varie etnie; quello del trascrittore, Maximiano José Roberto, con il suo duplice ruolo di raccoglitore ed organizzatore del materiale ottenuto; quello del traduttore-scrittore Ermanno Stradelli, nel suo tentativo di contemperare la fedeltà al testo originale, lasciandone percepibile l'estraneità, con l'obiettivo di divulgare i contenuti narrativi presso un pubblico colto ma non familiarizzato con l'universo amerindio.

Emerge in modo chiaro, dal testo della *Leggenda*, ed in tutta la sua portata, il significato originario del mito: Jurupari è l'eroe civilizzatore, l'antenato leggendario che ha compiuto la missione fondamentale di gettare le basi della convivenza, attraverso norme, pratiche, costumi e rituali sacri, riservati agli iniziati. Ciò è avvenuto tuttavia, a spese delle donne, escluse dalle decisioni e relegate in una posizione di subordinazione, come spiega Stradelli nei Vocabolari:

Quando elle appareceu eram as mulheres que mandavam e os homens obedeciam, o que era contrário às leis do Sol. Elle tirou o poder das mãos das mulheres e o restituiu aos homens e, para que estes aprendessem a ser independentes daquelas, instituiu umas festas, em que somente os homens podem tomar parte, e uns segredos, que somente podem ser conhecidos por estes. As mulheres que os surpreendem devem morrer, e em obediência desta lei morreu Ceucy, a própria mãe de Jurupari. Ainda assim, nem todos os homens conhecem o segredo; só o conhecem os iniciados, os que chegados à puberdade derem prova de saber suportar a dôr, serem segredos e destemidos⁴⁷ (STRADELLI, 1929, p. 497).

Ciò è riconfermato, secondo l'autore, dalla stessa etimologia: *Iurupari* significherebbe «colui che sigillò la nostra bocca», dai termini *nheengatu iuru*, bocca, e *pari*, grata, reticolato di legno con cui gli indigeni usano barrare le foci dei fiumi per trattenere i pesci (*ibidem*, p. 498). Quest'interpretazione esprimerebbe in modo efficace la parte fondamentale della missione di Jurupari, e cioè l'istituzione del segreto.

La *Leggenda* narra le articolate vicende attraverso le quali la società degli antenati dei tariano della Serra del Tenuí, a partire da un momento di particolare crisi in cui le donne si ritrovarono a gestire da sole gli affari della comunità, giunse ad essere riformata dalle nuove leggi, etiche e morali, imposte da Jurupari. Il potere politico ritornò nelle mani degli uomini, ai quali Jurupari rivelò il segreto, da condividere esclusivamente con altri iniziati. Solo ad essi furono riservati i rituali sacri, che prevedevano la musica e i canti di Jurupari, intonati da flauti - ricavati dalla palma *paxiuba* - la cui visione era interdetta alle donne.

⁴⁷ Quando apparve, erano le donne che comandavano e gli uomini obbedivano, il che era contrario alle Leggi del Sole. Egli sottrasse il potere dalle mani delle donne e lo restituì agli uomini, e, perché questi apprendessero ad essere indipendenti da quelle, istituì delle feste, alle quali solo gli uomini possono prendere parte, e dei segreti, che solo questi ultimi possono conoscere. Le donne che assistono ai riti devono morire, e, in ubbidienza a questa legge morì Ceucy, la madre stessa di Jurupari. Ciononostante, non tutti gli uomini conoscono il segreto; solo gli iniziati, coloro che, giunti alla pubertà, dettero prova di saper sopportare il dolore, essere riservati e impavidi [*trad.nostra*].

Cominciò col dichiarare la sua costituzione duratura col nome di Jurupary fino a che il Sole illuminasse la Terra, proibendo assolutamente alle donne di prender parte alle feste degli uomini, quando stessero presenti gli strumenti speciali [...]. La violatrice di questa proibizione è per ciò condannata a morte, condanna che dovrà essere eseguita da chiunque abbia per primo conoscenza del delitto, sia questo pure padre, fratello, marito. (STRADELLI, 1890b, p. 664).

Numerosi episodi della Leggenda mostrano, in maniera molto colorita, il pericolo rappresentato, per la coesione sociale, dall'elemento femminile, fonte permanente di sovversione: la donna, che in base alla legge esogamica proviene da altre tribù, anche dopo essersi stabilita nella nuova maloca è vista come una straniera, potenzialmente nemica, che può minare la pace e la pacifica convivenza. Tenuta a freno ed estromessa dalle istanze decisionali della comunità, la donna non si rassegna all'esclusione e ad essere relegata su un piano di inferiorità. Alcuni passaggi della *Leggenda* mostrano molto bene la dialettica tra potere maschile e potere femminile. Così Jurupari si rivolge ai suoi uomini (Tenuiana), sulle rive del fiume Aiari:

Gli uomini devono avere il cuore forte per resistere alle seduzioni delle donne, che molte volte cercano di ingannarne con carezze, come avvenne coi vecchi, che io mandai qui. Se le donne della nostra terra sono impazienti e curiose e ciarliere, queste sono peggio e più pericolose, perché conoscono parte del nostro segreto. Pochi resistono ad esse, perché le loro parole hanno la dolcezza del miele delle api, i loro occhi hanno l'attrazione del serpente, e tutto il loro essere ha seduzioni irresistibili, che cominciano per piacere e finiscono con vincere. Queste mie parole non sono per farvi fuggire il contatto delle donne, ma solamente perché possiate resistere loro, ed esse non si impadroniscano del nostro segreto, che gli uomini soli possono conoscere. (*ibid.*, p. 677-678)

Dopo varie avventure e lotte legate all'instaurazione della nuova legge, Jurupari, travestito da *pajé*, scopre il tradimento delle donne del *tuxáua* Arianda, autrici di un grave misfatto: il furto e la profanazione degli strumenti sacri. Istigate da Cúran, che ha assistito con un sotterfugio alla festa degli uomini, si sono impadronite degli strumenti dei loro mariti ed hanno inscenato anche loro una festa di Jurupari:

Ora Curàn un giorno riunì tutte le donne lontano dalla maloca, e loro svelò il segreto di Jurupary, e disse come erano gli strumenti e cantò la musica

e il canto di Jurupary. «Ed è per questo, concluse, che gli uomini tralasciarono di fare la nostra volontà. Perché essi possano credere che noi non sappiamo niente, andiamo ad organizzare anche noi il nostro Jurupary e fare la nostra festa, che deve essere inaugurata con un *dabucury* di tapioca. D'ora innanzi tutte le sere dobbiamo riunirci qui per imparare il canto di Jurupary, fino a tanto che io non possa rubare lo strumento che mio marito ha nascosto» (*ibid.*, p. 814-815).

Scoperta l'infrazione, Jurupari dapprima è preso da profondo sconforto:

E domandando ai compagni chi li aveva traditi, egli tolse dal *matiry* una delle ombre del cielo e vide Curán e tutte le donne Arianda fare il *dabucury* e suonare e cantare la musica e il canto della festa degli uomini. Tolse quindi in mano un'altra pietra, in cui tutto restava dipinto, e vide Curán che, dall'alto della pietra, assisteva a tutta la festa. E pieno di tristezza così parlò: «Vi potrà mai essere sulla terra una donna realmente giudiziosa?» [...] (*ibid.*, p. 814).

In seguito decide di intervenire e, assieme al fedele discepolo Caryda si reca dagli Arianda per sorprendere le donne nell'atto di suonare gli strumenti e, mutatosi in *pajé*, per ammonirle:

Se non fosse per la compassione che mi ispirate, non vi avviserei della sentenza che pesa sopra di voi, procurata dalla vostra follia. Nella mente del *tuxáua*, siete già condannate a morire, perché avete peccato contro le leggi del Sole. Tra tre giorni vi dirò cosa dovrete fare per fuggire all'ira del nostro *tuxáua*. E molte dissero: - Perché non lo dici adesso? - Perché imparate a saper sperare e ad avere pazienza [...] (*ibid.*, p. 828)

La missione segreta di Jurupari è svelata a Caryda nell'ultima scena del racconto, in cui i due posano sulla vetta di una montagna, al margine di un bellissimo lago. La montagna tuttavia è formata dal corpo di Carumá, unica sposa di Jurupary, da quest'ultimo trasformata in pietra. Un tale destino era toccato anche alla madre Ceucy, rea di avere, con le altre donne, spiato la riunione degli uomini.

E Jurupary così parlò:

- Ecco qui la prima e la unica donna che mi ebbe, deposta con tutta sicurezza lungi dalla vista degli uomini. Un giorno, quando tutto sarà consumato, allora verrò a riprenderla per andare a vivere insieme ben vicino alle radici del cielo, dove voglio riposare dalle fatiche della mia missione lungi dagli occhi di tutti. Oggi, o Caryda, è l'ultimo giorno che noi restiamo insieme e prima di separarci voglio contarti il segreto della mia missione sopra la terra. Il Sole, dacché nacque la Terra, cercò una donna perfetta, per chiamarla vicino a sé, ma siccome fino ad oggi non l'ha

incontrata, mi affidò parte del suo potere per vedere se in questo mondo potrà esservi una donna perfetta.

- E qual è la perfezione che il Sole desidera?

- Che sia paziente, che sappia guardare un segreto e che non sia curiosa. Nessuna donna oggi esistente riunisce queste qualità: se una è paziente, non sa conservar segreto; se sa conservar segreto, non è paziente; e tutte sono curiose, vogliono tutto sapere e tutto sperimentare. E fino ad oggi non è ancora apparsa la donna che il Sole desidera possedere. Quando la notte di oggi sarà a mezzo, dobbiamo dividerci, io andrò ad oriente e tu seguendo il cammino del sole andrai a ponente. Se un giorno il sole, tu e io ci incontreremo nel medesimo luogo, vorrà dire che sarà apparsa sulla terra la prima donna perfetta". Dopo di che Jurupary si reco alla riva opposta del lago, e seduto su di una pietra, resto a contemplare la propria immagine riflessa nell'acqua. (*ibid.*, p. 835)

L'itinerario esistenziale dell'autore, dalla giovanile fascinazione per la natura amazzonica, con le sue seduzioni ed insidie, percorsa e 'scoperta' in viaggi avventurosi, alle probabili disillusioni della maturità ed all'ingresso in un'esistenza ordinaria, al servizio dello stato e della legge, è ben rappresentato dalla polarità delle due figure mitiche che aveva voluto raccontare: la Yara ed il Jurupari. La prima a rappresentare l'irresistibile potere della seduzione, il secondo ad incarnare l'ordine politico fondato sulla ragione e la legge.

L'ultima immagine di solitudine ed auto-contemplazione dell'eroe, probabilmente stanco di tanto cercare «la donna perfetta», può rimettere all'ultima fase della vita di Stradelli, caratterizzata da un progressivo raccoglimento e forse da una certa rassegnazione, dopo un lungo periodo caratterizzato da continue peregrinazioni, investigazioni, incontri, sostenuti da un profondo desiderio di conoscenza e d'immersione in una realtà differente. Se per Jurupari si tratta della ricerca della donna ideale, nel caso di Stradelli possiamo pensare al perseguimento di un oggetto interiore, di un'alterità immaginata, di una vita differente in una terra a lungo sognata - che, per molto tempo, aveva preso le sembianze della foresta amazzonica e dei suoi segreti.

CAPITOLO III – SCRIVERE IL VIAGGIO

La prosa dei resoconti di viaggio di Ermanno Stradelli ci trasporta in altri orizzonti, tanto in relazione agli obiettivi, all'oggetto e ai temi del suo scrivere, quanto in relazione alle strategie compositive, agli aspetti formali e allo stile. Si tratta di una narrativa originale, sensibilmente differente da quella di molti viaggiatori a lui contemporanei, nel suo essere priva di toni drammatici, di avventure mirabolanti, di gesti eroici: dal taglio agile e giornalistico, le sue pagine hanno il sapore della cronaca, e, laddove vi sarebbe margine per enfatizzare situazioni estreme, prevale piuttosto una sottile ironia, un atteggiamento calmo e lievemente distaccato, un non prendersi troppo sul serio. Questo in controtendenza rispetto ai canoni dominanti nella letteratura di viaggio dell'epoca.

Va sottolineato che la scrittura di viaggio di Stradelli è strettamente legata alla sua relazione con la Società Geografica Italiana ed è circoscritta ad un orizzonte temporale limitato: dal 1887, anno cui risalgono le lettere, inviate al Segretario Generale Giuseppe Dalla Vedova, relative alla spedizione geografica alle sorgenti dell'Orinoco, alcune delle quali pubblicate nel *Bollettino*, al 1900, in cui appare sulla rivista un articolo sui petroglifi dell'Uaupés, riguardante fatti e scoperte di circa nove anni prima. Il suo profilo di socio corrispondente del sodalizio geografico giunge al culmine e, al tempo stesso, si avvia a concludersi nel 1901, anno in cui, nella sede della Società, tiene una conferenza sull'Amazzonia: si tratterà della sua seconda ed ultima apparizione pubblica in Italia, in veste di esperto di cose brasiliane - la prima era stata la partecipazione al Congresso degli Americanisti di Torino del 1886.

La Società Geografica Italiana era stata istituita nel 1868, undici anni prima della partenza di Ermanno Stradelli per l'Amazzonia. È utile riportare qui un frammento del discorso inaugurale di Cristoforo Negri, suo primo presidente, che ne rivela alcuni obiettivi, tra cui il consolidamento e l'ampliamento del pubblico di lettori del *Bollettino*, la rivista del sodalizio. A tal fine Negri suggeriva alcune strategie tipicamente letterarie alle quali avrebbero dovuto rifarsi, al momento della stesura delle loro relazioni, i soci che intendevano divulgare le proprie spedizioni geografiche:

Qualunque sia la forma con cui si esponga, od il modo in cui si vesta, ogni memoria importante sarà accolta nel nostro *Bollettino*. La forma però disadorna ed austera di certe relazioni scientifiche, quella, p.e., che è quasi

esclusiva nelle relazioni americane, ed inglesi, non è abbastanza allettatrice per i lettori italiani. Non basta fra noi che buoni libri si scrivano, perché molto siano cercati, e si leggano: l'apprendere nasce dall'attenzione, e questa per una gran parte del pubblico non si alimenta che dal piacere nel leggere. Quindi ameremo che gli scrittori del *Bollettino* intendano anche allo scopo di ammannire la scienza di guisa che cibo divenga per ogni palato. Il rimondare le scienze della loro sovente ruvida corteccia, il rivestire di forme allettatrici il pensiero, il renderle saporose e sorridenti, le diffonde e le moltiplica [...] (NEGRI, 1868, p. 3-4).

Con sede a Firenze, allora capitale del Regno d'Italia, la Società aveva come scopo principale «il progresso della scienza geografica in qualunque suo ramo»⁴⁸. L'eterogeneità dei temi e degli aspetti trattati negli articoli pubblicati sul *Bollettino*, corrispondeva in effetti all'ampiezza d'interessi caratteristica della geografia dell'epoca. Non solo i dati cartografici, geologici, idrologici e climatici, botanici e zoologici di un determinato territorio, ma anche quelli antropologici, socio-economici e culturali rivestivano importanza nella costruzione e nel consolidamento delle scienze geografiche. In particolare, in un contesto storico caratterizzato dalle dinamiche espansioniste dei paesi industrializzati e dall'incremento dell'emigrazione, grandissimo interesse possedevano, per i vertici della Società e per i governanti, informazioni dettagliate circa le risorse naturali e le potenzialità economiche delle terre oggetto di esplorazione. Sul primo numero del *Bollettino*, figuravano, tra gli altri, un articolo di Orazio Antinori, che narrava il viaggio di Carlo Piaggia tra i Niam-niam dell'Africa Centrale, ed un resoconto di Odoardo Beccari sulle sue esperienze nel Borneo.

Le relazioni di viaggio sono, per loro stessa natura, un genere letterario ibrido. Sin dall'epoca delle scoperte quattrocentesche, furono utilizzate per scopi molteplici: geografici, politici, economici, religiosi, militari etc. Nel Settecento si ampliarono gli obiettivi e le motivazioni del viaggiare, e con essi gli ambiti del suo racconto: si viaggia per completare la propria formazione e per ampliare i propri orizzonti, per conoscere sé stessi e per desiderio d'avventura, oltreché per ambizioni geografiche o interessi naturalistici. La dimensione individuale e intima acquista una rilevanza molto maggiore e la letteratura

⁴⁸ In vista del raggiungimento di tale fine - così recitava il suo statuto all'articolo 2:

- a) si faranno pubbliche letture, e si pubblicheranno gli Atti della Società,
- b) si manterranno continue relazioni colle altre Società Geografiche,
- c) si promuoverà ogni studio specialmente diretto alla esatta conoscenza del suolo italiano,
- d) si daranno istruzioni e possibili appoggi ai viaggiatori,
- e) si promuoveranno gli interessi economici dell'Italia, e segnatamente quelli relativi alla navigazione ed al commercio, nei limiti però essenzialmente scientifici.

di viaggio si espande per poter accogliere tutte queste istanze, nel momento in cui raggiunge un pubblico molto più ampio.

Nell'Ottocento, seguendo l'esempio offerto da Alexander Von Humboldt nelle sue opere, geografiche, il resoconto di viaggio non si limita alla descrizione scientifica di singoli aspetti delle scienze naturali, ma aspira ad offrire una più ampia comprensione fenomenologica del mondo fisico, della natura e dell'uomo in essa inserito, nelle loro molteplici e complesse relazioni. Vi è inoltre, frutto dell'esperienza romantica, una forte esigenza di condivisione degli elementi estetici e psicologici inerenti all'esperienza soggettiva del viaggiatore.

Nel secondo Ottocento, gli esploratori italiani, nel narrare le proprie imprese, si pongono due obiettivi principali: da un lato, quello di offrire un resoconto fedele ed autentico del viaggio e dei luoghi percorsi, veicolo di un'informazione il più esatta ed esaustiva possibile, scientificamente valida; dall'altro, quello di rendere il lettore partecipe dei sentimenti e delle emozioni da loro vissute in prima persona, in tutta la loro ricchezza, freschezza ed unicità. Se il primo obiettivo può essere raggiunto con lo stile scarno ed oggettivo della relazione scientifica, il secondo richiede un repertorio espressivo più vasto e l'ingresso in ambiti differenti, tipicamente letterari.

Tali istanze tuttavia non sono mai rigidamente separate, esse coesistono facendo sì che le descrizioni puntuali della natura o degli aspetti socio-economici si alternino a momenti più personali ed intimistici, in cui l'autore condivide il proprio pensiero su un determinato tema o racconta un'esperienza umana che lo ha particolarmente coinvolto. Tale alternanza è, come vedremo, molto frequente negli scritti di Stradelli; in essi troviamo talora anche momenti in cui i due registri si fondono armoniosamente. È palese inoltre, in Stradelli come in altri, il desiderio di costruire e di proiettare all'esterno, attraverso il racconto, una determinata immagine del narratore-viaggiatore: l'io narrante, nella struttura caratteristica del resoconto, s'identifica con il protagonista del viaggio, circostanza che rafforza il senso di autenticità dei fatti esposti. In alcune occasioni, tuttavia, narratore e viaggiatore si separano, in particolare quando il primo abbandona il resoconto puntuale del viaggio ed assume un punto di vista differente, spesso a posteriori.

Vi è infatti un altro interessante strumento a disposizione nella costruzione narrativa del testo, quello dei diversi piani temporali: differenti dimensioni cronologiche s'intersecano nelle relazioni di Stradelli. Se il ritmo di fondo è dato dal diario di viaggio, alle annotazioni giornaliere s'intercalano con frequenza dettagliate analisi geografiche,

naturalistiche o antropologiche possibili solo in una fase posteriore, quella dell'organizzazione e rielaborazione del materiale raccolto in vista della pubblicazione, fase che può essere anche molto distante da quella del viaggio. In altri casi, una circostanza del viaggio attuale riporta alla memoria esperienze anteriori, la cui narrazione può avvenire con maggiore distacco, come avviene per la spedizione di 'Pacificazione dei Chrichanás', svoltasi nel 1884, di cui Stradelli racconta estesamente nell'articolo *Rio Branco* (1889), dopo un intervallo di ben 5 anni.

Una complessa dinamica psicologica e letteraria s'instaura tra le diverse istanze compresenti: l'autore, il narratore, il viaggiatore. L'emergenza del primo si dà in particolare, come vedremo, negli scritti epistolari, in cui si trovano frequenti riferimenti alle difficoltà incontrate nel viaggiare e nel resocontare il viaggio.

Avvicineremo in questo capitolo differenti modalità di scrittura *in viaggio* e di scrittura *del viaggio* praticate da Stradelli: il diario, utilizzato nella sua spedizione più tipicamente geografica, quella alla scoperta delle sorgenti dell'Orinoco (1887-1888), per resocontarla ai vertici della Società Geografica Italiana, patrocinatrice dell'evento; gli appunti naturalistici e le note etnografiche, che compongono il suo articolo sull'Uaupés (1890), pensato per accompagnare la *Leggenda del Jurupari*; lo studio tematico, dedicato alle iscrizioni indigene su pietra (*itacoatiara*), corredato da tavole e carte; il resoconto a posteriori, con cui è documentata, molto tempo dopo il suo svolgimento, la spedizione al fiume Jauaperi per 'pacificare' i Chrichanás e che avvicineremo congiuntamente alla lettura di un altro tipo di testo, iconografico, realizzato durante la spedizione; il racconto epistolare, più sintetico e frammentario, grazie al quale è possibile ricomporre alcuni momenti del lungo viaggio lungo il fiume Purus e affluenti (1888-1889), accompagnato dalle fotografie che venivano unite alle missive.

Diari, resoconti, lettere e fotografie, per il loro diverso taglio, per i contenuti differenti che lasciano affiorare, per i vari punti di vista che svelano, compongono una rappresentazione realistica, articolata e coerente dell'Amazzonia attraversata da Ermanno Stradelli oltre ad un affascinante ritratto del loro autore.

1. Alla scoperta delle sorgenti dell'Orinoco: cronaca di una spedizione

Come già sottolineato, quella alle sorgenti del fiume Orinoco è la prima spedizione di Ermanno Stradelli a godere del patrocinio morale della Società Geografica Italiana. Divenutone socio, il viaggiatore, in cambio dell'egida del sodalizio - simboleggiata dal timbro confezionato per l'occasione ed utilizzato nella corrispondenza - e di alcune facilitazioni ottenute (soprattutto lettere di raccomandazione al Ministero degli Affari Esteri), si assumeva l'onere di inviare resoconti dettagliati della spedizione e conformi alle aspettative, in vista della loro pubblicazione sul Bollettino, responsabilità che non aveva avuto nei suoi precedenti viaggi.

In una sua lunga missiva del 27 marzo 1887, inviata da Caracas nella fase iniziale del viaggio e prima dell'inizio della spedizione, al Segretario della Società Geografica, il neo-socio si mostra consapevole delle varie strade che si aprono alla sua narrativa e del proprio oscillare, nell'atto stesso di redigere la lettera, tra un genere letterario e l'altro. La descrizione del viaggio in treno dalla cittadina portuale di La Guaira alla capitale del Venezuela è un saggio della capacità d'osservazione e del talento letterario dell'autore, che, avvalendosi anche del suo sguardo da fotografo, riesce a rendere dinamico ed avvincente il racconto:

Ad un tratto il treno si trova sulla cresta dei contrafforti della cordigliera e da essa s'interna, mentre che il cielo, come a disagio, è limitato dalla cresta delle montagne circonvicine. Ai nostri piedi non è più il mare, ai nostri piedi non è più la valle, in cui il cocco s'eleva svelto ed ardito, interrompendo colla sua tinta di verde cenere il verde della canna da zucchero e del granturco. Immensurabili burroni s'aprono sotto di noi, la costa del monte orrida e brulla acquista una fisionomia tutta speciale dai cactus che a guisa di candelabri stendono le loro braccia nude al cielo, in mezzo ad una vegetazione misera e rachitica. (STRADELLI, 1887a, pp. 502-503)

La lettera fu pubblicata sul Bollettino, e, considerata la ricercatezza del paragrafo riportato, probabilmente il suo autore era stato consapevole di tale eventualità al momento della scrittura. Tuttavia, nel descrivere l'arrivo a Caracas e la sua ricerca di un albergo, interrompe bruscamente la narrazione, con le seguenti considerazioni: «Ora però basta. Non voglio scrivere sin da adesso un diario. Lo comincerò dalla mia partenza da Trinidad e lo rimetterò regolarmente costì» (*ibidem*, p. 503).

L'esplorazione geografica, infatti, non è ancora iniziata. Subito dopo questo annuncio, passa a descrivere Caracas in modo alquanto dettagliato e nuovamente, s'interrompe:

Davanti alla cattedrale si apre la piazza Bolivar, ornata al centro dalla statua equestre del Libertador, luogo dove si riuniscono a sera i Caraqueños e che mette nella piazza del Capitollo, dove sorge il Palazzo Federale, contenente le due Camere, il salone dei ricevimenti ufficiali, ornato dei ritratti degli uomini più illustri del paese [...] Poi laggiù, più al S., il teatro che porta il nome di Gusman Blanco e poi S. Teresa e poi la Candelaria laggiù in fondo all'Avenida E., e il teatro Caracas, ecc, ecc; giacchè senz'accorgermene mi sono messo a fare una guida per viaggiatori, rubando il mestiere ai Baedeker. (*ibidem*, p. 504).

Se, poco prima, aveva censurato lo scivolamento nella dimensione diaristica, ingiustificato prima dell'inizio vero e proprio della spedizione, adesso è critico nei confronti del tono da guida turistica che, senza volere, ha assunto. Ma vi è dell'altro da comunicare, che non rientra né nel primo né nel secondo approccio: «Ed ora? Avrei ancora tante e tante cose da dire che non so proprio da che parte cominciare».

Rivela qui un'esitazione proprio quando è sul punto di cominciare la parte più tipicamente geografica della sua comunicazione, nella quale però non sembra trovarsi molto a suo agio: «Il clima (prendete qualunque trattato di geografia e ve lo dice) è mite, quasi direi primaverile eternamente; il massimo, mi dicono, è + 29 o +30 centigradi, una delizia». Passa poi a parlare rapidamente delle coltivazioni esistenti nei dintorni di Caracas, sostenendo le grandi potenzialità agricole, se ben sfruttati, di quei territori. Siamo però ormai alla fine della lettera e tali note informative risultano molto brevi, se confrontate con le estese descrizioni dei luoghi e degli spostamenti, che le precedono.

Sulle motivazioni che lo avevano spinto a scegliere l'Orinoco come meta dell'esplorazione, sappiamo, dal suo stesso racconto, che era stata l'esperienza della vista meravigliosa goduta dal Monte Guaf ad ispirarlo. Non possiamo però non pensare, considerata la sua formazione letteraria ed il suo interesse per la storia americana, ad un intenso desiderio di conoscenza verso le terre che sin dal 1500 avevano stimolato la fantasia dei cronisti, oltreché la cupidigia dei conquistatori, anche per la convinzione circa l'esistenza di un paese ricchissimo, l'Eldorado, cui avrebbe condotto l'Orinoco. Di questo fiume aveva brillantemente scritto Humboldt; esso faceva capolino dalle pagine di classici della letteratura di viaggio, come *Robinson Crusoe*, ed avrebbe continuato ad ispirare

scrittori (come Jules Vernes) e viaggiatori (tra gli altri, Rudy Truffino) lungo tutto l'Ottocento e sino alla metà del Novecento. Stradelli, avido lettore, si era preparato all'impresa leggendo tutto ciò che, su quelle regioni, era stato scritto nell'arco di quattro secoli.

Alimentata da resoconti e racconti intrisi di leggende e d'avventura, progettata nel fiore degli anni, con una discreta esperienza alle spalle ed alcune ambizioni geografiche, la tanto desiderata spedizione alla scoperta delle sorgenti dell'Orinoco si rivelerà, sin dal suo principio, ben diversa da ciò che il suo protagonista aveva immaginato.

Si tratterà, come vedremo, di un viaggio in cui troppe cose non andranno come previsto. Ancora prima del suo inizio, in un momento abitualmente caratterizzato dall'eccitazione e da aspettative positive, un'ombra gigantesca si profila all'orizzonte: il viaggiatore riceve a Caracas la notizia secondo cui il francese Jean Chaffanjon avrebbe scoperto le fonti del fiume solo poche settimane prima. Stradelli, che ben conosce i resoconti degli esploratori che si sono cimentati nell'impresa, ed in particolare quello dello spagnolo Apolinar Diaz de La Fuente (spedizione del 1759-1760), ritiene, leggendo il rapporto di Chaffanjon, che quest'ultimo sia giunto semplicemente al punto dove il primo, più di cento anni fa, aveva interrotto l'esplorazione, per l'impossibilità oggettiva di proseguire oltre. L'annuncio trionfale del francese gli appare dunque ingiustificato e, per di più, segno di una scarsa conoscenza della letteratura: «E se crede di aver trovato qualcosa di nuovo, ciò vuol dire ch'egli ignora tutto quanto fu fatto e fu scritto prima da Diaz de La Fuentes, Solano, Bobadilla, Humboldt, Michellena, Codazzi e forse altri che non conosco [...]» (STRADELLI, 1887, p. 505).

La preparazione dei viaggi a partire dalla lettura approfondita di tutto quello che, dei territori attraversati, è stato scritto dagli esploratori, naturalisti e geografi che lo hanno preceduto, è una costante nell'approccio di Stradelli: ci rivela la sua diligenza ed onestà intellettuale, l'interesse per la storia e la geografia, la sua epistemologia ed il suo metodo di lavoro. Il riferimento, dopo l'elenco dei viaggiatori di cui ha letto i resoconti, a quelli che eventualmente non conosca, è un altro indizio dello scrupolo scientifico che lo contraddistingue. Restio alle facili induzioni e deduzioni non passibili di prova e all'utilizzo di fonti di seconda e terza mano, è fautore di una conoscenza saldamente ancorata ai dati offerti dalla realtà e verificati direttamente, di persona:

Se tutti non scrivessero che ciò che videro e constatarono, parrebbe forse

che si sapesse qualche cosa di meno, ma in realtà si saprebbe ben di più di ciò che non si sa oggi, perché si saprebbe ciò che si sa; e ciò che non si sa è meglio non saperlo, che saperlo male (STRADELLI, 1890a, p. 429)

Laddove si spinge sul terreno delle ipotesi o congetture, volte ad indicare possibili soluzioni a questioni geografiche o antropologiche, non lo fa senza premettere alcune precisazioni e giustificazioni, dovute da un lato alla sua insicurezza dal punto di vista scientifico, dall'altro a proteggersi da eventuali critiche. Si veda ad esempio il passaggio nel quale riflette sul singolare paesaggio offerto, lungo l'Orinoco all'altezza di Maypures, dalle colline granitiche stranamente arrotondate e dal fenomeno dei blocchi pietrosi sovrapposti gli uni agli altri in modo caotico, spiegati dai più come residui morenici di antichi ghiacciai:

Invece di vedere in questi ghiacciai le tracce di un fenomeno generale, che si sarebbe esteso in tempi antichissimi su tutte queste infuocate regioni, non vedevo che un fenomeno parziale, direi quasi locale, di cui invano cercavo un riscontro nelle parti da me conosciute del vasto bacino delle Amazzoni e allora domandavo a me stesso : invece di essere queste colline contrafforti della Parima, con cui si sarebbero sincronicamente sollevate, non potrebbero essere le creste di una catena di alte montagne, coperte un tempo di nevi perpetue e ghiacciai, abbassatasi quando le Ande e la Parima si sollevavano? [...] Ma l'ho già detto, non sono uno scienziato, ma un semplice *touriste* e un tantino, bisogna pure confessarlo, ignorante; e se talvolta mi azzardo a dire ciò che penso su quanto hanno pensato gli altri, è solamente a titolo d'*impressione* e nulla più, lasciando a *chi sa* intatto il campo della speculazione scientifica e restringendomi ai fatti. (STRADELLI, 1888b, p. 721).

D'altra parte, una certa insicurezza è ostentata anche rispetto a compiti più semplici: «Far la descrizione di Maypures non tento; la penna d'Humboldt l'ha tentato e non mi sento di rivaleggiare con l'insigne autore del *Cosmos*!» (*ibid.* p. 718). In questo caso riteniamo si tratti però più che altro di un espediente retorico, volto a tener desta l'attenzione del lettore. Maypures è infatti definita: «un povero mucchio di capanne» di cui «probabilmente tra qualche anno invano il viaggiatore cercherà i resti» (*ibid.* p. 719).

In seguito, subito dopo aver descritto San Fernando d'Atabapo, già importante missione gesuitica e nel momento in cui scrive capoluogo dei territori riuniti dell'Alto Orenoco e dell'Amazonas, ritiene necessaria una precisazione prima di continuare la relazione con informazioni sulla storia recente del paese e sui cambiamenti operati dalla Costituzione del 1883 : «Sono venuto parlando nel corso di queste note, che vorrebbero aver l'aria di una relazione, ora di Stato, ora di Territorio e non sarà forse inutile, per

maggior chiarezza, che dica due parole sulla costituzione politica degli Stati Uniti di Venezuela» (*ibid.* p. 834).

Si schermisce dunque *ex-ante* da una possibile inadeguatezza della sua relazione, chiarendo che si tratta in realtà di semplici note, e sente di dover giustificare la digressione storico-politica che segue.

Questo e gli altri punti già sottolineati, ci comunicano l'impressione di una certa insicurezza sul modo di affrontare il genere 'resoconto di viaggio', ibrido e composito per sua natura, evidente nell'esitazione relativa ai temi da trattare e all'andamento complessivo da dare all'esposizione, cui fanno da singolare contrappunto la fluidità dello stile, la leggerezza e l'eleganza della scrittura. Si tratta ad ogni modo della sua prima prova nel genere in questione; con il tempo e con l'esperienza acquisirà maggiore padronanza e assertività.

D'altra parte, alcune delle esitazioni dimostrate sul piano della narrazione possono in parte essere spiegate con l'incertezza che pesa sulla spedizione sin dal suo inizio: non solo per l'eventualità di non essere il primo a scoprire le sorgenti del fiume, ma anche e soprattutto per il mancato arrivo del compagno Augusto Serra, assieme al quale aveva progettato l'impresa, contattato la Società Geografica, organizzato il viaggio nei dettagli, e con il quale avrebbe condiviso i costi; Serra avrebbe dovuto raggiungerlo a Ciudad Bolivar, dopo aver sostenuto gli esami da capitano di cavalleria a Genova, portando con sé parte degli strumenti necessari alla buona riuscita della spedizione. L'impatto della sua defezione può essere soppesato richiamando le affermazioni contenute nella lettera dell'11 maggio 1885 di Stradelli, sottoscritta anche da Serra, alla presidenza della Società Geografica:

Il viaggio sarà fatto totalmente a nostre spese, e siccome nei paesi in cui andremo l'unica probabilità di riuscita è l'essere in pochissimi, noi abbiamo deciso di essere noi due solamente e nessun altro, in quanto poi alla scorta di formazione all'ultimo momento pigliando esclusivamente degli indiani.

Stradelli si ritroverà però non «in pochissimi», ma solo. A Ciudad Bolivar, che ha raggiunto all'inizio di aprile dopo un viaggio in piroscalo da Puerto d'Espanã, ancora con la speranza di veder arrivare l'amico, si dedica alla ricerca dell'imbarcazione, che trova con qualche difficoltà e non pienamente rispondente alle aspettative, ed alla contrattazione dell'equipaggio, che risulterà composto da un pilota e quattro marinai.

Tutto è pronto per iniziare il viaggio, unitamente alla sua narrazione:

Il 4 maggio però, matricolate alla dogana la ciurma e la *piragua* (è il nome che si dà al genere di imbarcazione da me acquistato), arrivati i viveri e tutte le cose mie, ero finalmente pronto a partire [...] diretto alla sorgente dell'Orenoco. Alle 3 con buon vento mettevo alla vela, mentre il *patron* (pilota) volgeva all'equipaggio la sacramentale interrogazione che ho poi sentito ripetere tre o quattro volte tutti i giorni: - *Con quen vamos?* - E il proero rispondeva: - *Vamos con Dios - Y con la Virgen* - conchiude il primo. (STRADELLI, 1887b, p. 830).

La *piragua*, matricolata con il nome 'Venezuela', darà non pochi problemi per una sua caratteristica strutturale, subito colta dal viaggiatore: «ha un difetto solo, per me, non è abbastanza chiatra e pesca troppo» (*ibidem*). Il primo giorno di viaggio trascorre normalmente:

Il vento fresco empie tutto il *redondo* e la piroga fila contro corrente le sue tre miglia all'ora. Poco prima delle 5 giungiamo alla Playa Blanca e, benché presto, ci arrestiamo. Il cielo nero minaccia un temporale e poi il primo giorno non si fa mai molta strada e si è obbligati di fermarsi prima dell'ora per accomodare il carico nelle imbarcazioni, facendo i mutamenti necessari per trovare le maggiori comodità possibili ed è a ciò a cui mi occupo con il pilota e due dei miei uomini, mentre gli altri due preparano le amache per passare la notte [...] Due pali solidamente conficcati nell'arena servono di sostegno all'amaca e al zanzariere; non vi sono zanzare, ma preserva dall'umido dell'aria la notte, protetta da una tettoja fatta di un rettangolo di tela da vela. È semplice, è fresco ed è comodo e in questi paesi preferibile in tutto alla tenda [...]. La ciurma tutta, parte per pigrizia, parte per non avere amaca, s'involge nell'ampia coperta di lana, nella *cobica*, e si distende per dormire semplicemente sull'arena. (*ibid.*, p. 830).

L'indomani, un repentino cambio del vento rivela le scarse abilità dell'equipaggio: «di cinque uomini non posso contare che sopra a due, che soli conoscono la manovra», impressione che si rafforza il giorno seguente, quando l'imbarcazione s'incaglia e corre il rischio di capovolgersi:

[...] Alle 11 siamo all'isola del Veado, lasciando a dritta la costa di Custua da dove ripartiamo dopo colazione con buon vento E 1/3 N che va mano a mano rinforzandosi sino a farsi fortissimo. La spiaggia è bassa, non presenta luogo dove ripararsi; tanto meno il *baranco* dell'isola di fronte, che adesso che il fiume cresce, è pericolosissimo; quindi per quanto a malincuore mi trovo obbligato a correre, coll'uragano che si scatena furioso. Per fortuna l'abbiamo in poppa. Filiamo colla velocità di un piccolo vapore, rompendo le onde brevi e continue che si fanno sempre più minacciose: il timone governa a stento. Colla direzione che abbiamo,

si va infallibilmente a dare in secco, bisogna piegare verso la barra per evitarlo. Ne do l'ordine, il pilota cerca di farlo eseguire, ma mal destri perdono tempo, e ciò che attendeva accade: diamo in secco e la vela strappata dal vento alle mani inesperte che tentano ammainarla, ci tiene qualche istante in procinto di essere capovolti [...] per uscirne, visti gli ordini vani, sono obbligato a pagare di persona ed andare io stesso ad aiutare ad ammainare la vela. (*ibid.*, p. 831)

Certamente, in occasioni come questa, Stradelli deve aver particolarmente rimpianto l'assenza di Serra. Il viaggio prosegue sino ad Atures, dove deve abbandonare la *piragua* che, ad onta dello sforzo di sette uomini e di una puleggia messagli a disposizione dal direttore della Compagnia dell'Alto Orenoco, non riesce a passare la rapida. Stradelli conta di raggiungere, grazie ai mezzi di trasporto della Compagnia, San Fernando d'Atabapo, da dove, acquisita un'altra imbarcazione, intende seguire il suo cammino diretto alle sorgenti. Non ha ancora perso le speranze:

Se Serra viene, o se almeno ricevo gli strumenti necessari per fare qualche cosa di utile, o pel Cassiquiare o lavita, secondo le circostanze, discenderò pel Rio Negro a Manaos di dove, rifornitomi di quanto ora mi manca, penso di ritentare l'impresa pel Rio Blanco. Ma prima di decidermi, aspetterò qualche tempo a San Fernando, per vedere se posso avere la fortuna di ricevere qualche lettera di Serra, che mi spieghi l'enigma di così lungo silenzio e mi tolga dall'incertezza in cui verso. (*ibid.*, p. 848)

Tuttavia la permanenza ad Atures sarà più lunga del previsto. L'11 agosto 1887 Stradelli scrive a Dalla Vedova: «è quasi un mese che son qui, né so quando potrò seguitare il viaggio: ma una cosa è certa; non avrei mai trovato il tempo di scrivere questa abbreviata relazione di cui Lei, professore carissimo, farà ciò che vuole, se non fosse stato questo riposo forzato» (*ibid.* p. 848-849). E più tardi «ho passato più di due mesi ad Atures, sperando tutti i giorni di poter seguitare il viaggio e vedendo sempre rimandata l'ora desiderata» (STRADELLI, 1888a, p. 715).

Il ritmo di fondo della narrazione è dato dal diario di viaggio, scandito in giorni e a volte in ore, accompagnando da vicino le vicende e gli imprevisti della navigazione, le variazioni metereologiche e la routine degli accampamenti quotidiani e dei pasti. Su tale ossatura si innestano descrizioni geologiche del territorio, osservazioni dettagliate dell'idrografia, in particolare per quanto riguarda le rapide e le cascate, informazioni climatiche, digressioni storiche, note etnografiche e, in modo piuttosto costante, analisi

più o meno approfondite sulle risorse naturali e sul grado di sviluppo dei territori attraversati, il tutto espresso in una prosa vivace ed agile, dallo stile e dall'andamento più letterario che scientifico:

L'Atabapo, come tutti sanno, è un fiume di acque scure [...] Corre quasi esclusivamente tra rive basse e soggette a inondazioni, su cui cresce tanto, da non lasciar luogo quasi ad altra vegetazione che ad una pianta, detta *palo de boja*, il cui tronco (a forma di carota capovolta, terminata da esili rami, su cui crescono piccole e rare foglie di un verde-cinereo, mentre il tronco è di un giallo sporco chiazzato di macchie nerastre) concorre a dargli uno strano aspetto, che non perde fino a Yavita [...] Il colore oscuro delle sue acque credo doversi attribuire a materie organico-vegetali, che, causa appunto la qualità del terreno che percorre, non sono state precipitate da materie terrose [...] (STRADELLI, 1888b, p. 842).

Le potenzialità economiche dei territori attraversati vengono spesso legate al tema, allora molto dibattuto e di grande attualità, dell'emigrazione e della colonizzazione europea in terra americana:

La vasta pianura dell'Orenoco, che ho fino a qui percorsa, composta, nella maggior parte, di detriti granitici, non è atta alla cultura, ma è resa invece attissima all'allevamento del bestiame, che saggiamente incoraggiato, potrebbe prendere uno sviluppo molto maggiore di quello che ha, potendo servire a nutrire il numero di braccia necessarie per l'esportazione dei prodotti naturali che abbondano dovunque, mentrechè le colonie agricole saranno sempre e forzatamente limitate a piccola cosa, essendo poco il terreno che a ciò si presta. Il clima, per il contrario, è molto più sano in media che quello delle Amazzoni, e tutto ciò che si è scritto fino ad oggi sulla inabitabilità del paese, causa le *playas* che lo infestano, è esagerato. Capisco che Humboldt le trovasse insopportabili, ma non sono tali da non potersi abituare, e sono convinto che una colonizzazione europea, quando fosse guidata non da teorici, ma da pratici conoscitori del terreno e del clima, potrebbe certamente prosperarvi, sempreché la speculazione non se ne immischi [...] (STRADELLI, 1887b, p. 848)

In svariate descrizioni del paesaggio, osservazione scientifica ed attitudine letteraria coesistono, rendendo la lettura, secondo quanto suggerito dal presidente Negri, 'piacevole', come in questo passaggio relativo al corso del Rio Negro:

Le coste qui sono alte e accidentate e il letto del fiume pietroso, ma senza rapide d'importanza. Sono grandi strati di grés bruno, in cui il quarzo e la mica abbondano, che si stendono con inclinazione dolcissima passando spesso da lato a lato e lastricandone il letto. Il fiume è poco profondo e sparso, come del resto lo è in tutto il suo lungo corso, di isolotti raramente

disabitati, coperti di vegetazione e siti come ad arte sopra strati di roccia e massi, che talvolta si presentano come una barriera alzata da un popolo di giganti per ripararli dall'ira dell'onde. Nulla di più pittoresco; e a completarne l'effetto spesso tra gli interstizii, eleganti gruppi di palme, di quella specie che qui chiamano *caranay*, si elevano disegnandosi nettamente sull'azzurro diafano dell'equatore. Il nostro bell'azzurro qui è ignoto; l'aria sempre carica di vapori acquei, anche nelle epoche più asciutte, ha un tono di dolcezza infinita. In compenso, causa forse la perpendicolarità dei raggi solari, l'ombre son dure, le mezze tinte quasi non esistono. (STRADELLI, 1889a, p. 11)

L'aggettivo «pittoresco» utilizzato dall'autore - da intendersi piuttosto nel senso di *pittorico* - evidenzia perfettamente il taglio della descrizione di Stradelli, volta a raffigurare il paesaggio in modo squisitamente artistico. Lo sguardo del viaggiatore è, al tempo stesso, d'insieme e di dettaglio, ma a volte ci si può ingannare:

Ahimè! il grazioso colpo d'occhio che offre San Fernando è una menzogna, un vero tranello teso agli incauti: la sua posizione in luogo basso e paludoso, ai cui piedi l'acque dell'Atabapo formando laguna ristagnano, lo rende eccessivamente malsano. Al mio arrivo incontrai quasi tutti gli abitanti o malati o convalescenti, io stesso pochi giorni dopo arrivato riebbi le febbri, che credevo aver per lungo tempo scongiurate [...] (STRADELLI, 1888a, p. 833).

Vittima lui stesso di malaria terzana, rivelando abilità insospettite riesce a curare le indisposizioni altrui : «Uno dei miei uomini ha avuto la febbre nella notte, ma il giorno dopo tornò senza difficoltà al lavoro, rimesso in piedi da una dose omeopatica d'arsenico. Ridete, ma sono omeopatico e me ne trovo contento» (STRADELLI, 1887b, p. 843).

Dal resoconto di questa spedizione tanto difficile e travagliata emerge, attraverso frammenti di diario, commenti ironici o amari, ricordi e aneddoti, un ritratto vivido del suo protagonista. Siamo ancora alla prima notte di viaggio e Stradelli, nel raccontare la conversazione udita dalla sua ciurma, prende spunto dai temi da questa toccati per presentarsi ai lettori:

Vi è uno che pare sia la prima volta che esce da Bolivar e sento che gli altri si divertono a raccontargli storie di caimani, di jaguar, di vampiri da far venire i brividi, a meno che non lo facciano per me, ma è tempo perduto. Anch'io, come ogni europeo, la prima volta che ho messo piede in America avevo un'idea esageratissima di tutto ciò; ma oggi posso assicurare, che salvo casi eccezionalissimi, l'alligator, il caimano o il jacaré, come volete, non attacca [...] Pei vampiri, basta dormire con una coperta leggerissima o col *mosquiteiro* per esserne garantiti. (*ibid.*, p. 831)

Il suo rapporto con gli animali è di vario tipo: pervaso dall'interesse naturalistico e quindi di appropriazione, conservazione e collezione come nel caso dei serpenti, degli uccelli e dei pipistrelli; dominato dal bisogno di alimentare sé e l'equipaggio, e quindi di cacciatore-preda; o puramente gratuito e 'sportivo', come mostrato nel seguente passaggio :

Sulla spiaggia Maria-Luisa, riva sinistra, un jaguar, il terzo che mi è dato di vedere da che viaggio nell'America Centrale, fa la sua apparizione. Gli mando due palle, ma inutilmente. Non sono mai stato un grande tiratore, ma da bordo non prendo in una casa, e sì tiro moltissimo, per esercitarmi, sui caimani che non mancano e sono un eccellente bersaglio, che raramente si sottrae prima del terzo o del quarto colpo (*ibid.*, p. 832).

Se da un lato percepiamo una sorta di compiacimento nel descrivere la propria goffagine nel cacciare, in antitesi allo stereotipo classico dell'esploratore, dall'altro il viaggiatore minimizza le difficoltà di alcuni tratti del fiume, notori per la loro pericolosità: «precisamente dove [l'Orinoco] venendo dal S. ripiega bruscamente all'E. vi è il Randal de Camiseta, già più d'una volta ostacolo ai navigatori, ma che io ho passato quasi senza accorgermi» (*ibid.*, p. 833). E, quanto alla successiva Boca del'Inferno commenta:

il passaggio non è dei più facili, ma il vento è favorevole e noi passiamo senza difficoltà alla vela, rasentando una pietra, ora fuor d'acqua, dove "l'Apure", uno dei battelli a vapore della Compagnia Lees [...], diede contro alcuni anni or sono, miseramente colando a picco (*ibidem*, p. 833-834).

E, di fronte ad un serio pericolo dal quale è scampato, usa un tono divertito, ma solo perché è passato del tempo dall'esperienza in questione:

Dormiamo sulla punta di Panunama di fronte al Randal d'Atures, che irrompe spumeggiando per cinque bocche tra mucchi di neri massi di granito [...] Ho detto più alto, dormire, ma mi correggo. Svegliatomi circa alle 11 vo per uscire e trovo la piroga già quasi piena di acqua, mezz'ora più che avessi dormito e andavo a render conto del mio viaggio ai pesci, in fondo all'Orenoco, cosa che credo completamente indifferente ai suoi pacifici abitanti, e che non avrebbe interessato tutto al più che qualche caiman dandogli l'occasione di fare la mia personalissima conoscenza. Ma sì, ora scherzo, ma allora era tutt'altra cosa, e non giurerei di non aver avuto nessuna alterazione della voce chiamando la mia gente, che dormiva profondamente [...] (*ibid.*, p. 847).

Nel descrivere l'inizio della sua escursione al fiume Vichada, che definisce «una gita, non una esplorazione», ci offre un'auto-rappresentazione dai toni burleschi:

La curiara è piccola e i miei due bauli, il sacco della amaca, i pochi viveri, il baule e le poche cose del sig. Matteo, un mulatto nativo di Carabobo, che mi ha gentilmente accettato come passeggero a bordo, la caricano più che a sufficienza; con tutto ciò vi starò comodo; dietro vi è il posto per potervi mettere la mia *chaise longue* e vi starò come un principe. Ma dove sono i rematori? Matteo e un ragazzetto solamente? Ho bell'e capito, tocca prendere il remo anche a me. Addio mio principe! (STRADELLI, 1888a, p. 722).

Nel villaggio di Cumaca, che si compone di sette capanne di paglia, «l'accoglienza fu eccellente e poco dopo ero amico con tutti, e tutti facevano a gara a darmi parole per il mio dizionario [*di lingua tamo*], sicchè spesso, appunto per il troppo zelo, mi confondevano, in modo che non capivo più nulla» (*ibid.* p. 729). A Suària, il capitano Leon fa a Stradelli gli onori di casa,

forzandosi di farsi intendere come meglio può, e ad ogni parola indigena che imbrocco, egli con tutta la scorta ride e tutti ripetono la parola felicemente indovinata; ma se la sbaglio, la correzione viene da tutti i lati e a questa aggiungono la spiegazione, nella loro lingua s'intende, e allora io non capisco più un'acca, mi rassegno, fingo di prendere una nota [...] (*ibid.* p. 737).

Emerge dall'insieme di questi frammenti un non volersi prendere - ed un non voler essere preso - troppo sul serio nel ruolo di esploratore di mestiere e di esperto (di lingue indigene, di scienze naturali etc.), atteggiamento legato forse anche al tentativo di esorcizzare un'insicurezza di fondo, nella conduzione del viaggio e nella sua narrazione. Insicurezza legata a circostanze materiali - come l'assenza del compagno, la mancanza degli strumenti - e personali : l'irrequietezza e l'insoddisfazione continua; il fatto di non possedere una formazione accademica come naturalista o geografo; la scarsa pratica nella redazione di resoconti di viaggio.

2. Etnografie dell'Uaupés

Il tema dell'invio dei resoconti alla Società Geografica, come qualcosa di promesso, annunciato, assicurato, rimandato, ritardato, mancato, torna molto spesso nella corrispondenza tra Stradelli e Dalla Vedova. Talora, i testi sono annunciati e probabilmente mai spediti: è il caso della relazione sull'esplorazione al fiume Purus del 1888-1889, più volte menzionata nelle missive; altre volte, i testi vengono scritti ed inviati

molto tempo dopo esser stati annunciati, come nel caso dell'articolo sull'Uaupés, spedito alla fine del 1888, due anni dopo essere stato promesso al Segretario Generale, e pubblicato nel 1890; in altri casi vi è uno scarto tra il momento del viaggio e della pubblicazione, restando incerto dove si collochi il momento della scrittura, come nel caso dell'articolo sui petroglifi, pubblicato nel 1900, - relativo ad un viaggio di 9 anni prima - e del resoconto della spedizione al fiume Jauaperi.

Stradelli si riferisce al suo articolo sull'Uaupés come a delle «poche note»:

Manaos, 9/11/88

Amico carissimo,

eccole qui le poche note promesse sull'Uaupés e i Uaupés che forse non avrei scritto se non era il libro del sig. Coudreau [Voyage à travers les Guyanes et l'Amazonie, in La France équinoxiale, 1887, cit.] e la fortuna di poter avere la genuina leggenda del Jurupary che le accompagna [...]

Questo che va qui è scritto un po' in furia come tutte le cose mie, ma riposo nella sua gentilezza per tutto ciò che riguarda le correzioni indispensabili e vi riposo completamente dopo aver visto i numeri del bollettino in cui sono già uscite le cose mie [...]

Il riferimento all'esploratore francese Henri Coudreau è critico, e viene chiarito, in modo sarcastico, nelle prime righe delle sue «note»:

L'Uaupés è uno dei più importanti e, nello stesso tempo, uno dei più interessanti affluenti del Rio Negro, per quanto poco esplorato. Gama Lobo d'Almada ne visitò una piccola parte sulla fine del secolo scorso, poi sulla metà di questo, Wallace, di cui i vecchi si ricordavano ancora in Jauareté e poi, dopo di me, il sig. Coudreau, che per quanto vi facesse una rapida corsa, ha saputo dirne tante belle cose (STRADELLI, 1890 a, p. 425).

Stradelli navigò in tre occasioni il fiume Uaupés - affluente del Rio Negro che nasce in Colombia sviluppandosi sino alla foce per un'estensione di 1.375 chilometri, di cui 342 in territorio brasiliano e segnando, per un tratto considerevole, il confine tra i due paesi. Vi si recò nel 1881, nel 1882 e nel 1890-91, risalendone il corso per più della metà, addentrandosi in profondità in territorio colombiano, con imbarcazioni a remi, poco più equipaggiate della tradizionale *ubá* (canoa) indigena, affrontando le numerose difficoltà frapposte alla navigazione, dovute in primo luogo alla presenza di svariate *cachoeiras* e *corredeiras* (cascate e rapide).

Di questo fiume effettuò nel corso dell'ultimo viaggio il «rilievo alla bussola», confluito in una colorita carta, ricca di annotazioni interessanti tanto dal punto di vista geografico quanto etnografico (Fig. 20). In essa sono annotate non solo le principali *malocas* incontrate, ma anche i sentieri terrestri utilizzati dagli indigeni per spostarsi, attraverso la foresta, da un villaggio all'altro. Il rilievo non fu affatto semplice, come spiega nella lettera del 18 luglio del 1890, dalla Cachoeira del Jauareté:

Prof. Gentilissimo,

Le scrivo di mezzo ai selvaggi, circondato dai medesimi in buona salute e migliori disposizioni. Fino adesso poche navigazioni causa il cattivo tempo e una o meglio due tre disgrazie. Nel passare una cascata mi hanno lasciato cadere o che altro non so, la cassa del teodolite e si è spezzato il vetriolo che l'altro giorno lasciato al sole è caduto avendo il forte calore di questo [effratto] la cassa. Vo avanti al sestante e pazienza. L'altra è che sono dovuto affastarmi [sic] una mattinata e l'incaricato del cronometro, che non portato con me per non alterarne la marcia me lo ha lasciato fermare. Vo facendo quindi le osservazioni facendo stazione tosto che potrò in qualunque luogo dove mi fermi un po' di tempo [...]

Figura 20 - E. STRADELLI, *Rilievo a bussola del fiume Cayari*

Possiamo presumere che iniziasse ad organizzare le annotazioni relative ai suoi primi due viaggi dopo essere entrato in contatto con la Società Geografica, su richiesta di quest'ultima, e prima della partenza per l'Amazzonia, non riuscendo però a terminare il lavoro in tempi brevi. Nella lettera del 30 agosto 1888 (*supra*, p. 45), ne preannuncia il completamento, tuttavia il testo verrà inviato a Dalla Vedova solo sul finire dello stesso anno, assieme alla prima parte della *Leggenda del Jurupari*, raccolta tra i popoli dell'Uaupés da Max J. Roberto.

Probabilmente il riferirsi allo scritto come a delle «semplici note», è dovuto al fatto che in esso confluiscono osservazioni relative a due diversi viaggi, quello del 1881 e quello del 1882 : ciò, anche per il lungo tempo trascorso da quell'epoca, non consentirebbe di utilizzare il formato del diario di viaggio e neppure, per il carattere sparso delle annotazioni e per qualche possibile incertezza sull'ordine temporale dei fatti registrati, quello del resoconto puntuale.

Dei suoi viaggi lungo questo fiume Stradelli non ha lasciato una documentazione fotografica, come è avvenuto per le spedizioni al Jauaperi ed al Purus. Certamente però, quello di fotografare la natura e, soprattutto, gli uomini, era uno degli obiettivi principali delle sue escursioni nella regione, come si evince da un divertente episodio - narrato dall'autore nel resoconto - che, per la ricchezza di elementi contenuti e per il fatto di esemplificare uno stile narrativo caratteristico, riportiamo estesamente:

[...] e se non era un caso fortuito che mi fece ottenere di poterli ritrattare, non vi sarei mai riuscito. Mi servivo ancora dell'incomodo processo al collodio e fissavo al cianuro. In Jauareté, dove ero giunto senza aver potuto tirare la fotografia di un solo Indiano, per quanto avessi fotografato i frati e i loro discepoli in tutte le maniere possibili, montai la tenda che mi serviva di gabinetto oscuro vicino alla casa del *tuxàua* Mandú, e presi le vedute della cascata e del villaggio. La mattina dopo il mio *tuxàua* viene e mi domanda veleno per le formiche. Protesto che non ne ho. Egli mi dice rotondamente che mento; m'inquieto, e allora lui mi conduce dove il giorno prima avevo montato la tenda, e là sul luogo, con un gesto grandioso, da melodramma, mi indica il campo seminato di morti. Dovetti chinare la testa e dire: *Cupí teen*, è verità. Il caso aveva voluto che montassi, senza accorgermi, il gabinetto scuro sopra un formicajo, e naturalmente, dove il cianuro era giunto, aveva fatto il suo dovere. Avevo già fatte le fotografie che desideravo e non volevo privarmi di cianuro, di cui non possedevo troppa quantità, quando mi balenò un'idea: "Hai ragione, dissi al *tuxàua*; ma questo veleno non è il migliore, perché è fatto colla vista di piante e delle case, il buono è quello che si fa cogli uomini e colle donne. Vieni qui, mettiti fermo lì davanti alla macchina e vedrai che

buon veleno". Mandò non se lo fece dire due volte; ed io gli diedi, uscendo dal camerino, una buona soluzione di cianuro, facendogli tutte le raccomandazioni possibili. Fu a provarlo accompagnato da tutta la sua gente; l'effetto fu straordinario. Da quel giorno egli mi procurava gente da fotografare. Quando non ve ne fu più in Jauareté, la fece venire da fuori, e credo che senza muovermi di lì, avrei ben potuto fotografare l'intero Uaupés (STRADELLI, 1890a, p. 443).

Purtroppo, continua l'autore, tale lavoro fu interamente perduto, perché le termiti entrarono nella cassetta dove erano custoditi i *clichés* fotografici, corrodendo la superficie delle lastre. È da sottolineare la laboriosità della tecnica fotografica al collodio umido utilizzata dal viaggiatore, che prevedeva il trasporto di una pesante attrezzatura e di varie soluzioni chimiche (il collodio, il cianuro di potassio, il nitrato d'argento) necessarie alla preparazione e al fissaggio delle lastre di vetro. Nella grande macchina fotografica in legno e con soffietto venivano infatti inseriti, al posto della pellicola, supporti quali il vetro e il metallo, che andavano sviluppati e fissati entro pochi minuti dall'esposizione della lastra, rendendo necessario l'allestimento di una camera oscura nelle immediate vicinanze del luogo dove era scattata la fotografia.

Considerata la difficoltà della navigazione lungo il fiume Uaupés e i suoi affluenti, che imponeva frequentemente di scaricare completamente l'imbarcazione e procedere via terra, dobbiamo presumere che Stradelli attribuisse grande rilevanza alla produzione di un registro fotografico di tali spedizioni (come apparirà in seguito nelle sue comunicazioni relative alle escursioni nel Purus). È pertanto singolare che non siano giunte sino a noi, se si eccettuano le rare immagini contenute nell'album di famiglia della sorella Gliceria (pp. 34-35), stampe fotografiche relative all'Uaupés. Ad esse si faceva peraltro cenno negli articoli di stampa che descrivevano l'esposizione della collezione etnografica di Stradelli a Belém do Pará (1891), nella sede del *Diário Oficial*. Un giornalista, dalla qualità degli artefatti, degli strumenti musicali, delle armi e degli ornamenti, inferiva la grandezza della razza che ne era l'artefice: «Sotto qualsiasi punto di vista si vogliano vedere gli indigeni del Uaupés, si trovano lì gli attestati di una razza forte ed intelligente, autenticamente brasiliana, il che è inoltre confermato dalle stampe fotografiche esposte».

Si può pensare che tale insieme fotografico provenisse dalla terza spedizione all'Uaupés e che non fosse stato inviato alla Società Geografica Italiana, che aveva già pubblicato l'articolo omonimo prima della conclusione di tale viaggio.

Accanto alla fotografia, anche la raccolta di artefatti ed oggetti d'uso quotidiano degli indigeni, ottenuti permutandoli con articoli di loro interesse, costituì da subito un aspetto importante delle sue spedizioni lungo quel fiume, tanto che nel 1882 Stradelli partecipò, con alcuni oggetti ornamentali di indigeni, Tucano ad un'esposizione antropologica nel Museu Nacional di Rio de Janeiro promossa dall'allora direttore Ladislau Netto.

Nelle annotazioni etnografiche contenute in *L'Uaupés e gli Uaupés* emerge in tutta la sua portata l'interesse di Stradelli per la diversità culturale degli indigeni della regione, per le loro pratiche di produzione della vita materiale, i loro usi e costumi, le loro lingue e i loro rituali. Ritene fondamentale, per poterne scrivere, l'aver fatto un'esperienza diretta di convivenza con gli amerindi nei loro villaggi, in opposizione a «chi non ha vissuto nella maloca, chi non ne ha studiati gli abiti e i costumi che nei luoghi dove è già avvenuto il contatto dei civilizzatori, di qualunque specie essi siano» (*ibid.* p. 437).

Nomina una per una le comunità di cui ha visitato le *malocas* e con cui ha «diviso il *curadá* e bevuto il *cachiry*»⁴⁹: i Tariana (villaggi di Ipanoré e Jauareté); i Tucana (area del basso Uaupés, Tiquié, Jukyra e basso Japô); gli Arapaço (Jujutu-arapecuma, alto Japô); i Dessana (alto Apapury); i Pira Tapuya (regione tra il Tiquié e Ipanoré); gli Uanana (a nord di Jauareté); i Barrigudo Tapuya (riva sinistra del Tiquié e Pary); i Tyiuca taputya (Tyuca); gli Acanyatara Tapuya (Castanha); i Macú (basso Apapury, Arora paranà ed altri luoghi). Elenca poi i nomi di popoli di cui ha saputo da altri. Ritene che i Macù siano i più antichi abitanti della regione, e che un'altra razza, «composta dalle tribù dominanti, dagli attuali signori, ossia Tariana, Tucana, Arapazzo, Dessana, ecc.», abbia invaso l'area successivamente. Sulla provenienza di tali popoli non vuole pronunciarsi, sottolinea inoltre un elemento problematico: se da una parte le loro lingue, diverse, fanno pensare ad un'origine differente, dall'altra la coincidenza delle tradizioni e degli usi, come pure le caratteristiche fisiche, farebbero pensare ad una discendenza comune.

In tutte le tribù oggi esistenti nell'Uaupés e affluenti, differente è la lingua, per quanto la Tucana sia quasi universalmente intesa; ma i costumi sono identici, se ne eccettui i Macù che abitano la selva e sfuggono, per quanto lo possono, il contatto e la convivenza delle altre tribù, da cui sono tenuti in una vera cattività (*ibid.* p. 433).

⁴⁹ Il *curadá* è un tipo di *beijú* (focaccia di mandioca), più spesso e grande di questo, e con l'aggiunta di noci. Il *cachiry* è una bevanda fermentata, ottenuta a partire da qualunque specie di farina ma in particolare da quella di mandioca.

Lo studioso registra la pessima reputazione di cui godono i Macù presso gli altri popoli della regione e ne coglie un aspetto singolare:

«Essi» a quanto mi diceva João, *tuxáua* del Taraquà, che fu mio pilota nel primo viaggio al Tiquié «non lavorano la terra, non sanno pescare, malamente cacciano, si nutrono di frutta, vivono dove possono, senza far case, hanno ancora scuri di pietra, non son gente!» E ciò con lo stesso disprezzo con cui doveva rispondere un *hidalgo* portoghese nel tempo della conquista a qualche missionario che cercasse insinuargli che i poveri Indiani non erano bestie, ma uomini come lui (*ibid.*).

Stradelli mostra dunque come l'etnocentrismo - ovvero il ritenere le usanze e i valori della cultura cui si appartiene come gli unici propriamente umani - non sia esclusivo dei 'civilizzati', ma contraddistingua anche i popoli indigeni, nel loro considerare come 'non gente' i Macù o altre tribù ritenute inferiori. Nota un vero e proprio razzismo nei loro confronti: «questo disprezzo per i Macù va tanto lontano nelle tribù superiori, che colpisce anche quelli che ne hanno già accettati i costumi e li imitano, non solo, ma ricade anche sui figli, che altri Indiani abbiano con una Macù, e che non sono considerati come tali» (*ibid.*)

Nei suoi viaggi all'Uaupés, sostando presso le dimore dei missionari, come quella di Taraquà retta da Padre Venanzio Zilochi, ebbe modo di notare che la loro presenza «contribuì a modificare alquanto l'esteriorità degli indigeni del basso fiume e a portar loro qualche bisogno che prima non avevano: ma poco inflù in fondo, e quasi nulla, credo poterlo affermare, sulle tribù dell'interno» (*ibid.* p. 434). Sono queste ultime ad attrarre il suo interesse, proprio perché meno condizionate, nei loro costumi ed usi, dall'influsso dei 'civilizzatori'.

Racconta che nella stessa missione di Taraquà, all'entrare senza preavviso in una capanna, tutte le persone vi si trovavano «in piena libertà».

E se cacciando giungevo in qualche campo lavorato, dove i cani conoscendomi non abbajavano, potevo senza difficoltà apprezzare le bellezze indigene, senza che alcun velo importuno loro facesse riparo. Per lavorare, il vestito e soprattutto la sottana è un incomodo ⁵⁰ (*ibid.*).

⁵⁰ Le affermazioni di Stradelli relativamente alla nudità degli abitanti dell'Uaupés, furono veementemente contestate, nel suo libro dedicato ai popoli tucano, dal missionario Antonio Giaccone (GIACONE, 1949.)

«Ciò dipende dall'uso che ha l'indigeno di andare nudo». Stradelli intuisce che la nudità, nelle sue varie forme, è una pratica culturale da studiare, e non una mera circostanza attribuibile alla povertà dell'indigeno e al suo non facile accesso al vestiario, alla quale si dovrebbe quindi ovviare. Osserva attentamente alcuni usi degli indigeni relativi alla costruzione del corpo, includendo pratiche estetiche descritte in ogni dettaglio, dimostrando di comprenderne l'importanza sociale, artistica, culturale:

Gli uomini colle parti pudende nascoste sotto una stretta fascia di scorza o di tela, che fermata davanti alla cintura, passa tra le gambe ed è rifermata dietro, da dove spesso ne pende qualche dito. Le donne vanno completamente nude (la *tanza* non la portano tutte, che nella danza), con le grandi labbra piegate in dentro e il monte di venere completamente sprovvisto di peli, che si strappano facendo pinza con un pezzo di uambé, specie di liana, spezzata. (*ibid.* pp. 434-435).

Relativamente agli ornamenti utilizzati, quotidianamente o in circostanze specifiche, vengono messi in evidenza il lavoro manuale e le abilità tecniche richieste dalla loro preparazione, come nel caso della pietra *ità-tuxàua*, portata al collo dai capi:

L'*ità-tuxàua*, che ha tanti nomi quanti sono i dialetti delle tribù che la usano, è un cilindro di quarzo più o meno perfettamente cristallizzato [...] traforato nel senso del suo diametro, più veramente in quello della sua lunghezza; ed è portata appesa al collo, accompagnata qualche volta da alcuni semi durissimi e neri, e più spesso da uno o più denti di jaguar. Il quarzo, per quanto imperfettamente cristallizzato, è durissimo, e ci vuole una pazienza di santi per ridurlo, coi soli mezzi che gl'Indiani possiedono, acqua e arena, alla forma di cilindro, e soprattutto per traforarlo, come fanno, servendosi di una talla di una specie di urania, di cui fanno trapano aggiungendovi acqua ed arena (*ibid.*, p. 435).

Se gli ornamenti utilizzati dalle donne quotidianamente si riducono ad una legatura di tessuto di *curauà* portata sopra il polpaccio, da loro fabbricato e di cui loda il colore ed il disegno elegante e, in occasione di feste, alla *tanza* e a lunghe file di perle bianche e nere, gli uomini dispongono di molti oggetti con cui adornarsi, a seconda del loro status e dell'occasione. Il capo, *tuxàua*, ha con sé il *murucù*, una sorta di grande scettro di legno, in origine un'arma da guerra, una sfilza di denti di *taiussù* come cintura, un braccialetto fatto con peli di scimmia al braccio sinistro ed in capo un diadema, «*acanyatara* in nheengatu e *mââm-poari* in tucana». Quest'ultimo è descritto con grande dovizia di particolari:

[...] fatto delle copritrici gialle dell'ali di vecchie are rosse, appositamente allevate nella maloca, sormontanti una striscia di penne ventrali bianche di occo, disposte artisticamente su un tessuto di tucun e finendo con lunghe cordicelle di pelo di scimmia e tucun, con cui si assicura il diadema stesso, legandolo alla testa. Le cordicelle servono anche per sostenere il resto dell'acconciatura del capo, composta, in più, di un osso di jaguar, posto a traverso ad uso pettine, che sostiene le lunghe corde di scimmia, macacaràua, grosse spesso due dita e che scendono in quattro come lunghe trecce fino alla cintura, di un pennacchio di penne di airone più raramente di penne d'arpia, e di due penne o bastoncini ornati di pennuzze di cotinga e penne d'airone, che escono come da due rose di penne gialle d'ara rossa e un dischetto di pelle di tatù, più raramente di cuia. (*ibid.*, p. 436)

Certamente Stradelli si avvaleva, in queste note particolareggiate, della sua conoscenza approfondita dell'avifauna brasiliana; sembra inoltre, nel dar risalto al dettaglio, che intuisca l'importanza ed il significato profondo - legato al mito ed alla cosmologia - di ciascun elemento della composizione, sia pure apparentemente decorativo. È interessante ripercorrere il già citato *Catalogo* dell'esposizione etnografica del 1892, per ritrovarvi molti degli oggetti menzionati in questo resoconto, come ad esempio il pettine ornamentale (n.135 del *Catalogo*): «pettine con ornamento di penne anali del tucano, usato dai giovani uomini. Anticamente questo ornamento, secondo la tradizione, era una specialità dell'artigianato delle tribù tucano, adottata in seguito dalle altre»⁵¹. [*trad. nostra*]

Un'osservazione attenta è rivolta al quotidiano della vita nella *maloca*, ponendo in evidenza, nei ritmi scanditi della giornata e nelle varie occupazioni cui sono dediti gli uomini e le donne, la laboriosità degli amerindi, in contrasto con lo stereotipo, smentito dall'autore, secondo cui «l'indigeno è indolente, è fannullone»:

Prima dell'alba la maloca è in movimento. Le donne si alzano e col *camuty* sotto il braccio, i fanciulli al collo o per mano, vanno a bagnarsi al porto, non mai troppo lontano, e ne ritornano caricando sulla testa il proprio vaso pieno d'acqua. Appena di ritorno accendono il fuoco e preparano il primo pasto, intanto che gli uomini vanno a bagnarsi alla loro volta. Quando il sole appare è già da molto finito questo primo bisogno, e gli uomini mettono in ordine i loro arnesi da pesca o le loro armi da caccia ed alle otto già sono fuori. Poco dopo escono le donne che coi bambini e un paniere sulle spalle vanno al campo dove il lavoro è quotidiano, perché quanto raccolgono, altrettanto piantano, in modo che non mancano mai del necessario (STRADELLI, 1890a., p. 438).

⁵¹ Pente com ornamento de pennas anaes de tucano, usado pelos moços. Antigamente este ornamento, segundo a tradição, era indústria especializada das tribos "Tucana", adoptada depois pelas outras.

Con quest'ultima osservazione, l'autore ci dice che l'indigeno è previdente relativamente ai mezzi della propria sussistenza e al tempo stesso in relazione equilibrata e rispettosa con l'ambiente, producendo di norma conformemente ai propri bisogni. È in questo aspetto, oltretutto nell'assenza del concetto di proprietà su beni immobili come il suolo e le risorse naturali (uno dei temi trattati nella sua tesi di laurea), che l'italiano individua probabilmente la superiorità del modo di vita dell'indigeno. Questa è messa in risalto in modo residuale dall'autore, evidenziando ironicamente l'unico aspetto nel quale riconosce una superiorità al civilizzato:

Ciascuno a sua volta prende un pezzo di carne dal piatto comune, senza molte cerimonie, con due dita tuffa il suo pezzo di *mbeù* nella salsa di peperoni, che arde come l'inferno nei propri momenti; ed è una gara, dove l'uomo sparisce e resta la bestia. L'ho pensato tante volte: è soprattutto dinanzi al cibo, che si differenzia il selvaggio dal civilizzato, giacché nel resto questo spesso è superato da quello. (*ibid.*, p. 438)

L'autore non risparmia una pungente critica al sistema di sfruttamento del lavoro indigeno da parte dei commercianti (i «negoziantucoli») e degli imprenditori del Rio Negro, dediti all'estrazione della gomma elastica. È grazie alla farina di mandioca prodotta dagli indios dell'Uaupés, venduta a prezzi «spesso insani» agli «attivissimi abitanti del Rio Negro» che i *seringueiros* (lavoratori della gomma) possono sopravvivere:

Quest'anno nel solo mese di gennaio uscirono dal Rio Uaupés 400 panieri di farina, che impedirono che nell'alto Rio Negro si abbandonasse la estrazione della gomma prima del tempo, come minacciavasi di fare per mancanza di viveri [...]. Certo che, soprattutto pei negoziantucoli, che non spogliano mai abbastanza l'indigeno, egli non cessa con tutto ciò di essere indolente e fannullone, ed io sarò per essi un accanito indianofilo: e sia. (*ibid.*, p. 439)

Egli coglie e mostra senza mezzi termini la maniera perversa con cui avviene gradualmente l'assimilazione dell'indigeno alla 'civiltà', processo di cui sono agenti, per l'appunto, i commercianti:

L'indiano ha dinanzi a costoro un gran delitto: non avendo necessità da soddisfare e non sapendo cosa farne di tutti i fondi di magazzino che lo speculatore gli porta e di cui da tanto tempo ha riconosciuta l'inutilità, non li accetta, e cede a malincuore un panierino di farina di 50 a 60 chilogrammi più o meno, che gli costa tempo e sudore, in cambio di 2

cavados (m. 1,60) di tela, di cui non sa che fare e che non usa che per vanagloria quando giunge quello stesso bianco. (*ibid.*)

È il negoziante, che «tratta l'indiano come l'ultimo degli esseri, peggio di un cane», a corromperne le abitudini introducendo vizi sconosciuti, come l'alcoolismo, utilizzando la *cachaça* come ultima ratio, nel caso in cui non riesca a manipolarlo come vorrebbe. Tali comportamenti però non sempre sono tollerati dagli indigeni dell'Uaupés, che periodicamente si ribellano a tali ingiustizie:

Quest'anno pare le cose siano andate un po' più avanti che al solito: le vittime, a quanto consta, son tre; per informazioni di *tuaxàua* di là, l'Uaupés è interdetto ai bianchi. Nel tempo stesso che uno mi diceva questo, ho avuto la soddisfazione di sentirmi soggiungere che tale interdizione non si stendeva «ao Conde», che è come mi chiamano quando parlano con me [...] (*ibid.*, p. 440)

In questo paragrafo, assistiamo al passaggio dall'analisi socio-economica della regione e della situazione contingente d'interdizione del fiume ai bianchi, alla menzione indiretta di un dialogo che riguarda la persona dell'autore, in cui la speciale eccezione che lo distingue, affermata da un capo Uaupés - e quindi ancor più degna di nota - contribuisce a rendere in modo autorevole ed efficace la dimensione del rispetto e del prestigio di cui gode il viaggiatore presso gli autoctoni. Nell'anno in cui scrive, il 1890, al suo terzo viaggio lungo l'Uaupés, Ermanno Stradelli è personaggio noto agli indios, in particolare ai *tuxáua*, ai *pajés* e agli informanti, con i quali ha stretto relazioni amichevoli nel corso delle escursioni precedenti. Ha saputo conquistarsi la loro fiducia con i suoi modi distinti e cortesi, diversi da quelli della maggior parte dei visitatori bianchi, e per il fatto di avvicinarsi alle *malocas* in modo disinteressato, non essendo guidato da intenti commerciali o religiosi. Ma soprattutto, si è presentato parlando in nheengatu, una lingua conosciuta, se non da tutti, da un certo numero di abitanti dell'Uaupés. Anche per questo ha, con il tempo, potuto avere accesso a informazioni e a luoghi normalmente tenuti nascosti ai bianchi, come quelli in cui sono ubicate le *malocas* lontane dal corso principale dei fiumi:

La prima volta che rimontai il Tiquiè il *tuxàua* João che mi serviva di pilota, colla scusa che il fiume era disabitato, mi fece arrivare in 7 giorni alla cascata di Tucana senza neppure sospettassi, che egli mi ingannava; e non fu che al ritorno, quando il *tuxàua* Torquato mi ebbe detto che ciò era falso, e che un po' colle buone un po' colle cattive decisi João a farmi

visitare tutte le maloches e che questo postovisi di buzzo buono mi fece consumare 10 giorni in discesa, che vidi quanto era lungi dal vero la mia prima supposizione. Non vi era torrentello, piccolo affluente, terra un poco elevata sul margine stesso del fiume, dove non abitasse qualcheduno e, tranne poche realmente abbandonate dagli abitanti che si erano raccolti in qualcuna delle vicine missioni, nelle maloches vi era gente dappertutto; la maggior parte, è vero però, donne, fanciulli e vecchi, perché gli uomini erano nel basso Rio Negro ad estrarre gomma elastica od a remare la canoa del patrão. Ed era forse questa la ragione perché il mio João, che ancora non mi conosceva, non aveva voluto in principio svelare tutti quei veri nascondigli. (*ibid.*, p. 440)

E come nel caso dei sentieri terrestri, utilizzati dagli indios per spostarsi rapidamente da un villaggio all'altro e per sfuggire alle incursioni dei bianchi :

[...] una rete di sentieri aperti nella foresta lega tra loro le maloches che esistono lungo le rive, cosicchè senza ricorrere al fiume sono tra loro in comunicazione. Non sono mai arrivato in una *maloca* senza che gli abitanti non ne fossero già prevenuti, e sì che alcune volte era impossibile che alcuno fosse andato per acqua più presto di me che navigava con una ubá remata da 7 vigorosi rematori; solamente quando conobbi e percorsi queste comunicazioni terrestri, ebbi una spiegazione dell'enigma. (*ibid.*, p. 429)

La considerazione in cui il conte è tenuto dagli indigeni appare anche in altri episodi, che l'autore narra con tono divertito, trasportando, anzi coinvolgendo il lettore in uno scenario vivido, nel quale la veridicità dei fatti raccontati si unisce al gusto letterario:

[...] vinto dagli indigeni il primo sentimento di rispettoso timore, voi divenite la vittima della loro curiosità: tutti come bambini vogliono tutto vedere, tutto sapere, tutto toccare. E le donne e le ragazze, che in principio sono le più timide e riservate, sono quelle che più danno da fare. Questo però, se talora mi annojava, tal'altra mi divertiva, e sopra tutto quando facevo veder loro al microscopio quegli animalucci, che purtroppo numerosi, ad onta della caccia costante di cui sono l'oggetto, popolano la loro folta chioma. Grandi erano gli atti di ammirazione ed animate le discussioni che ne seguivano, e dopo mi guardavano con più rispetto: ero cresciuto di grado. Un giorno in Tucana nel Tiquié sorpresi una curiosa spiegazione della mia potenza. Due giovani spose erano sedute non lontane da me, una allattando un robusto bambino, l'altra giuocando con un pappagallo, che non mi aveva voluto vendere pochi momenti prima. Questa spiegava all'altra che il pappagallo era promesso e che per ciò non me lo poteva dare. «Ma fai male, il bianco può prendersela con te». «Il bianco è buono non se la prende». «Ma sì, hai visto come fa ingrossare le bestie? Se si adira, è capace di farti ingrossare tutti i pidocchi che hai nei capelli e farti mangiare da loro». Pochi minuti dopo il pappagallo era mio, era un superbo *anacà*, non seppi ricusarlo. (*ibid.*, p. 443)

Anche il dominio del processo fotografico, con le operazioni implicate nella preparazione delle lastre, durante l'esposizione e soprattutto nello sviluppo delle immagini, eseguito all'interno di un'apposita tenda e misterioso agli occhi degli indigeni, poteva accrescere il prestigio del conte: in tal senso va il soprannome di *Mayua raira* o «figlio del Grande Serpente», riportato da Henri Coudreau, che Stradelli dice di aver udito «una o due volte mentre riproducevo fotografie; ciò che forse potrebbe spiegare come mi attribuissero il potere di far nascere gente, solamente battendo le mani». (*ibid.*, p. 440)

Per il suo status differenziato, il conte italiano potrà aver accesso ad aspetti fondamentali della vita e della morte presso gli indigeni, riservati agli iniziati e tenuti segreti ai missionari e agli stranieri. Un episodio, vissuto in prima persona e narrato estesamente nel resoconto, rivela una pratica allora ancora seguita presso alcune comunità dell'Uaupés in relazione alla morte degli ascendenti, mostrando al contempo la posizione dell'autore riguardo alla cerimonia descritta e l'atteggiamento degli indigeni nei suoi confronti.

Cosa accade quando muore, all'interno della missione, un indigeno?

[..] se muore fuori dei luoghi dove risiede il missionario (ché in tal caso è portato in un'amaca al cimitero), il corpo è avvolto accuratamente come un salame con una legatura di *nambé* e sotterrato nel luogo stesso dove era spirato, facendovi poscia fuoco sopra. In passato, 4 o 6 mesi dopo, il cadavere era dissotterrato, le ossa pulite col fuoco dalle ultime carni, poi pestate e riunite al *capy* [*bevanda ottenuta dalla corteccia della pianta omonima*], che doveva essere bevuto nel *cachiry* della prima luna piena. Quest'uso, per quanto per timore gli indigeni lo neghino, era seguito ancora di sotterfugio nel territorio delle Missioni; almeno fui testimone d'un fatto che mi autorizza ad asserirlo. (*ibid.*, p. 448)

Stradelli registra la persistenza di pratiche di endocannibalismo funerario tra gli indigeni della regione (diffuse peraltro anche presso altri popoli dell'Amazzonia, come gli Yanomami, al confine tra Brasile e Venezuela), nonostante la tenace opposizione dei missionari; questi dal canto loro, affermavano che, nei territori da loro amministrati, quell'usanza non fosse più seguita (cfr. GIACONE, 1949).

Con la sua accurata narrazione di un rituale osteofagico, l'italiano ci rivela un aspetto centrale della cultura degli indigeni dell'Uaupés. Il suo racconto, dal momento in cui il cadavere è dissotterrato dalla sua sepoltura al cimitero, sino all'ingestione delle ossa

polverizzate del defunto da parte dei parenti, costituisce un documento d'importanza antropologica straordinaria:

Morì un vecchio Pyra-tapuya, di cui ora mi sfugge il nome, e fu sotterrato nel cimitero come era l'ordine del missionario. Ma quale non fu la mia sorpresa di incontrarne il corpo, all'alba seguente, disteso in una *ubá* [*canoá*] coperto di foglie di banana, pronto ad essere trasportato nella *cupixáua* [*sítio*], dall'altro lato del fiume. Sapevano che qualunque cosa vedessi non la riportavo, e seguirono la loro bisogna senza troppo incomodarsi della mia presenza. Io però per averne il cuore netto fui al cimitero dove incontrai la sepoltura vuota. Pochi giorni dopo partii, se non m'inganno pel Tiquié, ritornai, fui a Ipanoré e di qui un'altra volta al Taraquá dove ciò era accaduto. Erano passati frattanto tre o quattro mesi, quando gli abitanti della baracca dove il poveretto era morto, tornarono; ma invece di abitare nella propria casa, furono in una casa vicina e prepararono il *cachiry* [*bevanda fermentata ottenuta da frutta o mandioca*], come per fare la festa della prossima luna piena e per rientrare nell'antica loro casa (STRADELLI, 1890a, p.448).

Emerge chiaramente da questo racconto la relazione di reciproca fiducia e complicità tra Stradelli e gli indigeni – «sapevano che qualunque cosa vedessi non la riportavo» – come pure la consapevolezza dell'osservatore di non disturbare, con la propria presenza, la pratica degli antichi rituali, che gli indigeni, aggirato il controllo del missionario, sono determinati a mantenere. Nelle missioni, ci ricorda Stradelli, non si potevano organizzare feste senza l'autorizzazione dei frati: «quelli vennero a chiederlo, ma fu loro negato prima; poi, un po' per intercessione mia, un po' per condiscendenza di F. Matteo, il permesso fu concesso». (*ibid.*)

Il rituale, raccontato a partire dall'arrivo in canoa del *paié* e del figlio del defunto, che recano con sé l'oggetto più importante, ovvero il vaso del *caapí* preparato lontano da occhi indiscreti, è non solo osservato e descritto da Stradelli, ma anche 'partecipato':

Fino dall'alba il *paié* Pedro andò con una canoa e sei rematori a prendere il vaso del *capy*, che era restato nel *sítio*; e verso le cinque, quando fu visto da lontano, le donne disparvero, e tutti gli uomini, tra cui ero anch'io, preceduti da quattro suonatori delle sacre *passyua*, lunghe un buon metro e mezzo, mossero fino al porto, incontro ai nuovi arrivati. Appena raggiunti, il figlio del defunto, che veniva remando col *paié*, scese a terra, prese il vaso del *capy*, lo coprì con lo scudo di vimini intrecciati e si diresse, seguito sempre dal *paié*, che portava la forchetta collo zigaro, dai suonatori, poi dal *tuxáua*, da me e dal resto in processione, fino alla capanna, e vi depositò il vaso nel luogo dove stava legata l'amaca del

defunto mentr'era in vita. (*ibid.* p. 448-449)

Il carattere iniziatico della cerimonia è sottolineato dalla presenza degli strumenti sacri, i flauti ricavati dalla palma *paxiúba*, e dal fatto che le donne sono escluse da alcune fasi del rituale. Al *conde* spetta un posto d'onore nella processione, accanto al *tuxáua* e al *pajé*, che manterrà anche durante la festa:

I suonatori restarono fuori e non entrarono che quando tutti ci fummo disposti in piedi lungo le pareti, io tra il *tuxáua* e il *paié*. Fecero allora tre giri suonando intorno al vaso, e sortirono e rientrarono per tre volte per compiere la stessa cerimonia. Dopo questo ci accoccolammo tutti nel luogo dove eravamo, io per speciale attenzione ebbi un banchetto su cui sedermi; e il vaso del *capy* con una piccola cuia fu posto, coperto dello scudo, a sinistra del *paié*, e lo zigaro infitto nella forchetta a destra. Il *tuxáua* battendo sulla spalla il *murucú*, che gli era stato presentato entrando e che riconficcò nel suolo alla sua destra, diede il segnale; e allora in silenzio furono distribuiti a ciascheduno gli ornamenti di penne, che furono indossati, conservando i calzoni, che tutti portavano perché nelle Missioni; fu acceso lo zigaro che fece il giro degli assistenti, e dal figlio del defunto fu servita la prima *cuia* di *cachiry*. Allora, nascoste le *passyua* [flauti ricavati dall'omonima palma] furono chiamate le donne. Pochissime erano dipinte e avevano tutte la sottana. Le cuie di *cachiry* si succedevano alle *cuie*, e di quando in quando i suonatori di *passyua* fuori della capanna facevano echeggiare la foresta del loro suono monotono e profondo. La luna frattanto si alzava sanguigna nell'orizzonte, salutata dal suono delle *passyua*; è l'ora in cui comincia la danza. (*ibidem*, p. 448-449)

In questo passaggio notevole cura è posta nel raccontare esattamente la concatenazione temporale degli eventi, prediligendo una costruzione paratattica di periodi semplici e brevi che possano riprodurre l'andamento delle diverse fasi del rituale, nel quale la ripetizione prestabilita di alcuni movimenti o atti (i giri dei suonatori attorno al vaso del *caapí*, il riecheggiare periodico del suono dei flauti, l'assunzione ripetuta del *caxiri*) riveste un ruolo fondamentale. L'osservatore partecipante, pur immerso negli avvenimenti, non perde il proprio distacco e spirito critico, come ci rivela un suo commento a proposito della musica eseguita dagli indigeni: «nel mezzo della sala un gruppo di suonatori di zampogna e di *memby* (piffero fatto colla tibia di cervo) intuonarono o a meglio dire stuonarono un monotono accompagnamento di danza, che più che altro somigliava a una nenia». (*ibid.*)

Vi è inoltre un'interessante osservazione sulla compresenza, nell'abbigliamento degli uomini, di ornamenti cerimoniali tramandati e indumentaria 'occidentale', ovvero «i

calzoni, che tutti portavano perché nelle Missioni»; anche le donne, per lo stesso motivo, indossano la sottana, che, in alcune di loro, coesiste con la pittura corporale. È così rappresentata, concretamente e metaforicamente, la coesistenza, apparentemente non problematica per gli indigeni, tra costumi tradizionali ed usi acquisiti in virtù del contatto con la civiltà occidentale.

Lo sguardo di Stradelli, impegnato ad eseguire i passi della danza, è anche attento alla bellezza visuale dell'insieme, che valorizza con una prosa ricca di valore letterario:

Col *tuxáua*, che alla testa brandiva il *murucu*, un uomo e una donna alternantisi, con la mano sinistra sulla spalla del vicino, e il *maracá* nella destra, con cui si accompagnavano, battendo il compasso, cominciammo ad andare da destra a sinistra con un moto lento e cadenzato, rischiarati dalla luce tremolante di torce resinose, che, accese nel mezzo della sala, vicino ai suonatori, proiettavano fantasticamente le ombre dei danzatori sulle pareti e sul tetto, anneriti dal fumo (*ibidem*, p. 448).

Periodicamente la danza si fermava e veniva servito il *caxiri*, per poi riprendere più rapida e «nervosa», ciò ripetutamente e con sempre maggiore intensità, sino al momento culminante della festa:

La luna intanto segue il suo corso e quando è presso allo zenit, le *passyua*, da lungo tempo silenziose, l'annunziano rumorosamente; allora il *paie* scopre il *capy*, riempie la piccola cuia, vi soffia, la rimescola, beve e la passa al vicino; e così passa e ripassa sino a che non ha fatto il giro di tutti gli uomini, e ritorna al *paie* che la rimette a posto, per incominciare di lì a poco la distribuzione [...] Le donne non bevono *capy*, e a me non ne vollero dare, dicendomi che non c'ero abituato e mi poteva far male. Era tardi, e mi ritirai; la festa durò fino all'alba. (*ibid.*, p. 450).

L'assunzione del *caapi* da parte degli uomini partecipanti è il momento culminante della cerimonia, e proprio da questo atto l'ospite italiano è escluso. Tempo dopo, Stradelli seppe perché non gli fu offerta la bevanda: «il mio collega in paieria, [...] di cui ora mi sfugge il nome, mi assicurò che non mi vollero dare il *capy*, perché vi erano polverizzate le ossa del morto, e io era straniero» (*ibidem*).

Narra poi di un altro *caxiri* al quale aveva preso parte a Jauaira, sempre nel Tiquié, questa volta in onore di un animale, il *tapyra* (tapiro), offerto in occasione della cerimonia d'iniziazione delle fanciulle che, concluso il ritiro successivo al menarca, potevano di nuovo mangiarne la carne:

Di tempo in tempo interrompevano il monotono compasso della musica, imitando il fischio acuto del *tapyra*; invece di *maracá* avevano ciascheduno un bastone, e tutti, uomini e donne, non avevano che gli ornamenti d'uso e il corpo dipinto di bizzarri disegni. [...] A mezzanotte circa un gran pezzo di *tapyra* venne posto dinanzi al *paie* che, dopo aver compita la cerimonia di soffiarsi su, ne strappó colle mani tanti pezzi quante erano le iniziande, tre, distribuendone uno a cadauna, che riceveva e mangiava ipso facto ciò che le era stato dato, mentre gli assistenti, battendo i lunghi bastoni in terra, imitavano uniti il fischio del *tapyra*, e le sacre *passyua* suonavano fuori per l'ultima volta. Poi il *cachiry* seguiva ad essere distribuito largamente, interrotto di tempo in tempo per gli uomini da piccole cuie di *capy* (*ibid.* p. 451)

In tale scenario, introduce la propria partecipazione all'evento, sottolineandone, in modo particolarmente vivido ed autoironico, la principale caratteristica, rimasta impressa nella sua memoria:

Io stesso ero in perfetto costume da *tuxaua* e non mi avevano fatto grazia neanche della pittura, il che m'incomodava non poco. L'indigeno non ha peli sul corpo; e dove gli ha, il più spesso di depila; per cui i disegni fatti col *carairú* non l'incomodano affatto; io non sono un Esaú, ma con tutto il *carairú* appiccicatomi sui pochi peli che ho in faccia, soprattutto nei primi movimenti, dopo disseccato il colore, vedevo tutte le stelle del firmamento, senza contare che l'ornamentazione del mio corpo, per quanto consegnata alle mani di due abili pittrici, non durò meno di un'ora di lupo. (*ibid.* 450-451)

Se può descrivere in dettaglio la festa del *caxiri*, avendovi più volte presenziato, del *dabucuri*, evento «molto più grande e solenne», al quale non ha mai assistito, si limita a dare alcuni cenni: si tratta di una festa «da tribù a tribù, di nazione a nazione». In essa gli abitanti di un villaggio prendono l'iniziativa di far visita a quelli di un altro villaggio e per prima cosa li avvisano della loro intenzione:

[...] È cosa assolutamente necessaria, perché quelli che vanno a dare il *dabucury* portano le vettovaglie, e quelli che lo ricevono preparano le bevande. Nel resto, salvo nel tempo in cui la festa è assolutamente maschile e soprattutto nel terzo giorno in cui, escluse le donne, suonano le sacre *passyua*, da quanto mi dissero, le danze e le cerimonie poco differiscono da quelle usate nel *cachiry*. Ma non posso dar dettaglio o asseverare, perché non ho visto. (*ibid.*, p. 451).

Da quest'ultima affermazione «non posso asseverare perché non ho visto» discende un'assunzione integrale di responsabilità, da parte di Stradelli, su tutto ciò che, nel testo qui oggetto d'analisi, è descritto in dettaglio, con la valenza di una testimonianza: in tali casi, possiamo dare per certa la constatazione diretta dell'autore, che «ha visto» con i propri occhi e, spesso, sperimentato con il proprio corpo, venendone ribadita l'autenticità etnografica delle sue annotazioni (MATERA, 2015).

Passa per la vista un altro aspetto, che molto attrasse l'attenzione di Stradelli nel corso dei suoi viaggi nell'Uaupés:

Fin dall'epoca del mio secondo viaggio (1882) al fiume Uaupés o Cayari, come lo chiamano gl'indigeni, mi furon fatti vedere certi curiosi disegni che, pazientemente incisi, spesso su rocce durissime, si rinvennero lungo le sponde dei fiumi, sui fianchi denudati delle colline, nel seno delle foreste, un po' da per tutto, infine, dove affiorano, dallo strato di sedimenti che formano la valle, rocce sufficientemente dure per offrire all'indigeno una superficie resistente all'azione degli agenti atmosferici o all'impeto e all'erosione delle acque (STRADELLI, 1900, p. 458).

Lo studio "Iscrizioni Indigene della regione dell'Uaupés" (1900) continua, per certi versi, le osservazioni, in forma di note, contenute nel testo "L'Uaupés e gli Uaupés", concentrandosi tuttavia esclusivamente sul tema dei petroglifi; è in esso che troviamo maggiori riferimenti al terzo viaggio condotto da Stradelli nella regione (1890-91).

A mostrare i disegni al viaggiatore era stato l'anziano Mandú di Yauareté, *tuxáua* tariano, indicandogli i massi e le lastre granitiche che formano la riva destra dell'omonima cascata a monte della foce dell'Apapury (o Papury):

Il mio cicerone me li mostrava con evidente soddisfazione e pareva annettervi una grande importanza, almeno a vedere come li faceva accuratamente ripulire e ne ravvivava le traccie perché non me ne sfuggisse nessun particolare ma, lo confesso, io ve ne annetteva ben poca, tanto più che il vecchio capo, che io tempestavo di domande, non mi sapeva, o meglio non mi voleva dire né chi li avesse fatti, né a che scopo [...] Tuttavia li copiai [...] (*ibidem*).

rientro in America, nel 1887, poté constatare come lo stesso direttore del Museo Nazionale, Ladislao Lopes Netto, avesse espresso opinioni simili in un articolo pubblicato nel 1885 sulla rivista del museo.

Se, durante le sue prime spedizioni all'Uaupés, l'italiano si era soprattutto dedicato alla fotografia ed alla raccolta di artefatti ed oggetti della vita quotidiana, senza preoccuparsi troppo di mantenere un diario di viaggio o di organizzare le sue osservazioni in un resoconto, per il viaggio del 1890-1891 si poneva altri obiettivi:

Fino dal principio, essendo mio scopo precipuo uno studio più accurato della regione, e soprattutto, raccogliere i maggiori dati sugli usi, i costumi, l'arte, le tradizioni e la religione degli indigeni oggi abitanti quella vasta regione, cominciai a copiare accuratamente le iscrizioni che si venivano a mano a mano incontrando, conservando aggruppate le figure in quella forma che lo erano sulla pietra [...] (STRADELLI, 1900, p. 460).

Lo studioso continua dicendo che, pur nutrendo la speranza di possedere, un giorno, la chiave per decifrare i petroglifi, mai si sarebbe aspettato di poterla ottenere tanto presto, ovvero proprio durante quello stesso viaggio, intrapreso in compagnia di Maximiano José Roberto. La rivelazione dei significati degli ideogrammi più ricorrenti e le dettagliate riproduzioni delle *itacoatiara*, costituiscono la grande parte dell'articolo pubblicato sul *Bollettino*.

Proprio sul punto di svelare come avvenne la risoluzione dell'enigma, un'osservazione dell'autore ci avverte di un cambiamento sul piano del registro utilizzato. Dalle note etnografiche passa infatti al diario di viaggio: «Merita però ricordare come la cosa accadesse. Copio dalle mie note di viaggio scritte giorno per giorno».

Tale slittamento, non necessario, corrisponde alla scelta consapevole dell'autore di variare il tenore della sua scrittura e, nel passaggio alla forma diaristica, si propone forse di avvicinare maggiormente il lettore alla narrazione ed al tempo stesso di rafforzare l'autenticità della storia. Si tratta infatti di un accadimento, che va raccontato, più che di una scoperta scientifica da illustrare e dimostrare.

29 dicembre (1890). Il fiume (Uaupés) si fa sempre più difficile. Abbiamo perduto una buona mezza giornata in passare la caduta di Tapyra-jerao (graticcio del tapiro), essendosi dovuto, non solo scaricare, ma trascinare l'imbarcazione per un buon tratto e più di una volta sulle rocce di un grès granitico assai fino e duro, che formano immensi gradini inclinati a valle [...] A sera giungiamo alla caduta di Yacaré (caimano), che non è che l'ultimo gradino della cascata, che ci ha ritardato fino dal mattino. Il

fiume, diviso in due da un isolotto centrale, si scarica per due scalinate laterali, e si raccoglie in basso in un tranquillo bacino. [...] Anche qui si è dovuto scaricare e intanto che la nostra gente e quella della maloca della riva sinistra trasportano il carico e la canoa oltre il gradino lungo la sponda destra, e io sono addietro, dopo misurato approssimativamente il dislivello, a copiare delle iscrizioni, Max, il mio compagno di viaggio, mi manda a chiamare istantaneamente da due messi, uno dopo l'altro. (*ibidem*)

È Maximiano, lo studioso tariano, che ancora una volta, come una sorta di Virgilio amerindio, conduce ed accompagna Stradelli alle soglie della conoscenza di ciò che più lo interessa della cultura amazzonica:

Uno dei vecchi abitanti del luogo, capo Cubéua, era stato sorpreso da Max intanto che spiegava le iscrizioni al Marcellino (il *pajé* del carurú che ci accompagna) e, preso in flagrante, non aveva avuto difficoltà a ripetere la spiegazione a Max prima e dopo a me, appena giunsi, e, ciò che è più straordinario, ad onta di tutti i versacci del mio povero *pajé*, che però non osava opporsi apertamente a questa propalazione di segreti e alla fine ci si adattò tanto da supplire alle lacune del nostro narratore. (STRADELLI, 1900, p. 461)

Seguono un prospetto con la riproduzione delle principali figure incontrate, numerate in modo progressivo (Fig. 22) e dodici tavole, relative alle varie località dove sono stati riscontrati i petroglifi, nelle quali sono riprodotte le iscrizioni così come appaiono raggruppate sulla roccia che fa loro da supporto. Stradelli avverte che «la chiave è incompleta e molto imperfetta», ma, aggiunge, «è già molto anche così».

Grazie ad essa, è svelato che alcuni degli ideogrammi sono legati al culto di Jurupari; la loro presenza nelle iscrizioni prova, secondo l'autore, che «gli abitanti del luogo furono iniziati nei sacri misteri»: il n. 12, rappresenta la maschera di Jurupari, il n. 13, gli strumenti musicali usati nelle feste a lui consacrate, «la cui vista è proibita sotto pena di morte alle donne». Altri ideogrammi (dal n. 17 al n. 25), rappresentano animali - il *tamacuaré*, l'*acutipurú*, la *garça*, la *ciconia alba*, i rospi, il falco, la nittola, il gambero, il *maguary*, il *tamandoá* - che a loro volta rimettono ai nomi di capi o di protagonisti di narrative mitiche; in alcuni casi, «quando sono accompagnati da punti che rappresentano stelle», sono i protagonisti di leggende astronomiche. Per altri ancora (dal n. 1 al n. 8) il significato è di indicazioni pratiche ed utili ai migranti («avanzate, proseguite»; «posizione forte, gli abitanti del luogo sono amici»), informazioni sulle insidie del

territorio («serpente, il luogo è poco sicuro, è necessario star sull'avviso») e la presenza di mezzi di sussistenza («uova di serpenti, abbondanza di viveri»).

Figura 22 - E. STRADELLI, Prospetto dei petroglifi più frequenti

Come la leggenda del Jurupari e le leggende del Taria, anche le *itacoatiara* ('iscrizioni su pietra', in nheengatu) riportano alle vicende storiche e leggendarie degli antichi tariano; Max ne è un discendente ed è grazie a lui che questo patrimonio simbolico e la visione cosmologica ad esso sottesa si rivelano a Stradelli. Nei suoi molteplici livelli interpretativi – si veda il caso dell'animale che al tempo stesso rappresenta un condottiero del passato o un eroe mitico – quella delle *itacoatiara* è una scrittura complessa, la cui comprensione richiede un'immersione nell'ambito culturale di cui è espressione.

Anche quella dell'italiano, per vari aspetti, è una scrittura che amplia i propri orizzonti e si serve di supporti non tradizionali : il territorio, nel suo 'scrivere' sui luoghi, come esperto di confini - e, per gli indigeni, di ambienti naturali - marcando le frontiere con oggetti simbolici; le carte geografiche, da lui sovrascritte con annotazioni che fuoriescono dall'ambito topografico ed entrano in quello antropologico; le lastre di vetro, 'scritte con la luce' nel suo lavoro di fotografo, e talora contrassegnate, intervenendo sull'immagine, con la propria sigla o nomi di luoghi. Oltre al fatto di accogliere, nel proprio multiforme testo, lingue distanti e di raccontare un paesaggio naturale ed umano remoto, che è pensato al margine del mondo civilizzato ma al tempo stesso come luogo essenziale ed originario.

3. Jauaperi: la Pacificazione dei crichanás

La missione di Pacificazione degli indigeni crichanás del fiume Jauaperi (1884) possiede una notevole importanza storica, rappresentando un primo esempio di approcci e pratiche che sarebbero state fatte proprie, successivamente, dagli attori delle politiche indigeniste brasiliane, poste in essere a partire dalla fondazione del *Serviço de Proteção ao índio* (1910). Guidata dal naturalista João Barbosa Rodrigues, la missione riuscì nell'intento di instaurare relazioni pacifiche con gli indigeni waimiri, temuti dagli abitanti della città di Moura per le loro incursioni. Per Barbosa, *crichanás* era il vero nome di quella popolazione, utilizzato dagli stessi indigeni per definirsi.

A documentare in immagini tale esperienza, l'approssimazione e gli incontri con indigeni suppostamente *bravios* (indomiti, feroci) sarà Ermanno Stradelli, invitato dal Presidente della Provincia dell'Amazonas a prendere parte alla spedizione come «fotografo amatore».

Ai fini del presente lavoro, riveste per noi importanza il fatto che, di tale esperienza, disponiamo di due tipi di rappresentazione, realizzati da Stradelli su supporti differenti: quella iconografica, contemporanea all'azione, costituita dalla serie di fotografie scattate sul posto, durante gli spostamenti fluviali e nei momenti salienti della missione; quella verbale, rappresentata dalla narrazione che, a posteriori, offrirà di quella spedizione. Tale narrazione è inserita nell'articolo *Rio Branco* (1889) e, per il fatto di avvenire cinque anni dopo la missione, si configura come un racconto sedimentato nella memoria del narratore, nonostante non manchino estesi brani in cui, per l'accuratezza ed il dettaglio delle informazioni fornite, è molto probabile che l'autore facesse ricorso ai suoi diari di viaggio.

Sulla spedizione esiste inoltre il dettagliato resoconto di João Barbosa Rodrigues, *Rio Jauaperi: Pacificação dos Crichanás*, pubblicato nel 1885, che ne costituisce, anche per il fatto di provenire dall'ispiratore e leader della missione, la principale fonte. Ci è parso dunque di estremo interesse poter leggere congiuntamente e mettere in relazione le tre narrative, potendo da una parte confrontare i testi scritti con quello iconografico, dall'altra approfondire, grazie alla comparazione tra i resoconti dei due autori, il posizionamento di Stradelli rispetto alle finalità della missione, il suo grado di identificazione con la stessa, le sue impressioni sugli indigeni, le peculiarità del suo modo di raccontarla.

Il 29 marzo 1884, João Barbosa Rodrigues, da poco nominato direttore del Museo Botanico, partiva per il Jauaperi. La sua squadra era costituita dall'alfiere Manoel Ferreira da Silva, suo ausiliare, da dieci soldati e, incaricato della parte fotografica, dal conte Ermanno Stradelli. Scopo della spedizione, che viaggiava in una lancia della marina militare messa a disposizione dal governatore e guidata dal dal tenente José de Almeida Bessa, era quello di tentare la pacificazione e la catechesi degli indigeni waimiri del fiume Jauaperi, conosciuti per le loro incursioni lungo il Rio Negro e nella città di Moura. Considerata la loro fama di popolo indomito e feroce, si trattava di una missione caratterizzata da una certa dose di rischio e dall'esito totalmente incerto, per cui si può dire che l'italiano avesse il ruolo di un foto-reporter ante litteram.

Stradelli era certamente più un 'fotografo di campo' che non di studio. Le sue fotografie immortalano i paesaggi fluviali attraversati durante i suoi viaggi, la natura e i

villaggi del *Brasil profundo*, gruppi di indigeni e di *caboclos*⁵², la città di Manaus in rapida trasformazione, offrendo nel loro complesso un prezioso ritratto dell'Amazzonia dell'epoca aurea della *borracha* (gomma elastica). Quelle realizzate dall'italiano nel Jauaperi sono le uniche a ritrarre un incontro tra 'civilizzati' e indigeni.

Nel limitato corpus di fotografie di Stradelli che è giunto sino a noi (83 stampe su carta all'albumina, custodite nell'archivio fotografico della Società Geografica Italiana), le 22 immagini scattate durante questo viaggio spiccano per la forte valenza narrativa e per il fatto di costituire un documento storico fondamentale. Se è certamente un *unicum*, come reportage fotografico dell'incontro degli waimiri del Jauaperi con i 'pacificatori', è anche molto probabile che si tratti di una delle prime rappresentazioni fotografiche di questa popolazione.

Stradelli definirà più tardi, nell'articolo citato, come «troppo bella» l'occasione di poter partecipare alla spedizione, tanto da fargli rimandare il viaggio in Italia che aveva programmato. Ed aveva certamente avuto ragione nel prendervi parte, perché potrà immortalare momenti irripetibili: il primo incontro di Barbosa Rodrigues con gli waimiri-crichanás, nell'isola di Macáua; la distribuzione dei doni; la visita degli indigeni a bordo della lancia a vapore; il banchetto da loro offerto per celebrare l'amicizia fatta.

Stradelli, come fotografo di avvenimenti del tutto inediti e dall'esito incerto, si trovava, da un punto di vista della collocazione spaziale nello scenario della spedizione, in secondo piano rispetto al protagonista, Barbosa Rodrigues. Le fotografie, infatti, potevano in tali circostanze essere scattate solo da lontano, il più discretamente possibile, dalla canoa e in alcuni casi dalla stessa lancia a vapore, mentre il naturalista, l'interprete e alcuni altri componenti della squadra si spostavano per andare incontro agli indigeni.

Una breve nota è dedicata da Barbosa Rodrigues, nel libro citato, al contributo di Ermanno Stradelli alla missione: «il sr. Conte Stradelli, al quale affidai il lavoro fotografico, non solo onorò il compito, nonostante le cattive condizioni del momento, ma cercò in tutti i modi di ausiliarmi, divenendo creditore di sinceri elogi»⁵³.

⁵² Discendenti di madre indigena e padre bianco, o viceversa.

⁵³ La traduzione in italiano di tutte le citazioni dal testo *Rio Jauaperi. Pacificação dos Crichanás*, di João Barbosa Rodrigues, contenute nel presente capitolo, è nostra.

Figura 23 - E. STRADELLI, *La Piazza della Presidenza vista dall'alto del teatro - Manaus*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 24 - E. STRADELLI, *Rio Negro - Moura.*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

È durante la spedizione al Rio Branco guidata dal maggiore Jacques Ourique (1888) che Stradelli ha occasione di riandare con la memoria ai fatti di cinque anni prima. Un breve soggiorno nella città di Moura, durante il viaggio alle *Fazendas Nacionais*, è l'occasione per richiamare quell'esperienza, ed è conseguentemente in quel punto del

resoconto che l'autore inserisce una narrazione piuttosto estesa dei principali momenti della spedizione del 1884, iniziando con un excursus storico: gli indigeni, verso la metà dell'ottocento, avevano iniziato ad apparire in grande numero nel medio Rio Negro e nel suo affluente Jauaperi, ed i coloni, spaventati, avevano abbandonato le loro piantagioni. Anche se, continua Stradelli, si trattava di incursioni pacifiche, vi fu la rappresaglia di un certo maggiore Vasconcellos che, rimontando l'affluente Uaturucá, si spinse nella foresta, con trenta uomini armati, alla ricerca della *maloca* degli waimiri:

Tre giorni dopo incontrò un indigeno, e poco dopo un buon nerbo di guerrieri accorsi per difendere la propria terra: ma invano. Il fucile ebbe ragione della freccia, e gli Indiani lasciarono molti dei loro sul terreno e furono costretti a ritirarsi. Il giorno dopo i *civilizzati* entrarono nella *Maloca*, la saccheggiarono e vi posero fuoco. Si dice che una vecchia e una bambina morissero in questa occasione, vittime dell'elemento distruttore, ministro di civiltà. Il Iauapiry fu interdetto ai civilizzati e non pochi, che si arrischiarono a entrarvi, pagarono colla vita la propria temerarietà. Una guerra senza tregua cominciò tra selvaggio e civilizzato [...] (STRADELLI, 1889c, p.215)

Con il tempo e gradualmente, continua Stradelli, gli indigeni avevano ripreso a comparire nuovamente nel Rio Negro e nel gennaio del 1873 si presentarono numerosi nella città di Moura, subito abbandonata dai suoi abitanti che trovarono rifugio su un'isola vicina, da quel momento chiamata *Ilha da Salvação* (Isola della Salvezza), e chiesero soccorso a Manaus. Sottolinea l'opinione del direttore del Museo Botanico al riguardo, senza prendere posizione esplicita:

Barboza Rodrigues sostiene che quella brava gente era venuta con intenzioni assolutamente pacifiche, anzi che venivano al suo incontro, e che tutto fu un malinteso. Sia come si fosse, fu mandato in soccorso della popolazione il Brigadeiro J. Dos Regos Falcão, con due lance da guerra e un distaccamento del 3º d'artiglieria a piedi. Al suo arrivo gli indigeni, che si erano già ritirati nella foresta, furono inseguiti ed obbligati a rientrare nell'Iauapiry. (*ibidem*)

Ricondotti gli abitanti a Moura, fu mantenuto il distaccamento militare ed una lancia agli ordini del tenente Horta, la cui versione dei fatti Stradelli sta considerando in questo resoconto, al lato di quella di Barbosa. Ha infatti modo, essendo ospite di Horta nella sua sosta a Moura, di apprendere la viva voce di questo. Il 21 novembre, continua Stradelli, gli indigeni tornarono e quasi arrivarono a prendere possesso della città, ma

respinti e costretti a rifugiarsi nel bosco, vi sono inseguiti e incontrati sulla sponda di un lago, dove solo l'approssimarsi della notte pose fine alla carneficina. La relazione ufficiale nel suo laconismo dice: *morreram muitos*; ma non dà il numero. Furono in questa occasione prese 12 *ubá*, e fuori tre, portate come trofeo a Moura e distrutte a colpi di scure. Il giorno dopo tornarono a dar caccia agli indigeni, che furono incontrati silenziosi, nascosti tra il fogliame degli alberi, secondo dice il Barboza; chi presenziò la scena però racconta che dal loro nascondiglio gli indigeni frecciavano come meglio potevano gli assalitori [...]. Cominciò il fuoco, o meglio la carneficina, e non fu dato quartiere. (*ibid.*, p. 215-216)

In questo passaggio sono dunque messe a confronto la versione di Barbosa Rodrigues, totalmente solidale con gli indigeni, e quella ben diversa di Horta («chi presenziò la scena»); ad ogni modo, nel racconto di Stradelli non appare mitigata la ferocia della repressione dei bianchi, concludendo il nostro autore: «Tutto ciò non era fatto per calmare gli animi e le rappresaglie, e le morti da una parte e dall'altra aumentarono. Si ha il numero delle vittime dei civilizzati, ma il numero degli indigeni è un segreto, che solo può rivelare la foresta» (*ibid.*, p. 216).

L'episodio del 21 novembre, era stato descritto in modo differente dal naturalista nel suo libro del 1885, nel quale sostenne che l'incursione a Moura degli indigeni fosse avvenuta in conseguenza dell'ennesimo episodio d'invasione del loro territorio nel Jauapery e della distruzione delle loro canoe, mezzo fondamentale di sostentamento:

D'improvviso il comandante, tenente Horta, riunendo i suoi uomini, marciò contro gli indigeni, facendoli fuggire disordinatamente e causando la morte di alcuni di loro [...]. Non risulta vi fosse un solo ferito nella forza civilizzatrice, né che gli indigeni avessero cercato di ferire gli abitanti. Dopo questo fatto e con una forza di 34 uomini, si inoltrò nella foresta, dando la caccia a quelli che erano riusciti a scappare. Non tardò molto ad incontrarli, obbligandoli a rifugiarsi in un lago, per poi fare fuoco su di loro. Morirono in molti, alcuni, feriti, scapparono addentrandosi nella foresta. (BARBOSA RODRIGUES, 1885, p. 16)

Sappiamo che il territorio occupato dagli waimiri era ricco di castagneti e per questo motivo di grande interesse per i coloni e i commercianti, che non accettavano di rinunciarvi e, invadendolo, provocavano la reazione degli indigeni. Barbosa Rodrigues riporta con indignazione le vicende del ritorno di Horta e dei suoi, il giorno successivo, al luogo dove si era tenuta la carneficina:

Lì incontrò 23 indigeni feriti, nascosti tra il fogliame degli alberi, dove se ne stavano appollaiati in silenzio. Allora iniziò una scena di cannibalismo! Erano cacciatori entusiasti di fronte ad un branco di macachi! Ognuno volle la sua parte nella caccia. Puntavano l'arma, scaricavano le munizioni e il povero indigeno cadeva nel mezzo di risate generali! Così caddero tutti, ad eccezione di uno che restò impigliato ad un ramo. Dopo tale carneficina si ritirarono soddisfatti i civilizzati, ma non tanto come poteva sembrare, perché, ancora il 23, tornarono per ammassare i corpi e dar loro fuoco, venendone risparmiati molti altri che già erano in stato di putrefazione nel lago. (BARBOSA RODRIGUES, 1885, p.17)

Nel 1881, gli indigeni riapparvero a Moura, facendo due morti e ritirandosi immediatamente, inseguiti inutilmente dai soldati e dalla lancia. Da quel momento in avanti non tornarono più nel Rio Negro, ma vari scontri con la guarnigione e con gli abitanti avvennero nel fiume Jauaperi. «Stavano le cose in questo stato quando il Sig. Barboza Rodriguez venne a Manaus come direttore del Museo Botanico di questa città».

Figura 25 - E. STRADELLI, *La famiglia del Prof. Barboza Rodriguez.*

Stradelli narra di come avvenne il suo coinvolgimento nella spedizione:

Poco dopo il suo arrivo [*Barbosa Rodrigues*] si offrì al sig. Presidente della provincia, allora D. José Lustosa da Cunha Paranaguá, di recarsi a tentare la pacificazione dei Jauapirys; e allora dallo stesso Presidente, fui interpellato per sapere se, caso la spedizione avesse luogo, accettavo di farne parte. L'occasione per me era troppo bella, e risposi non avere difficoltà nessuna. (STRADELLI, 1889c, p. 216).

L'avvicendamento alla presidenza causò un rinvio della missione e, in quel lasso di tempo, un inatteso incontro avvenne nel Jauaperi:

[...] alcuni abitanti di Moura si incontrarono nel Jauapiry cogli indigeni, e avendo com sé un indiano Macuxy, chiamato Pedro, che per mezzo della lingua dei Porocotós pote farsi intendere, si intrattennero assieme amichevolmente, separandosi a notte dopo aver da parte a parte scambiati regali. (*ibidem*)

La figura dell'indio Pedro sarà, come vedremo, di grande importanza per il fatto di rendere possibile la comunicazione con gli waimiri, cruciale nelle conversazioni e negli scambi di doni iniziali che costituiranno il primo atto della 'pacificazione'. I macuxi appartengono infatti come gli waimiri, al gruppo linguistico karíb; i due popoli occupavano ed occupano territori limitrofi nell'attuale stato di Roraima. Dopo l'incontro menzionato da Stradelli, se ne susseguirono altri, di cui furono protagonisti lo stesso Horta ed il sindaco di Moura: si decise pertanto di accelerare la partenza della spedizione. Tuttavia, all'arrivo a Moura, la squadra guidata da Barbosa Rodrigues poté subito constatare di non essere desiderata dalla popolazione cittadina, tutt'altro:

Giunti a Moura fummo pessimamente ricevuti dagli abitanti messi su dallo Horta; e né lui né nessun altro, che fece parte delle anteriori spedizioni, voleva accompagnarci, per quanto io, persona neutrale in tutto questo, cercassi di metter la pace e la calma. (STRADELLI, 1889c, p. 217)

La posizione che Stradelli intende occupare, nell'imminenza della spedizione come nel suo resoconto a posteriori, è dunque quella di mediatore («persona neutrale») tra le opposte visioni delle autorità di Moura e di Barbosa Rodrigues. Quest'ultimo ritenne indispensabile il coinvolgimento nella missione dei protagonisti di quegli incontri pacifici, in particolare di Manoel José Gonçalves, conosciuto come 'Bicudinho', di Zeferino Henrique de Castro, conosciuto come 'Jararaca', e di Pedro:

Barbosa però, secondato dall'alferes Ferreira, tanto si adoperò, che ottenne di levar con sé, per quanto a contro voglia, il Bicudinho colla famiglia e, quello che più importava, il Jararaca con Pedro, l'interprete. Il Bicudinho erasi fino allora, a quanto ci constava, occupato dei Jauapiry, ed era lui che era sempre stato incaricato della distribuzione dei regali per quelli, quindi prezioso e necessario. (*ibidem*)

Nella fotografia intitolata *La nostra scorta* (Fig. 26) vediamo João Barbosa Rodrigues al centro, cingendo le spalle dell'indigeno Pedro, l'interprete, alla cui destra vi è presumibilmente Jararaca. A sinistra di Barbosa, troviamo l'alfiere Ferreira. Alla destra del primo, in secondo piano, scorgiamo Bicudinho, che appare anche in altre immagini. Riteniamo che il gruppo di venticinque persone sia composto, oltreché dai personaggi citati, dai dieci soldati messi a disposizione dal Presidente della Provincia e da sette uomini ed un fanciullo di Moura al seguito di Bicudinho e Jararaca.

Figura 26 - E. STRADELLI, *Jauapiry* – *La nostra scorta*.

Vari elementi attraggono l'attenzione in questa immagine. Innanzitutto la didascalia, probabilmente permeata d'ironia, apposta manualmente da Stradelli sul margine inferiore della fotografia, giacché si trattava solo in parte di una scorta: il gruppo di Moura, come vedremo, agiva piuttosto in senso contrario al raggiungimento degli obiettivi della missione. Colpiscono inoltre la postura e l'atteggiamento assunto da alcuni individui, che ci pare manifesti sufficienza e finanche ostilità, come nel caso del primo a sinistra tra i seduti della prima fila, che indica con il braccio in direzione della macchina fotografica. È visibile, nella parte inferiore destra dell'immagine un remo, come anche un fucile tra i seduti nella seconda fila.

La fotografia *Donne del Rio Negro* (Fig. 27) ritrae la famiglia di Bicudinho, individuabile a sinistra e in secondo piano nell'immagine. La sua posizione è singolare, discostato dal gruppo ma con atteggiamento di controllo. Le donne dal canto loro, ostentano espressioni poco amichevoli, che confermano la diffidenza con cui erano visti Stradelli e gli altri membri della spedizione e la forte contrarietà rispetto alla circostanza, al seguito dei propri uomini, di dover accompagnare la missione.

Figura 27 - E. STRADELLI, *Donne del Rio Negro*.

Partimmo pochi giorni prima di Pasqua, e in tre canoe rimontammo il fiume. Nei primi tre giorni non incontrammo né Indiani né traccia di Indiani, e già disperavamo del successo. Il Bicudinho, che colle sue due canoe meglio equipaggiate della nostra non remata che da soldati, ci avea sempre preceduto di due o tre ore colla scusa di voler trovarsi in casa per la festa di Pasqua, ci lasciò e tornò a Moura. (STRADELLI, 1889c, p. 217)

Barbosa Rodrigues, ripercorrendo i primi momenti spedizione, sottolinea come il gruppo di Bicudinho (Manuel Gonçalves) rivelasse da subito intenzioni non collaborative:

Alle 7 ½ incontrammo la comitiva di Gonçalves que, essendosi allontanata sino a perdere di vista la mia canoa, si trovava presso il margine, preparando il pranzo. In quel punto, nella supposizione che tale comitiva mi avrebbe accompagnato ed avrebbe preso parte in tutte le vicende della spedizione, scattammo due fotografie, rappresentando una il gruppo degli uomini, l'altra il gruppo delle donne. Alle 9 e 15 riprendemmo il viaggio, ma, nonostante avessimo chiesto a Gonçalves di procedere assieme a noi, egli ci abbandonò e proseguì. Non mi fu possibile raggiungerlo, perché la mia canoa, molto pesante e condotta da soldati che non avevano mai toccato un remo, non poteva competere con le sue che procedevano leggere ed erano maneggiate da *tapuyos*, que al remo non hanno nulla da invidiare al miglior marinaio. (BARBOSA RODRIGUES, 1885, p. 39)

È in virtù di queste informazioni, estratte dal resoconto di Barbosa, che ci è stato possibile interpretare correttamente le due foto di gruppo (Fig. 26 e 27), non molto leggibili limitandosi alle didascalie che le accompagnano.

Figura 28 - E. STRADELLI, Jauapiry – *L'alto della colazione. Uruarú.*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

La fotografia intitolata *L'alto della colazione* (Fig. 28), ovvero 'la pausa della colazione', ad un primo sguardo, con il fanciullo di spalle in primo piano, gli uomini ripresi con naturalezza, le imbarcazioni ed il placido scenario fluviale sullo sfondo, sembra ritrarre un tranquillo momento di riposo durante la spedizione. Osservando più in dettaglio, individuiamo Barbosa, seduto nella canoa centrale; l'alfiere Ferreira, in piedi alla sua destra; Bicudinho e i suoi uomini in un'altra canoa, a destra dell'immagine, sottolineando così la netta separazione tra i componenti della missione e il gruppo di Moura, mantenuta anche in circostanze propizie ad un'atmosfera più rilassata ed alla condivisione.

Anche se la spedizione era partita da Moura a bordo della lancia, questa era rimasta ancorata alla foce del Calango, che unisce il Negro al Jauaperi, e il gruppo aveva proseguito il viaggio in canoa.

È interessante notare che furono fotografate località, come Uirabiana e Cauacunama, nelle quali, pur essendo atteso e sperato, l'incontro con gli indigeni non si produce. Barbosa Rodrigues, anche se dominato dalla preoccupazione dell'incontro, non

perde di vista i suoi interessi di botanico e si pone in cerca di esemplari caratteristici della flora locale:

Arrivammo ad Uirabiana alle 2 e tre quarti. Essendo questo il luogo dove erano stati visti gli indigeni, mi fermai sino alle tre del pomeriggio. Approfittai della sosta per disegnare una pianta del luogo. Gridai, chiamai la gente, ma nessuno apparve. In quel punto il fiume si allarga. Forma come un vasto lago, sul quale appaiono diverse isole. Avvicinandosi un gran temporale accompagnato da pioggia, mi riparai un po' a valle della foce del lago Mucura, andando a pernottare sulla punta di un'isola vicina all'igarapé Arauchá, conosciuto per l'acqua buona [...]. Partimmo all'alba del giorno 5, avendoci preceduto Gonçalves e l'interprete. Alle 7 li incontrammo preparando il pranzo nella foce del lago Cauacunama. Si fotografò il luogo e, cercando di erborizzare nelle vicinanze, raccolsi uno *Stelis*, due *Lephanthes* e una *Maxillaria* che, credo, sono nuove. (BARBOSA RODRIGUES, 1885, p. 40-41)

Figura 29 - E. STRADELLI, *Jauapiry - Urabiana*.

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 30 - E. STRADELLI, *Jauapiry – Cauacunama*.

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

La fotografia *Jauapiry-Cauacunama* (Fig. 30) mostra, a mala pena visibile per le piccole dimensioni, il gruppo a cui fa riferimento Barbosa Rodrigues, ritratto nell'avvicinarsi alla sponda.

La bellezza del paesaggio e la peculiarità della vegetazione possedute da alcune località sono per il naturalista ragioni sufficienti per una sosta e per una sessione fotografica:

Arrivando alla spiaggia di Ajurú, sistemammo le reti per pernottare. Approfittando della luce del pomeriggio, feci fotografare il posto, uno dei più belli, per la muraglia formata dalle piante *Jauarys* (*Astrocarium Jauarys*) che separano la foresta dall'estesa spiaggia, baciata dalle acque del fiume. La notte una splendida luna colorava d'argento la sabbia e le acque, e interrompeva il profondo silenzio dell'oscurità il gracchiare forte e piangente del rospo *Cunuarú* ripetendo le sillabe uh! uh! uh!...Mentre dormivamo una sentinella vegliava con armi in spalla, percorrendo la spiaggia. A mezzanotte la luna si velò e la pioggia cadde torrenzialmente. (BARBOSA RODRIGUES, 1885, p.41)

Immaginiamo che il fotografo avesse condiviso con Barbosa l'ammirazione per il paesaggio e suggerito la distanza e l'angolazione più appropriate per la realizzazione delle fotografie. È anche probabile che lo stesso accompagnasse il naturalista nella ricerca di esemplari di piante locali.

Figura 31 - E. STRADELLI, *Jauapiry - Ajarú (Bosco di Javary - specie di palma spinosa)*.

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Dopo l'abbandono definitivo della spedizione da parte di Bicudinho e della sua gente, avvenuto nella località Kuekuré, il tanto atteso incontro sarà finalmente possibile:

Restammo con Pedro e Jararaca e poco dopo la sua partenza incontrammo una ubá incostata alla sponda e che mostrava esserne usciti i padroni poco prima; vi lasciammo dentro regali, e mettendo dei segnali di tela lungo il cammino, seguimmo senz'altri incidenti, dormimmo la notte per precauzione in mezzo al fiume, e la mattina dopo prendemmo terra nell'isolotto di Macaú, battezzato pomposamente col nome di Isola del Trionfo (*Ilha do Triunfo*). (STRADELLI, 1889c, p. 217)

Figura 32 - E. STRADELLI, *Macáua nel Jauapiry*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Potevano essere le 10, avevamo appena finito il magro asciolvere, quando scorgemmo alcune ubá, remate vigorosamente dagli indigeni, rimontare il filme. Nella prima, in piedi tre uomini portavano come trofeo i regali, che avevamo lasciato il giorno avanti: venivano pacificamente, non vi era dubbio. Poco prima di giungere all'isolotto presero terra firme e sparvero nella foresta. Passarono alcuni minuti di aspettativa: a un tratto su una pietra di grès granitico [...] apparvero una ventina d'indigeni levando alto le frecce e gli archi, battendosi il petto, gridando, urlando, gesticolando come ossessi. (*ibid.*)

Figura 33 - E. STRADELLI, *Pedro, il nostro interprete*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

«L'interprete domandò loro cosa volevano e sulla risposta pacifica che gli diedero, il Barboza fu in una piccola canoa ad incontrarli. Fu il segnale: pochi momenti dopo l'isola era invasa, e i regali cominciarono ad essere scambiati da parte a parte». (*ibid.*)

Figura 34 - E. STRADELLI, *Punto dove abbiamo parlato la prima volta con i Chiriscianá*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Stradelli mette in evidenza un aspetto curioso di tale scambio di doni:

[...] gli indigeni ne davano archi e frecce, noi cappelli, camicie, calzoni, coltelli, ecc., che ne erano stati consegnati a tal fine dal Presidente della Provincia, ma di una cosa sopra tutto si mostravano desiderosi, di bottoni; e li staccavano senza cerimonie, dovunque li trovassero, cosicchè in pochi minuti dovettero questi essere sostituiti con legacci e trine. Tre soli conservarono, senza che nulla potesse disarmarli, l'arco e le frecce. Erano, a quanto ci dissero, i cacciatori della tribù. Calmata la prima furia si poté avere alcuni schiarimenti e informazioni, tra cui una importante, chiamarsi essi Chrichanà e Ririchanà, nome ben noto di tribù dell'Alta Parima. (*ibid.*, p. 218)

Il fotografo partecipò allo scambio di doni e al momento altrettanto importante del primo scambio verbale - avvenuto tra i 'pacificatori' sulla canoa e gli indigeni sulla terra

ferma - come indica la didascalia della fotografia di cui alla Fig. 34: «Jauapiri – Punto dove abbiamo parlato per la prima volta con i Crichanás»⁵⁴.

Figura 35 - E. STRADELLI, *Incontro con gli indigeni sul fiume Jauaperi*.

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Barbosa Rodrigues riporta dettagliatamente la sua prima conversazione con i Crichanás:

Presa la canoa dell'interprete, tornai solo con lui e con l'alfiere Ferreira a terra. Lì cercai di tenerli buoni in tutti i modi possibili, soffrendo per questo i peggiori insulti. Disposi gli animi favorevolmente e, avendoli calmati, entrammo in conversazione:

"*Tenapéné aitiquê zecon?*" [Che nome avete?]

Risposero subito, battendosi il petto: "*Uanim Crichanás*" [Crichanás]

"*Tuparé ainam naemé?*" [Quante nazioni vi sono in questo fiume?]

"*Tuparicon ananei*" [Solo una, la nostra]

Dicendo loro che desideravo conoscere il loro capo, il *tuxáua*, risposero:

⁵⁴ Nella didascalia di Stradelli appare, tra parentesi, la parola "gatti", associata ai Crichanás. Non abbiamo tuttavia potuto riscontrare relazioni linguistiche né di altro tipo tra il nome della popolazione e la razza felina.

"Iponaé tomini ecuipinin miquim" [Non abbiamo capo. I nostri padri lo sono]
(BARBOSA RODRIGUES, 1885, p. 48-49)

Figura 36 - E. STRADELLI, *Jauapiry. Distribuzione di doni.*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Continua il racconto di Stradelli:

Poco prima di sera ci separammo invitandoli, a ritrovarsi nel medesimo punto tra cinque giorni, giacchè noi saremmo tornati in lancia a vapore, avvertendoli di ciò, perché non si spaventassero. Ci risposero che non avevano paura, e che potevano venire, quando volevamo sul nostro *mutum mutum* – forma onomatopeica, con cui designano la lancia a vapore -; che non gli ingannassimo noi, che essi non avrebbero mancato. (STRADELLI, 1889c, p. 218)

Ritornato al Jauaperi il giorno stabilito, questa volta in lancia, poco prima di Macáua il gruppo guidato da Barbosa incontra un'*ubá* con sette indigeni che, fermata la lancia, si avvicinano tranquillamente. Solo quattro dei sette accettano di salire a bordo:

Erano quelli quattro giovinotti svelti, ben fatti, abbastanza chiari, dalla figura intelligente e non troppo camusa, con le estremità fini e delicate,

cosicchè mi si confermò l'idea appartenere essi a quella razza, che a mio vedere è la più antica nel paese e il cui tipo è il Macù. Non mostrarono meraviglia nessuno, neanche quando la macchina si mise in moto; furono solamente un istante sorpresi dal fischio acuto del vapore, ma fu un istante: si guardarono l'un l'altro e caddero in un'omerica risata. (*ibidem*)

Figura 37 - E. STRADELLI, *La lancia a vapore n.2. I selvaggi, vestiti con i nostri doni, vengono a bordo.*

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

La descrizione che Stradelli fa dei quattro indigeni e delle loro reazioni nello sperimentare la lancia a vapore è brillante: con pochi tratti riesce a farci rivivere la scena ed i suoi personaggi; al tempo stesso, è rivelatrice del suo modo di vedere, e di conseguenza di raccontare, l'alterità di cui gli waimiri sono espressione. Ci mostra come questi, temuti dagli abitanti di Moura e considerati particolarmente selvaggi ed indomiti dalle autorità, fossero, se avvicinati su basi amichevoli, composti nel loro comportamento e a loro agio con i 'civilizzati'. Nel riportarne le caratteristiche fisiche, l'italiano ne esalta la finezza dei lineamenti e il colore chiaro della carnagione, l'eleganza del corpo e la «figura intelligente», in direzione opposta alla tendenza, caratteristica dell'antropologia fisica allora dominante, a mettere in risalto le particolarità somatiche distintive delle

‘razze primitive’. I corpi degli indigeni recano i segni del traumatico contatto con i bianchi, come rivela un episodio narrato da Stradelli:

In una scatoletta di latta vi era del piombo da caccia; uno, tratto dalla curiosità, vi mise la mano e ne tirò un pallino, che rimise immediatamente al posto con segni di evidente spavento, avvertendo di ciò che era i compagni, poi ciascuno di essi ci mostrò dove erano stati feriti. Ve ne era uno che aveva sul corpo delle cicatrici di tutti i generi, di palla e di pallini, e nel polpaccio una ferita lunga, difficilmente definibile, ma che egli, forse leggendoci in volto l’interrogazione, si affrettò di farci capire che era di mitraglia, mostrando ripetutamente il cannoncino di poppa e poi la gamba, e accompagnando la mimica con un espressivo: *Puum tzaz!* Non erano vigliacchi, le ferite erano tutte di quelle che Sparta onorava, e conoscendo il pericolo non lo avevano sfuggito. (*ibidem*)

Più di qualsiasi documento ufficiale o versione fornita dei fatti, tali cicatrici rendevano evidente la natura dell’esperienza fatta sino ad allora, dagli indigeni del Jauaperi, dei cosiddetti civilizzati.

Contrariamente alle previsioni, nella lancia «pareva fossero in casa propria» e «cercavano ogni modo per farsi capire». Lo sforzo verso un’intesa è dunque reciproco. L’autore, smessi i panni del fotografo che lo costringevano ad una distanza tecnica dal luogo dell’incontro, è ora parte di esso e, con le sue peculiari caratteristiche, contribuisce alla reciproca conoscenza ed alla creazione di un vincolo:

Io aveva l’album aperto, e uno di loro me lo prese, e col lapis, che ripetutamente mi chiese, vi tracciò su una specie di rozza greca; gli altri due ne imitarono l’esempio, anzi uno vi fece una linea tagliata da altre sette linee spezzate, che l’interprete pretendeva dovesse rappresentare un’*ubà*. (*ibid.*, p. 219)

Questa scena, ritraendo un indigeno che s’interessa, più che ai prodigi tecnologici dell’imbarcazione a vapore, all’album che il bianco ha tra le mani, e desidera toccarlo, potervi scrivere o disegnare, è di un’intensità straordinaria e condensa tutto un modo di vedere : quello di Stradelli, interessato a conoscere le espressioni più sofisticate della cultura indigena che includono la scrittura ideografica ed il disegno, e quello dell’indigeno, interessato ai saperi e alle rappresentazioni del bianco. In questa immagine, i due mondi s’incontrano attraverso il segno, le linee significanti tracciate su uno spazio neutro.

Ne è riconfermata la concezione anticipatrice di Stradelli, per il quale la letteratura, la rappresentazione, il campo del simbolico hanno un ruolo fondamentale nelle culture indigene, non inferiore a quello posseduto nelle società 'civilizzate'; in tale direzione va il suo interesse per le *itacoatiara* (iscrizioni rupestri), pazientemente ricercate, studiate, riprodotte, decifrate nel corso dei suoi viaggi, intese come embrionale forma di comunicazione scritta e non come un mero e casuale passatempo.

Se i meccanismi della lancia non li incuriosiscono più di tanto, i Crichanás si stupiscono di fronte al funzionamento dei fiammiferi:

Coll'alba i nostri quattro amici erano di ritorno e vennero a bordo; e tra le altre cose fu fatto loro presente di scatole di fiammiferi, facendogliene vedere l'uso. Il resto degli indigeni non tardò e tra essi alcune donne; e non appena apparvero nell'isola, i nostri amici impazienti si gettarono in acqua e a nuoto furono a terra, dove per prima cosa vollero mostrare ai loro i fiammiferi, che (com'è naturale) non presero fuoco. Nessuno ne volle più, sostenendo che non servivano che per noi. (*ibidem*)

Figura 38 - E. STRADELLI, *Jauapiry* – Come si accende un fiammifero.

Nella fotografia *Come si accende un fiammifero* (Fig. 38), probabilmente concepita ad arte da Stradelli dopo l'episodio in questione, appaiono un uomo della scorta (primo a sinistra), i quattro crichanás vestiti, il tenente José de Almeida e Barbosa Rodrigues, nell'atto di mostrare appunto, guardando verso l'obiettivo del fotografo, la tecnica dell'accensione del fiammifero.

Figura 39 - E. STRADELLI, *Jauapiry – Preparativi di cucina*.

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

La fotografia intitolata *Preparativi di cucina* (Fig. 39) mostra gli stessi protagonisti della precedente ed è scattata esattamente nello stesso punto. Probabilmente, dopo aver mostrato e ritratto l'accensione dei fiammiferi, si era pensato di accendere un fuoco per completare la dimostrazione sulla funzionalità degli stessi. La didascalia può essere pensata in questo caso come un'aggiunta a posteriori, da parte del fotografo, per accrescere l'interesse etnografico della foto. Non sembra infatti si trattasse di preparazione di alimenti, per l'assenza di qualsiasi arnese di cucina. D'altra parte, il pasto descritto da Stradelli era stato offerto dalle donne crichanás:

Distribuiti i regali cominciò il banchetto: erano porci selvatici, *aguty*, pesci in coque colle viscere e tutto, *beju* di farina di mandioca e salsa di peperoni, accompagnati da una bevanda fatta dal frutto del *myrity* in principi di fermentazione, stemperato nell'acqua. Dai solidi mi potei liberare con abili evoluzioni, ingollando soltanto un po' di bejù; ma dalla bevanda non fu possibile. (*ibidem*)

La difficoltà ad accettare l'offerta dei cibi preparati dalle donne indigene era stata una costante nella vita di viaggiatore di Stradelli; in qualche momento aveva affermato che l'unico ambito nel quale l'uomo bianco poteva vantare una qualche superiorità era appunto quello gastronomico. In occasione di tale convivio e della danza che ne segue, si riappropria della sua posizione defilata, di osservatore più che di compagno:

Quando Dio volle, il banchetto finì e cominciarono le danze: non che queste fossero troppo migliori di quello, ma pure erano un sollievo. Tenendoci l'un l'altro per mano durammo più d'un'ora a correre in ruota al compasso di una cantilena lenta e monotona, di cui le uniche parole, che di tempo in tempo si udivano, erano *camarara*. In poco tempo, io lo confesso, non ne potevo più, e appena ne ebbi agio, sgattaiolai nella lancia; di là potevo osservare meglio ed ero più comodo, e approfittai del momento per tirare alcune fotografie, che non riuscirono del tutto male. (*ibidem*)

Dopo la danza, Barbosa Rodrigues, grande protagonista di quella giornata, si congeda dai Chrichaná e prende la via del ritorno. A Manaus lo aspetta il Museo botanico, nelle cui sale saranno esposti gli archi e le frecce ceduti - in cambio di perle, coltelli, bottoni ed altri oggetti - dagli indigeni 'ammansiti' e le splendide fotografie realizzate da Ermanno Stradelli.

Figura 40 - E. STRADELLI, *Veduta del fiume Jauapiry*.

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Il fotografo, poco dopo il rientro a Manaus, tornò in Italia, mentre Barbosa Rodrigues «fu dal governo incaricato di fissare e catechizzare i Ririchaná». Non è molto chiaro il bilancio di Stradelli sulla spedizione e risultano poco comprensibili i suoi commenti positivi su Horta, militare votato esclusivamente alla difesa degli interessi degli abitanti di Moura e dei raccoglitori di castagne, che aveva sanguinosamente perseguito gli indigeni:

[*Barbosa Rodrigues*] Fu a varie riprese nel Jauapiry chiudendolo a tutti, misura questa del resto necessaria, volendo ottenere qualche serio risultato [...] Ecco i fatti, su cui forse mi sono trattenuto troppo a lungo, ma spero ottenerne venia. Moura, che aveva dato il primo passo, si giudicò offesa colla preferenza data al Barboza; per lei era a ciò naturalmente indicato l'Horta, la persona più influente del luogo e, senza volerlo adulare, di una levatura superiore allo ambiente in cui vive. Questo malcontento fu aumentato dalla pubblicazione fatta dal Barboza, la *Pacificação dos Chrichanàs* già citata, in cui tenta di dimostrare che Moura e i suoi abitanti erano l'unica causa dell'ostilità prolungata di quelli e che, se i primi si erano abboccati con gli indigeni, era questo un fatto, figlio del caso senza importanza reale, e che a lui unicamente si doveva la pacificazione [...]. (STRADELLI, 1889c, p. 221).

Stradelli non sembra, da quanto espresso nel paragrafo che precede, nutrire grande ammirazione per il paziente lavoro di contatto e creazione di nuovi vincoli portato avanti da Barbosa Rodrigues nel Jauaperi. Il naturalista vedeva d'altra parte la pacificazione come presupposto necessario all'assimilazione degli indigeni alla nazione brasiliana. Non sappiamo se Stradelli condividesse tale obiettivo della missione, avendo espresso altrove l'idea che fosse preferibile «lasciare l'indigeno tranquillo nelle proprie foreste», in armonia con l'ambiente e praticando i propri rituali e costumi, almeno sino a quando si sarebbe potuto disporre, tra i cosiddetti civilizzati, di uomini e mezzi all'altezza del compito.

Riteniamo ad ogni modo che l'esperienza del contatto con gli indigeni waimiri fu di grande importanza per il viaggiatore italiano, da un lato, consolidandone le capacità di osservazione e le abilità di 'fotografo di campo'; dall'altro, permettendogli una comprensione profonda delle sfide e delle criticità poste dal progetto politico governativo, volto a normalizzare ed assimilare le comunità amerindie. L'avvicinamento all'alterità su basi non violente e amichevoli, sperimentato in prima persona in questa occasione, apriva altre strade alla convivenza possibile tra bianchi ed indigeni.

4. Lettere e fotografie dal Purus

Il Purus, con i suoi tributari Ituxi e Mamoré-Mirim, aveva offerto lo scenario del primo viaggio fluviale di Ermanno Stradelli (ottobre 1879), realizzato in canoa, in compagnia dei missionari francescani che aveva conosciuto a Manaus⁵⁵. Nove anni dopo questa prima navigazione, di ritorno da una spedizione al Rio Branco, parte nuovamente per una seconda esplorazione della regione del Purus e dei suoi affluenti, più estesa della precedente, interessando anche i fiumi Acre e Sepatini. Se, sulle sue esplorazioni di altre grandi arterie fluviali amazzoniche (Rio Negro, Orenoco, Uaupés, Rio Branco) possediamo i diari e le relazioni che furono pubblicati sul Bollettino, gli unici documenti scritti disponibili su questo viaggio sono le lettere inviate a Giuseppe Dalla Vedova, Segretario

⁵⁵ Solo due anni prima, i frati Venanzio Zilochi (come Stradelli, originario di Piacenza), Francesco Sidane e Matteo Canioni, si erano stabiliti nel bacino del Purus e affluenti, dopo l'abbandono delle missioni dell'Alto Madeira e del Solimões. Tuttavia, per la scarsa presenza di indigeni ed il rapido incremento della popolazione bianca legata all'industria estrattiva, resteranno nella regione solo sino al 1880.

Generale della Società Geografica Italiana. Intrapresa nel novembre del 1888, con questa seconda spedizione al Rio Purus Stradelli si prefigge in primo luogo di realizzare una documentazione fotografica del territorio e degli insediamenti umani, in secondo luogo di rilevare il corso di fiumi ancora poco noti.

Figura 41 - E. STRADELLI, La "Cachoeira", residenza del capitano Hilário F. Alvary

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Manaus, 16 novembre 1888

Prof. Carissimo,

Ho ricevuto la sua carissima del 10 ottobre passato, la ringrazio e vedrò di attenermi alle sue istruzioni. Parto oggi per il fiume Purus dove mi fermerò qualche mese. Le scriverò di là. Il fiume è stato rilevato da Chandless ma sugli affluenti vi è ancora molto da fare e se mi si presenterà l'occasione per quanto andrò più per lavorare in fotografia che per altro non me la lascerò sfuggire. Mi voglia sempre bene e mi creda suo affezionato [sic] amico,

E. Stradelli

Le istruzioni menzionate da Stradelli si riferiscono probabilmente ad un precedente invito ricevuto da Dalla Vedova a dedicarsi al rilevamento dei corsi d'acqua ancora poco conosciuti, accompagnato da cenni sulle tecniche ed i criteri da seguire per

effettuarlo in modo scientifico. Il viaggiatore tiene a precisare che il suo primo obiettivo è un altro – la fotografia – ma che, avutane l'occasione, non mancherà di svolgere tale tipo di indagine. È interessante vedere come, nella sua lettera del 4 marzo 1889, scritta dalla località Cachoeira, sottolinei nuovamente la propria veste, anche se temporanea, di «fotografo»:

Prof. Carissimo,
visto che per il momento sono fotografo invece di relazione le rimetto delle fotografie. Colle piccole potrà farsi un'idea più o meno esatta di Manaos, le altre, una è un gruppo d'indigeni del Rio Branco che in questo momento si trovano qui pel lavoro della gomma, la casa è il luogo da dove scrivo e che appartiene al Sig. Cap.no Hilario F. Alvary e i due vapori furono fotografati può dirsi dalla porta della stessa casa e le possono dare un'idea del fiume in questo punto.
Avrei voluto scrivere una saporita relazione sul Purus ma il lavoro me lo ha impedito, sono fotografo e mi devo prima di tutto al pubblico che paga. Così va il mondo. Chi non ha testa, abbia gambe, diceva mio nonno e non aveva torto [...].

Non ha tuttavia trascurato la navigazione e coltiva progetti interessanti per il suo interlocutore, che vanno nelle direzioni auspiccate dalla Società Geografica:

Il mese scorso sono stato fino al punto dove arrivò Chandless nella sua esplorazione e ho rimontato l'Acre fino al Riozinho [...]. Più avanti grazie al Cap. Hilary già citato, che mi ha gentilmente posto a disposizione la piccola lancia a vapore Beja-Flor, spero poter rimontare o riconoscere l'Jaco o Auini e qualche altro degli affluenti secondari non ancora rilevati da nessuno. Ne farò il rilievo come potrò e non mancherò di mandarlo.

Figura 42 - E. STRADELLI, Vapori Macapà e Conde d'Eu nel porto della Cachoeira

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 43 - E. STRADELLI, L'Humanità del Sig. Maciel, sulle rive del Purus

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

La frase «ne farò il rilievo come potrò» si riferisce al mancato arrivo degli strumenti che aveva chiesto mesi prima alla Società Geografica (lettera a Dalla Vedova del 22 ottobre 1888): solo utilizzando un'attrezzatura adeguata avrebbe potuto infatti dedicarsi con esito alle investigazioni idrografiche. Aveva sollecitato, oltre a due termometri comuni, un termometro ad alta e minima ed uno per ipsometro, un cronometro ed un teodolite astronomico, al quale annetteva grande importanza:

e poi se assolutamente non si può avere il teodolite astronomico due livelli di precisione ma piccoli per livellare l'orizzonte a specchio, ma per me preferirei assolutamente il teodolite per la maggiore precisione e facilità nei calcoli, soprattutto per le osservazioni di stelle e per l'osservazione meridiana, con questo sempre fattibile, mentrèché col sestante sono quelle spesso impossibili nella foresta [...]. Aggiungo ciò che per i rilievi di [terra] montuosi il teodolite è un ausiliare prezioso. [...] I cronometri che qui speravo di incontrare esistono ma in uno stato tale da non meritare nessuna fiducia e da Rio de Janeiro credo molto difficile l'averli, quindi per me preferirei me ne fosse spedito uno. [...] Certo un cronometro è necessario senza questo sestante e teodolite sono inutili come il primo mi è stato quasi fino adesso non servendomi che a rimettere di tempo in tempo l'orologio da polso all'ora del luogo, ma questo è molto ma molto poco [...].

In assenza di tali strumenti, era costretto a condurre le sue osservazioni «col sestante ed un orizzonte di olio», sistema meno preciso e a volte inutilizzabile⁵⁶. Da un lato quindi le misurazioni, dall'altro la fotografia, che considera la sua professione temporanea, lo tengono lontano dalla stesura di una vera e propria 'relazione'. Cerca inoltre di portare avanti, dato il suo possibile risvolto economico, l'attività di collezionista di specie zoologiche, ma con scarso esito:

Come collezionista sono infelice all'infuori di qualche [...] d'insetti e un centinaio di pesci, che spero di aver tempo per mettere in stato di essere spediti: pare che si siano dati l'intesa, non mi viene niente alle mani che valga la pena, gli stessi pippistrelli [*che gli aveva richiesto il naturalista Giacomo Doria per il Museo di Genova*] pare non facciano più nessun caso del lume, infine vedremo. Il vapore non tarda e ho del lavoro da mettere in ordine [...]

⁵⁶ Solo in seguito, verso la fine della sua esplorazione nel Purus, riceve finalmente ciò che gli occorreva per i rilievi. La sua richiesta era stata in grande parte soddisfatta, tuttavia gli strumenti erano giunti con quasi un anno di ritardo.

Il parallelo suggerito tra relazione e fotografie («invece di relazione le rimetto delle fotografie») è molto significativo e ci invita ad osservare le immagini realizzate soffermandosi sulla loro forte potenzialità narrativa. Esse documentano la trasformazione che, nell'epoca aurea dell'economia della gomma, investe la regione, trasformazione del paesaggio e degli insediamenti umani che il fotografo può apprezzare in tutta la sua ampiezza, avendo visitato quei luoghi dieci anni prima, nel 1879. Il Purus e l'Acre, ora solcati per larga parte del loro corso da imbarcazioni a vapore e costeggiati da ricchi *seringais*, sperimentano «uno straordinario sviluppo». Non lontano dalle residenze dei bianchi, alcune comunità indigene, pur toccate nel loro quotidiano e nei loro costumi dall'avanzata della modernizzazione, continuano la propria vita nella maloca: sono queste ad interessare maggiormente Stradelli, che, appena possibile, si reca al fiume Sepatini, lungo il quale sono stanziati alcuni gruppi di Apurinã.

12 aprile 1889 – Purus (in viaggio)

Prof. Gentilissimo,

il mese passato mi sono trovato con qualche centinaio di lire disponibili e sono andato a fare una corsa tra gli indigeni Ipurinã che vivono tra il Purus e il Sepatini, affluente di destra di questo e di cui spero giunta con questa rimetterle una buona descrizione corredata di qualche fotografia e qualche appunto [...] che spero può rendere più [ragguagli] se non completati più tardi.

Di ritorno ho trovato gli estratti del viaggio dell'Orenoco e del Rio Negro, i cartellini per le collezioni accompagnati da una conferma sua che certamente aspettava ansiosamente. [...] In questo momento scendo in canoa fotografando lungo il cammino diretto alla Labrea, l'unica popolazione del fiume dove mi tratterò fino a tutto maggio [...] rimontare il fiume e il suo affluente [Tere] della riva destra e probabilmente l'Jaco della stessa riva e il [Pauiry] della riva opposta. Questi ultimi due non sono ancora rilevati quindi spero come si suol dire di prendere due piccioni ad una fava e nel tempo che lavorerò in fotografia occuparmi anche del rilievo del fiume e potendo di qualche cosa più. Lei mi dice di non potermi mandare l'ipsometro, ma io lo possiedo, ciò che mi manca è solamente il termometro ad alta temperatura che lo accompagna essendo che uno [...] e l'altro [...] affatto cancellata la sua direzione.

[...] Con questa vanno alcune fotografie destinate a mostrare ciò che incontrasi intorno agli Ipurinã [...]

Le 22 stampe fotografiche inviate in allegato alle due lettere sopra riportate sono raccolte, nell'Archivio fotografico della Società Geografica Italiana, in un album, assieme a

quelle realizzate nel suo viaggio dal Cucuy a Manaus (1888). Dal punto di vista del supporto utilizzato, si tratta di aristotipi⁵⁷, alcuni dei quali recano inciso, sul recto della foto, l'acronimo dell'autore: 'E. Str.'. L'utilizzo di tale tipo di positivo ci fa presumere che Stradelli si servisse ancora del processo di rivelazione al collodio umido. Tutte le stampe presentano gli angoli ritagliati a mano; sono dattiloscritte nel verso dei fogli dell'album la provenienza, la data dello scatto e una didascalia per ciascuna fotografia ⁵⁸.

Le immagini realizzate da Ermanno Stradelli restituiscono perfettamente il paesaggio naturale ed umano della regione, nel sottolineare la penetrazione quasi inarrestabile dell'industria estrattiva della gomma, che attrae nella sua orbita nordestini e soprattutto indigeni di altre regioni (tra i quali wapixana e macuxi del Rio Branco, presenti in alcune immagini).

Come a voler mostrare un'altra realtà e visione del mondo, che cerca di resistere anche a fronte di tali ampi mutamenti, egli ritrae, nel medio Purus, tre comunità di indigeni apurinã accanto alle loro dimore tradizionali; documenta inoltre l'impegno di una di esse nella costruzione di una nuova maloca.

⁵⁷ Le carte aristotipiche si diffusero attorno al 1886 e sostituirono progressivamente quelle albuminate, cadendo in disuso attorno al 1920. Erano stampabili a vista per azione diretta della luce solare e richiedevano in seguito l'immersione in un bagno di fissaggio per attribuire la colorazione alla copia stampata. Tale procedimento comprende i positivi al collodio ed i positivi alla gelatina (www.fotoarchitettura.it/glossario)

⁵⁸ Si ringrazia la dott.ssa Patrizia Pampana, responsabile dell'Archivio Fotografico della SGI, per le informazioni.

Figura 44 - E. STRADELLI, Accampamento nella foresta, Sepatini-Purus

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 45 - E. STRADELLI, Catamba. Rio Purus

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 46 - E. STRADELLI, Maloca in costruzione, Sepatini-Purus

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 47 - E. STRADELLI, Maloca del tuxáua Omerenti nell'Igarapé Azimá, Medio Purus

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 48 - E. STRADELLI, Gente del tuxáua Omerenti e maloca nell'Igarapé Azimá

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 49 - E. STRADELLI, Gente del tuxaua Manary e Maloca dell'Azima Igarapé

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

L'atmosfera di spontaneità e familiarità che caratterizza i ritratti di gruppo degli apurinã, ci induce a credere che l'italiano si fosse fermato presso i loro villaggi, ne avesse conosciuto alcuni costumi e ne avesse sperimentato le amache, come ci fa pensare la lettura della voce *Iauari*, nel suo Dizionario nheengatu-italiano:

Iauari. Palma dal tronco spinoso, che cresce al margine di fiumi e laghi, preferendo gli igapós e i margini bassi. Dalle foglie si estrae una fibra molto resistente, con la quale gli Ipurinãs del Purus tessono le loro reti per dormire. Il frutto, che matura con le prime acque della stagione delle piogge, è cibo molto ricercato dai Tambaquis [...] (STRADELLI, 1929, p. 463)⁵⁹

A parte pochi, sintetici cenni agli apurinã contenuti nei vocabolari e nel dizionario, non disponiamo di note etnografiche di Stradelli su questo popolo, note che avrebbero certamente fatto parte di quella «saporita relazione sul Purus» cui faceva riferimento, in modo negativo, nelle sue prime lettere, ed in positivo, in due missive successive (giugno e novembre 1889, pp. 177-178). Non sappiamo dunque se avrebbe condiviso la descrizione che di questa popolazione fece, alcuni anni dopo, il geografo francese Élisée Reclus:

Gli Ipurinãs sono bellissimi indigeni quanto a forme e portamento: si dipingono di nero, su fondo scarlatto. Ardenti nella lotta, si battono molte volte senza odio, per puro piacere; quasi tutti hanno cicatrici lungo il corpo, che ricordano combattimenti dei quali si vantano (...) Gli Ipurinãs assumono molto rapé, aspirandolo nel palmo della mano destra, e tengono in grande considerazione le loro *cachas* de rapé, che sono conchiglie con orifizi, per i quali lasciano uscire il rapé con piccoli colpi [...]. I guerrieri muoiono tanto numerosi nei combattimenti che il numero delle donne eccede di molto quello degli uomini: la poligamia è per questa ragione comune. Molto fedeli ai propri morti, gli Ipurinãs portano loro alimenti, fumo e *urucú*: quando la carne ne è ormai consumata, dissotterrano le ossa con grande cerimonia e li conservano come divinità domestiche (RECLUS, 1900, p. 97-98).

⁵⁹ *Iauari*. Palmeira de espique espinhoso, que cresce à margem dos rios e lagos, preferindo os igapós e margens baixos. Das folhas se extrahe uma fibra assaz resistente, de que os Ipurinãs do Rio Purus tecem suas redes de dormir. A fruta, que amadurece com as primeiras águas da enchente, é comida muito procurada pelos Tambaquis.

Figura 50 - E. STRADELLI, Giovane indigena del grupo del tuxáua Manary

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Molto interessante ci pare possa essere un raffronto tra due ritratti di gruppo realizzati da Stradelli durante questo viaggio. Il primo (Fig. 51) ritrae una trentina di indios “civilizzati” del Rio Branco, di etnia wapixana e macuxi, che, come apprendiamo dalla lettera del 4 marzo, si trovavano nel Purus temporaneamente per lavorare all'estrazione della gomma. Tra loro, individuiamo facilmente i due o tre ‘brasiliani’ (così nella didascalia, probabilmente nordestini), che immaginiamo fossero incaricati dal capitano Alvary di coordinare le attività estrattive. Se non vi è traccia d'insofferenza o di ostilità, notiamo però una certa rassegnazione sui volti degli indigeni, vestiti e pettinati all'occidentale, disposti ordinatamente e in atteggiamento composto per la fotografia.

Figura 51 - E. STRADELLI, Brasiliani e indigeni Wapichana e Macuxi del Rio Branco

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

La seconda immagine ritrae un gruppo di apurinã all'interno della maloca in costruzione, in un momento di soddisfazione ed orgoglio per il lavoro collettivo. I loro volti ci colpiscono per l'espressività, il sorriso e lo sguardo complice con il fotografo. Dall'atteggiamento spontaneo, dalla mescolanza di individui vestiti e non, dall'assenza di 'pose', promana una sensazione di naturalezza, di sintonia, di familiarità, quasi di reciproco divertimento - nel gioco di sguardi con chi li riprende - nell'atto del fotografare e del farsi fotografare (52 e 53). Due personaggi, la donna del tuxaua e l'ultimo uomo a destra nella Fig. 53, paiono farsi scudo del corpo dei loro compagni ma al tempo stesso fanno capolino guardando intensamente, in modo trasognato la prima, e malizioso il secondo, il fotografo.

Figura 52 - E. STRADELLI, Gente del tuxáua Antonio e maloca, Sepatini-Purus

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 53 - E. STRADELLI, Gente del tuxáua Antonio (particolare)

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Figura 54 - E. STRADELLI, Brasiliani e indigeni Wapichana e Macuxi (particolare)

Archivio Fotografico © Società Geografica Italiana

Se consideriamo la poca familiarità degli indigeni con le attrezzature fotografiche, la loro naturale diffidenza e scarsa propensione a farsi ritrarre (di cui lo stesso Stradelli dà atto nei suoi resoconti), la necessità di un'immobilità prolungata per la riuscita della fotografia, un'immagine come quella sopra riprodotta (Figg. 52-53) appare realmente fuori dall'ordinario e capace di raccontare, più di resoconti e relazioni, un intero universo culturale. Nel realizzare un tale ritratto, Stradelli mostra di non limitarsi a sfiorare di sfuggita gli insediamenti degli indigeni registrandoli con la sua macchina fotografica, ma di saper cogliere in profondità e restituire atteggiamenti, sentimenti e caratteristiche peculiari delle persone rappresentate.

Il ritratto della giovane apurinã (Fig. 50), è un'ulteriore prova delle capacità di Stradelli come artista dell'immagine, consapevole delle potenzialità di quest'ultima.

È durante questo viaggio, che gli giunge una gradita notizia:

Rio Purus, 20 giugno 1889

Prof. Gentilissimo

Coll'ultimo bollettino sono stato lietamente sorpreso colla mia nomina a socio corrispondente della nostra Società. Simile onore per quanto nutrito non lo sperava e quanto valga me lo dicono i nomi di coloro, che con me furono con tal titolo distinti. È troppo poco quello che ho fatto perché possa peritarmi di averlo meritato, non posso quindi attribuirlo che alla molta benevolenza della nostra Illustre Presidenza, spronato a ciò, e son certo di non ingannarmi in proposito, dalla di Lei gentilezza.

Come che sia la prego di voler essere interprete presso la nostra Presidenza dei sensi dei miei più vivi ringraziamenti mentre che io per mia parte spronato dall'esempio dei valorosi campioni della scienza nostra, cui fui fatto compagno, cercherò colle poche forze di cui dispongo, di mostrare coi fatti quanti di questa ancora vado scoprendo.

Pel mese venturo aspetto gli strumenti che devono già essere stati [...] dalla dogana di Manaus. Qui fino adesso le cose vanno bene grazie agli aiuti che di ogni parte mi danno buoni e vecchi amici. Ho due dei battelli a vapore che fanno il servizio al di sopra delle cascate a mia disposizione per tutto ciò che mi occorre [...] In questo momento sono a bordo della lancia a vapore Beija-flor del mio buon amico Cap. Hilario Francisco Alvary. Fino alla fine del corrente resterò qui nel Purus e dal risultato di questo vedrò cosa potrò fare più tardi. Progetti ne ho molti, ma è inutile formularli perché il tempo per attuarli è ancora troppo lontano. La relazione del Purus non l'aspetti che per la fine dello anno pel momento son troppo occupato non posso far niente. E adesso Prof. Gentilissimo una stretta di mano [...]

Si compiace di essere accostato ai «valorosi campioni della scienza nostra», ed è cosciente, anche per il fatto di non avere alle spalle un'università, un'accademia o un museo, di non disporre dei loro stessi mezzi. Il sostegno della Società Geografica, d'altra parte, si è rivelato essenzialmente di ordine morale. I tanto attesi strumenti, essenziali alla buona riuscita delle sue rilevazioni idrografiche, non arriveranno che alla fine del viaggio.

Il ritorno a Manaus, dopo quasi un anno di viaggi nel Purus, sarà purtroppo segnato, oltre che da uno stato di salute non ottimale, da un incidente da arma da fuoco⁶⁰, raccontato, qualche tempo dopo il suo rientro nella capitale, a Dalla Vedova:

Manaos, 12 novembre 1889

Prof. Carissimo

Mancò poco che invece di questa mia ricevesse un [...]. Il mese scorso discendendo a Manaus, dove mi trovo, con una buona carica d'itterizia e un principio di beri-beri, nell'imbarcare in una canoa mi si sparò il fucile da caccia in mano ferendomi malamente al braccio destro. Fortuna però

⁶⁰ La notizia di un incidente subito dall'esploratore era stata data, tra gli altri, dal *Jornal do Maranhão* (9/11/1889).

che la cosa fu di poca monta non essendone restato implicato né l'osso né l'arteria cosicché tutto si ridusse ad una grande cicatrice e al non poter forse distendere completamente il braccio come per lo innanzi. Non le avrei scritto di tutte queste miserie, sopra tutto adesso che non mi resta che un po' di beri-beri da debellare, se non avessi vista la notizia della mia ferita riportata dal giornale del Parà, e come le notizie cattive hanno l'ali, non vorrei che per caso le pervenisse e la pubblicasse nel bollettino allarmando mia mamma a cui nulla di tutto ciò ho scritto. Per il momento obbligato ad un ozio forzato ed a non poter neppure scrivere molto [...] la ferita non [...] rimarginata, non posso far null'altro che restare a Manaos perché non mi conviene rimettermi a girare non estando bene. Tosto possa le rimetterò la relazione sul Purus che già sta abbastanza avanzata. La leggenda e il resto verranno più tardi. Anzi se è in tempo la prego di soprassedere alla pubblicazione della stessa aspettando che gliela rimetta intera e completata.

[...] una stretta di mano e mi creda Suo affettuosamente, E. Stradelli

Della relazione sul Purus, più volte annunciata, e descritta nella lettera come «abbastanza avanzata», non vi è traccia tra le carte dell'Archivio Sociale della Società Geografica Italiana. Riteniamo non fosse stata mai inviata da Stradelli, diviso tra le sue varie attività, «troppo occupato», alle prese con lo sforzo di mantenersi come gli era possibile. Ritorna d'altra parte il tema ricorrente dell'insicurezza relativamente alle proprie produzioni scritte, laddove fa riferimento alla *Leggenda del Jurupari* - della quale aveva all'epoca inviato solo la prima parte - chiedendo di soprassedere alla pubblicazione.

Per quanto riguarda gli esiti propriamente geografici delle esplorazioni fatte, il rilevamento condotto su alcuni affluenti del Rio Purus confluirà nel suo *Mappa Geographico do Estado do Amazonas* (1901). Al fatto di non disporre di una strumentazione adeguata possiamo attribuire le inesattezze contenute in tale carta geografica che altri sottolinearono, talvolta con toni molto duri – come nel caso del giornalista Bento Aranha (BRAGA, 2016) – talaltra estremamente cortesi, come nel caso dello scrittore e ingegnere Euclides da Cunha.

Quest'ultimo, in una lettera dell'8 gennaio 1905 al Barão del Rio Branco, allora Ministro degli Affari Esteri, scritta alla vigilia della partenza della *Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*, e nell'esigenza di raccogliere dati certi ed esatti sulle regioni che avrebbe percorso, segnalava l'insufficienza delle carte geografiche disponibili. In particolare si riferiva al fiume Chandless, sulla posizione del quale esistevano alcune discordanze; a tal proposito menzionava l'amichevole scambio, *vis à vis* ed epistolare, avuto con Stradelli, che,

CAPITOLO IV – I SENTIERI DELLA *LÍNGUA BOA*

A partire dall'*Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil* (1595), del padre spagnolo José de Anchieta, un numero significativo di missionari, naturalisti, esploratori ed antropologi raccolsero gli idiomi parlati dagli indigeni brasiliani e produssero opere linguistiche e vocabolari di varia estensione ed accuratezza. Lungo l'Ottocento e il Novecento, a tali studi si dedicarono con profitto Von Martius, Couto de Magalhães, Henri Coudreau, Constant Tastevin, J. H. Elliot, Koch Grünberg, Curt Nimuendaju, Paul Rivet e, tra gli italiani, Ermanno Stradelli e Antonio Giaccone.

Esula dagli obiettivi del presente capitolo quello di condurre un'analisi approfondita dei Vocabolari portoghese-nheengatu e dheengatu-portoghese di Ermanno Stradelli, in particolare nei loro aspetti strettamente linguistici e glottodidattici, sui quali rimandiamo a studi recenti ed accurati (NAVARRO *et alt.*, in RAPONI, 2016).

L'attenzione è invece portata sul loro indubbio valore di compendio della natura e della cultura amazzonica, già messo in risalto da Luís da Câmara Cascudo, che proprio leggendo i Vocabolari s'interessò a Stradelli, considerandoli una «*pequena enciclopédia amazônica*» e ad essi facendo frequente riferimento nei suoi scritti. Ciò vale anche per il Dizionario italiano-nheengatu e dheengatu-italiano, inedito, che presenta, come vedremo, molte similitudini ma anche alcune differenze rispetto ai Vocabolari. Stradelli, nella nota preliminare al Dizionario, con la modestia che lo contraddistingue, avverte il lettore su uno dei caratteri distintivi della seconda parte dell'opera:

Nella parte dheengatu-italiano non mi limito, nella maggior parte dei casi, a dare appena la semplice traduzione della parola, non raramente inscritta nelle sue diverse ortografie, quando queste corrispondono a diversità di pronuncia locale, ma sempre che mi si appresenta l'opportunità o la mia ignoranza non lo impedisce, con rischio di invadere terreno altrui, dó una succinta notizia dell'oggetto, uso, costume, pianta, animale o altro [...].

In aggiunta a questa ricchezza di contenuti, riteniamo debba essere evidenziata un'altra peculiarità: tanto i Vocabolari quanto il Dizionario, nelle loro rispettive sezioni dheengatu-portoghese e dheengatu-italiano, costituiscono un vero e proprio album di ricordi, un compendio esistenziale. Attraverso le loro pagine ci si schiude un suggestivo e vivido itinerario nel mondo delle esperienze vissute - dell'oggetto, dell'animale, della pianta, dell'uso o del rituale di volta in volta trattati - dal loro compilatore. E tale

caratteristica ci sembra rappresentare l'aspetto più originale di entrambe le opere: mantenendone intatto il valore di sussidi di ambito linguistico e culturale, ne potenzia la natura e la portata, lungo le direttrici dell'autobiografia e della letteratura.

I termini della melodiosa *língua boa*, il loro suono e le loro accezioni, spesso multiple, se da un lato assumono la funzione di catalizzatori per la narrazione dei saperi e delle tradizioni indigene che vi si collegano, dall'altro fanno scaturire ricordi, reminiscenze ed associazioni in chi scrive. Ci si dispiega così una possibilità di accesso ulteriore all'universo soggettivo di Ermanno Stradelli, a partire dall'idioma che, sin dal suo primo viaggio in Amazzonia, lo aveva affascinato.

Intendiamo dunque soffermarci sui Vocabolari e sul Dizionario soprattutto nella loro valenza autobiografica. Inoltre, così come le relazioni di viaggio e forse in misura maggiore, questi lavori ci si presentano come scritture *del* margine e *dal* margine.

Margine geografico, perché frutto dei viaggi compiuti verso e lungo le linee di confine dell'Amazzonia brasiliana, spingendosi via via più avanti, risalendo i grandi fiumi, il Rio Negro, l'Uaupés, il Rio Branco, il Purus; e perché compilate in grande parte a Tefé, cittadina dell'interno distante 523 chilometri da Manaus, dalla quale la separavano varie giornate di navigazione.

Margine linguistico-culturale, nel loro essere inventari di un idioma confinato ormai alle terre dell'*interior*, sotto minaccia d'estinzione e del quale lo stesso autore constata, nell'arco degli anni, la progressiva diminuzione di parlanti; e di tutto un insieme di manifestazioni culturali, materiali ed immateriali, che, sotto il peso dell'avanzata uniformante della 'civilizzazione', rischiano di scomparire assieme alla lingua che le esprime.

Margine esistenziale, se pensiamo alla condizione di marginalità assunta progressivamente da Ermanno Stradelli, dapprima volontaria, in virtù dell'allontanamento dalla capitale, in seguito involontaria e definitiva, vera e propria *emarginazione*, in ragione del morbo Hansen e del suo portato irrimediabile d'isolamento ed esclusione.

1. I Vocabolari della *língua geral* come atlante esperenziale

I *Vocabulários da língua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez*⁶², sono l'opera che più spesso viene associata, in Brasile, al nome di Ermanno Stradelli. Essi sono tuttora consultati dagli specialisti di lingue indigene e di temi amazzonici⁶³.

Nella nota che li precede, l'autore fornisce alcune indicazioni di carattere generale sullo *nheengatu*, idioma appartenente alla stessa famiglia linguistica del *tupi* e del *guarani*, e conosciuto anche come 'tupi del nord'. Esso presenta un duplice aspetto: da un lato quello di idioma materno di molti indigeni del Pará e dell'Amazonas, dall'altro quello di *língua geral*, ovvero di lingua franca utilizzata dagli stranieri per comunicare con gli autoctoni.

Stradelli tiene a sottolineare che non si tratta affatto, come molti pensavano al tempo del suo arrivo in Amazzonia, di una creazione artificiale dei missionari gesuiti: quest'idea, originata dal fatto che essi furono «i primi e per molto tempo gli unici a raccogliere e disciplinare la lingua in grammatiche e vocabolari (...)», è errata, perché, sostiene l'autore, la lingua è sempre «il prodotto spontaneo e incosciente di un popolo», e non può essere inventata e tanto meno imposta. È vero che i gesuiti diffusero lo *nheengatu* ben oltre l'ambito originario, limitato agli abitanti della costa, insegnandolo anche alle tribù dell'interno, ma l'idioma, affine alla mentalità degli indigeni, si radicò tanto che sopravvisse alla fine delle missioni.

Troviamo quindi, all'inizio dell'opera, evidenziata la consapevolezza che sostiene l'ampissimo lavoro di Stradelli sullo *nheengatu*: se la lingua è espressione culturale autentica di un popolo, essa è anche chiave d'accesso al suo mondo.

I suoi Vocabolari sono disseminati di riferimenti al lavoro degli studiosi che lo hanno preceduto, come Anchieta, Montoya, Gonçalves Dias, Von Martius, Couto de Magalhães; molti sono anche i richiami al lavoro etnografico di suoi contemporanei: Barbosa Rodrigues, Brandão de Amorim, Maximiano J. Roberto, con i quali condivideva

⁶² Il titolo completo è: *Vocabulários da língua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua miri e seguidos de contos em língua geral nheengatu poranduba*. Si è preferito riportare le citazioni dai Vocabolari nell'originale portoghese, lasciando inalterato il testo di Stradelli, tanto nell'ortografia come in altri aspetti. La traduzione degli estratti, a nostra cura, appare in nota. Laddove abbiamo ritenuto necessario complementare il testo con osservazioni o delucidazioni, ciò è stato fatto tra parentesi quadre ed in corsivo.

⁶³ I Vocabolari sono utilizzati come testo di riferimento nei corsi universitari di *nheengatu* della Università di San Paolo (USP). Nel 2013, la casa editrice Ateliê ha pubblicato una nuova edizione dell'opera, per la prima volta in volume.

l'interesse per una maggiore conoscenza e diffusione delle lingue e delle leggende indigene. L'ultimo, in particolare, intellettuale indigeno poliglotta, ebbe, come abbiamo visto, grandissima importanza nelle ricerche di Stradelli sulle narrative mitiche amerindie; il suo nome ricorre più volte nei Vocabolari come fonte autorevole d'informazioni antropologiche e per l'aver raccolto leggende cui l'autore si riferisce in varie voci.

Se la sezione portoghese-nheengatu dell'opera ha l'aspetto ed il funzionamento di un normale dizionario, nella sezione *Nheêngatú – Nheênga Sanhanasau'a* ('Collezione di parole dheengatu', p. 358 e seguenti) numerosi vocaboli danno luogo a dettagliate spiegazioni del loro significato, ad illustrazioni approfondite dei contesti di riferimento e a reminiscenze dell'autore. Si veda il termine polisemico *Arara-pary*, che da un aspetto dei costumi indigeni ci conduce sino alle costellazioni:

Arara-pary – Ornamento de dança. É a enchó indígena, o pururé, - machadinha de pedra polida, encabada no braço mais curto de um pão curvo em ângulo recto, ornado de plumas brancas de mutum em grupos de três no braço mais comprido, e dous no mais curto. É usado pelo tuicháua e seus companheiros, e acompanha a acangatara de chefe⁶⁴.

Arara-pary – Na Astronomia indígena das tribos dheengatus é o cinto de Orion, ou as três Marias, como são conhecidas popularmente as estrelas que o formam, e liga-se á lenda de Jurupari. Contam que uma noite de festa a anta saiu da casa da dança sem despir os ornamentos, com perigo de ser vista pelas mulheres. Jurupari que a tinha visto sair, saiu atrás della e para dar um exemplo a agarrou e jogou no céu, onde ficou até hoje. A anta, porque era pesada, foi cair de um lado – é o Sete-estrello, ou Ursa Maior. O arara-pari, porque mais ligeiro, subiu direito e foi cair em cima do gerão do mocaentáua. Esta é a lenda; hoje porém nem a acangatara grande nem o arara-pari são ornamentos, cuja vista seja vedada ás mulheres. Tenho assistido a mais de uma festa e tomado parte nellas, e o ararapari era usado francamente na forma do costume na presença das mulheres, - nem me consta que haja um arara-pari especial para os dias

⁶⁴ Ornamento di danza. È l'*enchó* indigeno (sorta di ascia formata da una lastra di metallo tagliente ed un manico curvo, usato in falegnameria), il *pururé* – coltellino di pietra levigata, montata sul braccio più curvo di un legno ricurvo ad angolo retto, ornato di piume bianche di *mutum* a gruppi di tre sul braccio più lungo, e di due sul più corto. È usato dai *tuxáuas* e i loro compagni, e accompagna l'*acangatara* (copricapo) del capo. [traduzione nostra, come per tutte le citazioni del testo in portoghese di Stradelli, riportate in italiano nelle note a piè di pagina del presente capitolo]

da dança do Jurupari, de onde são excluídas as mulheres⁶⁵. (STRADELLI, 1929, p. 376)

Anche gli animali possono condurci nel mondo delle credenze indigene e delle narrative cosmologiche:

Mati, Mati taperé - Matinta pereira. Nome de uma pequena coruja que se considera agourenta. Quando, a horas mortas da noite, ouvem cantar o Mati taperé, quem o ouve e está dentro da casa diz logo: “Matinta amanhã pode vir buscar tabaco”. Desgraçado, deixou escripto Max J. Roberto, profundo conhecedor das cousas indigenas, quem na manhã seguinte chega primeiro aquella casa, porque será elle considerado como o Matí. A razão é que, segundo a crença indigena, os feiticeiros e pagés se transformam neste passaro para se transportarem de um lugar para outro e exercer suas vinganças [...] ⁶⁶. (STRADELLI, 1929, p. 518)

Acuty-púrú- Acutipurú, cutia enfeitada, casta de Sciurus [...]. No Amazonas conheço três espécies. Duas avermelhadas [...]; e uma terceira cinzenta, côr de rato, também de peito branco, mas muito mais pequena e com a cauda menos enfeitada. [...] A cinzenta encontrei no Kerari, affluent do Uaupés, mas me afirmam que não é rara também no alto Rio Negro. O acuti-purú tem toda a admiração do indígena, porque, segundo afirmam, é um dos poucos animaes que sabem descer das arvores mais altas de cabeça para baixo. Accresce que para muitos é sob forma de acutipuru que a alma da gente sobe ao ceu, logo que o corpo acaba de apodrecer⁶⁷. (STRADELLI, 1929, p. 362).

⁶⁵ Nell'astronomia indigena delle tribù nheengatu è la cintura di Orione, o le Tre Marie, come sono conosciute popolarmente le stelle che la formano, e si lega alla leggenda di Jurupari. Raccontano che in una notte di festa l'anta uscì dalla casa della danza senza spogliarsi degli ornamenti, con il rischio di essere vista dalle donne. Jurupari, che l'aveva vista uscire, la inseguì e per dare l'esempio la scagliò nel cielo, dove restò sino ad oggi. L'anta, dato che era pesante, cadde da un lato – sono le Sette Stelle, o Orsa Maggiore. L'arara-pari, più leggero, salì e si posò in cima al girarrosto. Questa è la leggenda; oggi tuttavia né l'*acangatara* grande né l'*arara-pari* sono ornamenti la cui vista sia vietata alle donne. Ho assistito a più di una festa e presovi parte, e l'arara-pari era usato tranquillamente come costume in presenza delle donne, - né mi consta che vi sia un *arara-pari* speciale per i giorni della danza del Jurupari, dalla quale sono escluse le donne.

⁶⁶*Mati, Mati taperé - Matinta pereira.* Nome di una piccola civetta che si ritiene portatrice di malaugurio. Quando, nelle ore piccole, si sente cantare il Mati taperé, chi lo ascolta e sta dentro la casa dice subito: «Matinta domani può venire a prendere il tabacco». Disgraziato, lasciò scritto Max J. Roberto, profondo conoscitore di cose indigene, chi nella mattina seguente arriva per primo in quella casa, perché verrà ritenuto il Matí. La ragione è che, secondo la credenza indigena, gli stregoni e i *pajés* si trasformano in questo uccello per trasferirsi da un posto all'altro ed esercitare le loro vendette.

⁶⁷ *Acuty-púrú- Acutipurú,* scoiattolo addobbato, tipo di Sciurus [...]. Nell'Amazonas conosco tre specie. Due rossastre [...]; e una terza cenerina, grigio topo, anch'essa con petto bianco, ma molto più piccola e con la coda meno vistosa [...]. La varietà cenerina l'ho incontrata nel Kerari, affluent dell'Uaupés, ma mi dicono che non è rara neanche nell'alto Rio Negro. L'acuti-purú há tutta l'ammirazione dell'indigeno perché, secondo quello che affermano, è uno dei pochi animali che sanno scendere dagli alberi più alti con il capo verso il basso. Si aggiunga che per molti è sotto forma di acutipuru che l'anima degli uomini sale al cielo, non appena il corpo termina di marcire.

Le figure principali nella vita della tribù, il *tuixáua*, il *pajé*, il *moacaretá* (consiglio degli anziani), sono tratteggiate realisticamente, con vivacità letteraria e piglio ironico. Del primo Stradelli dice che è il «capo», ma aggiunge che la sua autorità non è poi gran cosa, come doveva essere invece in epoche passate ed in tempo di guerra; ha un certo ruolo come esecutore delle decisioni del *moacaretá* (STRADELLI, 1929, p. 683).

Definisce il *pajé* come «il medico, il consigliere della tribù, il padre, lo stregone, il depositario autorizzato della scienza tradizionale», aggiungendo informazioni riservate e poco divulgate, come il numero richiesto di «fôlegos» ('respiri, fiati') per compiere determinate attività ed una testimonianza ricevuta nel Taraquá che gli dà occasione di rivelare il modo in cui lui stesso viene considerato dai suoi anfitrioni amerindi:

Paié-Pajé – [...] Pajé não é qualquer. Só os fortes de coração, os que sabem superar as provas da iniciação, que tem folêgo necessário para aspirar a ser *Pajé*. Com menos de cinco fôlegos não há pajé que possa afrontar impunemente as cobras venenosas; é preciso ter mais de cinco fôlegos para poder curar as doenças com a simples imposição das mãos e com o cuspo as mordidas das cobras venenosas. Os pajés que têm de sete fôlegos para cima, lêem claro no futuro, curam á distancia, podem mudar-se á vontade no animal que lhes convém, tornar-se invisíveis e se transportar de um logar para outro com o simples esforço do próprio querer. «Hoje não há mais pajé», me dizia o velho Taracué, «somos todos curandeiros». E eram queixas de colega a colega, porque eu passei sempre por muito bom pajé, graças à fotografia, ao microscópio, e ás colleções de plantas, espécie de *Caladiums*, que fazia durante o tempo que passei no meio dos indígenas no rio Uaupés⁶⁸. (STRADELLI, 1929, p. 585)

Colpisce la conoscenza approfondita, da parte dell'autore, degli aspetti culturali, materiali ed immateriali, acquisita, ben più che dallo studio delle fonti scritte disponibili, attraverso le sue relazioni dirette con gli indigeni, grazie al rapporto di reciproco rispetto

⁶⁸ *Paié-Pajé* – [...] Pajé non è uno qualunque. Solo i forti di cuore, quelli che sanno superare le prove di iniziazione, che hanno fiato necessario possono aspirare ad essere *Pajé*. Con meno di cinque fiati non vi è pajé che possa affrontare impunemente i cobra velenosi; è necessario possedere più di cinque fiati per poter curare le malattie con la semplice imposizione delle mani e con lo sputo i morsi dei cobra velenosi. I pajé che hanno dai sette fiati in su, leggono chiaramente nel futuro, curano a distanza, possono trasformarsi a piacimento nell'animale che gli conviene, rendersi invisibili e trasportarsi da un luogo all'altro con il semplice sforzo della loro volontà. «Oggi non vi sono più pajé», me diceva l'anziano Taracué «siamo tutti guaritori». Ed erano lamentele da collega a collega, perché io passai sempre per ottimo pajé, grazie alla fotografia, al microscopio, e alle collezioni di piante, della specie *Caladium*, che facevo nel tempo che passai tra gli indigeni del fiume Uaupés.

e fiducia intessuto pazientemente nel corso dei lunghi anni di vita e viaggi nella regione amazzonica. Si tratta spesso di saperi riservati agli iniziati, cui può avere accesso perché è considerato, come lui stesso ci racconta, alla stregua di un *pajé*. Non per suoi meriti intrinseci, sembra volerci avvertire, ma grazie al dominio delle tecniche della fotografia, all'uso del microscopio, ed alle sue abilità di omeopata (probabilmente a tale scopo raccoglieva il *Calladium*, pianta medicinale dai molteplici impieghi). Non va inoltre dimenticata l'importanza, per gli indigeni, della sua familiarità con lo *nheengatu*: per il fatto di esprimersi in una delle loro lingue, potevano considerarlo uno di loro, un parente e non un estraneo, e condividere informazioni altrimenti inaccessibili ai bianchi.

In virtù della sua esperienza diretta della grande maggioranza delle voci trattate per l'autorevolezza etnografica che tale circostanza gli conferisce, Stradelli non mostra nessuna soggezione rispetto a quanto affermato da suoi illustri predecessori, come Von Martius:

Tembetara-yua, Tembetá-yua – Arvore de tembetá, o que fornece a madeira para fazerem tembetás – *Xanthoxylon Langsdorffi*. Martius explica “lignum perfurandis labiis et auriculis”, mas deve ser engano. O indígena, para isso, como tenho tido ocasião de observar, usa de preferencia de ossos polidos preparados para o uso⁶⁹. (STRADELLI, 1929, p. 673)

Con precisione ed estrema cura per i dettagli sono trattati i vocaboli che descrivono le diverse attività della vita quotidiana: i sistemi di pesca e di caccia, la manipolazione degli alimenti, la farmacopea, l'uso delle sostanze allucinogene e di quelle velenose, le cerimonie e le feste. Agli animali ed alle piante è dedicata la stessa attenzione, come ci mostra il seguente passaggio sulle curiose abitudini del palmipede *Plotus Aninga*, *aninga* in *nheengatú*, *carará* in portoghese:

[...]Encontra-se de dia, geralmente isolada, ao longo dos rios e igarapés, empoleirado, imóvel sobre algum galho secco, espiando a presa, sobre a qual se lança caindo de qualquer altura e perseguindo-a debaixo d'água, como bom mergulhador, que é. A sua comida preferida são camarões e peixes, que come inteiros. Não costuma dilaniar a presa. Pouco arisco, não envergonha o caçador. Ainda que não apanhe um unico bago de chumbo, não foge voando, se deixa cair nagua como um corpo morto, e o caçador

⁶⁹ Albero di *tembetá*, che fornisce il legno per fare *tembetá* [orifizio praticato dagli indigeni nel labbro inferiore] – *Xanthoxylon Langsdorffi*. Martius riporta «lignum perfurandis labiis et auriculis», ma dev'essere un errore. L'indigeno, a questo fine, come ho avuto occasione d'osservare, usa di preferenza ossa levigate, preparate per l'uso.

que não lhe sabe a manha espera inutilmente que o corpo venha á tona. Se olhar porém em roda, vê a uns trinta ou quarenta metros de distância aparecer um instante a cabecinha do exímio nadador, que desaparece logo mergulhando, para reaparecer um pouco mais longe e por tempo menor, repetindo-se a manobra, até que em pouco fica fora de tiro⁷⁰ [...] (STRADELLI, 1929, p.371)

Pur non figurando in questo caso la prima persona del narratore, leggendo questa gustosa descrizione è difficile non immaginare, avendo alla mente i resoconti, il viaggiatore, che nel tentativo ripetuto e infruttuoso di procacciarsi un'*aninga* per il pranzo, ha modo di osservarla minuziosamente e sagacemente, cogliendone le doti cavalleresche e l'astuzia. Non vi sono dubbi sul fatto che si tratti di una prosa squisitamente letteraria, che ben poco ha a che vedere con il tono neutro ed oggettivo tipico dei dizionari.

Altrove come nel caso del *Tuiuiú* (Mycteria americana, *Jaburú moleque* in portoghese) l'esperienza diretta di osservatore è dichiarata:

[...] O maior Pernaltas do Amazonas, dicto também em algum logares Jaburú soldado. O tenho sempre encontrado nos rios e lagos do interior isolado, ou aos casaes, passeiando sisudos e graves á cata de comida ao longo das margens e nas poças e baixios. Muito ariscos, nunca me deixavam aproximar⁷¹ [...] (STRADELLI, 1929, p. 683).

L'annotazione personale, il racconto breve ma efficace di un'esperienza vissuta, ci trasportano dolcemente nell'orizzonte autobiografico e rendono l'itinerario attraverso i Vocabolari molto più accattivante. Quella che, a prima vista, potrebbe sembrare un'irruzione indebita dell'Io dell'autore in un'opera che dovrebbe restare nell'ambito

⁷⁰ [...] S'incontra di giorno, di norma isolato, lungo i fiumi e torrentelli, appollaiato, immobile su qualche ramo secco, spiando la preda, sulla quale si lancia a capofitto da qualsiasi altitudine e cacciandola sott'acqua, da buon sommozzatore, qual è. Il suo cibo preferito sono gamberi e pesci, che mangia interi. Non usa dilaniare la preda. Poco diffidente, non svergogna il cacciatore. Nonostante non prenda un unico pallino di piombo, non fugge in volo, si lascia cadere in acqua come un corpo morto, e il cacciatore che non conosce la sua astuzia, spera inutilmente che il corpo venga a galla. Se tuttavia guarda intorno, vedrà a trenta quarenta metri di distanza apparire per un istante il piccolo capo dell'esimio nuotatore, che tosto scompare immergendosi, per riapparire un poco più lontano e per meno tempo, ripetendo la manovra sino ad essere fuori tiro [...]

⁷¹ Il maggior trampoliere delle Amazzoni, detto anche in alcune località *Jaburú soldado*. L'ho sempre incontrato nei fiumi e laghi dell'interno da solo, o in coppie, passeggiando assennati e seri alla ricerca di cibo lungo i margini e nelle pozze e terreni allagati. Molto diffidenti, non mi hanno mai lasciato avvicinare.

denotativo e impersonale, ne diviene la caratteristica più significativa, tanto che, laddove essa non appare, ci si sorprende a cercarla attivamente.

L'autore è, come nei resoconti di viaggio, narratore e personaggio al tempo stesso. Si veda la voce *Iacuruarú*, nella quale è riportata la parola rivolta alle donne indigene, con il suo tono di affettuosa canzonatura:

*Iacuruarú – Jacuruarú. Grosso Saurio, comedor de ovos e pintos. Por extensão, comedor de ovos. É o nome com que me tenho ouvido chamar mais de uma vez, quando insistia com as donas de casa para que me vendessem os ovos, e ellas se defendiam porque queriam faze-los chocar. Iacuruarú sera indé? - E's tu jacuaru? Inde Iacuruarú puxi pire – Tu és peor de que jacuaru*⁷². (STRADELLI, 1929, p. 683)

E gli esempi che seguono, che ci permettono di scoprire altre predilezioni alimentari e circostanze curiose relative al viaggiatore:

*Tycupi pixúna – Tucupi preto. É o sumo da mandioca fresca apurado ao fogo, até tomar a consistência e a côr do mel de canna. Para o meu gosto, é o rei dos molhos, tanto para as caças, como para o peixe, devendo-se acrescentar que é aconselhado para cura do beri-beri, na dose de um cálice depois de cada refeição, e que se lhes atribuem curas extraordinárias*⁷³. (STRADELLI, 1929, p. 689)

*Aimoré – Macaco barrigudo. Lagothrix e affins. Macaco que se encontra em todo Amazonas. No alto Solimões, ao dizer de Martius, o chamam Marica Mico. O nome de aimoré lhe tenho ouvido dar pelos Indios que viviam na margem esquerda do alto Tikié, afluente do Uaupés, que se chamavam “Aimoré” ou “Barriguda tapuia”. Há varias espécies que se distinguem pelo tamanho e pela côr do pelo cinzento mais ou menos escuro. É macaco que se amansa facilmente e é muito apreciado em domesticidade. Já tive um, que me acompanhava como cachorro. Perdi-o no Pará por lhe terem dado a comer banana curta*⁷⁴. (STRADELLI, 1929,

⁷² Grosso Sauro, mangiatore di uova e pulcini. Per estensione, mangiatore di uova. È il nome con il quale mi sono sentito chiamare più d'una volta, quando insisteva con le donne di casa perché mi vendessero delle uova, e loro si schermivano perché volevano farle schiudere. *Iacuruarú sera indé? - Sei un jacuaru? Inde Iacuruarú puxi pire – Sei peggio del jacuaru.*

⁷³ Tucupi nero. È il succo della mandioca fresca purificato al fuoco, sino a prendere la consistenza e il colore della melassa. Per i miei gusti, è il re delle salse, tanto per la caccia, come per il pesce, dovendosi aggiungere che è consigliato per la cura del beri-beri, nella dose di un calice dopo ogni pasto, e che gli si attribuiscono cure straordinarie.

⁷⁴ Aimoré - Macaco panciuto. Lagothrix e affini. Scimmia che si encontra in tutto l'Amazonas. Nell'alto Solimões, secondo Martius, lo chiamano Marica Mico. Il nome di aimoré gliel'ho sentito dare dagli Indios che vivevano al margine sinistro dell'alto Tikié, afluente dell'Uaupés, i quali si denominavano “Aimoré” o “Barriguda tapuia”. Vi sono varie specie che si distinguono per la dimensione e per il colore del pelo grigiastro più o meno scuro. È una scimmia che si doma facilmente ed è molto apprezzata come animale

p. 364)

Tucupi pixúna – Tucupi preto. È o sumo da mandioca fresca apurado ao fogo, até tomar a consistência e a côr do mel de canna. Para o meu gosto, é o rei dos molhos, tanto para as caças, como para o peixe, devendo-se acrescentar que é aconselhado para cura do beri-beri, na dose de um cálice depois de cada refeição, e que se lhes atribuem curas extraordinárias⁷⁵. (STRADELLI, 1929, p. 689)

La menzione al beri-beri deriva anch'essa da una probabile esperienza diretta dell'uso medicinale del *tucupi*, avendo Stradelli sofferto di tale malattia. Al lato dei piaceri, anche le 'sofferenze' imposte all'italiano da alcuni usi culinari indigeni, trovano ampio spazio nel vocabolario:

Kinha-píra – Mólho feito de caldo muito reduzido de carne ou peixe com pimenta em magna quantidade. È o molho que se encontra em todas as malocas e casas indigenas. È conservado ao lume numa panellinha de barro, e nas malocas as mulheres tanto no alto Rio Negro como no Orenoco e nos afluentes de ambos o vem offerecer ao hospede conjuntameme com beijú e carnes ou peixes moqueádos. Queima que é um inferno e nunca me pude acostumar a elle. Como porém do que offerecem é neccessario comer (...), eu fingia mergulhar também meu pedaço de comida no maldicto mólho, mas guardava-me bem de o fazer realmente, embora a comida seja insôssa por falta de sal⁷⁶. (STRADELLI, 1929, p. 504).

Per la sua forte valenza narrativa, il vocabolario si presta tanto ad essere letto in modo sequenziale, come una sorta di romanzo amazzonico in ordine alfabetico, pagina dopo pagina, quanto in modo trasversale, associando termini il cui ambito di significato è correlato, come in questo caso:

Curamby, curamy – Curabi. Flecha para ser jogada à mão, cuja ponta é envenenada com uirari. Os curabis por via disso mesmo são sempre

domestico. Già ne ho avuto uno, che mi accompagnava come cane. L'ho perduto nel Pará perché gli è stato dato da mangiare banana corta.

⁷⁵ Tucupi nero. È il succo della mandioca fresca purificato al fuoco, sino a prendere la consistenza e il colore della melassa. Per i miei gusti, è il re delle salse, tanto per la caccia, come per il pesce, dovendosi aggiungere che è consigliato per la cura del beri-beri, nella dose di un calice dopo ogni pasto, e che gli si attribuiscono cure straordinarie.

⁷⁶ Kinha-píra - Salsa fatta di brodo molto concentrato di carne o pesce, con peperoncino in grande quantità. È la salsa che si trova in tutte le capanne e case indigene. È conservata in un pentolino d'argilla e nelle *malocas* le donne tanto nell'alto Rio Negro come nell'Orinoco e negli affluenti di entrambi vengono ad offrirlo all'ospite assieme al *beijú* [*focaccia di mandioca*] ed alle carni e pesci in umido. Brucia che è un inferno e non mi ci sono mai potuto abituare. Ma visto che è necessario mangiare ciò che viene offerto [...], io pure fingevo di intingere il mio pezzo di cibo nel sugo maledetto, ma mi guardavo bene dal farlo realmente, nonostante il cibo sia insipido per assenza di sale.

trazidos com as pontas resguardadas numa pequena aljava, em geral muito artisticamente trabalhada, tecida de fasquias de estipe de jacitara ou de outra palmenira, mas raramente de outras matérias. È arma essencialmente para caça, como me têm sempre e repetidamente afirmado os indígenas⁷⁷.

Acy – Ervar, espalmar de curare ou uirari as pontas das flechas, lanças e zagaias usadas mais geral, sinão esclusivamente, na caça. Na Guerra, me foi affirmado mais de uma vez, que não se utilizam armas envenenadas. Quando eu retorquia, citando factos de ataque com flechas envenenadas, me affirmavam que não podia ter sido sinão em defesa e por não dispor de momento de outras armas. Apesar de todos os protestos, admittido mesmo que seja verdadeira a asserção, que entre ells não usam de armas envenenadas, contra os brancos a cousa é diversa... Não são elles os primeiros que em logar de usar de arcos e flechas usam de espingarda?⁷⁸ (STRADELLI, 1929, p. 32).

Talora da un'unica, sintetica voce, come nel caso di *curamby*, possiamo desumere molteplici, preziosi elementi: la faretra in cui vengono custodite le frecce avvelenate testimonia dell'abilità artistica dell'indigeno; questi utilizza l'arma fatale soprattutto nella caccia, e non nei combattimenti, a conferma della sua indole pacifica; tuttavia, l'autore ha modo di segnalare alla voce *Acy*, lui stesso ha avuto notizie di attacchi con frecce avvelenate, e lo ha fatto presente agli indigeni, i quali hanno affermato che doveva certamente trattarsi di legittima difesa o di indisponibilità di altre armi. E qui Stradelli introduce un pungente commentario, mettendosi dalla parte degli indios: «contro i bianchi la cosa è diversa... non sono essi i primi che invece di usare arco e frecce usano fucili?». Anche per questo tipo di interventi, la presenza dell'autore si fa sentire con intensità e sagacia, lungo tutta l'opera.

Una ulteriore modalità di avvalersi dei vocabolari, estremamente proficua per chi ha interesse per il personaggio e la sua opera, è quella di leggerli in collegamento con le leggende: scopriamo così che piante, animali e personaggi mitici sono interconnessi:

⁷⁷ *Curamby, curamy – Curabi*. Freccia da scagliare a mano, la cui punta è avvelenata con uirari. I curabi per questo motivo sono sempre portati con le punte protette da una piccolo faretra, in genere molto artisticamente lavorata, intessuta di fibre di jacitara o di altra palma, ma di altri materiali. È un'arma essenzialmente per la caccia, come mi hanno sempre e ripetutamente affermato gli indigeni.

⁷⁸ *Acy – Erborizzare, spalmare di curare o di uirari (veleno estratto dalle piante) la punta di frecce, lance e lance corte usate generalmente, se non esclusivamente, nella caccia. In Guerra, mi fu detto più di una volta, non si usano armi avvelenate. Quando io controbattevo, citando episodi di attacchi con frecce avvelenate, mi assicuravano che non poteva essere stato se non per difesa e per non disporre in quel momento di altre armi. Nonostante tutte le proteste, ammettendo che sia veritiera l'asserzione, che tra loro non usano armi avvelenate, contro i bianchi la cosa è diversa... Non sono essi i primi che invece di usare arco e frecce usano fucili?*

Aiuricáua – Ajuricaba. Casta de abelha, que vive em grandes colmeias, muito irritavel e brava, de onde o nome de Caba. É o nome muito conhecido do chefe Manaos que oppoz tenaz resistência ao estabelecimento dos Portuguezes no Rio Negro e foi vencido por Belchior Mendes de Moraes e pelo capitão Paes de Amaral, conforme a tradição, na proximidade do lago Ajanari⁷⁹ [...] (STRADELLI, 1929, p. 379)

Ed apprendendo sulle varie specie di *taiá*, pianta dalle larghe e vistose foglie, del genere *Calladium*, da lui stesso utilizzata in omeopatia, incontriamo un'interessante informazione relativa al mito ed alle leggi del Jurupari:

Taiá-piranga – Tajá vermelho, tajá pintado de vermelho. É entre estes que parece estão as espécies mais venenosas. É um tajá de largas manchas vermelhas côr de sangue, de cujas raízes os indígenas do Uaupés extraem o veneno que propinam ás mulheres condemnadas á morte por terem surpreendido alguns dos segredos do Jurupari. V. Iurupary⁸⁰. (STRADELLI, 1929, p. 656)

Anche il *Tamandoaî*, piccolo tamandoá, símile ad um grosso topo ma senza denti, ha una fondamentale importanza nella *Leggenda*:

[...] As unhas assopradas e preparadas com carjurú da lua por pajé são consideradas potentíssimos amuletos, e é uma unha de tamandoaî que Jurupari dá a Cárida quando partem em perseguição dos velhos traidores do segredo, e é pondo-a no nariz que ele é transportado onde quer e se transforma no que mais lhe convém⁸¹ [...]. (STRADELLI, 1929, p. 659)

L'uso di un tale amuleto non è tuttavia limitato al mondo mitico, perché, aggiunge Stradelli «anche oggi, tanto nel Parà come nell'Amazonas, l'unghia della mano sinistra del *tamandoaî* essiccata e preparata vale molto denaro, ed è ricercata dai giocatori perché porta fortuna». Attraverso queste numerose ed armoniche corrispondenze tra mondo

⁷⁹ Varietà di ape, che vive in grandi alveari, molto irritabile e indomita, da cui il nome di *caba* (comandante). È il nome molto noto del capo dei Manaos che oppose una tenace resistenza allo stabilimento dei portoghesi nel rio Negro e fu vinto da Belchior Mendes de Moraes e dal capitano Paes de Amaral, secondo la tradizione, in prossimità del lago Ajanari [...]

⁸⁰ Caladio rosso, caladio dipinto di rosso. È tra questo che pare vi siano le specie più velenose. È un caladio dalle larghe macchie rosso sangue, dalle cui radici gli indigeni dell'Uaupés estraggono il veleno che propinano alle donne condannate a morte per aver sorpreso alcuni dei segreti del Jurupari.

⁸¹ [...] Le unghie sulle quali il pajé ha soffiato e da questi preparate con il *carjurú* [sostanza colorante rosso sangue ricavata dall'omonima pianta] della luna sono considerate amuleti potentissimi, ed è un'unghia di tamandoaî che Jurupari dà a Cárida quando partono alla ricerca dei vecchi traditori del segreto, ed è ponendola nel naso che può recarsi dove vuole e trasformarsi in ciò che più gli piace.

vegetale- animale e mondo umano, aspetti della natura e usi e costumi degli uomini, narrative mitiche e pratiche rituali, documentate lungo tutto il vocabolario, vediamo profilarsi, con tratti che via via danno forma ad un disegno coerente, una cosmologia dell'Amazzonia indigena, nella quale Stradelli ci guida come un informatore esperto.

2. Alcune note sul Dizionario italiano-nheengatu e dheengatu-italiano

L'unico esemplare del Dizionario di cui si abbia notizia, è custodito negli archivi della Società Geografica Italiana. Si tratta di un originale dattiloscritto, di 235 fogli, fatto probabilmente pervenire all'istituzione da padre Alfonso Stradelli, al quale era stato inviato dall'autore. Nella parte superiore della prima pagina della sezione dheengatu-italiano del dizionario è ben visibile il timbro dell'Istituto Sociale sito in Via Arcivescovado 9 a Torino, sede del Collegio dei Gesuiti fondato nel 1567, oltreché il timbro di Padre Alfonso.

Figura 56 - E. STRADELLI, Dizionario Nheengatu-Italiano

È l'ultima opera compiuta da Ermanno Stradelli e possiamo considerarla, accanto ai vocabolari, come il grande compendio delle sue conoscenze ed esperienze in Amazzonia, frutto delle sue ricerche sul campo e delle sue relazioni con gli amerindi. Nella Nota Preliminare, nel giustificare il perché, anziché rifarsi ad una delle norme ortografiche esistenti per scrivere lo *nheengatu*, abbia preferito crearne una nuova, argomenta che non ha potuto accettare nessuna delle norme seguite dai suoi predecessori, anche per il fatto di aver raccolto la lingua "poco a poco in questi quarant'anni di vita amazzonense sui luoghi e dalla bocca di chi la parla come lingua dei suoi maggiori imparata sulle labbra materne", con ciò riferendosi alla necessità di annotarla rapidamente, durante gli incontri ed i dialoghi che ne scaturivano, come meglio poteva e nella forma a lui più congeniale (STRADELLI, 1923, p. 6). Sempre nella prefazione, racconta della sua lunga frequentazione dell'idioma indigeno:

Il mio primo maestro fu un italiano in Fonteboa – il Conte Alessandro Sabatini – che la parlava correntemente. Nel mio primo viaggio al Uaupés fui obbligato a servirmene per farmi intendere dagli indigeni con cui mi trovava al contatto e di lì innanzi o [sic] continuato a raccogliarla nel rio Negro, in Parintins, nella propria Manaus e ultimamente un'altra volta nel Solimões, in Teffé dove scrivo.

Stradelli ci rivela così la continuità delle sue ricerche linguistiche, proseguite a Tefé, in contrasto con quanto affermato da Padre Tastevin nella testimonianza raccolta da Câmara Cascudo. Sulla diffusione della "lingua boa", Stradelli afferma che mentre nel Parà e soprattutto nella sua capitale Belem, quasi nessuno più ne fa uso,

nello Stato dell'Amazonas, però, il *Nheengatú* lo si parla ancora in molti luoghi e per molta gente, con ispecialità nei "sitios" scaglionati lungo le grandi arterie fluviali e che si trovano a contatto coll'elemento autotono. Lo si parla in Parintins, Maués, Silves, Borba, Codajás, Coary, Teffé, Caiçara, Fonteboa, Tonantins, São Paulo de Olivença, nel lago dell'Aiapuá, nel basso Japurá, in tutto il Rio Negro e nella maggior parte dei suoi affluenti [...]" (*ibidem*).

Figura 57 - E. STRADELLI, *Nota preliminare al Dizionario*

Archivio Sociale © Società Geografica Italiana

Ad introdurre ai lettori italiani, ai quali è rivolto il Dizionario, il mondo amazzonico ed il mondo di Ermanno Stradelli, può essere il seducente canto dell'*uirapurú*, la "maraviglia della foresta", tanto ricercato quanto difficile da possedere ed esaminare:

Uira-purú: Uccello adornato, Uccello imprestato. L'Uirapuru è la maraviglia della foresta. Quando apparisce in qualche luogo, facendo udire il suo richiamo, tutti gli uccelletti delle vicinanze accorrono a lui dintorno desiderosi di udirlo e di vederlo. Nella foresta ho più di una volta incontrato riunioni di uccelletti delle più diverse speci - ma non ho mai udito né visto l'uccelletto che determina la riunione, che molto si assomiglia con quella che fanno gli uccelletti d'Europa intorno alla civetta. L'uirapurú che gli indigeni mi hanno mostrato è un piccolo tiranno dal mantello cenerino con il dorso un poco più escuro e le remiganti listate di nero, con una macchia Bianca sul groppone che solamente si vede quando apre le ali, che la nascondono quando in riposo. Più di una volta me lo hanno portato morto, io ne ho ucciso uno, ma era isolato e senza accompagnamento, il che mi avrebbe potuto far sospettare di essere stato ingannato, ciò che non é ammissibile per essermi stato mostrato sempre lo stesso uccelletto per diverse persone in tempi e luoghi differenti, ciò che escludeva la possibilità di qualunque intesa. Sia come si vuole Goeldi da come uirapurú una pipra e una chiroxiphis, come si può vedere nelle sue tavole colorate, ma a esse non si riferisce nel testo, né só dove gli sia stata data l'informazione. L'uirapurú quando morto e debitamente

preparato per un buon pagé con caragiurú [*sostanza colorante di colore rosso*] della luna, porta fortuna e felicità per chi lo possiede. Serve soprattutto per guadagnar danaro e un quarant'anni fa – e forse anche oggi – non v'era pizzicagnolo e se vi era, era *rara avis*, che non fosse pronto a pagarlo buon danaro o non ne avesse qualche esemplare posto in basso del balcone o sotterrato sotto il battente della porta, allo scopo di attirare la clientela. Questa credenza e il buon prezzo che ottenevano tanto al Maranhão come al Pará e a Manaós ha prodotto il fenomeno della moltiplicazione quasi all'infinito degli uccelletti che si sono spacciati o si spacciano per uirapurú, ma non hanno mai sognato di esserlo.

Il brano, oltre che sull'avifauna amazzonica, ci dà informazioni importanti sugli interessi naturalistici, la preparazione scientifica ed il metodo di lavoro Stradelli; esso ci mostra anche altre sue caratteristiche distintive, come l'umorismo - nel definire, con un gioco di parole, il pizzicagnolo *rara avis* - e l'ironia laddove, nell'ultimo periodo, accenna alla 'moltiplicazione' degli uirapurú per pura convenienza, alla quale prendono parte attiva i rappresentanti anche il mondo avicolo.

Se nella voce corrispondente dei Vocabolari (STRADELLI, 1929, pp. 703-704) non sono presenti il gioco di parole né l'immagine fantasiosa dell'ultima frase, troviamo però informazioni supplementari, che chiariscono quanto esposto: "la credenza sui poteri dell'uccello non è diffusa solo tra gli indigeni, ma anche tra i civilizzati"⁸², si spiega dunque perché i negozianti (*cablocos*, mulatti o bianchi) hanno iniziato a farne uso. Inoltre, segnala Stradelli, l'incertezza sulla forma e le caratteristiche reali dell'*uirarupú* e la possibilità di frodi, è alimentata dall'abitudine, nella preparazione dell'amuleto, di trattarli tanto con *carajurú* e resina di *cunuarú*, dal rendere impossibile individuarne il colore originario ⁸³ (*ibidem*).

Anche se vi è un'ampia coincidenza delle voci in nheengatu tra Vocabolari e Dizionario, troviamo varie, significative differenze nella loro trattazione. Si prendano ad esempio i casi di *ai-miri* e *ai-pixuna*. Recitano i Vocabolari:

Ai-miri: preguiça pequena, *Bradipus didactylus*.

Ai-pixuna: Preguiça preta, *Bradipus torquatos*.

⁸² A crença não se encontra tão somente espalhada entre os indígenas, mas também entre o povo civilizado.

⁸³ Os quatro ou cinco uirapurus preparado para amuleto que tenho tido ocasião de ver, somente tinham de comum o tamanho, e embora dous fosse indubitavelmente uns *Tyrannus*, vinham tão deformados e sujos de carajurú com resina de cunuarú, que era impossível saber de que côr tinha sido, e individualiza-los.

Alla stessa voce, così il Dizionario:

Ai-miri – La più piccola varietà di tardigrado. *Bradipus didactylus*. Mammifero dell'ordine degli sdentati, quando accoccolato grosso come un pugno. Lo caratterizzano le due dita, munite di forti unghie ai quattro piedi, la testa piccola che termina in forma di tromba e il pelame fine, assetinato di un bel rosso castano che finisce in bianco giallognolo nel petto. Molto comune in tutte le Amazzoni.

Ai-pixuna – Tardigrado nero. *Bradipus torquatus*. Mammifero dell'ordine degli sdentati, grosso come un bel gatto domestico, a pelame scuro quasi nero e tre dita con forti unghie alle Quattro gambe. Meno comune dello Ai, di cui ha l'aspetto generale, salvo il colore che in quello è grigio, lo si incontra nell'interno o a preferenza al sul [*sic*] della valle delle Amazzoni.

La trattazione più estesa è certamente spiegabile con la minor familiarità del lettore italiano con il mammifero in questione. Lo stesso dicasi per le voci, appartenenti all'ambito botanico: *aiará-uiará* e *aracy-iú*:

Aiará: Casta de abio. Lucuma. [*Vocabulários*]

Aiará-Uiará: Albero fruttifero e frutto commestibile. *Lecum aiará*. Frutto della grossezza di una bella mela, terminando come una mammella, di un bel giallo cromo, quando maturo contiene una polpa di sapore zuccherino, leggermente profumata, che involge da tre a cinque sementi nere, oblungue in forma di fave di santignazio. Prima di esser junta a maturità la polpa è impregnata di una resina leggermente caustica e appiccaticcia eguale a quella che trasuda in qualunque tempo dalle incisioni fatte nella scorza e che non è utilizzata in niente [...]. [*Dizionario*]

Aracy-iú: espinho de cigarra. Casta de herva. [*Vocabulários*]

Aracy-iú: Varietà d'erba foraginosa – Spina di cicala. Arbusto spinoso nelle cui spine si incontra molte volte conficcata una cicala o qualche altro insetto o piccolo lucertola. Gli indigeni contano che è la propria cicala che si va a configgere per potersi tramutare in colibri. In realtà però deve essere lì conficcata per qualche tirannide colle stesse abitudini delle averle, ma non ho ancora potuto verificarlo. [*Dizionario*]

In questo caso, invece, l'informazione addizionale sull'abitudine della cicala può essere stata acquisita successivamente alla conclusione dei Vocabolari. L'ultima affermazione “ma non ho ancora potuto verificarlo”, ci conferma tutto un atteggiamento epistemologico ed un metodo di lavoro, fondato sulla constatazione diretta, che ha caratterizzato le ricerche di Stradelli.

Si confronti poi la diversa trattazione della voce *Arara-pary* (*supra*, p. 172):

Instrumento indigena in pietra pulita, usato per iscrivere le canoe, piccola ascia molto originale. È fatta con un ramo naturalmente curvo a angolo retto a cui da un lato è assicurato una piccola scure in pietra, servendo l'altro di manico. Per iscrivere si carbonizza a fuoco la parte che si vuol togliere, quindi si tira il carbone coll'arara-parí, ripetendo l'operazione tante volte quanto è necessario. L'arara-pari ornato di piume bianche, tirate dal ventre del mutum o di piumine tirate dall'anatra muta è usato infilato sull'omero destro nei giorni di festa e è portato come insegna dei compagni del capo o come lo chiamano, del *tuixáua*. Nell'astronomia indigena l'arara-pari corrisponde al cinto di Orione [...] [Dizionario]

Se la parte relativa al significato dell'*arara-pari* nell'astronomia indigena è quasi identica, la descrizione dello strumento è molto più ricca nel Dizionario, dove si illustra il suo utilizzo per un'attività fondamentale per l'indigeno, quella di scavare i tronchi per ricavarne canoe. Nel caso dell'*açai*, i Vocabolari presentano due voci, separate, una per il frutto (*asaí*), ed una per la bevanda (*asai yukicê*), laddove il dizionario tratta i due aspetti congiuntamente:

Asai-Asaí – La frutta della palma dello stesso nome e la bevanda che se ne ottiene, facendo rammollire la frutta in acqua calda e diluendo la pasta ottenuta, acciaccandola n'um recipiente qualunque, con acqua fresca. È servita dopo di passata allo staccio e bevuta con o senza zucchero e addizionata o no di farina di mandioca. È quella che nel paese chiamano vino di assaí e di cui si dice che chi ne ha bevuto una volta non può più abbandonare le Amazzoni.

Questa ultima annotazione, riferita al detto popolare, non è presente nei Vocabolari. La voce *caapi* è trattata nel Dizionario in modo simile ai Vocabolari, ma contiene un errore ed una differente conclusione.

Caapi – Bevanda estratta dalla liana di questo nome per infusione a freddo dopo haver pestato in un mortaio il tronco e i rami colla loro scorza, della pianta, a preferenza ancora fresca. È la bevanda che gli uomini d'età, con l'esclusione dei giovani e delle donne bevono nelle loro feste. Per la descrizione che me ne hanno fatta più di una volta il *caapi* completa l'ubriachezza ottenuta col *cachiry* e da un senso di benessere indefinibile accompagnato da visioni... Io l'ho visto fare e preparare più di una volta ma non ho mai visto utilizzarsi le radici, come si pretende che facciano. L'ho anche provato e lo trovai di un repugnante amaro e l'unico effetto che mi fece, fu di provocare il vomito – cosa che naturalmente mi ribassò molto nel concetto dei miei ospiti. Il *pagé*, è vero, spiegò che il vomito era dovuto a io haver bevuto poco *caapi*. Nessuno tirò dalla testa a quei miei buoni amici che la vera ragione era che il bianco non aguenta le bevande del *tapuia*, è debole, non le può sopportare.

Laddove espone il motivo del suo rigetto per la bevanda, Stradelli confondendosi dice che è dovuta all'aver bevuto 'poco *caapi*', laddove si tratta invece del più comune *caxiri*, bevanda fermentata ottenuta dalla mandioca, come ci riconfermano i Vocabolari (STRADELLI, 1929, p. 387). Inoltre, in questi fa un riferimento polemico a Von Martius, assente nel dizionario: "Martius afferma che il Caapi è estratto dalla radice. Io ho assistito più di una volta alla sua preparazione ed ho sempre visto usare la corteccia"⁸⁴ (*ibidem*).

Troviamo inoltre voci presenti nel Dizionario, ma assenti nel Vocabulário, come *caisuma*:

Caisuma: Bevanda di fructa o granturco cotto e in parte masticato, per facilitarne la fermentazione. Il granturco toscamente pestato é impastato a freddo e amassato in pani, questi sono involti in foglie di aruma e posti a bollire in una grande caldaia. Quando sono cotti una parte é disciolta a mano in acqua tiepida, un'altra parte e molto minore, é masticata prima di essere anche lei disciolta. È un servizio a que sono chiamati tutti i presenti, compresi gli ospiti. La bevanda, per regola, é a ponto il terzo 7giorno e é servita dopo essere stata sciumata con cura non appena accenni a inacidire. La prima volta che mi fu offerta la caisuma, il padrone di casa me la offrì dicendo: "Puó bere senza schifo, fu masticata per le mie figlie!" Debbo confessare, però, che abenché non avessi ancora trent'anni e le ragazze fossero in realtà quattro splendide ragazze, io non lasciai di bere la prima ciottola con una certa ripugnanza.

⁸⁴ Martius afirma que o Caapi é extrahido da raiz. Eu tenho assistido mais de uma vez ao seu preparo e vi sempre usar-se a casca.

Figura 58 - E. STRADELLI, *Dizionario: Caisuma*

Archivio Sociale © Società Geografica Italiana

I brani sopra riportati, relativi a due bevande amazzoniche che posero qualche difficoltà, per il sapore o le modalità della loro preparazione, al viaggiatore, esemplificano molto bene l'operare del dizionario come atlante di ricordi personali dell'autore, oltreché enciclopedia naturalistica ed etnografica.

Essi mostrano inoltre, nei numerosi errori di ortografia, grammatica e sintassi che li contraddistinguono - riscontrabili peraltro lungo tutta l'opera - un'altra circostanza significativa: Ermanno Stradelli, dopo quarant'anni di vita in Amazzonia, scriveva in portoghese più correttamente che non in italiano e si era progressivamente fatto estraneo alla propria lingua materna. Si veda anche la voce *acuty*:

Acuty – Aguti – Dasiprocta – Piccolo mammifero roditore, della grandezza di una lepre, molto comune. Qui nelle Amazzoni esistono pelo meno tre varietà, che si distinguono tanto pel colore come pela grandezza. Nel folclore indigena l'aguti è l'immagine dell'imprevidenza, unita alla buona volontà di non lavorare e vivere alle spalle degli altri. Racontano que fu un tempo e vi era una vecchia che não haveva piantazione alcuna, ne campo preparato per piantare la mandioca e che viveva tirando quello che mangiava dalle piantazioni altrui, per lo che fu cangiata in agutí por la madre della mandioca. Col castigo non perdé il vizio, é ancora oggi il maggior nemico delle piantagioni.

Sulla data della spedizione o ricezione del dattiloscritto da parte della Società Geografica non vi sono sufficienti informazioni: vi è, sul frontespizio del dattiloscritto e su ogni singolo foglio del dizionario il timbro dell'Archivio Sociale, ma non risulta la data di acquisizione del documento. Da ciò si aprono due strade possibili: Stradelli potrebbe aver spedito l'opera al fratello nel 1923-1924, subito dopo la sua conclusione, pensando ad una pubblicazione in Italia e chiedendogli anche di occuparsi della revisione del testo, consapevole forse dei probabili errori. Oltrech insegnare nel collegio dei gesuiti a Torino, padre Alfonso risulta essere autore di una rubrica (*Os convertidos*) pubblicata sul giornale cattolico *A cruz* - nelle edizioni del Mato Grosso e di Rio de Janeiro - negli anni venti e non escluso che conoscesse il portoghese.

Oppure, ed un'alternativa molto plausibile, Stradelli avrebbe avuto il dattiloscritto con s quando, nel marzo del 1925, sal sul vapore diretto a Manaus con la certezza di imbarcarsi da l per l'Italia. Si trattava della sua ultima opera ed il suo contenuto era destinato ad un pubblico italiano. Costretto invece, contro ogni aspettativa, a restare a Manaus, e per di pi in un isolamento forzato all'Umirisal, il dattiloscritto gli avrebbe tenuto compagnia e mantenuti vivi i ricordi, e forse, nelle riletture, si sarebbe reso conto di imprecisioni che gli erano sfuggite. Alla sua morte, l'opera sarebbe entrata a far parte dello spoglio del defunto, a cura del giudice dei minori e degli assenti, e consegnata all'istituzione brasiliana che, secondo alcuni studiosi, ne fece richiesta (Cap. I.8). Si pu pensare allora che qualcuno degli intellettuali che ne facevano parte, vistone il contenuto, prendesse l'iniziativa di spedire il dattiloscritto ad un familiare di Stradelli in Italia.

Figura 60 - E. STRADELLI, *Dizionario: Míra-cemauára – emigrante.*

Archivio Sociale © Società Geografica Italiana

Al di là dell'indeterminatezza della data del suo ingresso negli archivi dell'istituzione, tenuto conto del fatto che la grandissima parte dei numerosi errori non sono segnalati nel testo, riteniamo che il lavoro non fosse stato propriamente rivisto – se si attuano alcune rare correzioni manuali – né da Alfonso Stradelli né da altri, e che la Società Geografica Italiana si limitò a custodirlo, senza prendere alcuna iniziativa editoriale al riguardo.

CONCLUSIONI

1. Tratteggiare, disegnare, scrivere un mondo diverso

Nel Settecento, nelle spedizioni di una certa ampiezza, come quella, *filosofica*, guidata da Alexandre Rodrigues Ferreira in alcune capitanie portoghesi in terra brasiliana⁸⁵, era contemplata una figura professionale che aveva il compito precipuo di registrare, in disegni e acquerelli, il materiale botanico e zoologico raccolto durante la spedizione, oltretutto di documentare il paesaggio naturale ed umano delle terre attraversate: il *riscador* (disegnatore, illustratore). A Lisbona, il naturalista padovano Domenico Vandelli, incaricato dai reali portoghesi della creazione del Jardim Botânico de Ajuda, aveva previsto anche una *Casa do Risco*, nella quale si sarebbe concentrata la produzione delle illustrazioni degli specimen, ed un laboratorio chimico⁸⁶. Era stato proprio Vandelli, di cui Rodrigues Ferreira era stato allievo all'Università di Coimbra, a progettare la spedizione.

Più di un secolo dopo, lontano dai governi come dalle accademie, il poeta Ermanno Stradelli, ex-studente di giurisprudenza, appronterà la sua singolare spedizione 'filosofica' in Amazzonia, del cui equipaggio è unico componente: sarà, al tempo stesso, naturalista, geografo, fotografo, etnografo, collezionista, imbalsamatore e illustratore, dunque *riscador*. Molte, forse troppe occupazioni, che si sommano allo sforzo organizzativo di procurarsi e mantenere imbarcazioni e uomini per le lunghe e faticose escursioni fluviali.

La parola portoghese ci attrae, in relazione al protagonista del nostro studio, come un magnete, perché sappiamo che il gesto di tracciare linee - significanti o grafiche - su carta o altro supporto, racconta grande parte del suo fare in Amazzonia: le annotazioni linguistiche ed etnografiche sui quaderni, i disegni e le illustrazioni sugli album, ma anche le azioni necessarie alle misurazioni geografiche, al lavoro di cartografo, alla demarcazione dei confini territoriali, nella quale fu coinvolto, alla natura stessa della *fotografia* (etimologicamente 'scrittura con la luce'), e dell'*etnografia*. L'interesse di

⁸⁵ *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. La spedizione durò ben undici anni, dal 1783-1792.

⁸⁶ Dal Real Jardim Botânico e dalla Casa do Risco provenivano José Codina e Joaquim Freire, i due *riscadores* che accompagnarono Alexandre Ferreira nel suo viaggio in Brasile.

Stradelli per le iscrizioni rupestri non fa che aumentare la risonanza della parola nel nostro orizzonte ermeneutico. E ancora i luoghi sacri degli indigeni, verso i quali si dirigeva, sono parti di un paesaggio naturale in cui si *inscrivono* una memoria ed una storia umane e sovrumane, scenari simbolici di miti cosmogonici e di trasformazione.

Anche i suoi immensi vocabolari possono essere visti come album, raccolte di schizzi, disegni e acquerelli, che il lettore può comporre o meno, liberamente, in un universo armonico e coerente. Quanto ai resoconti di viaggio, lo stesso Stradelli insiste nel definirli semplici «note», appunti, e più volte rimanda ad un momento futuro, indefinito, il loro compimento.

È dall'attenzione al particolare che Stradelli fa scaturire in modo vivido, per chi lo segua lungo i suoi avvincenti itinerari, la visione d'insieme, e non viceversa, come accadeva presumibilmente alle menti deduttive di quei «campioni della scienza nostra» dai quali si sentiva tanto differente.

È l'occhio acuto e selettivo del fotografo a guidarlo, come pure l'abilità nella negoziazione e la perspicacia tipiche del collezionista. È straordinario il fatto che in sole tre spedizioni in barca a remi, senza alcuna struttura di supporto, fosse riuscito a mettere insieme una raccolta unica e preziosa sui popoli dell'Uaupés, elogiata dal direttore del *Museu Nacional* di Rio de Janeiro ed acquistata dal governo dell'Amazonas. E ciò, ancora, *arriscando*, correndo tutti i rischi di una navigazione accidentata lungo quel fiume, che imponeva più volte, per le sue rapide e cascate, di svuotare la canoa e trascinarla via terra, bagagli e collezioni comprese.

Né le febbri cicliche della malaria né altre frequenti indisposizioni riuscirono, per lungo tempo, a fermarlo. Laddove venne costretto a soste forzate, sentì l'urgenza di «seguire a viaggiare» - riprendendo quella che per lui era «la sola vita possibile». Seguire a prendere nota di un mondo, polifonico e multiforme, che a tratti, sotto i colpi del progresso e della 'civilizzazione', vacillava e che sarebbe potuto in un futuro prossimo scomparire.

E dal largo insieme di parole, miti, usi, costumi, rituali che raccoglie e documenta - al di là di qualsiasi schema teorico ed in controtendenza rispetto alle concezioni evoluzionistiche - vengono restituite la complessità e la ricchezza culturale delle società tradizionali amerindie: complessità nient'affatto evidente all'epoca; ricchezza dispersa e minacciata dai mutamenti sociali ed economici imposti dalla penetrazione, nella foresta

amazzonica, del capitalismo industriale, con particolare intensità negli anni del ciclo della *borracha*, dei quali è testimone.

Dei suoi onnipresenti quaderni e della sua curiosità per le feste rituali, i canti e le danze tradizionali ci dicono gli indigeni tariano dell'Alto Rio Negro, che, anche per questa caratteristica, lo ricordano come «una specie di antropologo». (BARBOSA & GARCIA, *cit.*)

Lo stesso Stradelli, nel raccontare della visita dei crichanás sulla lancia a vapore, durante la missione di 'pacificazione', menzionava il suo album (Cap. III.3), come oggetto particolarmente apprezzato dagli interlocutori amerindi, che avevano voluto inserirvi i loro disegni.

Linee, tratti, bozzetti, illustrazioni, ideogrammi e parole, degli indigeni e di Stradelli, che, incontrandosi e riconoscendosi reciprocamente, producono una trama di significati ed affetti condivisi.

2. Elogio ed elegia del margine

Il viaggio, nel suo significato concreto e figurato, ha rappresentato la nota dominante della vita di Ermanno Stradelli, attraversata dall'esigenza di trovare una dimensione, spaziale e simbolica, che corrispondesse alla sua natura, ai suoi tratti più autentici. Ciò comportò una separazione dalla terra d'origine, via via più profonda, ed un rivestire prima i panni dello straniero, poi quelli dell'emigrante. Entrambe le vesti rimettono ad una posizione instabile, in qualche modo incompiuta e interstiziale.

Nella sua patria adottiva, il Brasile, dopo la stagione delle esplorazioni fluviali, con le sue gioie e i suoi dolori, si trovò ad esercitare professioni di second'ordine nel mondo giudiziario: l'avvocato *provisionado*, il *promotor público ad interim*, e ancora il *promotor* titolare, ma in città periferiche, dell'interno. Nei confronti della sua terra, l'Italia, i legami andarono via via attenuandosi, anche con la propria famiglia, e l'unica relazione a livello istituzionale, quella con la Società Geografica, s'interruppe dopo il 1901. Il mancato coinvolgimento dell'esploratore, da parte di quest'ultima, nella questione territoriale del Pirara ed il diniego, da parte dell'industriale di Pirelli, della sua proposta commerciale di un trust italo-brasiliano per lo sfruttamento del lattice amazzonico, rappresentarono due momenti di delusione ed allontanamento sentimentale rispetto alla patria d'origine.

Nel seguire Stradelli lungo i suoi itinerari spaziali individuiamo un movimento costante verso i luoghi remoti e di frontiera: tanto nei suoi viaggi d'esplorazione - che lo

vedono dapprima lasciare l'Italia per l'Amazzonia, poi risalirne i fiumi esplorando i confini del Brasile con gli stati vicini (la Colombia, il Venezuela, il Perù) - come nei suoi trasferimenti per ragioni professionali, come funzionario pubblico: da Manaus a Lábrea, da Lábrea a Mauès e Canutama, per scegliere, infine, come luogo della sua dimora più duratura, Tefé, cittadina di poca importanza dell'*interior* amazzonico.

Una successione di movimenti volontari verso la periferia - e dobbiamo ricordare che, se Tefé era periferica rispetto a Manaus, quest'ultima lo era rispetto a Rio de Janeiro - a segnalare un'attrazione costante verso il margine, verso ciò che è eccentrico, alternativo o antitetico rispetto dalle dinamiche del centro.

L'episodio del generoso aiuto offerto ai *des-terrados*, oppositori del dittatore Floriano Peixoto condannati al confino, è a questo proposito illuminante: il suo coinvolgimento in quella vicenda pare fondarsi su una risonanza profonda del tema dell'esilio e su una possibile identificazione con l'idea di privazione ed opposizione contenuta in quel prefisso (*des*) anteposto alla terra.

La tenace peregrinazione di Ermanno Stradelli terminerà con un esilio involontario, quello all'Umirisal, il lazzaretto di Manaus, ghetto dei lebbrosi, dei vaiolosi, degli esclusi forzatamente dalla convivenza civile.

In questa tensione verso il margine, i momenti, che pur vi furono, di ritorno al centro e riconciliazione con la mondanità, paiono significativi solo in funzione di contrappunto: sono temporanei, di non troppa rilevanza, rivestono soprattutto la funzione di generare un rinnovato movimento verso l'altrove, l'oltre frontiera. I suoi soggiorni in Italia, dal primo, più esteso, ai successivi, gli permettono di inscenare nuove separazioni, che in Amazzonia si riproducono nel pendolarismo tra Manaus e i luoghi dell'interno.

Se tale movimento implica, da parte del suo protagonista, un elogio cosciente di ciò che vive e resiste al margine - e ci riferiamo in primo luogo alle popolazioni indigene che l'autore vede e comprende come nobile esempio di autonomia e resistenza culturale - la strada intrapresa ci pare tuttavia sofferta, combattuta. Traspaiono nei suoi scritti, in particolare nelle lettere a Giuseppe dalla Vedova - caratterizzate da una tonalità malinconica al di sotto del piglio ironico - un'insoddisfazione, un pessimismo e talora un'assenza di speranza, che ci rimettono all'elegia.

La delusione e l'amarezza dell'amante non corrisposto, sentimenti presenti in alcune liriche giovanili, si ripresentano con altre sfumature, ma con una coincidenza di

fondo, quando l'oggetto del desiderio cambia, e diviene lo stesso viaggio, il cammino, la ricerca. È spesso presente, nei suoi diari, una pungente annotazione auto-critica: come viaggiatore, nella tendenza, non solo retorica, a sminuirsi, definendosi semplice *touriste*; come ricercatore, nel sottolineare la circostanza di non essere un accademico e nel lamentare la propria ignoranza; come esploratore, corrispondente di un sodalizio geografico, nel rammaricarsi di non aver scritto, o completato, le attese 'relazioni'. Come fotografo, le soddisfazioni ottenute non furono molte; come raccoglitore ed imbalsamatore di specimen zoologici non ve ne furono affatto, anzi si percepisce una nota di rammarico quando descrive tali occupazioni, alle quali si dedica principalmente per esigenze finanziarie. Non possiamo non presumere, al di là di queste molteplici fonti d'insoddisfazione, una disillusione più ampia e profonda, proveniente dallo scarto tra i suoi sogni e progetti da un lato, e la possibilità concreta di realizzarli, dall'altro.

Accanto a quella della separazione, la dimensione della perdita, caratteristica di ogni viaggio, è nel suo caso particolarmente evidente: perdita del patrimonio, della famiglia, della salute. Ma anche, come ci mostrano le pagine del *Dizionario Nheengatu-Italiano*, ultima opera e compendio della sua lunga vita in Amazzonia, perdita graduale della lingua materna. A suggerire che, nell'immersione totale nella lingua portoghese e negli idiomi indigeni, e nello sforzo d'inventariare e divulgare la *língua boa*, lo *nheengatu*, si fossero affievoliti e a tratti perduti i vincoli con la sua lingua e cultura di provenienza. Lungo tutta l'opera sono numerosissimi i calchi dal portoghese e gli errori, piuttosto grossolani, d'ortografia e sintassi, tanto da rendere il suo italiano - già raffinato ed aulico nelle poesie giovanili - goffo, risibile, contaminato.

Una contaminazione che, se è in parte inevitabile nella sua posizione di mediatore tra mondi fisici e culturali distanti, ci appare anche come contagio involontario. Dapprima benigno e ciclico, come nella febbre terzana che lo accompagnò per lunghi anni, poi nefasto ed irreversibile, nella devastazione progressiva procurata del morbo di Hansen. La tragicità della sua condizione ultima, di non poter tornare alla propria terra d'origine

“... finire segregato nella terra d'adozione, restando prigioniero di un 'non-lucro'...
all'immagine di una *terceira margem* dalla quale neanche la morte, e
incognite e gli abissi che evoca, può forse liberare.

RIFERIMENTI BIBLIOGRAFICI

OPERE DI ERMANNO STRADELLI

STRADELLI, Ermanno, *Una gita alla Rocca d'Olgisio*, Piacenza: Marchesotti 1876.

_____, *Tempo sciupato*, Piacenza: Porta, 1877.

_____, *Eiara: leggenda Tupi-Guarani*, Piacenza: Porta, 1885a.

_____, *La confederazione dei Tamoi. Poema epico di D. J. Magalhães*, Piacenza: Porta, 1885b.

_____, Spedizione alle sorgenti dell'Orenoco. Estratti di lettere del socio E. Stradelli al Segretario della Società. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 24 - serie 2, fasc. 12, p. 500-506, 1887a.

_____, Dall'isola Trinidad ad Atures. Lettera del conte E. Stradelli al Segretario della Società. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 24 - serie 2, fasc. 12, pp. 822-849, 1887b.

_____, E. Stradelli nell'Alto Orinoco. Note di viaggio, con 17 disegni e una carta. I Da Atures a Maypures. II. Vichada. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 25 - serie 3, fasc. 1, pp.: 715-744, ago. 1888°.

_____, E. Stradelli nell'Alto Orinoco. Note di viaggio, con 17 disegni e una carta (continuazione e fine). III Da Maypures a Cucuhy. IV. Appunti di lingua Tamo o Guahibo del Rio Vichada. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 25 - serie 3, fasc. 1, pp.: 832-54, set., 1888b.

_____, Contro l'immigrazione nei paesi dell'Alto Orinoco. Da una lettera del conte E. Stradelli. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 25-serie 3, fasc. 1, pp. 544-6, giugno, 1888c.

_____, *Nell'alto Orenoco*, Roma: Società Geografica Italiana Editore, 1888a.

_____, Dal Cucuhy a Manaos. Relazione del conte E. Stradelli. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 26 -serie 3, fasc. 2, pp.: 6-26, gennaio, 1889a.

_____, *Dal Cucuhy a Manaos*, Roma: Società Geografica Italiana Editore, 1889b.

_____, Rio Branco. Note di viaggio di E. Stradelli. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 26 -serie 3, fasc. 2, pp.: 210-28 e pp. 251-66, marzo-aprile, 1889c.

- _____, *Rio Branco*, Roma: Società Geografica Italiana Editore, 1889d.
- _____, L'Uaupés e gli Uaupés, del conte Ermanno Stradelli (con un disegno nel testo), *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol.26 – serie 3, fasc. 3, pp. 425-453, marzo, 1890a.
- _____, Leggenda del Jurupary, del conte E. Stradelli, *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 27, serie 3, fasc. 3, pp. 659-89 e 798-835, luglio-agosto, 1890b.
- _____, *Leggenda del Jurupary*, Roma: Società Geografica Italiana Editore, 1890c.
- _____, Leggende del Taria, raccolte dal socio corrispondente conte Ermanno Stradelli, *Memorie della Società Geografica Italiana*, Vol. 6, pp. 141-148, 1896a .
- _____, *Leggende del Taria*, Roma: Società Geografica Italiana Editore, 1896b.
- _____, *Duas lendas amazônicas*, Piacenza: Porta, 1900a.
- _____, Iscrizioni indigene della regione dell'Uaupés. Nota del socio corrispondente, conte Ermanno Stradelli (con tavole e carte), *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Vol. 37- serie IV, fasc. I, pp. 457- 483, marzo, 1900b.
- _____, *Vocabulários da língua geral portuguez-nheengatu e nheengatu-portuguez, precedidos de um esboço de grammatica nheengatu-umbue-saua miri e seguidos de contos em língua geral*, in *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* , Rio de Janeiro, t. 104, vol 158, pp. 5-678, 1929.
- _____, *Pequenos dicionários de línguas tukano*, Rio de Janeiro, 1910.
- _____, *Dizionario italiano-nheengatu e nheengatu-italiano* (inedito, 1923 ca, Archivio Storico della Società Geografica Italiana, Roma).
- _____, *Tesi di Laurea "Se le nazioni civili abbiano o no il diritto di appropriarsi territori occupati da popoli barbari"*, Biblioteca dell'Università di Pisa, Fondo Storico (1885).
- _____, Os contratos de fretamento. Estudo de direito comercial. In *Revista de Direito Civil, Comercial e Criminal*, direta da Antônio Bento de Faria. Vol. 42 (1916), vol. 47 (1918), vol. 57- 58 (1920), vol. 59-60- 61-62 (1921), vol. 63-64-65-66 (1922), 67-68-69-70 (1923), vol. 71 (1924). Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho-Jacinto Ribeiro dos Santos.
- _____, Das letras de cambio e notas promissórias. In *Revista de Direito Civil, Comercial e Criminal*, vol. 49-50 (1918), vol. 51-52-53-54 (1919), Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho-Jacinto Ribeiro dos Santos.

OPERE FOTOGRAFICHE E CARTOGRAFICHE

Archivio fotografico della Società Geografica Italiana, Roma: 83 fototipi attribuiti ad Ermanno Stradelli.

Lotto 228: 30 stampe su carta albuminata, recanti vedute della città di Manaus e la documentazione della missione di "Pacificazione dei Chrichanás" (1884).

Lotto 11: 53 aristotipi raccolti in album, realizzati durante la discesa del Rio Negro, dal Cucuy a Manaus (1888) ed il viaggio d'esplorazione al fiume Purus (agosto 1888-ottobre 1889).

STRADELLI, E.; HERMITTE, E., *Rilievo a bussola del fiume Caiary, Uaupés, Bopè o di Boopè corretto colla riduzione dei punti principali alle loro coordinate geografiche dal Conte Ermanno Stradelli nel 1890-91*. [s.l.]: Archivio Storico della Società Geografica italiana, [s.d.].

STRADELLI, E., *Rilievo a bussola del fiume Caiary, Uaupés, Bopè o di Boopè corretto colla riduzione dei punti principali alle loro coordinate geografiche 1890-91*. [s.l.]: Archivio Storico della Società Geografica italiana, [s.d.].

_____, *Mapa Geográfico do Estado do Amazonas*, Piacenza: Porta, 1901.

_____, *Carte de l'itinéraire du Commissaire Ermanno Stradelli, 1903. Donnée pour montrer les interets brésiliens dans le contesté et dans la region voisine du Tacutú et du Cotingo*, in NABUCO, J., *O direito do Brasil. Obras Completas de Joaquim Nabuco*, voll. 8, São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

_____, *Mapa do Rio Branco, com um esboço de trecho encachoeirado*, allegato a *O Valle do Rio Branco*, Dresda: Mefohold&Sohne, 1906.

_____, *La leggenda del Jurupary e outras lendas amazônicas*, São Paulo, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1964, Caderno IV.

LETTERE DI ERMANNO STRADELLI ALLA SOCIETÀ GEOGRAFICA ITALIANA

Augusto Serra e Ermanno Stradelli al Presidente Società Geografica Italiana: Genova, 10/05/1885, AASGI, B. 19, UA 59, cc. 436-437

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova: Genova, 24/11/1886, AASGI, B. 21, UA 62, cc. 908

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
s.l., [gennaio 1887], AASGI, B. 22, UA 21, cc. 561-562

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Piacenza, 24/01/ 1887, AASGI, B. 21, UA 1, cc. 47-50

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Genova, 29/01/1887, AASGI, B. 21, UA 1, c. 64

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Marsiglia, 4/02/1887, AASGI, B. 22, UA 21, c. 567

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
[Porto Samuro, Atures, agosto, 1887], AASGI, B. 22, UA 21, cc. 243-244

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Atures, 21/08/1887, AASGI, B. 22, UA 21, c. 263.

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
S. Fernando de Atabapo, 24/11/1887, AASGI, B. 22, UA 21, cc. 439-440

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Cucuhy, 25/01/1888, AASGI, B. 24, UA 24, cc. 16-17.

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Manaus, 10/05/1888, AASGI, B. 23, UA 22, c. 231

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Manaus, 30/08/1888, ASSGI, B. 15, UA 9, c. 1

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Manaus, 22/10/1888, ASSGI, B. 15, UA 9, cc. 3-6

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Cachoeira Rio Purus, 4/03/1889, ASSGI, B. 15, UA 9, cc. 10-11

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Cachoeira Rio Purus, 31/08/1889, ASSGI, B. 15, UA 9, cc. 13-15

Ermanno Stradelli a Giuseppe Dalla Vedova
Manaus, 13/05/1895, AASGI, B 34, UA 12, c. 150

Ermanno Stradelli a Giovanni Roncagli
s.l. [dall'Italia], 28/10/1901, AASGI, B. 38, UA 33, cc. 4-5.

Ermanno Stradelli a Giovanni Roncagli
Marsiglia., 29/11/1901, AASGI, B. 38, UA 33, cc. 1-3

ALTRE OPERE

ALMEIDA, M.I., QUEIROZ, S., *Na captura da voz. As edições de narrativa oral no Brasil*, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

AMORIM, A. Brandão de, *Lendas em Nheengatu e em Português*, «Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro», Rio de Janeiro, vol. 154, 1926, p. 9-479.

APARÍCIO, M., MENDES, G., (a cura di), *Redes Arawa: ensaios de etnologia do médio Purus*, Manaus: EDUA, 2016.

BACHELARD, G., *A poética do espaço*, San Paolo: Martins Fontes, 1989.

BANDEIRA, A., *Jauapery*. Manaus: Editora da UFAM, 2009.

BARBOSA, M. M.(Kedali), GARCIA, A. M. (Kali), *Upiperi Kalisi. Histórias de Antigamente. Histórias dos antigos Taliaseri-Phukurana*. Coleção Narradores Indígena do Rio Negro, Vol. 4. São Gabriel da Cachoeira: Unirva/Foirn, 2000.

BARBOSA RODRIGUES, J., *Poranduba Amazonense*, «Anais da Biblioteca Nacional», Rio de Janeiro, t. XIV, 1890.

_____, *Rio Jauapery: A pacificação dos Chrichanás*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885.

BARRETO, J.P.L, *Um branco wai-mahsu na cosmologia tucano*, in RAPONI, L. (a cura di), *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: Editora UNESP, 2016, pp. 195-209.

BAUDRILLARD, J., *Da sedução*, Campinas, SP: Papirus, 1991.

BERNARDINI, A. (a cura di), *Lendas e notas de viagem. A Amazônia de Ermanno Stradelli*, San Paolo: Martins Editora, 2009.

_____, *História e poesia em Stradelli*, in RAPONI, L. (a cura di), *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: Editora UNESP, 2016. pp. 153-171.

BITTENCOURT, G. de, *A Amazônia no fabulário e na arte*, Lisboa: Pro Domo, 1946.

BIOCCA, E., *Stradelli e o mito de Jurupari*, in RAPONI, L. (a cura di), *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: Editora UNESP, 2016, pp. 173-181.

_____, *Viaggio tra gli Indi. Appunti di un biologo*, Roma: C.N.R., 1965.

- BRAGA, R., *Os misteres de Ermanno Stradelli na Amazônia*, in RAPONI, L. (a cura di), *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: Editora UNESP, 2016, pp. 121-151.
- BROTHERSTON, G., SÁ, L., *Peixes, constelações e Jurupari: a pequena enciclopédia amazônica de Stradelli*, São Paulo, «Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia», n. 14, 2004, pp. 345-358.
- BRUZZI ALVES DA SILVA, Alcionílio, *A civilização indígena no Uaupés*, San Paolo: Centro de Pesquisas de Iauareté, 1962.
- CÂMARA CASCUDO, Luís, *Em memória de Stradelli*, Manaus: Livraria Clássica, 1936.
- _____, *Geografia dos mitos brasileiros*, Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1958.
- _____, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1954 [2 ed. Instituto Nacional do Livro, 1959].
- CAPPELLI, V., *La presenza italiana in Amazonia e nel Nordest del Brasile*, in CAPPELLI, V.; HECKER A. (a cura di), *Italiani in Brasile. Rotte migratorie e percorsi culturali*, Saveria Mannelli: Rubettino, 2010.
- CARDUCCI, G., *Odi barbare* [1877], a cura di L. Banfi, Milano: Mursia Editore, 1986.
- CAVARERO, *Tu che mi guardi, tu che mi racconti. Filosofia della narrazione*, Milano: Feltrinelli, 1997.
- CAVARERO, *A più voci. Filosofia dell'espressione vocale*, Milano: Feltrinelli, 2003.
- COLINI, Giuseppe Angelo, *La Provincia delle Amazzoni, secondo la Relazione del P. Giuseppe Illuminato Coppi Missionario nel Brasile*, *Bollettino della Società Geografica Italiana*, Roma, Vol 10, serie II, pp. 136-141 e 193-204, 1885.
- COPPI, G. I., *Appunti interessanti del Missionaria Apostolico francescano nell'America del Sud*, Siena: Tip. Arciv. S. Bernardino, 1897.
- COUDREAU, H. A., *La France équinoxiale*, 2 voll., Parigi: Challamel Ainé, 1887.
- CUNHA, E. da, *Um paraíso perdido, reunião dos ensaios amazônicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
- CURATOLA, M., *Makakaráua. La sacra maschera di Jurupari*, in *Indios del Brasile. Culture che scompaiono*, catalogo della mostra a cura di Fausto Zevi, Roma: De Luca Editore, 1983.
- DE STAËL, G., *Sulla maniera e utilità delle traduzioni*, in *Biblioteca Italiana*, t.1, Milano, 1816.
- EMMI, M.E., *Italianos na Amazônia*, Salvador: UFBA, 2008.

- FABIETTI, U. *Il viaggio dell'antropologia: sapere e ideologia di una pratica fondatrice*, in GASPARINI (a cura di), *Il viaggio*, Roma: Edizioni Lavoro, 2000, pp. 49-88.
- FAULHABER, P., Nos varadouros das representações: redes etnográficas na Amazônia do início do século XX, in *Revista de Antropologia*, San Paolo, vol 40/2, pp. 101-143, 1997.
- FINAZZI AGRÒ, E., *Passagens, passeios, passos perdidos: as viagens e a viagem de Ermanno Stradelli*, in RAPONI, L. (a cura di), *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: Editora UNESP, 2016, pp. 31-39.
- FREUD, S., *O mal estar na civilização*, Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- FUSCO, N., *A correspondência Stradelli-Dalla Vedova: história real e representação oficial da relação entre um explorador e a Sociedade Geográfica Italiana*, in RAPONI, L., (a cura di), *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: Editora UNESP, 2016. pp. 41-59.
- GASPARINI, G., *Per una sociologia del viaggio*, in GASPARINI (a cura di), *Il viaggio*, Roma: Edizioni Lavoro, 2000, pp. 3-48.
- GENNEP, VAN A., *I riti di passaggio* [1909], Torino: Bollati Boringhieri, 1991.
- GIACONE, A., *Etnografia e folclore das tribos do Rio Uaupés*. San Paolo: Imprensa Oficial do Estado, 1949.
- GORI, R., *Lógica das paixões*, Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.
- GROSSI, V., *Nel paese delle Amazzoni*, Roma, 1897.
- HARDMAN, F.F. *A vingança da Hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. San Paolo: Editora UNESP, 2009.
- _____, *Amazônia sem fim: as estradas extravagantes de Stradelli*, in RAPONI, L., (a cura di), *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: Editora UNESP, 2016, pp. 9-13.
- HUMBOLDT, A., *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent*, 3 voll., Paris, 1814-1825 [tr. it. *Viaggio alle Regioni Equinoziali del Nuovo Continente*, 3 voll., Fratelli Palombi, Roma, 1986].
- ISENBURG, T. (a cura di), *Naturalistas Italianos no Brasil*, San Paolo: Icone Editora, 1991.
- KRÜGER, M. F., *Amazônia. Mito e literatura*. Manaus: Valer, 2011.
- LIMA BARRETO, A.H. de, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Rio de Janeiro: Cidade Viva Editora, 2011.
- LÉVI-STRAUSS, C., *Tristi tropici*, Milano: Il Saggiatore, 1960.
- MAGALHÃES, C. de, *O Selvagem*, [s.l.]: Companhia Editora Nacional, 1940 [1.ed. 1876].

- MAGRIS, C. *L'autore e i suoi traduttori*. In: *La traduzione d'autore*. Milano: Feltrinelli, 2007.
- MANERA, D., *Yurupari. I flauti dell'anaconda celeste*. Milano: Feltrinelli, 1999.
- MANERA, D., BARTOLINI, G., Vaupés. *Il fiume di stelle e la palma della musica*. Cesena: Riciputi&Zattini, 1999.
- MATERA, V., *La scrittura etnografica. Esperienza e rappresentazione nella produzione di conoscenze antropologiche*. Milano: Elèuthera, 2015.
- MAURO, A., *Il mito e la rima: la trasposizione poetica delle leggende amazzoniche raccolte da Ermanno Stradelli*, *Letterature d'America*, Roma, n. 19/20, pp. 113-128, 1983.
- MEDEIROS (a cura di) Sergio, *Makunaíma e Jurupari. Cosmogonias Amerindias*, San Paolo: Perspectiva, 2002.
- MENDES, G., (a cura di) *Album Purus*, Manaus: UFAM, 2011.
- MESCHONNIC, H., *Proposizioni per una poetica della traduzione*. In: *SIRI, N. Teorie contemporanee della traduzione*. Milano: Bompiani, 1995.
- MINDLIN, B. e narradores SURUI PATER, *Vozes da Origem*, Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MORAES, P. [1959] 2001. *Os intérpretes da Amazônia*. Manaus: Valer.
- NABUCO, J., *O direito do Brasil. Obras Completas de Joaquim Nabuco*, Voll. 8, San Paolo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- NEGRI, Cristoforo. *Bollettino della Società Geografica Italiana*. Anno I – Fasc. I, agosto, Firenze, 1868.
- NELLI DIAS, L. *De Piacenza para o Uaupés e do Uaupés para Gênova: a coleção etnográfica de Ermanno Stradelli*, in RAPONI, L. (org.), *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: UNESP, 2016. pp. 61-97.
- ORICO, O. *Mitos ameríndios e credences amazônicas*, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.
- ORJUELA, H. H., *Yurupary. Mito, leyenda y epopeya del Uaupés*, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1983.
- OSCOLATI, G., *Esplorazione delle regioni equatoriali lungo il Napo e il fiume delle Amazzoni. Frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846-47-48*, Milano: Alpes, 1929.
- OURIQUE, J. 1906. *O Valle do Rio Branco*, Manaus: Edição Oficial do Estado do Amazonas.
- PELOSO, S., *Amazzonia. Mito e letteratura del mondo perduto*, Roma: Editori Riuniti, 1988.
- PEREIRA, N., *Moronguetá. Um decameron indígena*. Ed. Civilização Brasileira, 2 voll, 1980.

- PUCCINI, S., *Andare lontano. Viaggi ed etnografia nel secondo Ottocento*. Roma: Carocci, 1999.
- PINO, C.; ZULAR, R., *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. San Paolo: Martins Fontes, 2007.
- RAPONI, L., *A più voci. Sendas e seduções na Amazônia de Ermanno Stradelli*, in RAPONI, L. (org.). *A única vida possível. Itinerários de Ermanno Stradelli na Amazônia*, San Paolo: UNESP, 2016, pp. 211-233.
- _____, *Ermanno Stradelli no Rio Purus*, in APARÍCIO, M., MENDES, G., (a cura di) *Redes Arawa: ensaios de etnologia do médio Purus*, Manaus: EDUA, 2016, pp. 317-342.
- _____, Ermanno Stradelli in Amazonia. L'oro della foresta e la Leggenda del Jurupari, in *Geo UERJ*, v. XIV, n.24, v.2, 2ºsem. 2012.
- RECLUS, E., *Estados Unidos do Brasil. Geographia, Etnographia, Estatística*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900.
- RICOEUR, P., *Civilisation universelle et cultures nationales*. In: *Histoire et verité*. Parigi: Seuil, 1967.
- _____, Il paradigma della traduzione. In: *Ars Interpretandi. Rivista di ermeneutica giuridica*, 2000, pp. 1-16.
- _____, *La Traduzione. Una sfida etica*. Brescia: Morcelliana, 2007.
- RONCA, G., *Dalle Antille, alle Guyane e all'Amazzonia*, Roma: Rivista marittima, 1908.
- SÁ, L., *A lenda de Jurupari: texto sagrado o fruto da imaginação de littérateurs?* in MEDEIROS (a cura di.), *Makunaíma e Jurupari. Cosmogonias Ameríndias*, San Paolo: Perspectiva, 2002, pp. 347-358.
- _____, *Literaturas da Floresta. Textos amazônicos e cultura latino-americana*, Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
- SANTA-ANNA NERY, F. J. de, *Les pays des Amazones. L'El-dorado, les terres à Caoutchouc*, Parigi: Librairie Guillaumin, 1889.
- SEPPILLI, A. e T., *L'esplorazione dell'Amazzonia*, Torino: Utet, 1964.
- SEVERI, Carlo, *Il percorso e la voce. Un'antropologia della memoria*. Torino: Einaudi, 2004.
- SOUZA AGUIAR, F.M., *Brazil at the Lousiana Purchase Exposition*, St Louis: 1904.
- STEGAGNO PICCHIO, L., *Novamente Ritrovato. Il Brasile in Italia, 1500-1995*. Roma: Presidenza del Consiglio dei ministri, 1995.
- SOUZA, M., *A história da Amazônia*, Manaus: Valer, 2009.

GUIMARÃES ROSA, J., *A terceira margem do rio*. In *Primeiras Estórias*, Nova Fronteira, 2005.

TRUFELLI, Corrado (a cura di) *Ermanno Stradelli. Un grande esploratore dimenticato*, Parma: MUP Editore 2016.

VERÍSSIMO, José, *Estudos Amazônicos* (1892). Belém, Editora Universitária do Pará, 1970.

_____, *Cenas de vida amazônica* (1886). 3ªed. Rio de Janeiro: Simões, 1957.

VISCONTI, E., Idee elementari sulla poesia romantica, in *Conciliatore*, 19, 22, 26, 29 novembre e 3, 6 dicembre 1818.

VIVEIROS DE CASTRO, E., *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. San Paolo: Cosac & Naify, 2002.

WALLACE, Alfred Russel, *A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate geology, and natural history of the Amazon Valley*, London, 1853 [2 ed. Yale University Press, New Haven, 1969].

YPIRANGA MONTEIRO, Mario, [1999] 2004. *Conde Ermanno Stradelli*. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas* (IGHA), IV (3): 27-32.

ZULAR, R. (a cura di). Dossiê voz. *Literatura e Sociedade*, San Paolo, n. 18, p. 73-139, marzo 2015; n.19, p.69-180, aprile 2015.

INDICE DELLE FIGURE

<i>Figura 1 - E. STRADELLI, Mapa do Estado do Amazonas.....</i>	<i>14</i>
<i>Figura 2 - Ermanno Stradelli, s.d.....</i>	<i>32</i>
<i>Figura 3 - E. STRADELLI, Beju-Apapury (1881).....</i>	<i>37</i>
<i>Figura 4 - E. STRADELLI, Indios tariano.....</i>	<i>38</i>
<i>Figura 5 - Lettera di Stradelli e Serra al Presidente della SGI.....</i>	<i>44</i>
<i>Figura 6 - Lettera di Stradelli e Serra al Presidente della SGI - continuazione.....</i>	<i>45</i>
<i>Figura 7 - Lettera di Ermanno Stradelli al Segretario della SGI - particolare.....</i>	<i>50</i>
<i>Figura 8 - E. Stradelli, Catalogo da Collecção Etnográfica.....</i>	<i>54</i>
<i>Figura 9 - Relatorio da dívida do Estado do Amazonas, 1905.....</i>	<i>56</i>
<i>Figura 10 - Sezione antropologica dell'esposizione dello Stato dell'Amazonas.....</i>	<i>57</i>
<i>Figura 11 - E. STRADELLI, Praça da Imperatriz - Manaus.....</i>	<i>65</i>
<i>Figura 12 - G. HUEBNER, Ritratto di gruppo.....</i>	<i>70</i>
<i>Figura 13 - Disegno della città di Tefé vista dall'alto.....</i>	<i>72</i>
<i>Figura 14 - Journal des Communautés – Novembre 1902.....</i>	<i>73</i>
<i>Figura 15 - Almanacco Amministrativo, Mercantile e Industriale di Rio de Janeiro, 1910..</i>	<i>75</i>
<i>Figura 16 - Sede della Missione “Bocca de Tefé”.....</i>	<i>77</i>
<i>Figura 17 - La Cattedrale di Tefé.....</i>	<i>80</i>
<i>Figura 18 - Disegno di Ermanno Stradelli, 1910.....</i>	<i>82</i>
<i>Figura 19 - Cerimonia funebre in onore di Ermanno Stradelli, s.d.....</i>	<i>84</i>
<i>Figura 20 - E. STRADELLI, Rilievo a bussola del fiume Cayari.....</i>	<i>136</i>
<i>Figura 21 - E. STRADELLI, Rilievo a bussola del fiume Cayari (particolare).....</i>	<i>152</i>
<i>Figura 22 - E. STRADELLI, Prospetto dei petroglifi più frequenti.....</i>	<i>155</i>
<i>Figura 23 - E. STRADELLI, La Piazza della Presidenza vista dall'alto del teatro - Manaus</i>	<i>159</i>
<i>Figura 24 - E. STRADELLI, Rio Negro - Moura.....</i>	<i>159</i>
<i>Figura 25 - E. STRADELLI, La famiglia del Prof. Barboza Rodriguez.....</i>	<i>162</i>
<i>Figura 26 - E. STRADELLI, Jauapiry – La nostra scorta.....</i>	<i>164</i>
<i>Figura 27 - E. STRADELLI, Donne del Rio Negro.....</i>	<i>165</i>
<i>Figura 28 - E. STRADELLI, Jauapiry – L'alto della colazione. Uruarú.....</i>	<i>167</i>
<i>Figura 29 - E. STRADELLI, Jauapiry – Urabiana.....</i>	<i>168</i>
<i>Figura 30 - E. STRADELLI, Jauapiry – Cauacunama.....</i>	<i>169</i>
<i>Figura 31 - E. STRADELLI, Jauapiry – Ajarú (Bosco di Javary – specie di palma spinosa). 170</i>	<i>171</i>
<i>Figura 32 - E. STRADELLI, Macáua nel Jauapiry.....</i>	<i>171</i>
<i>Figura 33 - E. STRADELLI, Pedro, il nostro interprete.....</i>	<i>172</i>
<i>Figura 34 - E. STRADELLI, Punto dove abbiamo parlato la prima volta con i Chiriscianá.....</i>	<i>173</i>
<i>Figura 35 - E. STRADELLI, Incontro con gli indigeni sul fiume Jauaperi.....</i>	<i>174</i>
<i>Figura 36 - E. STRADELLI, Jauapiry. Distribuzione di doni.....</i>	<i>175</i>
<i>Figura 37 - E. STRADELLI, La lancia a vapore n.2. I selvaggi, vestiti con i nostri doni, vengono a bordo.....</i>	<i>176</i>
<i>Figura 38 - E. STRADELLI, Jauapiry – Come si accende un fiammifero.....</i>	<i>178</i>

<i>Figura 39 - E. STRADELLI, Jauapiry – Preparativi di cucina.....</i>	<i>179</i>
<i>Figura 40 - E. STRADELLI, Veduta del fiume Jauapiry.....</i>	<i>181</i>
<i>Figura 41 - E. STRADELLI, La “Cachoeira”, residenza del capitano Hilário F. Alvary.....</i>	<i>183</i>
<i>Figura 42 - E. STRADELLI, Vapori Macapà e Conde d’Eu nel porto della Cachoeira</i>	<i>185</i>
<i>Figura 43 - E. STRADELLI, L’Humanità del Sig. Maciel, sulle rive del Purus</i>	<i>185</i>
<i>Figura 44 - E. STRADELLI, Accampamento nella foresta, Sepatini-Purus.....</i>	<i>189</i>
<i>Figura 45 - E. STRADELLI, Catamba. Rio Purus.....</i>	<i>189</i>
<i>Figura 46 - E. STRADELLI, Maloca in costruzione, Sepatini-Purus</i>	<i>190</i>
<i>Figura 47 - E. STRADELLI, Maloca del tuxáua Omerenti nell’Igarapé Azimá, Medio Purus</i>	<i>190</i>
<i>Figura 48 - E. STRADELLI, Gente del tuxáua Omerenti e maloca nell’Igarapé Azimá</i>	<i>191</i>
<i>Figura 49 - E. STRADELLI, Gente del tuxaua Manary e Maloca dell’Azima Igarapé</i>	<i>191</i>
<i>Figura 50 - E. STRADELLI, Giovane indigena del grupo del tuxáua Manary.....</i>	<i>193</i>
<i>Figura 51 - E. STRADELLI, Brasiliani e indigeni Wapichana e Macuxi del Rio Branco</i>	<i>194</i>
<i>Figura 52 - E. STRADELLI, Gente del tuxáua Antonio e maloca, Sepatini-Purus.....</i>	<i>195</i>
<i>Figura 53 - E. STRADELLI, Gente del tuxáua Antonio (particolare)</i>	<i>195</i>
<i>Figura 54 - E. STRADELLI, Brasiliani e indigeni Wapichana e Macuxi (particolare).....</i>	<i>196</i>
<i>Figura 55 - E. STRADELLI, Mappa Geographico do Amazonas, particolare.....</i>	<i>199</i>
<i>Figura 56 - E. STRADELLI, Dizionario Nheengatu-Italiano.....</i>	<i>212</i>
<i>Figura 57 - E. STRADELLI, Nota preliminare al Dizionario.....</i>	<i>214</i>
<i>Figura 58 - E. STRADELLI, Dizionario: Caisuma.....</i>	<i>219</i>
<i>Figura 59 - E. STRADELLI, Dizionario: Caysuma.....</i>	<i>220</i>
<i>Figura 60 - E. STRADELLI, Dizionario: Míra-cemauára – emigrante.....</i>	<i>222</i>